

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**TRADUZINDO UMA OBRA CRIOLA: PAYS SANS CHAPEAU  
DE DANY LAFERRIÈRE**

**Heloisa Caldeira Alves Moreira**

**São Paulo**

**2006**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA FRANCESA**

**TRADUZINDO UMA OBRA CRIOLA:**  
**PAYS SANS CHAPEAU DE DANY LAFERRIÈRE**

**Heloisa Caldeira Alves Moreira**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Francesa do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

**Orientador: Prof. Dr. Alain Marcel Mouzat**

**São Paulo**

**2006**

Para meus pais, Arnaldo e Therezinha,  
pelo amor e por me ensinarem, entre outras coisas, a gostar de aprender.

Para Walmir, meu amor,  
pela cumplicidade, compreensão e pelo doçura.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador Prof. Dr. Alain Marcel Mouzat pela generosidade, respeito, interesse, comentários e sugestões fundamentais para a realização do trabalho.

À Profa. Dra. Diva Barbaro Damato pela atenção, dedicação leituras minuciosas e comentários precisos e especialmente pelo afeto.

À Profa. Dra. Heloisa de Albuquerque Costa pelo incentivo desde o início e ao longo de todo o processo.

À Profa. Dra. Lígia Ferreira pelas sugestões claras precisas e preciosas e pelo estímulo diante de cada iniciativa minha.

À minha amiga Lígia Fornari pela leitura atenta e sugestões para a tradução.

*La terre matrice des pays antillais, Haïti.*

*Qui n'en finit pas d'acquitter l'audace qu'elle eut de concevoir et de faire lever la première nation nègre du monde de la colonisation.*

*Qui depuis deux cents ans a éprouvé ce que Blocus veut dire, chaque fois renouvelé.*

*Qui sans répit souffre ses campements et sa mer folle, et grandit dans nos imaginaires.*

*Qui a vendu son sang créole un demi-dollar le litre.*

*Qui s'est distribuée à son tour dans les Amériques, la Caraïbe, l'Europe et l'Afrique, refaisant diaspora.*

*Qui a consumé tout son bois, marquant de plaies arides l'en-haut de ses mornes.*

*Qui a fondé une Peinture et inventé une Religion.*

*Qui meurt à chaque fois de débattre entre ses élites nègres et ses élites mulâtres, tout aussi carnassières.*

*Qui a cru qu'une armée était faite de fils de héros.*

*Qui a charroyé des mots beaux ou terribles, le mot macoute, le mot lavalass, le mot déchouquer.*

Édouard Glissant in *Traité du Tout-Monde*

## RESUMO

Neste trabalho, nós nos propusemos a apresentar ao leitor brasileiro uma obra haitiana que julgamos de grande importância: o livro *Pays sans chapeau* de Dany Laferrière. Não se tratava simplesmente de traduzir a obra, mas também de apresentar as características da história cultural do país e suas peculiaridades lingüísticas. Para uma maior compreensão desses aspectos pareceu-nos necessário, numa primeira parte, traçar o histórico do Haiti, desde os tempos em que era habitado pelos índios Arawaks, passando pelas grandes navegações que trouxeram os europeus, sua independência e outros acontecimentos que fazem parte do imaginário desse povo. A segunda parte situa o autor do livro dentro de um panorama de escritores haitianos, aponta suas preferências literárias não só haitianas e reflete sobre como ele vê suas relações culturais e lingüísticas com a França, os Estados Unidos e a África. Essa reflexão levanta elementos para tratar do tema da dualidade lingüística daqueles que se expressam na língua que herdaram do colonizador e como essa questão aparece na produção literária do autor. A terceira parte traz reflexões sobre a tradução e o trabalho do tradutor: sua leitura, interpretação e suas escolhas.

## ABSTRACT

This paper proposes to introduce Brazilian readers to a piece of Haitian literature that we deem of the greatest importance, namely, Dany Laferrière's *Pays sans chapeau*. More than merely translating this work, however, we strive to examine the characteristics of the country's cultural history and its linguistic peculiarities. For a better understanding of these traits, we found it necessary, in the first part, to trace the history of Haiti, from the time she was inhabited by the Arawak Indians to the great age of navigation that brought with it the Europeans, to the country's independence and other events that comprise the social imaginary of her people. The second part places the author in the milieu of other Haitian writers, indicates his literary preferences (Haitian or otherwise) and considers how he conceives his cultural and linguistic relations with France, the United States and Africa. This reflection provides us with elements to approach the linguistic duality of writers who express themselves in a language inherited from their colonizers and enables us to see to how this duality emerges in the author's literary production. The third part comprises considerations on the craft of translation and on the work of translators: their reading, interpretation, and choices.



## SUMÁRIO

Resumos	08
Introdução	10
PARTE I	14
1. Haiti – Contexto histórico	14
2. Encontro de culturas	14
3. De <i>Hispaniola</i> a <i>Saint-Domingue</i>	19
4. Novas idéias	21
5. Haiti	23
6. Haitianismo no Brasil	25
7. <i>Bossale-Créole</i>	26
8. A língua	29
9. História literária haitiana	33
10. Romantismo haitiano (1830 –1930)	34
11. Escritores haitianos de 1930-1969 ( <i>indigénisme, noirisme</i> )	36
12. A nova literatura haitiana (de 1960 aos dias de hoje)	37
13. Escritores da diáspora	39
2.4.1. Escritores exilados na África	39
2.4.2. Escritores exilados nos Estados Unidos	40
2.4.3. Escritores exilados na França	41
2.4.4. Escritores exilados no Quebec	42
PARTE II	45
1. Dany Laferrière	45
1.1. Escolhas literárias	45
1.2. A questão do exílio	47
c) A França e a francofonia	49
d) A América	55
e) A África	59
2. Uma literatura menor	61
2.1.Émile Ollivier	61
2.2.Tzvetan Todorov	63
2.3. Deleuze e Guattari	64

3. <i>Pays sans chapeau</i>	67
PARTE III	74
a) Leitura e tradução	74
b) Comentários sobre a tradução	82
1.1.1. Designações	85
1.1.2. Uma língua crioulista	87
1.1.3. Entre as Línguas	90
1.1.4. Variações de uma edição para outra	96
1.1.5. O tempo presente	96
Conclusão	98
Anexos	100
Referências bibliográficas	102
Tradução do livro País sem chapéu	107

## INTRODUÇÃO

*“Mon but ultime est de faire réfléchir  
sur la notion de culture”*

Dany Laferrière

Minha descoberta da literatura Antilhana aconteceu na faculdade de Letras da USP (FFLCH) no curso de Literatura de Expressão Francesa (Literaturas do Caribe: Caribe Francês). Foi um grande encontro pois revelou-me duas novas grandes possibilidades: estar em contato com a língua francesa e ao mesmo tempo aproximar-me de uma realidade cultural muito mais próxima daquela do Brasil que a da França; repensar a língua portuguesa como uma herança colonial.

De um lado, descobrir a literatura de expressão francesa libertou-me da “obrigação” de aprofundar-me na obra de um escritor francês, pois imaginava que teria muito pouco a acrescentar, talvez por sentir-me intimidada diante de uma cultura tão antiga e poderosa. Sem saber, eu buscava algo mais próximo da cultura brasileira do que da cultura francesa, algo que me fizesse sentir menos estrangeira ao trabalhar com a língua francesa. Desde então, ficou claro para mim que o desejo de aprofundar meus estudos em língua francesa estaria ligado aos países do Caribe.

De outro, perceber a minha língua como algo imposto e não natural, problematizou um aspecto que até então não se colocava para mim. Levou-me à reflexões sobre o aprendizado da língua (estrangeira ou não), colocou-me ao lado de tantas minorias que vivem essa relação de diglossia (é claro que quando a outra língua é o francês, o caráter de dominação é mais explícito) e conseqüentemente ao interesse pela tradução.

Ao conhecer um pouco mais as características da Martinica, Guadalupe e Haiti pareceu-me natural, pela semelhança, trabalhar com a literatura do Haiti. A leitura do livro *Pays sans chapeau* abriu-me as portas do universo haitiano, revelou-me a existência de um país muito mais complexo do que aquele que fazia parte do meu imaginário alimentado pelos noticiários superficiais, dirigidos e raros. Pude ver além das barreiras impostas pela distância e pouca informação e percebi que a representação que temos do Haiti no Brasil é muito limitada. Em 2004, devido às eleições presidenciais, o país esteve presente nos noticiários quase diariamente, porém a falta de aprofundamento das matérias e o olhar viciado em mostrar sempre os mesmos ângulos eram marcas constantes. Percebo a reação das pessoas ao dizer que escolhi trabalhar com um escritor do Haiti, com um olhar

surpreso parecem dizer: existem escritores por lá? Contudo, esse país miserável e perigoso é também possuidor de uma cultura rica e forte tradição literária. Ao constatar o enorme fosso que separa os brasileiros de culturas tão similares com quem poderíamos estabelecer um diálogo profícuo, decidi propor uma tradução para o livro. Dessa forma unia dois grandes interesses, despertados já há algum tempo.

Ao começar a tradução deparei-me com uma série de dificuldades que, *a priori*, julguei serem mais fáceis. O exercício da tradução, muito além de levar-me a repensar duas línguas: português e francês, levou-me a questão cultural. Percebi que a tarefa seria mais complexa do que eu imaginava: era necessário antes de tudo compreender melhor aquele universo. Senti a necessidade de conhecer de fato os elementos que compunham aquela cultura. À opacidade da cultura, unia-se as dificuldades com a língua. Surgiram dúvidas, palavras e marcas da sintaxe provenientes de diferentes línguas (crioulo, francês, francês do Quebec e inglês); não me sentia capaz de discernir entre o francês falado na França e aquele que soaria estranho a um francês, o que era uma expressão e o que não era, a utilização das vírgulas, todas as sutilezas da tradução, o texto em sua complexa riqueza. Esse estranhamento colocou-me em contato com a minha escrita: as dificuldades que ela me impunha, o quanto era preciso ter um distanciamento, fazer o recuo, para ter um olhar crítico e separar na tradução o que não soava natural aos ouvidos/olhos de um brasileiro e devia ser revisto. A tradução colocou em cheque minha relação com a língua escrita assim como minha relação com o estrangeiro.

Para levar o desafio da tradução adiante, foi preciso ler livros, pesquisar e conhecer a história desse país, suas dores, seus mitos, suas raízes culturais. Na seqüência, aproximei-me do autor. Li outros livros do que chama de sua *biographie américaine*, entrevistas, ensaios sobre ele. Até, finalmente, ter a oportunidade de conhecê-lo, quando veio pela primeira vez ao Brasil para a Bienal do Livro 2006. Foi importante constatar que a autenticidade que sentimos ao ler seus textos é de fato uma característica marcante de sua personalidade. Suas frases de efeito, não são somente artificios, pelo contrário tratam de questões fundamentais para aqueles que não querem ser reduzidos à etiquetas classificatórias. Quando afirma: “*Je voulais quelque chose qui soit plus proche de la culture américaine que de la culture française.*”<sup>1</sup> está dizendo que sua cultura é crioula e não francesa. Uma vez crioula, não pode se reduzida a um único rótulo, ela é múltipla. Assim como a cultura brasileira está muito mais próxima do Caribe do que de Portugal.

---

<sup>1</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *J'écris comme je vis*. Entretien avec Bernard Magnier. Lanctôt Éditeur, Québec, 2000, p.119.

Laferrière é hoje um escritor muito conhecido no Canadá, teve vários de seus livros traduzidos para o inglês e é conhecido como escritor francófono na França. Também foi traduzido para outras línguas: espanhol, italiano, holandês, grego, coreano e sueco. Pareceu-me estranho países tão díspares conhecerem seus romances e o Brasil ainda não. Diante do vasto quadro de escritores haitianos, são poucos aqueles que já foram traduzidos por aqui. São eles: René Depestre, de quem foram traduzidos três livros: *Alléluia pour une femme-jardin*<sup>2</sup>, *Le Mât de Cocagne*<sup>3</sup> e *Hadriana dans tous mes rêves*<sup>4</sup>; Gérard Etienne, de quem foi traduzido o livro *Une Femme muette*<sup>5</sup>; Jacques Roumain, de quem foi traduzido *Gouverneurs de la rosée*<sup>6</sup>. Pareceu-me ser o momento de acrescentar um novo nome a essa lista.

Na busca de respostas às questões que surgiram com a tradução, surgiu o trabalho que se segue. Em razão das imagens parciais que temos do Haiti, fez-se necessário a apresentação do país e do quadro literário haitiano com o objetivo de explicitar as condições de produção da literatura haitiana, chamada de francófona e como nosso autor situa-se em relação a esse conjunto. A tentativa de compreender essa relação complexa que se estabelece entre escritor e língua e como isso se reflete em sua obra, levou-nos a perceber que o trabalho de escrita que Laferrière faz leva-o a uma escrita crioula. Lise Gauvin define o que seria essa escrita híbrida e imprevisível que surge do contato de elementos diversos:

*“Tout écrivain doit trouver sa langue dans la langue commune, car on sait depuis Proust et Sartre qu’un écrivain est toujours un étranger dans la langue où il s’exprime, même si c’est sa langue natale. Mais la surconscience linguistique qui affecte l’écrivain francophone – et qu’il partage avec d’autres minoritaires –*

---

<sup>2</sup> Título original: *Alléluia pour une femme-jardin* de 1981 (livro de contos). *Aleluia para uma mulher jardim*, Editora José Olympio, Rio de Janeiro, 1988, 152 páginas. Tradução de Estela dos Santos Abreu.

<sup>3</sup> Título original: *Le Mât de Cocagne* de 1979 (romance). *Pau de Sebo*, Editora Marco Zero, Rio de Janeiro, 1983, 148 páginas. Tradução de Estela dos Santos Abreu e Maria Wanda Maul de Andrade.

<sup>4</sup> Título original: *Hadriana dans tous mes rêves* de 1988 (romance). *Adriana em todos os meus sonhos*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1996, 178 páginas. Tradução de Estela dos Santos Abreu.

<sup>5</sup> Título original: *Une Femme muette* de 1983 (romance-ficção). *Uma mulher Calada* de Gérard Etienne, 1987, Editora da UFRGS, 165 páginas. Tradução de Zilá Bernd.

<sup>6</sup> Título original: *Gouverneurs de la rosée* (romance). *Governadores do Orvalho*, Editora Caminho, Lisboa, 1979, 160 páginas. Tradução de José Saramago.

*l'installe encore davantage dans l'univers du relatif, de l'anormatif.*<sup>7</sup>

Diante dessa percepção, desterritorializar/traduzir uma obra crioula, deveria levar em conta a pluralidade do autor e sua peculiar relação com a língua francesa. Portanto além da contextualização do Haiti e de Dany Laferrière, o trabalho traz uma reflexão sobre a tradução e como lidei com as escolhas lingüísticas do escritor, procurando mantê-las em alguns casos e apagando-as em outros.

Uma última observação: inúmeras vezes Dany Laferrière manifestou sua recusa aos rótulos, contudo neste trabalho tomamos a liberdade de taxá-lo de crioulo, o que poderia desagradá-lo. Porém, por essa designação ter em si a característica da pluralidade e da abertura para o outro consideramos menos um rótulo e uma abertura.

---

<sup>7</sup> GAUVIN, Lise. *La fabrique de la langue*, de François Rabelais à Réjean Ducharme. Éditions du Seuil, Paris, 2004, p. 258.

## PARTE I

Esta primeira parte recupera as razões que levaram às grandes navegações, o que aconteceu a partir do encontro de culturas tão diferentes e a conseqüente colonização e revolução dos escravos que ocorreu na ilha de *Saint-Domingue*, mais precisamente no Haiti. Procuramos, neste percurso, ressaltar aspectos culturais que nos ajudem a compreender elementos que fazem parte do imaginário haitiano e, portanto, de sua literatura.

### 1. Haiti - Contexto histórico

#### 1.1. Encontro de culturas

No início do século XV, a Europa Ocidental passava por um momento delicado, nas palavras de Boris Fausto:

*“...dadas as limitações inerentes à organização social feudal, não havia suficiente reinvestimento de lucros na agricultura de modo a aumentar significativamente a produtividade; com isso, os bens disponíveis se restringiram, levando às guerras entre senhores e camponeses e, em uma seqüência de fatos, à estagnação.”<sup>8</sup>*

A única saída para a crise parecia ser a expansão do território e a descoberta de novas populações a serem exploradas. Vieram as grandes aventuras marítimas e os europeus chegaram às Américas. As colônias tinham a função de fornecer ao comércio europeu gêneros alimentícios ou minérios de grande importância, contribuindo para a auto-suficiência das metrópoles. Alfredo Bosi, em seu livro *Dialética da Colonização* vai além evidenciando o caráter de dominação cultural:

---

<sup>8</sup> FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. Edusp, São Paulo, 2000, p 21.

*“... a colonização não pode ser tratada como uma simples corrente migratória: ela é a resolução de carências e conflitos da matriz e uma tentativa de retomar, sob novas condições, o domínio sobre a natureza e o semelhante que tem acompanhado universalmente o chamado processo civilizatório.”<sup>9</sup>”*

A dominação do semelhante coloca em cena o fator humano; é preciso ter uma ascendência sobre o outro além de explorar suas terras. Para que exista o conquistador é necessário que haja o dominado. A chegada dos navegadores europeus no Caribe vai desencadear um novo processo, pois até antes daquele encontro de culturas havia dois povos distintos e independentes, no caso do Haiti os arawaks e os franceses, possuidores de uma história, uma memória e ocupando um determinado espaço de terra. Segundo Bosi, cultivo, culto e cultura, assim como colonização, derivam do verbo latino *colo*, que se refere tanto ao sentido de morar (espaço que se está ocupando), como de cultivar a terra e o que está sob ela (enterro dos mortos, rituais feitos em honra dos antepassados, cultos). A forma nominal *cultus*, além do sentido de produto do trabalho realizado, traz a noção de acumulação, ou seja, a sociedade que produz seu alimento tem memória, ao longo do tempo acumulou práticas, técnicas, símbolos e valores. E é da união de todos esses fatores que nasce a cultura da qual um mesmo grupo social partilha. Com a chegada de um novo elemento que veio para dominar não só o espaço geográfico, mas também o campo das idéias, uma nova ordem será imposta em relação ao cultivo, ao culto e a cultura.

*“Em outras palavras, foi a colonização um processo de fusões e positivities no qual tudo se acabou ajustando, carências materiais e formas simbólicas, precisões imediatas e imaginário; ou, ao lado de uma engrenagem de peças entrosadas, se teria produzido uma dialética de rupturas, diferenças, contrastes?”<sup>10</sup>*

Bosi formula essa pergunta tendo em vista a colonização do Brasil, porém, podemos ampliá-la para a colonização de maneira geral. Não seria a colonização um processo de fusões, positivities, contrastes, rupturas e destruição?

---

<sup>9</sup> BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. Companhia das Letras, São Paulo, 2000, p.13.

<sup>10</sup> *Ibidem* p. 29-30.



Segundo o lingüista e filósofo Tzvetan Todorov em seu livro *A Conquista da América*<sup>11</sup>, na história da descoberta do Novo Mundo, é preciso sublinhar três acontecimentos: 1) a conquista de um novo continente pela Europa; 2) a descoberta dos povos que ali viviam; 3) o encontro que aconteceu entre europeus e índios. Para Todorov a conquista da América funda a identidade do homem moderno ocidental, pois a partir dela ele descobriu a totalidade da qual faz parte. Em seu livro, ele procura destrinchar os desdobramentos desse encontro:

*“No início do século XVI, os índios da América estão ali, bem presentes, mas deles nada se sabe, ainda que, como é de esperar, sejam projetadas sobre os seres recentemente descobertos imagens e idéias relacionadas a outras populações distantes. O encontro nunca mais atingirá tal intensidade, se é que esta palavra é adequada. O século XVI veria perpetrar-se o maior genocídio da história da humanidade.”*<sup>12</sup>

A vulnerabilidade dos índios, presentes na América desde muito antes do século XVI, frente às diversas doenças trazidas pelo homem branco, assim como o pouco apreço à vida dos ameríndios por parte dos europeus resultou no imenso número de mortes dos indígenas e levou ao incremento da escravidão africana. O choque de culturas que ocorreu com a chegada dos europeus nos remete à origem da civilização européia que, por sua vez, também resultou do encontro das culturas do Mediterrâneo Oriental.<sup>13</sup> No entanto nas Américas, o encontro veio realmente acompanhado de colonização, ou seja, submissão de um povo ao poder de outro e até mais do que isso, havia um propósito de massacre.

A palavra encontro vem do latim *incontra* que quer dizer “em contra”, ou seja, traz em si o choque de olhar para o outro, o diferente. A percepção do outro é imediata, mas o conhecimento é lento. A relação com o outro não se dá em uma única dimensão. Todorov<sup>14</sup> distingue três eixos para analisar como acontece essa aproximação: 1º a relação acontece no plano axiológico (valores), o outro é bom ou mau, gosta-se dele ou não; 2º no plano praxiológico, ou assimila-se a cultura do outro ou impõe-se-lhe a sua, ou seja, o encontro gera submissão ao outro ou submissão do outro; 3º ocorre no plano epistêmico, quando de

---

<sup>11</sup> TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*. Martins Fontes, São Paulo, 2003, p.5.

<sup>12</sup> Ibidem. p.5-7.

<sup>13</sup> FERRONHA, António Luís. *O Confronto do olhar*. Caminho Coleção Universitária, Portugal.

<sup>14</sup> TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*. Martins Fontes, São Paulo, 2003, p.269-270.

fato torna-se possível enxergar o outro e conhecer sua identidade, também é possível escolher ignorá-lo.

A colonização traz em si esse encontro de culturas que, aos poucos, atravessa os três eixos propostos por Todorov. A esse tipo de encontro, o antropólogo cubano Fernando Ortiz<sup>15</sup> chamou “transculturização”. Com esse termo ele designa a simbiose de culturas, a transição de uma cultura à outra, o que implica na transformação de uma cultura anterior (desculturização) e a criação de novos fenômenos culturais (neo-culturização). O neologismo “transculturização” pretende abarcar o conjunto das fases desse processo sempre em movimento que é o encontro dos povos e de suas culturas. Acredito ser oportuna a menção desse termo por ele explicitar a dialética que ocorre no encontro/confronto de culturas diferentes.

Já o escritor e intelectual da Martinica, Édouard Glissant prefere o conceito de *créolisation*<sup>16</sup> para o fenômeno cultural que acontece no encontro de culturas e explica o porquê:

*“La notion de transculture n’est pas suffisante. Au fond, le terme de créolisation recouvre cette notion de transculture. Mais la notion de transculture suggère que l’on pourrait calculer et prévoir les résultantes d’une telle transculturation; or, la créolisation selon moi est imprévisible. Elle produit du plus à chaque fois, c’est-à-dire que ce qui est produit est imprévisible par rapport aux composantes. Je distingue la créolisation dans deux domaines: d’une part, la transculture proprement dite, d’autre part, le métissage dans le domaine physiologique ou racial. On peut prévoir, ou essayer de prévoir, les résultats d’un métissage. On le fait en science quand on tente une synthèse: quand on marie un petit pois rouge à un petit pois vert, on peut calculer des résultats. La créolisation est imprévisible: on ne peut pas calculer des résultats. C’est la différence, selon moi, entre la créolisation et d’une part, le métissage, d’autre part, la transculture. On peut aborder la transculturation par le concept, mais on ne peut aborder la créolisation que par l’imaginaire. Or, je crois*

---

<sup>15</sup> ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco*. Editorial de Ciências Sociales, Havana, 1983.

<sup>16</sup> A palavra *créolisation* ou criouliização vem de *créole*/crioulo, termo utilizado nas Américas coloniais a partir de *criollo* (do espanhol). Vindo do latim *criare* no sentido de educar, servia para identificar pessoas de ascendência européia nascidas nas antigas colônias francesas. Atualmente indica aquele ou aquilo que é natural de determinada região.

*que le concept, à l'heure actuelle, doit être fécondé par l'imaginaire.”*

17

Percebe-se a preocupação de Glissant com a construção de um imaginário múltiplo que torne possível compreender as dimensões do mestiçamento cultural dentro de um processo intercultural. Afinal, o encontro cultural muitas vezes provoca reações de fechamento em relação às identidades diversas. Nesse sentido o termo *créolisation* seria mais adequado pois além de tratar-se de um processo permanente dá conta do imprevisível.

Glissant é um grande defensor da diversidade de culturas e da possibilidade do convívio entre elas, apesar da dificuldade que existe no fato de conviver e mesmo somente conhecer o diferente:

*“Dans la rencontre des cultures du monde, il nous faut avoir la force imaginaire de concevoir toutes les cultures comme exerçant à la fois une action d'unité et de diversité libératrices. C'est pourquoi je réclame pour tous le droit à l'opacité. Il ne m'est plus nécessaire de “comprendre” l'autre, c'est-à-dire de le réduire au modèle de ma propre transparence, pour vivre avec cet autre ou construire avec lui.”<sup>18</sup>*

A noção de opacidade e a abertura a um imaginário múltiplo são importantes para este trabalho, uma vez que nos ajudarão no percurso de aproximação que faremos em direção à cultura haitiana, e mais especificamente a sua literatura.

*“L'imaginaire. C'est dire l'art et la littérature.*

*C'est par la littérature que s'illustre ce mouvement désentravant, qui mène de notre lieu à la pensée du monde. C'est là désormais un des objets les plus hauts de l'expression littéraire. Contribuer, par les*

---

<sup>17</sup> GLISSANT, Edouard. *Introduction à une Poétique du Divers*. Presse de l'Université de Montréal, 1995, pág 93.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 53-54.

*pouvoirs de l'imagination, à faire lever le réseau, le rhizome des identités ouvertes, qui se disent et qui écoutent.”*<sup>19</sup>

## 1.2. De *Hispaniola* a *Saint-Domingue*

Voltemos às expansões de território e às grandes navegações, porém tendo em vista a segunda maior ilha do Caribe depois de Cuba, uma ilha que se chamava então *Ayiti*. No dia 6 de dezembro de 1492, os ameríndios, descobriram em suas praias os primeiros espanhóis que chegavam para ocupar suas terras. Cristóvão Colombo é o primeiro europeu a descobrir a ilha e a batiza de “*Isla Española*”, nome que rapidamente evoluiu para *Hispaniola*, pequena Espanha.

Colombo acreditava ter chegado às Índias por isso deu o nome aos habitantes que encontrou de índios. Esses habitantes eram os Arawaks (também chamados de Taínos) palavra que significa “homens pacíficos, gente de bem”. Esse povo habitava várias ilhas do Caribe desde o século V antes de Cristo. Originários da floresta tropical amazônica viviam da agricultura, da caça e da coleta. Havia uma organização rigorosa de culturas de vários legumes. No final do século XV, a ilha, *Ayiti*, era em grande parte cultivada. Algumas técnicas de irrigação permitiam canalizar a água da chuva e aproveitar melhor o terreno, pequenas cidades começavam a aparecer.

Com a chegada dos espanhóis, que necessitavam de animais para conquistar as novas terras, extrair ouro e ainda tinham neles a base de sua alimentação (carne de porco, aves, carneiros e cabras), é introduzida a criação de animais de forma maciça. As conseqüências são devastadoras para a ilha, pois os animais destroem os campos de cultura e os sistemas de irrigação. Rapidamente o espaço agrícola dos Arawaks se desorganiza. Os homens Arawaks são obrigados a trabalhar nas minas de ouro para os espanhóis, conseqüentemente abandonam a agricultura, a caça e a pesca. Cabe às mulheres tentar reorganizar e manter o trabalho iniciado pelos homens, tarefa quase impossível diante do quadro que se apresentava. Em pouco tempo, esgotados pelo trabalho e mal alimentados os Arawaks são dizimados por doenças como a rubéola e a varíola, além da fome. Assim, os

---

<sup>19</sup> GLISSANT, Edouard. *Traité du tout-Monde*. Gallimard, Paris, 1997, p. 248.

habitantes da ilha que seriam em torno de 1 milhão na chegada de Colombo, quarenta anos mais tarde não passariam de poucos milhares.<sup>20</sup>

Além da criação de gados, os espanhóis também praticavam a agricultura. Em 1493, Cristóvão Colombo trouxe da Espanha a cana-de-açúcar. Seu cultivo tornou-se prioridade na ilha. Porém, necessitava de numerosa mão-de-obra e, com os índios cada dia em menor número, foi preciso trazer novos homens para trabalhar nos campos. Começou, então, o intenso tráfico de escravos com a África. A população haitiana atual descende desses africanos trazidos para trabalharem nas plantações de café e cana-de-açúcar, explorados primeiro pelos espanhóis e mais tarde pelos franceses. Em 1580, no início do período da chamada união das duas Coroas (1580–1640) quando o rei da Espanha ocupou também o trono de Portugal, o açúcar português (vindo do Brasil que controlava a maior parte do mercado de cana) é privilegiado em detrimento do cultivo de cana em *Hispaniola* que, conseqüentemente, diminui. Com isso, a região é abandonada, o gado selvagem multiplica-se e a população fixa-se na parte leste da ilha. É o início de uma ruptura ainda atual; o território divide-se em duas partes, hoje dois países: Haiti e República Dominicana.

Os bucaneiros<sup>21</sup>, aventureiros europeus que caçavam bois selvagens nas Antilhas, estabelecidos na *île de la Tortue*, ao norte, fazem pequenas incursões na parte ocidental da ilha, abandonada pelos espanhóis até que os franceses se interessam pela região e, apesar do esforço dos espanhóis para expulsá-los, fixam-se na parte oeste. A primeira capital da colônia, *Le Cap* (que tornou-se *Cap-Haitien*), foi fundada em 1670 pelos franceses. Os franceses continuam importando escravos negros da África para trabalhar nas *plantations*<sup>22</sup> de cana-de-açúcar. Fazem o chamado tráfico triangular: as Antilhas mandam açúcar para a Europa, a Europa manda tecido e quinquilharias para a África que manda escravos para as Antilhas.

Em 1697, com o tratado de Ryswick, a França obtêm da Espanha a posse oficial da parte ocidental da ilha que se torna a colônia de *Saint-Domingue* (futuro Haiti) enquanto a Espanha conserva a parte oriental que continua sendo chamada de *Hispaniola* (futura República Dominicana). Nos próximos cem anos a ilha será a mais rica colônia do mundo. Cresce tanto o número de colonizadores quanto o de escravos. Em 1789, o número de colonizadores franceses, que não passava de poucas centenas já seria de mais de 25.000 e o

---

<sup>20</sup> No que diz respeito aos números do Haiti, existe uma grande variação de um livro para o outro. Sendo assim, preferi modalizar e usar números aproximados tendo como base as ocorrências mais freqüentes.

<sup>21</sup> Do francês *boucan*: grelha sobre a qual os índios da América defumavam a carne.

<sup>22</sup> Grandes propriedades agrícolas onde se cultivam produtos tropicais para exportação.

número de escravos que era de alguns milhares já chegaria a 450.000. Seu comércio representaria um terço de todo o comércio exterior francês. A colônia forneceria grande parte da produção mundial de açúcar além de exportar café, algodão e índigo em grande quantidade. Toda essa riqueza baseada no trabalho escravo. No final do século XVIII, chegam por ano 40.000 escravos capturados na África. É graças a essa exploração abusiva e intensa da terra e dos homens que *Saint-Domingue* torna-se a “pérola das Antilhas”. Sendo a cana-de-açúcar prioridade dos colonizadores franceses, os terrenos planos são cada vez mais consagrados a seu cultivo e aos poucos desaparecem da ilha as culturas de subsistência.

### 1.3. Novas idéias

Enquanto isso, nas últimas décadas do século XVIII, a Europa passa por uma série de transformações, tanto no plano das idéias quanto no plano dos fatos. O conjunto das monarquias absolutas que imperava, desde o início do século XVI, entra em crise. Na França, pensadores como Montesquieu, Voltaire, Diderot e Rousseau defendem, apesar de divergirem em muitos pontos, que pela razão atingiam-se os conhecimentos úteis ao homem e por meio dela podíamos chegar às leis naturais que regem a sociedade. Jean-Jacques Rousseau, em seu *Contrat Social* (1760/1762) escreve:

*“Encontrar uma forma de associação que defenda e proteja a pessoa e os bens de cada associado com toda a força comum, e pela qual cada um, unindo-se a todos, só obedeça, contudo, a si mesmo, permanecendo assim tão livre quanto antes.”*<sup>23</sup>

Rousseau acreditava que para a realização concreta do eu comum e da vontade geral era necessário um contrato social, isto é, a livre associação de seres humanos que resolvem formar um certo tipo de sociedade à qual passam a prestar obediência. Desta forma, o contrato social seria a única base legítima para uma comunidade que deseja viver de acordo com os pressupostos da liberdade humana. Com esse pensamento, ele estava lançando as bases de uma das mais importantes construções do romantismo, o conceito de identidade nacional. Na mesma época, Diderot e d’Alembert estavam empenhados em

---

<sup>23</sup> ROUSSEAU, Jean-Jacques. Coleção Os Pensadores. Editora Nova Cultural, São Paulo, 1987, p. 32.

reunir a totalidade de conhecimentos humanos em sua *Encyclopédie* (1751-1772), com o intuito de mostrar que o homem é capaz de transformar o universo se controlar pela razão a religião, a política e a moral. Nesse enorme projeto, 17 volumes de artigos, aparece a palavra nação:

*“Nação. Palavra coletiva da qual fazemos uso para exprimir uma quantidade considerável de pessoas, que habitam uma região, circundada por certos limites, obedecendo ao mesmo governo”*<sup>24</sup>

Com a Revolução Francesa, fatos e idéias sucedem-se rapidamente e a idéia de nação substitui o papel do rei no novo sistema. As noções de nação e luta contra a tirania passam a ser inseparáveis, ou seja, no século XVIII, ser patriota era quase o mesmo que ser revolucionário. Essas novas idéias, conhecidas pela expressão “pensamento ilustrado”, tornam nação e pátria ideais a serem divulgados. A idéia de nação dava importância e um novo sentido às existências, conectando-as a um destino nacional. A missão dos governantes consistia em procurar a realização do bem-estar dos povos, pelo respeito às leis naturais e aos direitos naturais de que todo homem é portador. O não cumprimento desses deveres básicos dava aos governados o direito à insurreição. Surgia<sup>25</sup> uma concepção de identidade, o sujeito como um indivíduo totalmente centrado, unificado e dotado das capacidades de razão, consciência e ação.

Essas idéias abalaram o regime monárquico. Tendo em vista o colonialismo em vigor, interpretar esses ideais iluministas de nacionalismo era o mesmo que assumir a missão de libertar povos. Outro fator importante afetou o mundo colonial na época, como um desdobramento destes mesmos princípios: a tendência a extinguir ou limitar a escravidão.

É bom lembrar que em agosto de 1789 a Assembléia Constituinte proclamou oficialmente os princípios nos quais se inspirava: a Declaração dos Direitos do Homem. No Antigo Regime os franceses tinham, diante do Estado, só deveres, portanto fazia parte do programa revolucionário da Assembléia proclamar seus direitos. O indivíduo passava para o primeiro plano e o Estado tinha a obrigação de proteger os direitos do indivíduo. Os

---

<sup>24</sup> SOBOUL, Albert (org.). *L'Encyclopédie* (textes choisis). Paris: Messidor. Editions Sociales, 1984, p.284.

<sup>25</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A Editora, Rio de Janeiro, 2003, p.10.

direitos que a constituição proclamava não eram apenas para os franceses, referiam-se a todos os homens:

*“Ce sont les Droits de l’Homme: tous les hommes en effet, de quelque État, de quelque race qu’ils soient, sont semblables par ce qu’ils ont en commun: la raison, la moralité, le désir du bonheur. Autant que l’individualisme et le libéralisme, le cosmopolitisme caractérise la Révolution: par son caractère absolu et universel, la déclaration a pu devenir le programme commun aux libéraux et aux démocrates de toutes nationalités.”*<sup>26</sup>

A Declaração dos Direitos do Homem está na base da nova organização da França e do mundo ocidental. Enquanto em 1789, acontecia a Revolução Francesa que pôs fim ao Antigo Regime, no Brasil ocorria a Inconfidência Mineira e dois anos mais tarde, em *Saint-Domingue*, a insurreição dos escravos.

#### 1.4. Haiti

Sempre submetidos a um tratamento impiedoso, trabalhando até o esgotamento, os escravos em *Saint-Domingue* fazem rebeliões desde 1522 para reivindicar alguns direitos, entre outros, o de ter uma terra para cultivarem. Finalmente, em 1791 acontece a insurreição dos escravos do norte, comandados por Boukman: é o primeiro passo para a independência. Durante mais de 10 anos os escravos lutaram, sob o comando de Boukman, Toussaint Louverture e depois de Dessalines.

Temendo perder para escravos a propriedade de *Saint-Domingue* e buscando uma aproximação, o representante da Convenção em Paris, comissário Sonthonax, proclama a liberdade destes, em agosto de 1793, para a província do norte e em setembro para a província do sul. Em fevereiro de 1794, a Convenção confirma essa declaração e estende a abolição da escravatura para todas as colônias francesas. Contudo, em 1802, Napoleão revogará a medida.

Toussaint, um escravo que se dirigiu para o lado espanhol da ilha para combater os franceses e ali adquiriu treinamento militar, é convencido pelo general Laveaux, que

---

<sup>26</sup> MALET et ISAAC, *L’Histoire*. Marabout, Belgique, 1995, p. 602.



percebe sua habilidade, a ajudá-lo a expulsar as tropas espanholas e inglesas da ilha. Toussaint e Rigaud, líder dos *affranchis*<sup>27</sup>, vencem a batalha para Laveaux e, em 1795, no Tratado de Basiléia, a Espanha reconhece o direito de posse de toda a ilha à França. Em seguida, os franceses partem para a França. Toussaint vence Rigaud em uma batalha e passa a chamar-se Toussaint Louverture. Em 1800, Napoleão nomeia-o governador geral da ilha.

Em 1802, o General Leclerc, cunhado de Napoleão, chega à ilha com instruções para recuperar o poder e retomar a tão rentável escravidão. Depois de alguns meses de resistência local, os franceses recuperam por um curto tempo o controle de toda a ilha. Toussaint é preso e levado para a França onde morre em 1803. No entanto, o retorno à escravidão não acontece. Os ex-escravos fazem oposição a Leclerc, resistência que ocorre primeiro em forma de guerrilha e depois como guerra convencional, até que os *affranchis* se unem à causa e fazem com os ex-escravos uma aliança pela libertação. Nessa época, Napoleão, ocupado com outras campanhas, não dá a devida atenção à colônia, subestimando a organização dos rebeldes. Muitos homens do exército francês morrem atacados pela febre amarela, Leclerc morre e seu sucessor não consegue impedir que os ex-escravos retomem o poder. Assim, em 1804, os franceses capitulam e Jean-Jacques Dessalines, ex-escravo, antigo general de Toussaint, proclama-se imperador, declara novamente a independência da ilha e retoma o nome Haiti (*Ayiti*, palavra indígena que significa terra montanhosa) para designar o novo país.

A guerra de independência durou 13 anos (1791 a 1803), matou grande parte da população com suas batalhas sangrentas e destruiu o país com incêndios. A revolução no Haiti foi bem mais radical que aquela de 1789, pois além de afirmar os direitos do homem e do cidadão, negava a supremacia de raça e os privilégios de classe que a política e a economia de então impunham, pela escravidão e pelo colonialismo. Dia 1º de janeiro de 1804, Dessalines proclamou a independência do Haiti. Surgia a primeira comunidade de escravos a conquistar sua liberdade, primeira República negra do mundo, primeiro Estado Independente da América Latina. Os grandes proprietários de terra que conseguiram sobreviver partiram. Porém, os campos de cultivo estão esgotados, o país tem poucas cidades, todas organizadas em torno dos engenhos de açúcar, as árvores foram cortadas

---

<sup>27</sup> Em 1685, o código de leis promulgado por Luís XIV (*Code Noir*) declarava que uma vez libertos, os negros escravos possuíam direitos políticos iguais ao dos cidadãos franceses: podiam comprar terras, exercer profissão, ter armas, escravos etc. São então conhecidos como *affranchis*. À medida que aumentam em quantidade, porém, seus direitos vão sendo restringidos. Luís XV emite ordens para se manter rígida a separação entre as raças.

para o cultivo do café, é preciso comprar armas para defender a jovem república. Organizar o país é uma tarefa longa e complicada. Ainda mais quando em 1825, Charles X reconhece a independência do Haiti, mas cobra a indenização de 150 milhões de francos-ouro destinados a compensar as perdas sofridas pelos colonizadores. Diante da indecisão de diferentes governos que se sucederam, a população acaba fazendo sua escolha pelo cultivo em pequenas propriedades. Assim as grandes *plantations* desaparecem e o país vira um grande loteamento de subsistência. Com a situação desastrosa da economia do país, seus dirigentes não conseguem exportar sua revolução.

### 1.5. Haitianismo no Brasil

A única insurreição de escravos na história da humanidade considerada vitoriosa teve impacto intenso no Brasil. A criação do Haiti como Estado independente preocupou tanto a Coroa quanto a elite colonial brasileira, pois a população de negros e mulatos correspondia, em números aproximados, a 80% da população da capitania. Criou-se na época a expressão “haitianismo” que designava aqueles que supostamente pretendiam eliminar a escravidão de forma violenta e imediata. Não se discutia ou analisava a história daqueles acontecimentos, mas criava-se um conjunto de imagens negativas.

Entre homens de letras e redatores de jornais o movimento haitiano representava uma perspectiva de progresso com sua postura anticolonialista, valorizava a soberania nacional e permitia a ascensão política de setores oprimidos, do ponto de vista étnico e social e o fim inevitável da escravidão.

Sendo assim, no Brasil, a revolução haitiana serviu de um lado como argumento de que a escravidão deveria ser reformada até sua gradual extinção. De outro, como pretexto para aumentar a repressão e a vigilância sobre escravos e supostos abolicionistas. Um exemplo disso foi a reação ao movimento organizado na Bahia em 1798, a Conjuração dos Alfaiates. Os conspiradores queriam a proclamação da República e o fim da escravidão, entre outras coisas. Porém, apesar da circulação de alguns panfletos, o movimento não chegou a concretizar-se. Contudo, os principais acusados foram enforcados e esquartejados. Como na Bahia a população de negros e mulatos era aproximadamente de 80% do total da capitania e os motins de negros eram cada vez mais freqüentes, o medo de um movimento mais organizado que levasse a uma revolução precipitou e aumentou a violência dos fatos. Nas palavras de Boris Fausto:

“A severidade das penas foi desproporcional à ação e às possibilidades de êxito dos conjurados. Nelas transparece a intenção de exemplo, um exemplo mais duro do que o proporcionado pelas condenações aos inconfidentes mineiros. A dureza se explica pela origem social dos acusados e por um conjunto de outras circunstâncias ligadas ao temor das rebeliões de negros e mulatos. A insurreição de escravos iniciada em São Domingos, colônia francesa nas Antilhas, em 1791, estava em pleno curso e só iria terminar em 1801 [sic], com a criação do Haiti com Estado independente.”<sup>28</sup>

#### 1.6. Bossale-Créole

O antropólogo francês Gérard Barthélémy em seu livro *L'univers rural haïtien: le pays en dehors*<sup>29</sup> procura compreender a oposição existente entre escravos *bossales* e escravos *créoles* que ao longo de todo o século XIX e até hoje torna impossível o convívio do Estado com o mundo rural (*le pays en dehors*). Por tratar-se de uma visão diferenciada e original da sociedade haitiana, pareceu-me importante não deixá-la de fora desta reflexão sobre o Haiti.

Segundo ele, antes da revolta de 1791 a sociedade de *Saint-Domingue* estava dividida em três categorias principais: o branco, proprietário ou funcionário; *l'affranchi* e o escravo crioulo nascidos no sistema escravista, negros ou mulatos; o escravo nascido na África, chamado *bossale*<sup>30</sup>, que representava mais da metade da população da colônia. O mundo dos brancos, por sua vez, também se subdividia entre: o grupo dos altos funcionários vindos da metrópole; os grandes proprietários aristocratas divididos entre *créoles* (nascidos na ilha) e metropolitanos; e por último na hierarquia, os *petits blancs* com pouca ou quase nenhuma posse, podiam até ter menos que os *affranchis*.

A medida que um africano culturalmente desenraizado e desorientado criava raízes no sistema colonial era preciso substituí-lo por um novo *bossale*, pois uma vez que ele aprendia meios de contornar o sistema de *plantation* para assegurar sua sobrevivência, ou

---

<sup>28</sup> FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. Edusp, São Paulo, 2000, p 119-120.

<sup>29</sup> BARTHÉLÉMY, Gérard. *L'univers rural haïtien: le pays en dehors*. L'Harmattan, Paris, 1991.

<sup>30</sup> No Brasil, boçal era o escravo negro recém-chegado da África que ainda não falava português, seu sentido acabou estendendo-se para aquele que é desprovido de inteligência e sensibilidade.

seja, criouliava-se, o escravo começava a conseguir escapar, pouco a pouco, ao inferno do trabalho.

Com a eliminação total dos brancos, quem herdou o arsenal colonial que tinha feito daquele território a colônia mais rica do mundo foram aqueles que o conheciam melhor, inclusive, muitos deles já proprietários mesmo antes de 1789, os *créoles*. Para os *bossales* (chamados africanos), excluídos da herança colonial, restou ocupar o antigo espaço cultural e social deixado livre pelos *créoles*.

Assim, enquanto os *créoles* herdaram as *plantations*, a língua (o francês), a cultura, a religião (cristianismo) e a organização dos antigos dirigentes, os *bossales* ficaram com o espaço rural (o *lakou*, sistema de plantação), a religião (o vodu), a língua (o créole) e a estrutura familiar dos *créoles*. Esses dois grupos, com duas culturas distintas, antagônicas vão estranhar-se, definindo-se um em relação ao outro, apontando diferenças entre si, ao longo do século XIX é mesmo até hoje. Nas palavras de Barthélémy:

*“Tout au long de cette cohabitation, marquée par une domination partielle, les deux cultures, issues malgré tout d’une histoire et d’une origine en partie communes, n’auront de cesse d’accuser leurs différences comme pour mieux souligner, par delà celles-ci, les concordances, les affinités, les complicités et les compréhensions qui les lient, malgré tout, au sein d’une haïtianité commune.”*<sup>31</sup>

Os *bossales* uniram à herança africana a negação da autoridade colonial. Colocaram em prática um sistema sem institucionalização do poder, contra o poder do Estado. Assim o antigo *bossale*, agora trabalhador rural haitiano, acredita proteger-se melhor do retorno a escravidão, pois a verdadeira ameaça é o poder dos *créoles*. Para tanto, cria ao lado do Estado e não contra ele, um outro sistema fraccionando o poder, no qual a igualdade dos participantes é o que importa. É o sistema do indivíduo contra o Estado:

*“On parvient ainsi à un système qui n’est plus tout à fait celui de la  
“Société contre l’Etat, mais plutôt celui de “individu contre*

---

<sup>31</sup>BARTHÉLÉMY, Gérard. *L’univers rural haïtien: le pays en dehors*. L’Harmattan, Paris, 1991.

*l'Etat", et tout repose alors sur l'égalité nécessaire entre les individus."*<sup>32</sup>

Dessa forma, os *bossales* tentam ignorar o poder formal do sistema *créole*, o país legal.

Quanto ao trabalho, para respeitar essa multiplicação de células individuais, não há divisão. A população rural, fixa no campo, pratica a cultura de subsistência o que, com o tempo, gera a diminuição do tamanho das propriedades, pois a condição de igualdade entre todos é que todos devem ser autosuficientes. É o sistema *contra-plantation*.

*"Tout cela repose évidemment sur des mécanismes profonds qui se sont rapidement mis en place et qui se sont développés tout au long du XIXe siècle dans le milieu rural, jusqu'à constituer un tout, suffisamment homogène pour qu'on puisse lui donner un nom: Haïti-Thomas. Cela correspondra à l'aboutissement lent de la grande révolution économique: celle de l'éradication de la cause-instrument de l'esclavage: la plantation."*<sup>33</sup>

No campo das religiões, também há uma dicotomia, o vodu está ligado a uma esfera mais individualizada, familiar, ao culto dos antepassados feito em casa, enquanto a religião católica, verdadeira colonização religiosa que se apoiava sobre uma hierarquia branca, francesa, totalmente transplantada, ocupa o papel de identificação coletiva.

Constata-se a existência de dois discursos, do lado dos *créoles* o discurso da vitória da igualdade e mesmo da uniformidade sobre a escravidão, do lado dos *bossales* o da realidade que tenta enquadrar a pulsão igualitária em estruturas sociais que continuam profundamente desiguais.

*"La société que va tenter de créer, en 1804, ce nouveau pays peuplé d'anciens esclaves ne sera plus une société hiérarchique esclavagiste mais, en réaction contre son passé et à l'image des*

---

<sup>32</sup> Ibidem.

<sup>33</sup> Ibidem.

*société occidentales d'après 1789, une société fondée sur l'individu.*”<sup>34</sup>

Contudo, o antropólogo francês acredita que, atualmente, essa realidade começa a esboçar pequenas mudanças. Pouco a pouco, a cultura *bossale* demonstra uma certa abertura em relação ao mundo exterior, especialmente à cultura *créole*. De outro lado, a cultura *créole* também se abre a valores dos trabalhadores rurais, o que de fato já havia começado com o *indigénisme* do início do século.

Para Barthélémy, a única forma de contornar a crise atual estrutural do Estado que o Haiti enfrenta, seria tentar acabar com as dicotomias cidade x campo; solidariedade igualitária x crescimento permanente do consumo; modelo de tradição africana x desenvolvimento. Em vez de dissociar igualdade e consumo, praticar uma política de incentivo a produção do pequeno trabalhador rural, estimulando o cultivo de produtos de consumo de massa e, dessa forma, integrar, ampliar e transformar a cultura rural de modo a incorporá-la na urbanização. É preciso a união *bossale-créole* para a formação de uma nação e não de um Estado.

### 1.7. A Língua

O crioulo foi, durante o período colonial, a língua comum que tornou possível o contato entre os negros originários de diferentes tribos africanas assim como o contato entre negros e brancos (ainda hoje o crioulo é o que possibilita a comunicação das massas com as elites do país). O francês era a língua dos grandes proprietários, da administração e da justiça. Ao proclamar a independência, Dessalines fez seu discurso em crioulo, porém, logo a seguir seu secretário Boisrond-Tonnerre fez sua proclamação em francês (apesar do ato falho de criar o neologismo *lugubrer* misturando crioulo e francês “*Le nom Français lugubre encore nos contrées*”<sup>35</sup>). Com isso ele não deu continuidade à ruptura iniciada por Dessalines em seu discurso e na troca do nome de *Saint-Domingue* para Haïti. Boisrond-Tonnerre voltou a língua francesa para ser compreendido no mundo inteiro.

O fato é que os haitianos aceitaram a herança colonial do francês como língua oficial do novo Estado. A Constituição de 1918, votada em plena ocupação americana,

---

<sup>34</sup> Ibidem.

<sup>35</sup> LAROCHE, Maximilien. *La littérature haïtienne, identité-langue-réalité*. Les Éditions Leméac, Ottawa, 1981, p. 45

reafirmou ser o francês a língua oficial, procurando dessa forma proteger-se da língua dos americanos. Com isso, até hoje o francês é a língua da administração, da justiça, do ensino, dos livros, das rádios, da televisão, dos filmes e dos jornais<sup>36</sup>.

Sendo assim, o francês é utilizado como língua oficial e para a comunicação escrita, enquanto o crioulo permanece a língua da oralidade. No Haiti fala-se o crioulo haitiano, língua caracterizada como crioulo de base lexical francesa. Somente uma minoria da população fala e escreve o francês, enquanto a grande maioria dos haitianos, que não são alfabetizados, utiliza o crioulo como meio de comunicação oral. Logo duas línguas começaram a demarcar-se uma da outra: uma era o francês, a língua dos decretos, relatórios, livros, a língua oficial, a da cultura, a da antiga Metrópole; e a outra, a que a população local (brancos, negros e mulatos) forjou, modulando-a de acordo com seu espaço e com seu modo de viver dentro desse espaço, a língua da oralidade, o crioulo. Com o tempo, estabeleceu-se uma oposição clara entre elas: civilização x barbárie.

Glissant em seu livro *Introduction à une Poétique du divers* define linguagem como a relação que se estabelece com a língua<sup>37</sup>:

"(...) la nécessité de distinguer entre la langue dont on use et le langage, c'est-à-dire le rapport aux mots, qu'on construit en matière de littérature et de poésie."<sup>38</sup>

Ainda segundo Édouard Glissant, o crioulo é um exemplo do *détour*<sup>39</sup> que para ele não é fuga ou cegueira diante da realidade, mas sim uma forma de lidar com a dominação:

---

<sup>36</sup> POMPILUS, Pradel, *La langue française en Haïti*, Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine, Paris, 1961, p.17-18.

<sup>37</sup> No livro *La grammaire d'aujourd'hui*<sup>37</sup> temos as seguintes definições: língua é um sistema de significação utilizado normalmente para fins de comunicação que se manifesta pela voz e pela escrita. Serve para se comunicar com outras pessoas e consigo mesmo. As línguas têm dupla articulação (no nível dos morfemas e no nível dos fonemas). Linguagem é o conjunto de especificidades da espécie humana que lhe possibilita comunicar-se. O estudo da linguagem está ligado às relações entre sujeito e linguagem (psicolinguística), entre linguagem e sociedade (sociolinguística) e entre o sujeito e seu inconsciente estruturado como linguagem (Lacan). Uma língua é necessariamente uma linguagem, porém nem toda linguagem é uma língua, como por exemplo a linguagem dos animais, a linguagem pictórica, a linguagem musical etc.

<sup>38</sup> GLISSANT, Edouard. *Introduction à une Poétique du Divers*. Presse de l'Université de Montréal, 1995, p. 33.

<sup>39</sup> GLISSANT, Edouard. *Le Discours antillais*. Gallimard, Paris, 1997, p.48.

*“Je vois surtout dans la poésie du créole un exercice permanent de détournement de la transcendance qui y est impliquée: celle de la source française.”*<sup>40</sup>

Diante da dominação do francês, o crioulo se impõe como *détour*, como forma de resistência. O *détour* não seria necessário se o inimigo se colocasse como tal, porém torna-se o último recurso quando a dominação ocorre de forma oculta, como vimos na reflexão de Barthélémy sobre o que acontece na relação entre *créoles* e *bossales*. Adotar oficialmente a língua do colonizador não é uma escolha sem conseqüências. Diva Damato sinaliza em seu livro *Edouard Glissant: Poética e Política*, ao tratar do tema da deposição da língua:

*“Em todos processos de colonização, é verdade, a língua do colonizador sempre se apresentou como portadora de uma civilização superior e de função redentora, resgatando os ‘indígenas’ das ‘trevas da ignorância’.”*<sup>41</sup>

Glissant, contextualiza o problema, favorecendo a compreensão de sua complexidade. A oposição não estaria no crioulo/francês, somente uma variante da oposição cultura nacional/cultura francesa, mas num contexto social, econômico e político. Uma língua só pode viver se estiver ligada a uma atividade produtiva, é o que ele chama de sobredeterminação. O crioulo das Antilhas Francesas não está ligado à produção, portanto está sujeito a dominação do francês:

*“Le langage de la nation est le langage dans lequel la nation produit.*

*Si la nation est contrainte à ne pas produire, son langage s’aliène. Il devient dès lors une aspiration douloureuse, une quête qui ne se sait.*

*Si la nation produit dans des formes opprimantes, son langage devient revendication, moteur agi d’une libération, exigence embusquée dans les taillis culturels.*

---

<sup>40</sup> Ibidem, p.49.

<sup>41</sup> DAMATO, Diva, *Édouard Glissant: Poética e Política*. Annablume Editora, São Paulo, 1996, p 193.



*Si la nation produit dans des formes libérées, son langage en effet devient son équivalent, même s'il s'articule à partir d'une langue imposée.*"<sup>42</sup>

A história do Haiti e das Antilhas Francesas separa-se com a independência do Haiti, enquanto Guadeloupe, Martinique e Guyane serão colônias até 1946 quando se tornam departamentos franceses. No entanto, será que o fato de o Haiti ter se tornado independente em 1804 torna sua história lingüística diferente daquela das Antilhas?

Levando-se em conta o que se seguiu à independência do país, que até hoje não conseguiu organizar-se economicamente, é difícil afirmar que existe uma responsabilidade produtiva no país. Para Glissant, a dominação muitas vezes não é evidente<sup>43</sup> para aquele que é dominado, pois ela não é só exploração, nem só miséria, ou sub-desenvolvimento, mas sim a erradicação total da entidade econômica, o que muitas vezes ocorre por assimilação, que funciona como ótima camuflagem para a dominação.

Apesar das situações políticas e sociais tão distantes e das especificidades de suas histórias, Haiti e Martinica têm pontos em comum. Para Glissant isso deve-se à origem comum das populações vindas da África:

*“La misère actuelle en Haïti et l'espèce d'ambiguïté satisfaite qu'il y a en Martinique, deux pôles complètement opposés, relèvent toutes deux de cette même condition initiale: la Traite [l'horrible holocauste de la Traite des nègres] et l'arrachement des populations à l'Afrique.”*<sup>44</sup>

O escritor martinicano, Patrick Chamoiseau, começa seu livro *Écrire en pays dominé* anunciando o tema que se repete em quase toda sua obra, com o seguinte depoimento:

*“Comment écrire alors que ton imaginaire s'abreuve, du matin jusqu'aux rêves, à des images, des pensées, des valeurs qui ne sont pas les tiennes? Comment écrire quand ce que tu es végète en*

---

<sup>42</sup> GLISSANT, Edouard. *Le Discours antillais*, Gallimard, Paris, 1997, p. 617.

<sup>43</sup> Ibidem, p. 48.

<sup>44</sup> GLISSANT, Edouard. *Introduction à une Poétique du Divers*, Presse de l'Université de Montréal, 1995, p. 65.

*dehors des élans qui déterminent ta vie? Comment écrire, dominé?”*<sup>45</sup>

Chamoiseau apresenta dessa forma, um grande dilema: as dificuldades daqueles que, expostos à dualidade lingüística, expressam-se na língua do antigo colonizador.

a) História Literária Haitiana<sup>46</sup>

A questão da língua assim como das raízes africanas e francesas dos haitianos sempre foram, de alguma forma, temas abordados pelos escritores haitianos. Para podermos compreender melhor o quadro no qual se insere Dany Laferrière, autor do livro traduzido neste trabalho, acredito ser importante conhecer o percurso histórico da literatura haitiana, desde o início. Para tanto, baseei-me principalmente no livro *Littératures des Caraïbes de Langue Française*<sup>47</sup> de Daniel Delas.

No período tumultuado das revoltas dos negros e conseqüente independência do Haiti, os textos escritos eram discursos e proclamações sempre marcados pela ênfase retórica da época e com freqüência faziam uso de grande violência da linguagem.

a) Romantismo haitiano (1830-1930)

Se por um lado escrever no Haiti era cair no ostracismo uma vez que as tiragens eram pequenas, os exemplares não eram conservados em bibliotecas, nem distribuídos, a taxa de analfabetos no país era muito alta e havia pouquíssimos leitores de francês; por outro, escrever em francês, seja um artigo de jornal, uma coletânea de poemas, um romance, um ensaio, era demonstrar superioridade lingüística e desfrutar de prestígio. Normalmente, o escritor pertencia às classes dominantes e, portanto, era falante do francês sabendo escrevê-lo corretamente para demonstrar sua erudição.

Inicialmente, a literatura feita no Haiti demonstrava grande submissão dos escritores haitianos em relação aos franceses, o que fez com que fosse chamada de

---

<sup>45</sup> CHAMOISEAU, Patrick. *Écrire en pays dominé*, Éditions Gallimard, Paris, 1997, p.17.

<sup>46</sup> Em relação ao panorama geral da literatura haitiana, acredito ser importante citar que os poetas haitianos que estão presentes na *Anthologie de la Nouvelle Poésie Nègre et Malgache de Langue Française* (1948) de Léopold Sedar Senghor são: Léon Laleau, Jacques Roumain, Jean-Fernand Brière e René Belance.

<sup>47</sup> DELAS, Daniel. *Littératures des Caraïbes de Langue Française*. Nathan, Paris, 1999.

literatura de imitação. Alguns poetas dessa época terão reconhecimento em Paris: **Oswald Durand** (1840-1906) que escreveu o poema *Choucoune* em 1900, primeiro texto em crioulo escrito por um negro; **Demesvar Delorme** (1831-1901), o mais notório dos três, denunciou a força do racismo nos Estados Unidos e analisou longamente a situação do Haiti. Conheceu o exílio e a prisão antes de terminar sua carreira como embaixador na Europa; e mais tarde, em 1937, também **Léon Laleau** (1892-1979). No início, suas musas eram brancas com cabelos loiros. Na segunda metade do século XIX, começam a ganhar uma cor mais local, adaptando-se a realidade dos trópicos. Nessa época a imagem do Haiti na França era a de uma pobre república de negros que imitava a velha Europa refinada, o que gerou entre os intelectuais o desejo de escrever para defender sua república negra.

Em 1915, com a chegada e ocupação dos americanos, os poetas do movimento *La Ronde* retornam à imitação da França com o intuito de reafirmar as raízes francesas do haitiano como forma de resistência. *La Ronde* é um dos movimentos literários mais importantes do Haiti, ativo entre 1898 e 1915; foi seguido por *La Nouvelle Ronde*. Seu objetivo era diferenciar-se de *L'École patriotique* que exaltava a pátria e a vida local para dedicar-se aos grandes temas simbolistas como os mistérios da vida e da morte exaltados na época por Mallarmé.

**Jean Price-Mars** (1876-1969), membro da elite social do Haiti, foi médico, antropólogo, diplomata e o principal pensador haitiano do século XX. Influenciou toda uma geração. Sua reflexão antropológica levou-o a escrever ensaios sobre o fato de a sociedade se crer outra que não ela. Insistia para que os haitianos deixassem de pensar que eram franceses de cor e assumissem suas raízes africanas. Lembrava que a África conheceu civilizações brilhantes e que o folclore e as crenças populares do Haiti tinham nascido na África, motivo de orgulho devido a sua riqueza e originalidade. Também reabilitou o vodu como religião, pois depois do período de Duvalier essa religião passou a representar a base da ditadura. Convidou artistas e escritores haitianos para se inspirarem na vida do campo e na literatura oral popular. Sua influência se fez sentir no mundo todo, inclusive pelo antropólogo Roger Bastide.

*Ainsi parla l'oncle* (1928), sua maior obra escrita em francês, mostra os fundamentos históricos e folclóricos da cultura haitiana. É a primeira tentativa de realizar um estudo sistemático da cultura de massas haitiana. Foi escrito durante a ocupação americana (1915-1934) e tem o claro intuito de desenvolver nos haitianos um nacionalismo cultural.

No início do século XX aparecem três romancistas de estilo muito próximo: **Frédéric Marcelin** (1848-1917) diplomata, deputado, ministro e autor de vinte e oito volumes; **Fernand Hibbert** (1873-1928) professor, diplomata, ministro e autor de quatro romances; **Justin Lhérisson**. Chamados de romancistas “nacionais” descrevem a situação política nacional sempre de maneira muito parecida: de um lado o político honesto e culto, de outro o político oportunista, corrompido e inculto. A grande qualidade deles é a sátira de costumes políticos.

**Justin Lhérisson** (1873-1907) foi professor, jornalista e autor da letra de *La Dessalienne*, hino nacional do Haiti. Graças a seu romance de 1905, *Les Pitite-Caille*, tornou-se muito conhecido. Foi o mais inovador dos três, descreve com precisão a vida das pessoas humildes utilizando um ritmo entre o narrativo e o teatral e uma linguagem marcada pela oralidade, entre o francês e o crioulo.

É importante destacar também **Antoine Innocent** (1874-1960). Autor de um único livro *Mimola* (1906), romance etnográfico dedicado ao vodu. Ele encontrará, de fato, seu ambiente com o movimento *indigéniste*.

## 2.2. Escritores haitianos de 1930 –1960 (*indigénisme, noirisme*)

O *Indigénisme* tinha um discurso identitário que ia além do romance rural. Sua estética de denúncia lidava com temas como a ocupação americana e a resistência haitiana procurando avançar em relação à questão dos valores negros e não só restringindo-se a uma África mítica que foi a base do *noirisme* que de forma distorsida tornou-se a ideologia da ditadura Duvalier.

**Clément Magloire Saint-Aude** nasceu em Porto Príncipe (1912-1971) em uma família da elite haitiana. Seu pai fundou o jornal *Le Matin*. Publicou seus poemas muito jovem, na revista *La Relève* e no *Le Matin*. Participou do movimento *indigéniste* dos *Griots* ao lado do poeta Carl Brouard e do jovem François Duvalier. Logo distancia-se desse grupo para aderir ao surrealismo adaptando a sua pesquisa poética o surrealismo de Breton. Em 1941, publica *Dialogue de mes lampes* e *Tabou*. Paralelamente à sua obra poética dedica-se ao jornalismo. Aos poucos sua pesquisa poética intensifica-se e ele assume plenamente seu hermetismo e sua revolta. Em 1956, publica a coletânea de poemas *Déchu*, seu último livro publicado em vida. Construiu uma das maiores obras da literatura haitiana.

**François Duvalier** escreveu junto com Lorimer Denis a obra “*Le Problème des classes à travers l’histoire d’Haïti*” (1946) no qual faz uma reescritura completa do passado do Haiti, defendendo os valores negros e africanos e rechaçando as referências francesas. Era essa a ideologia que estava por trás dos *Volontaires de la Sécurité Nationale*, chamados pelo povo de *Tontons macoutes*.

Dois grandes escritores **Jacques Roumain** e **Jacques-Stephen Alexis**, herdeiros do pensamento de Jean Price-Mars, escreveram obras que retratam a ocupação americana e a resistência haitiana. Os dois foram editados na França.

**Jacques Roumain** (1907-1944), militante e antropólogo, ganhou uma enorme reputação com o livro *Gouverneurs de la rosée* de 1944, publicado em Paris dois anos mais tarde. Conseguiu um bom equilíbrio entre a descrição antropológica e a generosidade ideológica e entre a corrente *indigéniste* nacionalista que defendia os valores negros e uma corrente mais progressista, revolucionária e proletária ligada ao marxismo e a promoção popular. Escreve em francês, mas utiliza também o crioulo. Um dos discípulos mais brilhantes de Jean Price-Mars, também escreveu *La Montagne ensorcelée* (1932) uma epopéia bíblica opondo dois modelos que se oferecem ao campones haitiano: catolicismo e vodu, e suas respectivas linguas, latim e crioulo.

**Jacques-Stephen Alexis** (1922-1961) é considerado um filho espiritual que deu continuidade ao trabalho de Jacques Roumain. Os dois conheceram-se em 1942 e Roumain exerceu grande influência ideológica sobre Alexis, sendo sempre uma referência para ele. Médico neurologista, comunista militante, exilou-se do Haiti em 1959 e foi capturado pela policia de Duvalier em 1961 quando tentava desembarcar clandestinamente no país.

Escreveu *Compère Général Soleil* (1955) partindo do mesmo ponto do livro de Roumain, porém, seu pensamento se estende por todas Antilhas e radicaliza o realismo maravilhoso que tentará teorizar em 1956 com o ensaio “*Du réalisme merveilleux des Haïtiens*”. Para ele esse realismo tem relações íntimas com as tradições populares, é uma forma de mostrar a sensibilidade das pessoas mais simples e humildes e sua maneira de enxergar o mundo. Também escreveu *Les Arbres musiciens* (1957), *L’Espace d’un cillement* (1959) e *Romancero aux étoiles* (1960).

**Jean-Fernand Brière** (1909-1992) exilou-se no Senegal, mas voltou a Porto Príncipe com o fim da ditadura dos Duvalier. Humanista, sempre escreveu uma poesia de protesto contra tudo o que oprimia o homem, especialmente o homem negro.

**René Bélance** (1915-2004) fez uma longa carreira nos Estados Unidos como professor especialista em romances africanos e em poesia francesa (de 1962 a 1981). Ao

voltar ao Haiti dedica-se a poesia. Chamado de poeta surrealista reivindica para si também o título de poeta social.

### 2.3. A nova literatura Haitiana (de 1960 aos dias de hoje)

A história recente do Haiti com a ditadura dos Duvalier (pai e filho), o retorno da ocupação americana e a confusão política e social na qual o país mergulhou marcou sua literatura. Nessa época, a palavra exílio ganha destaque, uma vez que ocorre a diáspora de em torno de um milhão de haitianos que vão se instalar no exterior a partir de 1960.

O *indigénisme* tinha levado ao *noirisme* que levará Duvalier ao poder. Assim, a partir dos anos 60 era preciso começar algo novo. Em Porto Príncipe criaram-se vários grupos literários: *Haiti littéraire* e *Spiralisme* são os mais famosos.

Do grupo *Haiti littéraire* destacam-se os seguintes autores:

**Davertige** (1940-2004) e **Legagneur**, os mais radicais do grupo, usam uma linguagem trabalhada e torturada. Para melhor encarnar a modernidade, rompem com a tradição poética haitiana, parnasiana e romântica. Sem pontuação ou métrica seus poemas são fluxos tumultuados inspirados mais em Rimbaud, Lautréamont, Breton e Magloire Saint-Aude do que em Jacques Roumain ou Hérédia. Em 1962, Davertige publica a coletânea de poemas *Idem*.

No início, a poesia de **Anthony Phelps** (1928), publicada no Haiti, exalta a fraternidade e a fusão com o ser amado. Depois de 1973, abandona essa poesia criticada pelo excesso de lirismo e fuga do engajamento e, tendo imigrado para o Canadá, escreve romances (*Moins l'infini*, 1973; *Mémoires en colin-maillard*, 1976; *Motifs pour le temps saisonnier*, 1976) que denunciam com realismo a ditadura no Haiti.

**Roland Morisseau** e **René Philoctète** (1932-1999) são os mais moderados do grupo. Fazem parte da tradição *indigéniste*. Roland Morisseau exilou-se no Canadá depois de ter publicado três coletâneas no Haiti (*Cinq poèmes de reconnaissance*, 1961; *Germination d'espoir*, 1962; *Clef du soleil*, 1963). No exílio, publicou a coletânea *La chanson de Roland* em 1979 e *La Promeneuse au jasmin* em 1988.

**René Philoctète**, dramaturgo e romancista, não suportou o exílio e voltou para o Haiti. Seus primeiros poemas eram ingênuos e doces e, aos poucos, foram tornando-se sombrios. Participou do início do *Spiralisme*,

O *Spiralisme* era mais um estado de espírito do que uma escola. Era quase uma rebelião total contra a angústia vivida sob o regime de Duvalier. Dele fazem parte três

escritores: **Jean-Claude Fignolé**, **René Philoctète** e **Franck Étienne**, seu principal teórico.

**Franck Étienne** nasceu em 1936. Seus primeiros livros, uma coletânea de poemas *Chevaux de l'avant-jour* e o romance *Mûr à crever* (1968) mostram o vigor de sua escrita do caos. Em 1972 publica sua grande obra o livro *Ultravocal*. O trabalho de escrita desse livro leva o autor à pintura, sua outra forma de expressão. Em 1975 publica *Dézafi* em crioulo, livro que conta a história de um homem transformado em zumbi. Foi considerado um marco por ser o primeiro grande romance escrito em crioulo (*“l'écrivain haïtien Frankétienne se fit, dans son ouvrage Dézafi, le forgeron et l'alchimiste tout à la fois de la nervure centrale de notre authenticité: le créole recréé par et pour l'écriture”*<sup>48</sup>). Depois, escreve *L'Oiseau schizophone* entre 1986 e 1993, um livro longo de 812 páginas que pertence a diversos gêneros: prosa, poesia, colagens. Com sintaxe reduzida ao mínimo, neologismos, sem seleção ou censura, repetitivo, desorganizado e rebelde é considerado profundamente haitiano, chegando a ser ilegível. Também é conhecido por seu teatro em crioulo com peças políticas subversivas.

Para terminar, outros dois nomes da literatura haitiana atual que simbolizam vias distintas, sem pertencer a nenhuma escola.

**Gary Victor** nasceu em 1958 em Porto Príncipe. Agrônomo de formação, descreve a vida cotidiana popular contando histórias engraçadas do dia-a-dia dos haitianos como passagens da elite ou a perplexidade dos estrangeiros frente às sutilezas da vida haitiana. É difícil para um leitor não haitiano apreciar uma vez que não conhece a maioria das referências. Utiliza o francês, francês haitiano e o crioulo em função dos personagens em ação. Justin Lhérisson é seu predecessor no gênero.

**Lyonel Trouillot** nasceu em 1956 em Porto Príncipe. Viveu muitos anos nos Estados Unidos antes de instalar-se novamente no Haiti em 1982. Depois de um primeiro livro de poesia em crioulo (*Dépalè*, 1980; *Zanj nan dlo*, 1995), escreveu três romances *Les Fous de Saint-Antoine*, 1989; *Le livre de Marie*, 1993 e *Rue des pas perdus* em 1996. Sua escrita é forte, audaciosa e muito lírica. Publicou uma coletânea de textos de Philoctète em 2003, *Anthologie poétique* e *Bicentenaire* em 2004.

#### 2.4. Escritores da diáspora

---

<sup>48</sup> BERNABÉ Jean, CHAMOISEAU Patrick et CONFIAINT Raphaël. *Éloge de la Créolité*. Gallimard/Presses Universitaires Créoles, Paris, 1989, p. 23.

Os quatro principais lugares de exílio foram: África, Estados Unidos, França e Quebec.

#### 2.4.1. Escritores exilados na África

O principal deles foi **Roger Dorsinville** (1911-1992). Nomeado embaixador do Senegal por Duvalier que queria afastar seu espírito crítico, demitiu-se e ficou trinta anos na África. Escreveu romances “africanos” dentre os quais *Kimby* (1973), *L’Afrique des rois* (1975), *Un homme en trois morceaux* (1975) e *Renâitre à Dendé* (1980), um romance “haitiano” *Mourir pour Haiti* (1980) e dois romances “afro-haitianos” *Ils ont tué le vieux blanc* (1988) e *Les Vévés du créateur* (1990). Também foi poeta, antropólogo, historiador e crítico literário. Seu ciclo africano é considerado uma parte importante de sua obra: são escritos de denúncia pelo olhar de um etnólogo. É considerado ao mesmo tempo escritor africano e haitiano uma vez que a realidade social dos dois países traz à tona problemas semelhantes.

#### 2.4.2. Escritores exilados nos Estados Unidos

Apesar da existência de uma grande comunidade haitiana a adaptação ao país é difícil, seja pela língua inglesa, seja pelo comportamento racista de grande parte dos americanos.

**Edwidge Danticat** nasceu em Porto Príncipe em 1969. Chegou muito jovem aos Estados Unidos (com 12 anos) e publicou em inglês seu primeiro romance em parte autobiográfico *Breath, Eyes and Memory* (1994) traduzido para o francês em 1995 com o título *Le Cri de l’oiseau rouge*. No livro ela mostra o cruzamento da realidade haitiana com a realidade dos nova-iorquinos. Em seguida publica uma coletânea de contos *Krik? Krac!*. Em seu segundo romance *The Farming of Bones* (1998) traduzido no ano seguinte para o francês como *La Récolte douce des larmes* ela cria uma ficção em torno dos acontecimentos trágicos entre haitianos e dominicanos de 1937.

**Félix Morisseau-Leroy** (1912-1998) estudou Direito em Porto Príncipe. Autor bilíngue (francês-crioulo), exilou-se primeiro no Senegal e mais tarde em Miami. É um dos principais promotores da língua crioula. Sua coletânea *Dyakout I*, de 1953, é a obra fundadora da nova literatura crioula. Traduziu uma série de obras clássicas para o crioulo



como *Antigona* de Sóphocles em 1953. Para ele escrever em crioulo era uma ação política que tinha como objetivo fazer com que todos os haitianos participassem do futuro de seu país.

**Marie Chauvet** (1916-1975), uma das grandes escritoras haitianas, é o nome mais conhecido dos exilados nos Estados Unidos. Escreveu, entre outros, a trilogia *Amour, Colère et Folie* publicada na França pela editora Gallimard por recomendação de Simone de Beauvoir. Essa trilogia constitui uma crítica feroz a elite mulata haitiana (da qual fazia parte) assim como a denúncia dos abusos do regime *noiriste*.

**Paul Cauvin** nasceu em 1940 na ilha de la Tortue. Foi um dos poetas mais ativos do grupo chamado “*Régénération du Nord-Ouest*” nos anos 60. Exilou-se em Nova York em 1972 onde abandonou seu trabalho mais intimista (*Cantilènes d’un naufragé*, 1962; *En écoutant le mistral*, 1966) por outro mais militante (*Nuit sans fond*, 1976).

**Paul Laraque**, poeta, nasceu em Jérémie em 1920. Instalou-se em Nova York em 1960 e voltou ao Haiti com o final da ditadura. Seus poemas são de inspiração social. Sua última coletânea foi publicada na França com o significativo título de *Le Vieux Nègre et l’exil* (1988).

**René Bélance**, poeta surrealista, nasceu em 1915. Seus textos são breves, cheios de humildade e silêncio. Publicou algumas coletâneas nos anos 40 e uma última já em seu exílio nos Estados Unidos: *Nul d’ailleurs* em 1984. Depois disso voltou a instalar-se no Haiti.

**Roger Pradel** nasceu em 1915. Depois de uma carreira de militar no Haiti partiu para o exílio em 1965. Lá escreveu duas novelas em tom pessoal e comovente (*Les Exploits du colonel Pipe* e *L’Averse* em 1974).

#### 2.4.3. Escritores exilados na França

**Jean-Claude Charles** nasceu em 1949. Ao contrário de Métellus não procura afirmar seu lado haitiano e se diz um “*polygraphe*”, ou seja, um homem habitado por muitas vozes. Considerado o poeta surrealista haitiano, inspira-se em Rimbaud e Magloire Saint-Aude. Seus textos de ficção tem muito pouco de narrativos (*Sainte dérive des cochons*, 1977; *Bamboula bamboche*, 1984; *Manhattan blues*, 1985 e *Ferdinand je suis à Paris*, 1987).

**Jean Métellus** nasceu em Jacmel, em 1937. De formação eclética, no início professor de matemática, depois doutor em medicina, lingüística e médico psiquiatra,

escreveu artigos científicos, ensaios, peças de teatro, coletâneas de poesia e romances. Se por um lado seus poemas glorificam o camponês haitiano (*Hommes de plein vert*, 1981; *Voyance*, 1985), evocando episódios simbólicos da história de seu país (*Anacoana*, 1985, conta a resistência do povo taíno face aos espanhóis), de outro seus romances revelam uma estética realista (tem em Balzac sua referência). Em seus livros sempre tratou do Haiti e de suas tragédias como o declínio da burguesia em sua cidade natal (*Jacmel au crépuscule*, 1981) a história de um exilado haitiano vivendo em Paris (*Louis Vortex*, 1992) ou a história da ocupação americana e a resistência haitiana (*Les Cacos*, 1989). Uma outra vertente de sua obra parece mais afastada dos dramas de seu país natal, pois trata de temas como a criação (*Une eau-forte*, 1983) ou o problema da não-comunicação e até mesmo da figura de um médico psiquiatra.

**Louis-Philippe Dalembert** nasceu em Porto Príncipe em 1962. Pesquisador e jornalista é um jovem escritor promissor. Já escreveu um livro de poemas (*Et le soleil se souvient*, 1989), uma coletânea de novelas (*Le Songe d'une photo d'enfance*, 1993) e um romance que tem como título um provérbio haitiano (*Le crayon du bon Dieu n'a pas de gomme*, 1996).

**René Depestre** nasceu em 1926 em Jacmel. Membro do partido comunista, exilou-se em vários países, primeiro na França, depois Praga, Havana, Brasil (onde ensinou durante dois anos literatura francesa), voltou a Paris, depois Cuba (por vinte anos dessa vez) e finalmente mais uma vez na França.

Poeta, Depestre publicou em 1945 sua primeira coletânea de poemas *Étincelles*, influenciado pelo realismo maravilhoso de Alejo Carpentier que fez uma conferência sobre esse assunto em 1942, no Haiti. Seu primeiro livro publicado em Paris foi *Végétations de clarté* (1951) e em seguida duas coletâneas (*Traduit du grand large*, 1952; *Minerai noir*, 1956) sempre em tom militante. Depois *Un arc-en-ciel pour l'occident chrétien* (1967) inspirado no vodu, *Poète à Cuba* (1976) e finalmente *En état de poésie* (1980) nos quais aparecem muito bem duas características centrais do autor: o gosto pela fantasia e pelo maravilhoso. Essas mesmas qualidades fazem dele um bom romancista com sucesso em vários romances: *Le Mât de cocagne* (1979), *Alléluia pour une femme-jardin* (1981) e *Hadriana dans tous mes rêves* (1988). A combinação de erotismo e vodu presente nos dois livros faz sua marca pessoal. Jornalista e ensaísta, publicou em 1998 uma grande contribuição para a problemática atual da mestiçagem: *Le Métier à métisser*.

#### 2.4.4. Escritores exilados no Quebec

**Gérard Étienne** nasceu em 1936 no Cap-Haïtien e exilou-se em 1964 no Canadá. Sua produção literária reflete os ritmos, as crenças e as vozes de sua terra natal. Escreveu *Le Nègre crucifié* em 1974, um testemunho sobre a tortura sem esconder nenhum detalhe horrível imposto aos prisioneiros, citando inclusive o nome de torturadores. Para esse relato utilizou uma sintaxe desarticulada com palavras do crioulo. Depois, escreveu outros romances como *Un ambassadeur macoute à Montréal* (1979) e *La Reine Soleil levée* (1987) em um tom bem menos chocante. No livro *Une Femme muette* de 1983 mostra a questão do negro no mundo dos brancos, ou seja, a questão da adaptação dos imigrantes antilhanos em um país desenvolvido como o Canadá e as profundas diferenças étnicas, econômicas, culturais, históricas e religiosas que existem em relação a sua região de origem.

**Émile Ollivier** (1940-2002), sociólogo, foi autor de vários romances centrados no tema da memória, da identidade e as dificuldades do exílio. Para ele o trabalho com a memória é importante em primeiro lugar para que possa situar-se, mas também, pelo resgate da memória coletiva do povo haitiano. Escreveu, entre outros, *Paysage de l'aveugle*, 1977; *Mère-Solitude*, 1983; *La Discorde aux cent voix*, 1986; *Passages*, 1991; *Les Urnes scellées*, 1995. Em seu último ensaio *Repérages* (2001), coloca questões sobre a identidade, o território e a língua. No livro reflete sobre o papel do escritor e do artista, traça seu próprio percurso de romancista e ensaísta que o levam a uma “escrita de fronteira”.

**Dany Laferrière** nasceu dia 13 de abril de 1953 em Porto Príncipe. Passou a infância em Petit-Goâve com sua avó. Trabalhava como jornalista no jornal *Petit Samedi Soir*, mas com o assassinato de seu amigo e colega de trabalho Gasner Raymond deixou o Haiti, em 1976 e passou a viver em Montreal. Em Montreal conhece o sucesso com a publicação de seu livro *Comment faire l'amour avec un nègre sans se fatiguer* (do qual foi feito um filme). Viveu mais de dez anos em Miami antes de voltar a morar em Montreal em 2002. Como ele explicou na revista semanal *Voir*, em março de 2000, seu território, o que chama de “presente” “*part de Petit-Goâve et rejoint Montréal, puis passe par New York, Miami et Port-au-Prince, puis revient à Miami, et à Montréal, et tout cela se déroule 'en Amérique'*”.

Recentemente começou a trabalhar com cinema. Transformou seu romance *Le Goût des jeunes filles* em roteiro para o filme de John L'Écuyer. Em 2004, dirigiu seu primeiro filme *Comment conquérir l'Amérique en une nuit*, no qual seus dois universos

Montreal e Porto Príncipe cruzam-se. Segundo ele, é um filme “*solidement planté dans le réel et le revê*”.

Ao longo desses anos de literatura, percebemos a presença de temas como a escravidão e suas conseqüências, o inferno da cana-de-açúcar, as dificuldades de relações entre classes sociais, raças e nacionalidades diferentes, o preconceito da cor, a violência das relações entre homens e mulheres, os excessos machistas, o problema social e econômico, assim como a paisagem (com suas singularidades tropicais e heranças coloniais). A questão da língua e o desejo de fazer ecoar na escrita do francês (ou do inglês) o imaginário poético da oralidade crioula, também aparece como preocupação constante.

Apesar de ser difícil conseguir escapar da antiga missão de denúncia e de reivindicação e tentar abster-se do debate social e político, nota-se na literatura haitiana realizada no Haiti ou fora dele, que ela continua a afirmar sua vontade militante dentro de uma grande diversidade estética. Essa literatura ainda jovem procura achar suas próprias marcas e se livrar dos modelos antigos (as feridas históricas e o perigo da representação do exotismo).

## PARTE II

Essa segunda parte aproxima-se do escritor haitiano Dany Laferrière e procura entender como ele se relaciona com suas influências literárias, com as diferentes línguas que fala e com as várias culturas com as quais convive. Dessa forma busca compreender as origens e a formação desse escritor crioulo.

## 1. Dany Laferrière

### 1.1. Escolhas literárias

Laferrière, no livro *J'écris comme je vis*<sup>49</sup>, fala sobre suas preferências literárias. Segundo ele, quando começou a ler romances haitianos, os grandes autores lidos eram: Jacques Roumain, Jacques-Stephen Alexis e Marie Chauvet. Jacques Roumain teria sido um encontro decisivo para ele que se deixou seduzir por sua escrita e a mistura das línguas francesa e crioula. Vê os três autores da seguinte forma: se por um lado Roumain trabalha com a vida no campo, Jacques-Stephen Alexis, dedica-se à cidade. Sendo os dois comunistas procuraram por meio de seus livros mostrar a resistência dos trabalhadores ao poder opressivo. Já Marie Chauvet ocupa o espaço das pequenas cidades e procura compreender as origens profundas da ditadura Duvalier, destrinchando a questão social e apontando a responsabilidade da burguesia haitiana. O livro *L'Espace d'un cillement* de Jacques-Stephen Alexis é citado no livro *Le cri des oiseaux fous* e seu autor comparado ao amigo Gasner, também assassinado pelos tontons macoutes:

*“Quand on y regarde de plus près, Gasner ressemble un peu à Alexis. Ils avaient la même vision romantique de la vie.”*<sup>50</sup>

Um autor que considera um marco por seu papel totalmente inovador ao resgatar as raízes do povo haitiano é Jean Price-Mars. Um escritor de quem se sente próximo é Jean-Claude Charles, segundo Laferrière o que o aproxima do autor são as dúvidas existenciais e a mania de sentir-se perseguido; o que o afasta é o lado *dandy* e um pouco *snob* de Charles.

---

<sup>49</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *J'écris comme je vis*, Entretien avec Bernard Magnier. Lanctôt Éditeur, Québec, 2000, p. 54-71.

<sup>50</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *Le Cri des oiseaux fous*. Le Serpent à Plumes, Paris, 2002, p.101.

Como um autor que influenciou seu trabalho, cita Magloire Saint-Aude, para ele a maior figura da poesia haitiana, de quem tira todas as epígrafes de seu livro *Le goût des jeunes filles*<sup>51</sup> (uma para cada um dos 39 capítulos). No livro *Le Cri des oiseaux fous*, Félix Morisseau-Leroy é citado como “*le plus grand poète haïtien de langue créole*”<sup>52</sup>. No livro é encenada a peça *Antígona* de Sóphocles traduzida para o crioulo por Morisseau-Leroy que adaptou a ação para a vida rural haitiana. Outro poeta que aparece na epígrafe de um livro seu, *L’Odeur du café*, é Jean-Fernand Brière.

Sobre Franck Étienne, diz admirá-lo e espera dele o livro que vai fazer com que todos falem do Haiti em outros termos que não pela pobreza e ditadura, contudo, acredita que ele se perca em idiossincrasias escrevendo romances que poucos entendem.

O único escritor haitiano com quem mantém uma correspondência é uma mulher, Edwige Danticat. Acredita que dentro de alguns anos ela será uma grande escritora, no entanto ainda não encontrou seu caminho. Outros dois escritores atuais que julga serem interessantes são Gary Victor e Louis-Philippe Dalembert.

Dany Laferrière afirma que os escritores que o interessam são aqueles que misturam vida e obra e, nesse ponto, os haitianos contribuíram pouco para sua formação. Levando em conta esse aspecto, no nível internacional, cita um vasto leque de escritores, desde o japonês Junichiro Tanizaki (1886-1965) e seus livros *Journal d’un vieux fou* e *Confession impudique* até Albert Camus (1913-1960). O americano Henry Miller (1891-1980) aparece como uma grande influência que já passou. Autores que continuam a impressioná-lo seriam o argentino Jorge Luis Borges (1899-1986) e os americanos James Baldwin (1924-1987) e Charles Bukowski (1920-1994), sobre eles diz:

*“Là où ils se ressemblent tous les trois c’est qu’il s’agit toujours d’un individu qui refuse de rester à la place que l’histoire ou la géographie lui avait assignée. Si Borges a refusé de n’être qu’un écrivain argentin, juste bon pour apporter un vent frais des pampas dans les salons européens, James Baldwin n’a jamais voulu, lui, être identifié uniquement comme un écrivain noir.”*<sup>53</sup>

---

<sup>51</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *Le goût des jeunes filles*. VLB Éditeur, Québec, 1992.

<sup>52</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *Le Cri des oiseaux fous*. Le Serpent à Plumes, Paris, 2002, p.142-143.

<sup>53</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *J’écris comme je vis*, Entretien avec Bernard Magnier. Lanctôt Éditeur, Québec, 2000, p. 67.

Além desses autores, lembra que o livro *Le Maître et Marguerite*, do russo de origem ucraniana Mikhail Boulgakov (1891-1940), no qual fantástico e real se misturam de forma que o fantástico passa por real e o real por fantástico, foi um dos grandes livros de sua vida.

Para terminar, elege os clássicos Montaigne, Horace e Diderot.

## 1.2. A questão do exílio

Dany Laferrière nasceu no Haiti, em Porto Príncipe, em 1953. Exilou-se com 23 anos no Canadá, na cidade de Montreal (chegou em junho de 1976), onde viveu até 1990 quando mudou-se para Miami. Em 2002 voltou para o Quebec.

Laferrière deixou seu país durante a ditadura de Jean-Claude Duvalier (Baby Doc, 1971-1986), filho de François Duvalier (Papa Doc, 1957-1971), para viver no exílio:

*“À dix-neuf ans, je devenais journaliste en pleine dictature des Duvalier. Mon père, lui aussi journaliste, s’était fait expulser du pays par François Duvalier. Son fils Jean-Claude me poussera à l’exil. Père et fils, présidents. Père et fils, exilés. Même destin.”*<sup>54</sup>

No exílio, nasceu o escritor. Utilizando uma expressão do crítico literário haitiano Maximilien Laroche, podemos dizer que Dany vive a *double scène de la représentation*:<sup>55</sup> expressa-se numa língua que não é a sua e vive em um país que não é o seu. No entanto, é claro que o exílio não é só um afastamento, é também uma aproximação com o novo. Clément Moisan, professor e especialista em literatura do Quebec, em seu ensaio sobre o exílio diz:

*“L’exil prend deux formes et deux états: l’éloignement par force ou non de sa patrie d’origine et le séjour prolongé ou non dans un lieu différent par sa culture, ses traditions, ses mentalités. Il en résulte toujours un déracinement et un racinement, une*

---

<sup>54</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*, Le serpent à plumes, Paris, 1997, p.149-150.

<sup>55</sup> LAROCHE, Maximilien. *La double scène de la représentation, Oraliture et Littérature dans la Caraïbe*.

*polarisation sur l'ici et sur l'ailleurs, une recherche d'identité dans l'altérité, en somme une double appartenance.*”<sup>56</sup>

O exílio não é só um lugar que desenraiza, mas também uma ponte possível na direção de uma outra cultura que permite aproximar dois mundos diferentes. Laferrière costuma afirmar que o único exílio que conhece é o do tempo, sente-se exilado de sua infância, algo que já não pode mais alcançar. Segundo ele, não teria experimentado outro exílio:

*“Je crois que l'exil n'a jamais existé pour moi parce que j'ai choisi de quitter et parce que j'ai vite compris que la question de l'exil est une question personnelle. Vous êtes exilé si vous n'êtes pas à l'endroit où vous aimeriez être ou qu'on vous empêche d'y être. Si vous ne voulez pas être dans cet endroit là, vous ne pouvez pas être exilé de cet endroit là. Comme je ne voulais pas être en Haïti, je n'étais pas un exilé. Donc, j'étais à un autre endroit.”*<sup>57</sup>

Esse escritor, que passou parte da infância numa pequenina cidade do Haiti, Petit-Goâve, a adolescência na capital, Port-au-Prince, tornou-se, de fato, adulto no Canadá (Quebec), e viveu alguns anos em Miami (Estados Unidos), se diz americano, pois apesar de dividido entre três países sempre viveu na América:

*“J'ai l'habitude de dire que je suis un homme en trois morceaux: mon cœur est à Port-au-Prince, mon esprit à Montreal, et mon corps à Miami.”*<sup>58</sup>

França e África aparecem, sobretudo, como dois fantasmas (no sentido psicanalítico do termo):

---

<sup>56</sup> MOISAN, Clément in *L'écriture de l'exil dans les œuvres des écrivains migrants du Québec*.

<sup>57</sup> “**L'identité culturelle haïtienne**”, conférence 8 novembre 2000 à Bruxelles, no site <http://www.lehman.cuny.edu/ile.en.ile/paroles/laferriere.html>

<sup>58</sup> LAFERRIERE, Dany. *J'écris comme je vis*, Lanctôt Éditeur, Canada, 2000, p.49



*“Haiti avait tenté de construire son identité avec deux phantasmes purs (je parle du regard que nous portons sur ces pays): la France et l’Afrique...”*<sup>59</sup>,

Esse ser intercultural procura escapar às etiquetas que, segundo ele, a crítica literária insiste em colar nos autores. Dany Laferrière recusa-se a defender bandeiras ou pertencer a escolas literárias. Tenta escapar de definições e enquadramentos, e para tanto utiliza-se do *détour*<sup>60</sup>, é a forma que encontra para abrir-se para o outro sem se perder (o desvio é a prática do oprimido, é a prática da sobrevivência).

O pensador da Martinica, Frantz Fanon, em seu livro *Peau noire, masques blancs*, afirma que: *“Parler une langue, c’est assumer un monde, une culture”*<sup>61</sup>. Concordando ou não com esta frase ela parece pedir uma explicação para aquele que fala/escreve em uma língua que não é a sua. Laferrière escreve seus livros em francês e as razões que enumera para explicar essa escolha nem sempre são fáceis de compreender.

### 1.3. A França e a Francofonia

O autor de *Pays sans chapeau* afirma:

*“je suis un écrivain américain écrivant directement en français, et non un écrivain francophone.”*<sup>62</sup>

Essa frase, contraditória à primeira vista, esconde questões interessantes. Para entendê-la melhor é preciso buscar outras afirmações e informações e colocá-las lado a lado com o intuito de nos aproximarmos ainda mais desse escritor crioulo.

---

<sup>59</sup> Ibedem, p.90

<sup>60</sup> GLISSANT, Édouard. *Introduction à une Poétique du Divers*, Presses de l’Université de Montréal, 1995.

<sup>61</sup> FANON, Frantz. *Peau noire, masques blancs*. Seuil, Paris, 1975, p.30.

<sup>62</sup> **De la Francophonie et autres considérations...** Entrevista com Dany Laferrière de Ghila Sroka no site <http://www.lehman.cuny.edu/ile.en.ile/paroles/laferriere.html>

Em 1970, acontece a criação institucional do termo francofonia<sup>63</sup>. Ele pode ser considerado, antes de tudo, um termo político, pois designa um espaço cultural e econômico delimitado pela língua francesa. No entanto, quando associado à literatura costuma designar a literatura que é feita fora da França ou por autores não franceses. Estabelece assim uma diferenciação entre aquilo que é produzido por franceses e a produção de não franceses. Sendo assim, refere-se não a um campo lingüístico, mas sim a um espaço geopolítico, delimita uma zona de influência.

Vejamos como o próprio autor vê a francofonia:

*“On n’est jamais très sûr si le mot inclut la France elle-même, ou s’il ne s’applique pas uniquement aux pays où on parle français à l’exception de la France. Cette distance crée une situation extrêmement désagréable; on a l’impression que la France est en train de se constituer un empire.”*<sup>64</sup>

É clara sua recusa do termo. Afinal francofonia, literatura de imigração não seriam formas de denominar o que está à margem, na periferia e não no centro?

Para compreender a relação que se estabeleceu entre o escritor e a língua francesa, acredito ser interessante ler o depoimento dele sobre sua primeira língua, a língua por meio da qual aprendeu a conhecer o mundo:

*“Avant d’aller à l’école, à Petit-Goâve où j’ai passé mon enfance avec ma grand-mère, j’ai surtout parlé créole. (...). Ma grand-mère, j’imagine comme beaucoup d’autres grand-mères, m’a nourri d’histoires, de contes et de proverbes créoles. Il n’y a pas*

---

<sup>63</sup> O termo *francophonie* teria surgido com o geógrafo francês Onésime Reclus (1837-1916), que teve a idéia de classificar os habitantes do planeta em função da língua que falam com suas famílias ou em suas relações sociais. Começou por populações que falavam francês e deu origem ao termo que designava em seu primeiro sentido o conjunto de territórios onde se fala francês, unindo a idéia de língua a uma relação geográfica. Porém, com a morte do geógrafo não se ouviu mais esse termo até 1962, quando em um número especial da revista *Esprit* chamado “*Le français dans le monde*” vários escritores trataram da francofonia referindo-se ao sentimento de pertencer, por meio da língua francesa, a uma comunidade de pensamento, a uma cultura. Porém, referiam-se exclusivamente às antigas colônias francesas da África ocidental, do Maghreb e da Indochina. A seguir, a palavra foi incorporada a alguns dicionários somente com o sentido de aquele que fala habitualmente a língua francesa. Em 1968, o *Quid* dedicou à francofonia um longo comentário, mostrando-a como uma realidade e como coletividades de povos que falam a mesma língua o que dava margem a várias interpretações.

<sup>64</sup> **De la Francophonie et autres considérations...** Entrevue avec Dany Laferrière par Ghila Sroka no site <http://www.lehman.cuny.edu/ile.en.ile/paroles/laferriere.html>

*eu que cet aspect un peu folklorique. Toute la vie quotidienne se passait en créole. C'est la langue que je parle sans penser. Et c'est dans cette langue que j'ai découvert qu'il y avait un rapport entre les mots et les choses. Dans le créole, il y a des mots que j'aime entendre, des mots que j'aime dire, des mots qui me sont bons dans la bouche. Des mots de plaisir, liés surtout aux fruits, aux variétés de poissons, aux désirs secrets (des mots à ne pas prononcer devant les grandes personnes), aux jeux interdits.”<sup>65</sup>*

Percebemos a relação afetiva e quase material com a língua; ela traz em si não só o som, mas o cheiro, a forma e a concretude dos objetos. O francês veio depois, como a língua que devia ser aprendida para se ter acesso à educação, à civilização e como possibilidade de abrir-se para o mundo. De um lado, a nova língua entra desvalorizando a primeira e criando uma deformação na imagem de si; de outro, ela torna possível o acesso a outras culturas. Foi por meio da língua francesa que Dany afirma ter conhecido grandes escritores, não só os franceses, mas também autores traduzidos em francês:

*“Haiti ne m’aurait pas donné cela. Il faut un pays riche pour mettre à disposition toute cette culture. Je pourrais aussi mentionner toute cette musique internationale acquise par le réseau français.”<sup>66</sup>*

Essa cultura que adquiriu por meio da língua francesa o ajuda a defender-se dos americanos:

*“Je me sers alors de la France contre l’Amérique, en lui montrant ce raffinement culturel qui me vient de la France, cette ouverture sur le monde interdits aux Noirs enfermés dans les ghettos. (...) Cette culture, je l’ai reçue de la France. Je suis un*

---

<sup>65</sup> **Ce livre est déjà écrit en anglais, seuls les mots sont en français.** Comunicação feita em Liège, em 1999. Colóquio: *Traces et Présences de l’Afrique aux Amériques et en Europe: de l’esclavage à l’émigration*. No site <http://www.lehman.cuny.edu/ile.en.ile/paroles/laferriere.html>

<sup>66</sup> **De la Francophonie et autres considérations...** Entrevue avec Dany Laferrière par Ghila Sroka no site <http://www.lehman.cuny.edu/ile.en.ile/paroles/laferriere.html>

*petit communard qui est en train de se sauver, littéralement, avec la caisse du patron.”<sup>67</sup>*

Portanto, apesar de tudo, ele é orgulhoso de sua formação com bases na cultura francesa.

Dany afirma ter escrito seu primeiro livro (*Comment faire l’amour...*) em francês por não dominar suficientemente o inglês. Acredita que se tivesse escrito seus romances em inglês já teria sido descoberto por uma grande editora francesa e traduzido por ela. Obtendo sucesso primeiro nos Estados Unidos seria aceito mais facilmente no mercado europeu. Porém, fez o caminho inverso e é mais lido em inglês (língua para a qual foram traduzidos sete dos dez livros de sua biografia americana<sup>68</sup>) do que na Europa. Contudo, ainda escreve em francês e talvez a afirmação que Dominique Combe faz em seu livro *Poétiques francophones* revele uma outra razão para fazê-lo:

*“Enfin, les littératures francophones sont fortement liées, envers et contre tout, à la vie littéraire française, ne serait-ce que parce que Paris est la capitale de l’édition en langue française et demeure, malgré l’attrait exercé par Genève, Bruxelles, Londres, New York et Montréal, un grand foyer de convergence cosmopolite.”<sup>69</sup>*

Outro elemento importante nessa escolha foi o fato de ter encontrado, quando chegou em Montreal, uma língua francesa diferente: o francês falado no Quebec não é o francês do colonizador, mas sim do colonizado, ou seja, uma língua inferior, como ele aprendeu a perceber o crioulo quando vivia no Haiti. A questão da língua e da

---

<sup>67</sup> Ibidem

<sup>68</sup> Traduções de Dany Laferrière **para o inglês:** *How to Make Love to a Negro*. David Homel, trans. Toronto: Coach House Press, 1987; London: Bloomsbury, 1991. *Eroshima*. David Homel, trans. Toronto: Coach House Press, 1991. *An Aroma of coffee*. David Homel, trans. Toronto: Coach House Press, 1993. *Dining with the Dictator*. (*Le goût des jeunes filles*). David Homel, trans. Toronto: Coach House Press, 1994. *Why must a Black Writer Write about Sex? (Cette grenade...)* David Homel, trans. Toronto: Coach House Press, 1994. *A Drifting Year*. David Homel, trans. Toronto: Douglas & McIntyre, 1997. *Down among the Dead Men*. (*Pays sans chapeau*) David Homel, trans. Vancouver: Douglas & McIntyre, 1997. **Para o espanhol:** *Cómo hacer el amor con un negro sin cansarse*. Lluís Maria Todó, trad. Barcelona: Ediciones Destino, 1997. **Para o holandês:** *Vrijen met een neger tot je zwart ziet*. Chris van de Poel, trad. Leuven: Kritik-Goossens, 1992. *Eroshima*. Chris van de Poel, trad. Leuven: Kritik-Goossens, 1992. Laferrière também foi traduzido para o italiano, o sueco, o grego e o coreano.

<sup>69</sup> COMBE, Dominique. *Poétiques francophones*. Hachette, Paris, 1995, p. 10.

independência é onipresente no Quebec. Lise Gauvin, canadense especialista nas relações entre língua e literatura, em seu livro *La fabrique de la langue* afirma:

*“Percevant leur littérature comme une littérature de colonie, les écrivains québécois du XIXe siècle décrivent leur langue comme une langue d’exil et insistent sur la distance qui les sépare, aussi bien physiquement que symboliquement, de la mère patrie. (...) Prenant conscience de l’état de domination et de demi-colonialisme dans lequel se trouve alors la société québécoise, ces écrivains perçoivent la dégradation de leur langue comme un effet de cette domination. La langue devient pour eux symptôme et cicatrice.”*<sup>70</sup>

Perceber essa relação entre o quebequense e sua língua ajudou a criar uma cumplicidade entre Dany e o país que o acolheu em seu exílio. Assim, escolhe o francês como língua de criação:

*“Qui choisir? Mon ancien colonisateur: le Français ou le colonisateur de mon ancien colonisateur: l’Anglais? Le français fait pitié, mais je sais qu’il fut un maître dur. Finalement, je pris une décision mitoyenne. Je choisis de devenir un écrivain américain écrivant directement en français.”*<sup>71</sup>

E o que explicaria a quase ausência do crioulo em seus livros? Segundo Dany, porque a maioria de seus leitores não sabe crioulo. Em seu livro *Pays sans chapeau*, o autor colocou um provérbio em crioulo no início de cada capítulo, com a tradução em francês abaixo. Vejamos o que diz a respeito:

*“Tu as bien vu, ce livre est écrit à la fois en français et en créole.  
Le créole existe même quand les personnages s’expriment en*

---

<sup>70</sup> GAUVIN, Lise. *La fabrique de la langue*, de François Rabelais à Réjean Ducharme. Éditions du Seuil, Paris, 2004, p. 265-266.

<sup>71</sup> **Ce livre est déjà écrit en anglais, seuls les mots sont en français.** Comunicação feita em Liège, em 1999. Colóquio: *Traces et Présences de l’Afrique aux Amériques et en Europe: de l’esclavage à l’émigration*. No site <http://www.lehman.cuny.edu/ile.en.ile/paroles/laferriere.html>

*français. D'ailleurs l'un des personnages signale qu'ils sont en train de parler créole depuis un certain temps, alors qu'ils n'avaient pas arrêté de parler français. Le fait est que je me perds dans ce fouillis linguistique. Je suis traversé par différentes langues, par différentes coutumes, par différentes histoires, qui se livrent une guerre incessante pour savoir qui va dominer mon esprit.*"<sup>72</sup>

Nesta citação, o autor faz referência ao seguinte trecho do livro *Pays sans chapeau*:

*“– Déjà la langue... Là, on se parle en créole, et on ne sait même pas si on se parle en créole. On se parle tout simplement. Ce n'est pas la même chose dans une autre langue, même si c'est le français, et surtout quand l'accent est différent. On n'est chez soi que dans sa langue maternelle et dans son accent. Il y a des choses que je ne saurais dire qu'en créole. Parfois, ce n'est pas le sens qui compte, ce sont les mots mêmes pour leur musique, la sensualité qu'ils dégagent, tu comprends? Il y a des mots que je n'ai pas employés depuis vingt ans, je sens qu'ils manquent à ma bouche. J'ai envie de les rouler dans ma bouche, de les mastiquer avec mes dents et de les avaler... j'ai faim de ces mots, Philippe.”*<sup>73</sup>

O escritor insiste que para ele o que importa é a cultura e não a língua (como separar as duas?) que é uma simples roupa que ele gostaria de eliminar<sup>74</sup>. Acredita que o fato de tratar de situações do dia-a-dia da cultura haitiana naturalmente já faz referência à língua que está sendo falada, pois todo o cotidiano está imerso no crioulo.

#### 1.4. A América

A América para Laferrière refere-se, por um lado ao continente americano que abrange não só os Estados Unidos, mas também Haiti e Canadá. De outro, muitas vezes

---

<sup>72</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *J'écris comme je vis*. Lanctôt Éditeur, Canada, 2000, p.181.

<sup>73</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Le serpent à Plumes, Paris, 1999, p. 204-205.

<sup>74</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *J'écris comme je vis*. Lanctôt Éditeur, Canada, 2000, p. 180.

percebemos em seu discurso que se refere ao lugar de onde fala, passando a designar apenas o país onde está:

*“Pour moi, l’espace américain n’est pas du tout un espace vaste et vague. C’est un espace très large, celui du continent, et aussi très local, celui de chaque endroit où l’on se trouve.”*<sup>75</sup>

Laferrière afirma que suas preocupações não estão voltadas para a França. Por ter os pés em território americano, decidiu escolher uma equação na qual se vê como ganhador, sendo assim, percebeu que era melhor estar do lado dos americanos que dos franceses:

*“On est loin des préoccupations d’un Chamoiseau ou d’un Confiant. Mon combat ne se faisait plus avec la France. J’avais réglé le cas de la France d’une manière inusitée, en lui faisant affronter un monstre plus fort que lui, l’Amérique. Comment? Et bien, j’avais découvert par hasard que je vivais en Amérique, qu’Haïti était en Amérique et non en Europe. Pour moi, tout devenait alors simple: si la France, comme je le constatais (le cinéma, la littérature, la gastronomie même, puisque le hamburger est l’aliment préféré des jeunes Français, le sport aussi puisque les dieux du basket règnent aussi en France, etc) se mettait à genoux devant l’Amérique, cette Amérique, alors pourquoi je baisserais la tête devant la France? Pourquoi ne pas adorer le vrai dieu? L’ancienne équation (J’adore la France qui adore l’Amérique) me parut brusquement étrange. Je n’ai qu’à répéter sans arrêt: je suis en Amérique. C’est moi l’Amérique.”*<sup>76</sup>

Em uma entrevista por ocasião do lançamento de seu livro *La chair du maître*, Laferrière diz como vê a América:

---

<sup>75</sup> GHINELLI, Paola. *Archipels littéraires*. Mémoire d’encrier, Montréal, 2005, p.100.

<sup>76</sup> **Ce livre est déjà écrit en anglais, seuls les mots sont en français.** Comunicação feita em Liège, em 1999. Colóquio: *Traces et Présences de l’Afrique aux Amériques et en Europe: de l’esclavage à l’émigration*. No site <http://www.lehman.cuny.edu/ile.en.ile/paroles/laferriere.html>

*“Depuis ‘Comment faire l’amour’, l’Amérique est totale. Il y a un paragraphe dans ce livre qui dit: «J’aime l’Amérique avec ce qu’il y a de bien, ce qu’il y a de mauvais, la bureaucratie et tout ce qu’on doit jeter et tout ce qu’on doit prendre». Je voulais dire que l’Amérique n’est pas un buffet où on choisit ce qu’on veut, il faut tout prendre. Comment faire l’amour, c’est un chant, un poème sur l’Amérique.”<sup>77</sup>*

Se por um lado a França, ausente enquanto espaço de sua obra, sempre foi sinônimo de colonizador, apesar da independência do país há 200 anos, em seu livro *Pays sans Chapeau* são os Estados Unidos que ocupam esse lugar. No livro, misturando realidade e ficção, ele narra a sua volta ao Haiti depois de viver vinte anos no exterior. Outro não é a França e sim, os Estados Unidos. Os EUA são um fantasma presente ao longo de toda narrativa.

Os americanos aparecem como o intruso que não é capaz de enxergar uma outra cultura. Em uma conversa entre o narrador e o professor J.-B. Romain da faculdade de etnologia, o professor diz:

*“– (...) Pourquoi ces Américains refusent-ils d’admettre que ce pays possède quelques dons particuliers, et qu’ils ne sont pas à vendre? Nos rêves, nos passions, notre histoire, tout ceci n’est pas à vendre.”<sup>78</sup>*

O americano incorpora a “civilização do Um” ou o “império do Mesmo”, noções de Édouard Glissant segundo as quais há um modelo único no mundo, centralizador e totalitário. Na civilização do Um não existe possibilidade de coexistência de sistemas. Fechados em si, os americanos são incapazes de aceitar um outro. Para esse Um conhecer o outro, é preciso reduzi-lo às categorias que conhece, ou seja às categorias da cultura Universal. Dessa forma, estabelece-se uma hierarquia na relação. Nas palavras de Diva Damato:

---

<sup>77</sup> Entrevista com Dany Laferrière de Ghila Srokale, maio de 1997 (sobre o livro *La Chair du Maître*). No site <http://www.lehman.cuny.edu/ile.en.ile/paroles/laferriere.html>

<sup>78</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Le serpent à plumes, Paris, 1997, p.157.



“A relação do Um com o outro será sempre necessariamente hierarquizada: proteção, educação, vigilância, intimidação, extermínio; e essa relação se exercerá necessariamente sempre no mesmo sentido, do Um para o outro. Nesse sentido o outro não fertiliza a relação com o Um na medida em que ele funciona apenas como um espelho: frio e estéril.”<sup>79</sup>

Em resposta a essa prepotência, temos no livro *Pays sans chapeau* uma fala na qual percebemos ao mesmo tempo o racismo dos americanos em relação aos negros e o desprezo destes em relação àqueles com os quais são obrigados a conviver.

*“– Les Américains, mon fils, me dit ma mère avec un sourire au coin des lèvres, ils n’arrivent même pas à distinguer un Noir instruit d’un Noir illettré, et tu leur demandes maintenant de faire la différence entre un Noir mort et un Noir vivant.”*<sup>80</sup>

Ainda, quando o narrador vai ao supermercado com seu amigo Philippe, surpreende-se com a presença de soldados americanos negros:

*"Je remarque d’abord sa nuque puissante, noire, huilée. À peine vingt ans, même pas. Il est en train de palper des oranges. Le corps tranquille. Décontracté. Présent. Partout chez lui. Le voilà qui se retourne, comme au ralenti, me voit et sourit. Je reste figé. Je suis en présence d’un soldat américain en train de faire calmement ses emplettes, non pas à Beyrouth, Berlin ou Panama, mais à Port-au-Prince. En treillis de combat.”*<sup>81</sup>

É uma presença sufocante e ele comenta que na primeira ocupação, em 1915, o governo americano enviou ao Haiti brancos racistas do sul dos EUA. Já na segunda (desde 1994), fizeram o supostamente correto: para trabalhar em um país de maioria negra, enviaram soldados negros, apesar da impossibilidade de intercâmbio, quando o Mesmo

---

<sup>79</sup> DAMATO, Diva. *Édouard Glissant, Poética e Política*. Coleção Parcours, Annablume editora, São Paulo, 1996, p.182-183.

<sup>80</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Le serpent à plumes, Paris, 1997, p.65-66.

<sup>81</sup> *Ibidem* p. 186.

procura um Outro que não o ameace e sim reafirme seu papel de Mesmo. Nada resta a fazer, como diz Philippe:

“– *Qu’est-ce que tu veux? Les Américains sont en Haïti. C’est tout.*”<sup>82</sup>

Os mais jovens não se chocam, estão habituados, enquanto para os mais velhos ou aqueles que há muito não vivem ali, essa presença é difícil. Temos dois olhares, um que olha de dentro e outro que olha de fora, um que aceita, outro que estranha.

Além da identificação territorial explícita, é bom lembrar que a grande maioria dos haitianos saem de seu país para viver nos EUA e não na França. Se do ponto de vista oficial a França está ausente do Haiti desde 1804, para Laferrière o verdadeiro fim da dominação cultural francesa no Haiti, veio com a emigração massiva de haitianos para a América do Norte.

No entanto, é importante notar que o fato de sempre ter vivido no continente americano não garante a inclusão e/ou aceitação. A América ou Novo Mundo evoca o Terceiro Mundo, o mundo do desvio, dos excluídos, da mistura de diversas culturas, incluindo a africana. Assim os latino-americanos e afro-americanos (*les gens “à préfixe”*<sup>83</sup>) se opõem aos EUA, como o desvio da norma, o centro e a periferia, o maiúsculo branco e o minúsculo negro.

### 1.5. A África

A constituição do Haiti de 1805, afirmava em francês:

*“Nul n’est digne d’être Haïtien s’il n’est bon père, bon fils, bon époux et surtout bon soldat.”*

Em um país onde a luta contra o inimigo era condição diária de sobrevivência, ser um bom soldado era o mesmo que ser um bom cidadão. Os haitianos são descendentes de africanos arrancados de sua pátria e trazidos à força para a América; tiveram que renascer americanos e para tanto foi preciso “morrer” como africanos. Glissant chama a esses africanos de “*migrant nu*”:

---

<sup>82</sup> Ibidem p.187.

<sup>83</sup> MATHIS-MOSER, Ursula. *Dany Laferrière La Dérive Américaine*. VLB Éditeur, Montréal, 2003, p. 84.

*“Il ne pouvait emporter ses outils, les images de ses dieux, ses instruments usuels, ni donner de ses nouvelles à des voisins, ni espérer faire venir les siens, ni reconstituer au lieu de la déportation son ancienne famille. Bien entendu l’esprit ancestral ne l’a pas quitté; il n’a pas perdu le sens du geste ancien. Mais il faudra des siècles de lutte pour qu’il en reconnaisse la légitimité.”*<sup>84</sup>

Uma forma de solucionar esse dilema era “inventar” a África no Haiti. Portanto, há no Haiti uma imagem da África que tem muito mais a ver com a América do que com a África real. Todo um continente, no imaginário haitiano, se resume miticamente à Guiné. O mesmo aconteceu com relação ao vodú. Religião de origem africana que sofreu transformações ao atravessar o Atlântico em navios negreiros, fragmentada no coração e na memória de negros de diferentes etnias e regiões, ou seja, diferentes línguas, hábitos, cultos. Contudo, essa religião popular no Haiti é a grande força da população rural e principal forma de resistência ao Estado junto com a língua crioula. Diz a lenda, que os negros que vinham prisioneiros nos navios negreiros, deixavam suas almas enterradas na África e chegavam ao Haiti como zumbis, mortos-vivos em corpos sem alma. De fato, o que a constituição de 1805 propunha era que o antigo africano se tornasse, efetivamente, um haitiano, identificando-se com sua nação e protegendo-a.

Laferrrière estabelece uma relação estreita entre França e África:

*“il faut la France pour que l’Afrique, cette Afrique-là, puisse exister dans ma tête. La France et l’Afrique m’ont créé. Si j’élimine un, l’autre disparaît au même moment.”*<sup>85</sup>

Para o escritor, essa África mítica é uma construção artificial. Para combater a imagem da França poderosa e enraizada nos haitianos foi preciso inventar uma África que não corresponde à real:

---

<sup>84</sup> GLISSANT, Edouard. *Le Discours antillais*. Gallimard, Paris, 1997, p.112.

<sup>85</sup> **Ce livre est déjà écrit en anglais, seuls les mots sont en français.** Comunicação feita em Liège, em 1999. Colóquio: *Traces et Présences de l’Afrique aux Amériques et en Europe: de l’esclavage à l’émigration*. No site: <http://www.lehman.cuny.edu/ile.en.ile/paroles/laferrriere.html>

*“L’Afrique servait de bouclier face à l’hégémonie française. Mais, l’Afrique étant trop loin, tout cela manquait de chair. On nageait en plein phantasme. Personne en Haïti ne savait ce qui se passait en Afrique à ce moment-là. L’Afrique que nous honorions en Haïti au début des années 30 n’existait pas en Afrique. C’est l’Afrique qu’on a reconstruite avec notre mémoire de déracinés. Il faut dire que nous sommes les seuls en Amérique à avoir tenté, à un niveau national je veux dire, cette reconquête de notre identité africaine.”<sup>86</sup>*

Essa busca da identidade africana levou ao *indigénisme* e conseqüente *noirisme*. Os negros, maioria no país, começaram a exigir cada vez mais um espaço na política que estava há muito tempo nas mãos dos mulatos. Essa divisão entre negros e mulatos e o debate em torno da questão da cor acabou levando a ditadura de François Duvalier. Daí sua recusa aos rótulos que o ligam a esse mito da África (escritor negro, defensor da negritude etc).

Segundo o escritor, o Haiti tenta construir sua identidade entre a imagem desses dois países (“*deux phantasmes*”), porém, tendo os pés em solo americano. Sempre que pode, em seus depoimentos, Laferrière insiste no ponto de ser americano e lembra que Petit-Goâve, Port-au-Prince, New York, Miami et Montreal estão no mesmo continente. Para ele as expressões Caribe, além-mar, Antilhas estão ligadas à perspectiva colonialista francesa de ligar as ilhas do Caribe à Europa e à África, mas jamais ao continente americano. Dessa forma, a geografia ganha um valor de indeterminação e a África passa a representar o que interessa ao antigo colonizador e não o que de fato significaria.

## 2. Uma literatura menor

Para aprofundar a discussão sobre língua vamos nos apoiar em alguns teóricos. Émile Ollivier, haitiano que tem na base de seu trabalho de escritor a reflexão sobre identidade e memória; Todorov que, assim como Olivier, viveu grande parte de sua vida em um país que não é o seu e fala e escreve em uma língua que não é a sua; e por último

---

<sup>86</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *J’écris comme je vis*. Lanctôt Éditeur, Canada, 2000, p. 148.

Deleuze e Guattari que propõem idéias importante para este trabalho: um modelo tetralingüístico e uma reflexão sobre o que seria uma literatura menor.

## 2.1. Émile Ollivier

Émile Ollivier, sociólogo haitiano, nasceu em 1940, passou sua juventude no Haiti, estudou em Paris e finalmente instalou-se em Montreal em 1976. Escreveu vários livros que trazem como tema central o problema da memória e da identidade do escritor. Em seu livro *Repérages*, escreve:

*“J’ai quitté Haïti; en revanche, Haïti ne m’a jamais quitté tant toute mon œuvre est obsédée par la mémoire du pays natal. Mon être haïtien, même mâtiné de plusieurs sédiments d’errance et de socialisation en terre étrangère, se révèle à ma conscience tenace, vivace. Je crois au travail de mémoire, à l’exhumation de ces paroles enfouies dans le corps et le cœur qui portent les pas dans la pierraille de l’errance et qui projettent hors de soi, sans limite.”*<sup>87</sup>

Se por um lado a memória do país natal não abandona jamais o escritor, é preciso encarar o fato de estar em um país estrangeiro, lidar com a contradição estrutural que o obriga a optar entre escrever em uma língua dominante, o francês, tendo assim a possibilidade de existência literária, ou a língua nacional, no caso do Haiti o crioulo, que o condenaria à invisibilidade ou a uma existência literária que não sairia dos domínios de sua própria sociedade. Para ele a questão da língua é primordial uma vez que a criação literária está profundamente ligada à consciência singular do escritor que é trabalhada pela realidade social à qual está enraizado. Assim o escritor fica sem saída, espremido entre duas orientações: o medo de diluição diante de um espaço literário dominante ou o isolamento que muitas vezes pode ser esterilizante. Em suas palavras:

*“En d’autres termes, s’il affirme sa différence, il se condamne à la voie difficile et incertaine des écrivains nationaux, régionaux,*

---

<sup>87</sup> OLLIVIER, Émile. *Repérages*. Leméac Éditeur, Ottawa, 2001, p. 94

*populaires, écrivant dans de petites langues littéraires et pas ou peu reconnues dans l'univers littéraire international. S'il "trahit" son appartenance, il s'assimile à l'un des grands centres littéraires en reniant sa différence. Comment échapper à l'une ou l'autre position?"*<sup>88</sup>

## 2.2. Tzvetan Todorov

Tzvetan Todorov nasceu na Bulgária em 1939 e mora na França desde 1963. Ele relembra a admiração do povo búlgaro diante do estrangeiro e a situação de inferioridade em que se colocavam:

*"J'ai grandi dans un petit pays, situé à l'une des extrémités de l'Europe, la Bulgarie. Les Bulgares ont, à l'égard des étrangers, un complexe d'infériorité: ils pensent que tout ce qui vient de l'étranger est meilleur que ce qu'ils trouvent chez eux. (...) De ce fait, tout représentant des cultures étrangères, personne ou objet, jouit d'un préjugé favorable, où s'estompent les différences d'un pays à l'autre, qui pourtant forment les clichés de l'imaginaire ethnique en Europe occidentale: pour nous, alors, tout Belge, Italien, Allemand, Français apparaissait comme auréolé d'un surcroît d'intelligence, de finesse, de distinction, et nous lui vouions une admiration (...)"*<sup>89</sup>

O efeito dessa percepção da realidade não foi pequeno sobre o sociólogo que se debruça há anos sobre o tema do contato entre culturas e seus desdobramentos. Para ele, só tomamos consciência de nossa identidade diante do diferente, assim como só é possível evoluir pelo contato com o outro<sup>90</sup>. Glissant diz o mesmo e vai além, afirmando que essa transformação acontece mesmo sem a necessidade de compreensão do outro, ao que chama de direito à opacidade:

---

<sup>88</sup> Ibidem. p. 98.

<sup>89</sup> TODOROV, Tzvetan. *Les Morales de l'histoire*, Hachette, Paris, 1991, p. 140-141.

<sup>90</sup> Ibidem. p. 148-149.

*“Dans la rencontre des cultures du monde, il nous faut avoir la force imaginaire de concevoir toutes les cultures comme exerçant à la fois une action d’unité et de diversité libératrices. C’est pourquoi je réclame pour tous le droit à l’opacité. Il ne m’est plus nécessaire de “comprendre” l’autre, c’est-à-dire de le réduire au modèle de ma propre transparence, pour vivre avec cet autre ou construire avec lui.”*

Todorov acredita que cultura e língua permitem ao indivíduo ordenar o mundo ao seu redor tornando-o inteligível, portanto o mergulho em uma cultura particular não nos afasta do universal; ao contrário, nos aproxima dele. É claro que o contato com outras culturas não tem o mesmo significado que o contato com a própria, este último é constitutivo enquanto o primeiro é crítico, pois lhe permite não considerar automaticamente os seus valores como universais:

*“Le meilleur résultat d’un croisement des cultures est souvent le regard critique qu’on tourne vers soi; il n’implique nullement la glorification de l’autre”<sup>91</sup>*

A esse olhar crítico Todorov chama de *“transvaluation”*: *“le retour vers soi d’un regard informé par le contact avec l’autre”<sup>92</sup>*.

### 2.3. Deleuze e Guattari

Gilles Deleuze e Félix Guattari no livro *Kafka, pour une littérature mineure*, definem como sendo uma literatura menor, não aquela produzida por uma língua menor, ou seja, menos importante, mas sim o que uma minoria faz em uma língua maior. A primeira característica dessa literatura é a desterritorialização. Por diversas razões, como já vimos, quando escrever na língua materna do escritor é impossível, ele passará para outra, gerando um deslocamento. A segunda característica é que tudo nela é político, o pequeno espaço onde acontece torna cada assunto individual relacionado à política. E a terceira e última característica é que tudo ganha um valor coletivo:

---

<sup>91</sup> Ibidem, p. 160.

<sup>92</sup> Ibidem p.152.

*“... ce que l’écrivain tout seul dit constitue déjà une action commune, et ce qu’il dit ou fait est nécessairement politique, même si les autres ne sont pas d’accord. Le champ politique a contaminé tout énoncé. Mais surtout, plus encore, parce que la conscience collective ou nationale est “souvent inactive dans la vie extérieure et toujours en voie de désagrégation, c’est la littérature qui se trouve chargée positivement de ce rôle et de cette fonction d’énonciation collective, et même révolutionnaire: c’est la littérature qui produit une solidarité active, malgré le scepticisme; et si l’écrivain est en marge ou à ‘écart de sa communauté fragile, cette situation le met d’autant plus en mesure d’exprimer une autre communauté potentielle, de forger les moyens d’une autre conscience et d’une autre sensibilité.”*<sup>93</sup>

Menor não qualifica certas literaturas, mas as condições revolucionárias de uma literatura nascida no seio de outra maior ou estabelecida. Muitas pessoas vivem em uma língua que não é a sua e nem conhecem a língua de sua cultura original, outros conhecem mal a língua que adotaram seja por espontânea vontade ou por falta de opção. Problemas de imigrantes e mais ainda dos filhos destes. Talvez o mais correto fosse dizer: um problema das minorias. Nas palavras de Deleuze e Guattari:

*“Problème d’une littérature mineure, mais aussi pour nous tous: comment arracher à sa propre langue une littérature mineure, capable de creuser le langage, et de le faire filer suivant une ligne révolutionnaire sobre?”*<sup>94</sup>

Para Deleuze e Guattari toda língua implica em uma desterritorialização, uma vez que a boca, a língua e os dentes encontram sua primeira territorialização nos alimentos. Dedicando-se a articulação dos sons a boca, a língua e os dentes se desterritorializam. Existe uma disjunção entre comer e falar, mais ainda entre comer e escrever. No entanto, a

---

<sup>93</sup> DELEUZE e GUATTARI, Gilles e Félix. *Kafka, pour une littérature mineure*. Les éditions de Minuit, Paris, 1975, p.31-32.

<sup>94</sup> *Ibidem* p. 35



língua compensa essa desterritorialização por uma reterritorialização do sentido. Ela passa de órgão dos sentidos a órgão do Sentido.

Se o francês do Haiti, assim como o francês do Quebec e o alemão de Praga são línguas desterritorializadas, próprias a uma utilização estranha, menor, poderíamos pensar que as línguas, dependendo do ponto de vista, ou mesmo do território (já que estamos empregando termos da Geografia) de que olhamos, assumem funções distintas. Com a intenção de estabelecer um sistema hierárquico dessas funções (transmissão de ordens, exercício do poder, instrumento de resistência a ele etc), Henri Gobard<sup>95</sup> propõe um modelo tetralingüístico: a **língua vernácula**, materna ou territorial, da comunidade rural ou de origem rural; a **língua veicular**, urbana, do estado ou mesmo mundial, língua da sociedade, de troca comercial, de transmissão burocrática, língua da primeira desterritorialização; **língua referencial**, língua do sentido e da cultura, opera uma reterritorialização cultural; **língua mítica** além das culturas da reterritorialização espiritual ou religiosa. As categorias espaço-temporais dessas línguas também diferem: a língua vernacular é aqui; veicular, em todo lugar; referencial, lá; mítica, no além. Essa distribuição varia de um grupo para outro, assim como de uma época para outra.

Esse modelo pode nos ajudar na reflexão sobre o papel das diferentes línguas no universo intercultural de Dany Laferrière, Sua língua vernácula seria o crioulo; a veicular, o francês (língua primeira de desterritorialização!):

*“La France signifie, pour le petit garçon à l’âge de la scolarisation, “une nouvelle langue”. Cette nouvelle langue fait irruption dans l’univers clos de l’enfant se suffisant à lui-même, et met en question sa conception de soi.”<sup>96</sup>*

O francês é apresentado ao pequeno Laferrière como única via de acesso ao mundo social (*la réussite sociale*), é a língua da educação, da civilização e de abertura para o mundo, língua de acesso a um universo privilegiado. Dominar a língua é um fator distintivo. Sabemos que a colonização contribui para a desvalorização dos valores locais, seguida de uma deformação da imagem de si. No caso do Haiti, porém a França, via língua, ainda criou a ilusão de que eles não viviam nas Américas e sim na Europa. Tudo isso por manter-se como a maior autoridade sobre a língua: as edições, os manuais escolares, a

---

<sup>95</sup> Ibidem p. 43

<sup>96</sup> MATHIS-MOSER, Ursula. *Dany Laferrière, La derive Américaine*, vlb éditeur, Montréal, 2003, p. 76.

educação e a padronização estão em suas mãos. Contudo, é importante lembrar que o escritor é consciente do refinamento cultural que recebeu via língua francesa. Fechados os parênteses, voltemos ao modelo tetralingüístico, a língua referencial seria o lugar ocupado pelo inglês que lhe possibilitou conquistar novos mundos, perceber-se como cidadão americano; e a língua mítica seria a língua da religião, do vodu haitiano que mistura o catolicismo aos deuses africanos, o que o aproximaria da África.

“ (...) *il se trouve que ma vie est parsemée de traces religieuses. C'est en pensant à ma vie, et en relisant mes livres que j'ai remarqué que je suis imprégné de religion.*”<sup>97</sup>

### 3. *Pays Sans Chapeau*

*Pays sans chapeau* está entre os dez livros que Dany Laferrière escreveu e que, segundo ele, constituem sua “*Autobiographie américaine*”:

1. Comment faire l'amour avec un nègre sans se fatiguer (1985)
2. Eroshima (1987)
3. L'Odeur du café (1991) (prix Carbet de la Caraïbe, 1991)
4. Le Goût des jeunes filles (1992)
5. Cette grenade dans la main du jeune nègre est-elle une arme ou un fruit ? (1993)
6. Chronique de la dérive douce (1994)
7. **Pays sans chapeau (1996)**
8. La Chair du maître (1997)
9. Le Charme des après-midi sans fin (1997)
10. Le Cri des oiseaux fous (2000)

Nesse livro o narrador conta seu retorno ao Haiti depois de viver 20 anos no Canadá e Estados Unidos. Ele fecha o ciclo cronológico da *autobiographie*. Seu olhar é o de alguém que conhece muito bem o lugar, mas é também um olhar distanciado de quem já não pertence mais. Dany, provavelmente, não teria escrito esse livro se não tivesse deixado seu país. Segundo Raphaël Confiant em seu texto *Questions pratiques d'écriture créole*:

---

<sup>97</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *J'écris comme je vis*. Entretien avec Bernard Magnier. Lanctôt Éditeur, Québec, 2000, p.165.

*“Vivant en symbiose étroite avec son milieu, il n’a pas besoin de l’esthétiser de manière verbale, scripturale ou picturale.”*<sup>98</sup>

O autor não está mais simbiótico com o seu meio, deu um passo atrás, o que lhe possibilitou o *recul*. O fato de ter vivido em culturas diferentes lhe garante isso.

Ele nos apresenta um Haiti sem exotismo, ao menos não o exotismo superficial que trabalha com elementos que reconheceríamos rapidamente como típicos das Antilhas, tais como a música, a dança, a alegria. Procura escapar da banalização retratando o dia-a-dia de pessoas em um país pobre, numa cidade superpovoada, muita gente nas ruas, sol escaldante, sujeira. A cidade de Porto Príncipe que é retratada é urbana, complexa, cheia de nuances. As personagens pertencem à diferentes classes sociais. Não é um livro alegre, pelo contrário, quase ninguém ri no livro, e quando ri é um sorriso contido, *un souri crispé, au coin des lèvres, un peu gêné*, há poucos risos de alegria. Não há música, quando se escuta o rádio são debates, notícias ou jogos. Victor Segalen em seu *Essai sur l’exotisme* diz:

*“L’exotisme n’est donc pas une adaptation; n’est donc pas la compréhension parfaite d’un hors soi-même qu’on étreindrait en soi, mais la perception aiguë et immédiate d’une incompréhensibilité éternelle.”*<sup>99</sup>

É assim que nos aproximamos do Haiti. Como a noção de opacidade de Glissant, o exotismo que Dany reserva a seu livro é a definição de uma identidade, o contorno do diverso. Ele não tem a intenção de explicar aquela realidade, só quer registrá-la. A natureza exuberante está presente, ela não é domada, as conversas são entremeadas por mangas que caem. Como numa pintura *naïve*, o autor coloca diante do leitor vários elementos, sem perspectiva, não há ponto de fuga, parece que não há seleção. Dessa forma procura invadir o leitor, “intoxicá-lo” com seu mundo:

---

<sup>98</sup> CONFIAANT, Raphaël - “*Questions pratiques d’écriture créole*” in *Écrire la parole de nuit, la nouvelle littérature antillaise*, Éditions Gallimard, 1994.

<sup>99</sup> SEGALAN, Victor - *Essai sur l’exotisme, une esthétique du divers*, Fata Morgana, Paris, 1978.

“ *Les peintres primitifs haïtiens m’ont donné ma plus grande leçon esthétique. Et c’est vrai que, quand j’écris, je tente de faire comme eux, c’est-à-dire que j’essaie d’intoxiquer le lecteur de façon qu’il ne puisse penser à un autre univers que celui que je lui propose. Je l’envahis. Je m’installe comme une évidence chez lui.* ”<sup>100</sup>

O título *Pays sans chapeau* refere-se ao mundo dos mortos, como explica o autor antes do início do livro, junto à dedicatória. “*Pays sans chapeau, c’est ainsi qu’on appelle l’au-delà en Haïti parce que personne n’a jamais été enterré avec son chapeau.*” O livro é dividido em capítulos que se intercalam, ora *Pays réel*, ora *Pays rêvé*. *Pays réel* trata da vida, é a sobrevivência, não há solidariedade. O Haiti ficou famoso por sua pobreza e coragem na luta pela sobrevivência. Porém, isso é só a superfície. Com o narrador temos a oportunidade de entrar em contato com o dia-a-dia desse povo. Estamos na capital, Porto Príncipe. Vemos a estreiteza de suas ruas, a magreza do povo, um país dilacerado, sofrido. São capítulos compostos de quadros, imagens colocadas lado a lado pelo observar e andar do narrador. Temos, por exemplo, o primeiro capítulo do *pays réel* formado pelos seguintes quadros: *La valise, Le temps, Le taxi, La colline, La nouvelle maison, Le café, Pays sans chapeau, La petite chambre, La robe grise, Les objets, La chose, Le vrai repas, Du spaghetti, Là-bas, Un monde clos, La toilette, L’escalier, Le voyage, L’habillement, La prière*. Esse acúmulo, marca da oralidade, tem como característica a redundância, traço fundamental da pintura chamada *naïve*. Esse pensamento não sistemático, um pouco errante, nos lembra a noção de acumulação de Glissant e também o estilo do contador de histórias crioulo:

“*Le conteur créole se sert de procédés qui ne sont pas dans le génie de la langue française, qui vont même à l’opposé: les procédés de répétition, de redoublement, de ressassement, de mise en haleine.* ”<sup>101</sup>

---

<sup>100</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *J’écris comme je vis*. Entretien avec Bernard Magnier. Lanctôt Éditeur, Québec, 2000, p.104.

<sup>101</sup> GLISSANT, Edouard. *Introduction à une Poétique du Divers*. Presse de l’Université de Montréal, 1995, p.90.

O autor procura nos dar a impressão de que não foi feita qualquer triagem: acumula para apreender uma realidade fragmentada, procura assim, por meio da repetição, elucidar, jogar luz sobre seu povo.

*Pays réel* é o dia enquanto *Pays rêvé* é a noite, uma noite misteriosa e mística. Nas palavras do narrador:

*“On dirait que deux pays cheminent côte à côte, sans jamais se rencontrer. Un petit peuple se débat le jour pour survivre. Et ce même pays n’est habité, la nuit, que de dieux, de diables, d’hommes changés en bêtes. Le pays réel: la lutte pour la survie. Et le pays rêvé: tous les fantasmes du peuple le plus mégalomane de la planète.”*<sup>102</sup>

Se o dia é dedicado à sobrevivência, ao presente, a noite é dos zumbis, dos fantasmas: *“Le jour à l’Occident. La nuit à l’Afrique.”*<sup>103</sup> A África seria o lado mítico, a herança dos antepassados. Existe uma relação entre a noite e a oralidade, os escravos só podiam falar à noite, quando não trabalhavam e podiam reunir-se para contar histórias:

*“L’art du conteur créole est fait de dérives en même temps que d’accumulations, avec ce côté baroque de la phrase et de la période, ces distorsions du discours où ce qui est inséré fonctionne comme une respiration naturelle, cette circularité du récit et cet inlassable répétition du motif. Tout cela converge en un langage qui court à travers les langues de la Caraïbe, anglaise, créole, espagnole ou française, qu’elle soit de Carpentier, de Walcott ou des écrivains francophones de la Martinique, de la Guadeloupe ou de Haïti.”*<sup>104</sup>

Nos capítulos intitulados *Pays rêvé* há um fio narrativo sobre a morte. Logo percebemos que no Haiti não há fronteiras entre vida e morte. Ela é uma presença constante, não é percebida como algo negativo, pelo contrário, é complementar à vida. A

---

<sup>102</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau. Le serpent à Plumes*, Paris, 1999, p. 47.

<sup>103</sup> Ibidem p. 65.

<sup>104</sup> GLISSANT, Édouard. *Introduction à une Poétique du Divers*. Presses de l’Université de Montréal, 1995, p. 34.

morte está ligada à questão do tempo, à permanência das coisas, à presença da pessoa morta na fala dos outros, como se não tivesse morrido. O tema da morte perpassa todo livro. O narrador transita entre a noite e o dia, entre a vida e a morte. Ele é convidado a visitar o país dos mortos, sem ter que dar sua vida para isso, é o único que pode fazê-lo. Quem o convida e o guia nessa empreitada é Lucrèce, um *porteur*, o feiticeiro que atravessa a fronteira entre os dois mundos. Porém, à descrição do *pays sans chapeau*, país dos mortos, o narrador dedica somente quatorze páginas. Ele é descrito da mesma forma que o país real, em quadros. Assim que volta, quando cruza a barreira para o mundo dos vivos faz a seguinte reflexão: “*Je suis maintenat dans le monde réel, et je ne vois aucune différence avec le monde rêvé.*”

Na teoria do realismo maravilhoso desenvolvida por Alejo Carpentier, o elemento mágico está associado à própria forma de ser da realidade, não há contradição, não há conflito entre as idéias; a presença incomum é simplesmente aceita, supõe uma adesão. O maravilhoso seria a forma de representar a realidade das camadas mais populares. No Haiti onde a grande maioria da população é analfabeta houve pouca penetração da cultura européia e com isso uma maior preservação da cultura popular. Carpentier ficou encantado com esse aspecto do país quando passou uma temporada lá e escreveu no prólogo de seu livro *El reino de este mundo* o seguinte:

“*Esto se me hizo particularmente evidente durante mi permanencia en Haiti, al hallarme en contacto cotidiano con algo que podríamos llamar lo real maravilloso.*”<sup>105</sup>

A morte para os haitianos, assim como a religião vodu, está ligada ao conceito de opacidade. À opacidade, especificidades da cultura, se opõe a transparência que é fundamental para o conceito de cultura universal. Até o narrador, *Vieux Os*, demonstra dificuldades para entender esta relação com os mortos depois de ter vivido tantos anos longe. Ao ouvir de seu vizinho Pierre a narrativa de que os haitianos chegaram à lua antes do americanos, pois gostam de circular no espaço, ele comenta:

---

<sup>105</sup> CARPENTIER, Alejo. Prólogo a *El reino de este mundo*. Libreria Del colégio, Buenos Aires, 1975, p. 54.

“Voilà ce que c’est que d’avoir passé près de vingt ans hors de son pays. On ne comprend plus les choses les plus élémentaires.”<sup>106</sup>

Percebe-se a intenção do autor em resgatar sua história e com ela a de seu país. Como diz Damato:

“Na emergência dessa história reprimida, o escritor tem um papel particularmente importante. Cabe a ele vasculhar a memória coletiva à procura de vestígios aparentemente anódinos, mas que podem ser o testemunho de uma carência não-admitida, de um gesto incompreensivelmente renegado. Um personagem lendário, uma expressão popular, um hábito generalizado são marcas constitutivas de um povo que precisam ser reveladas, como a película de um filme.”<sup>107</sup>

O narrador não se preocupa em explicar e tornar transparente para o leitor estes aspectos de sua cultura, ele sabe que a opacidade existe e deixa que permaneça. É assim que ele preserva o diferente, o diverso. Aquele mundo já foi seu, não é mais. Ao voltar ao seu país, Vieux Os entra em contato novamente com esse tempo, o que seguidas vezes gera desconfiança, um mal estar de quem não (re)conhece todos os elementos que estão em jogo. Por outro lado, a idéia de que nada mudou também é freqüente. Daí esse movimento contínuo ao longo do livro de estranhar/reconhecer, afastar/penetrar. A maior parte do tempo o narrador tem a postura de quem não se envolve, só observa, não julga aquilo que vê. Em vez de falar, ele escuta. São os outros personagens que articulam sua verdade. Pretende que só diz o que vê, que deixa as imagens falarem por si: “*Je ne suis qu’un voyeur*”<sup>108</sup>. Esses sentimentos dão ao livro um tom melancólico.

Essa dualidade apresentada pelo escritor nos remete à análise de Gérard Barthélémy. Seria possível desenvolver um paralelismo entre a impossibilidade de comunicação dos dois países (*réel* e *révê*) e das duas culturas (*bossale* e *créole*)? Os *créoles* seriam aqueles que dominam o país real, representam o poder, as estruturas do Estado, fazem-se sentir no

---

<sup>106</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Le serpent à Plumes, Paris, 1999, p. 114.

<sup>107</sup> DAMATO, Diva, *Édouard Glissant: Poética e Política*, Annablume Editora, São Paulo, 1996, p 87.

<sup>108</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Le serpent à Plumes, Paris, 1999, p. 171.

dia-a-dia do povo haitiano. Já os *bossales* teriam sua força no país sonhado, quando dão vazão as suas crenças, ao seu poder mítico, sua forma de resistir. O inimigo não viria mais de fora, pelo contrário, seria parte constituinte do país. A viagem do narrador ao país dos mortos seria um mergulho na cultura *bossale*. Quando volta não percebe a diferença entre os dois mundos, *pays réel* e *pays rêvé* são dois lados de uma mesma moeda que seguem sem conseguir comunicar-se. Seria o Haiti um país cindido em dois? Uma identidade que não está unificada?



### PARTE III

Desterritorializar textos, traduzindo-os, é uma empreitada que convoca muitos parâmetros. As operações em jogo, reúnem não só palavras isoladas, mas culturas; não só frases, mas textos que manifestam as decisões de escrita do autor, que trazem à tona as dessimetrias dos sistemas lingüísticos que à primeira vista julgamos tão parecidos. Por isso apresentaremos aqui, nessa terceira parte uma reflexão sobre o fazer tradutório, sobre as consequências das escolhas estilísticas do escritor Dany Laferrière. Buscaremos localizá-las e compreendê-las de forma a revelar os elementos imbricados. A compreensão de seu estilo absolutamente direto, de sua escrita sem retórica e do recorte cinematográfico que faz do aqui e agora na intenção de alcançar uma representação imediata é fundamental para uma posterior proposta de tradução.

#### 1. Leitura e Tradução

Cabe aqui uma reflexão sobre o paralelismo existente entre leitura e tradução uma vez que o tradutor é em primeiro lugar um leitor do texto que vai traduzir. A simples leitura de um texto inicia um processo de interpretação colocando em ação as capacidades intelectuais, a maneira de ser, a inserção em um tempo e em um lugar, as competências lingüísticas e o nível cultural do leitor. No entanto, o tradutor não lê apenas para se informar ou se divertir pois sabe, desde o início, que seu papel é de intermediário, ou seja, sabe que sua leitura é para uma análise que levará à tradução. Sua análise deverá levar a uma interpretação que guiará a produção de um novo texto, pois a tradução supõe um trabalho ativo de percepção de um sentido que torna-se mais preciso e afina-se ao longo do texto, e posterior reconstrução dessa intenção de significado que foi presumida. Para tanto o tradutor faz escolhas diante da pluralidade de sentidos penetrando, enquanto leitor, mais profundamente no texto.

*“Talvez fosse possível substituir na cabeça uma língua por outra, paulatinamente, descartando uma palavra a cada palavra adquirida. Durante algum tempo minha cabeça seria assim como*

*uma casa em obras, com palavras subindo por um ouvido e o entulho descendo por outro.”<sup>109</sup>*

Esta primeira idéia que temos de uma língua, etiquetas que se referem à realidade, perde-se assim que nos detemos um pouco mais em uma palavra e percebemos como seu sentido varia de acordo com o contexto, entonação, ponto de vista, em que é empregado. Percebemos, que o aprendizado de uma nova língua está cercado de nuances e complexidade e é muito mais do que simplesmente substituir palavras.

A postura de um leitor muda de acordo com o que lê, com o momento em que lê e com as razões que o levaram a ler. O psicólogo soviético, Vygotsky, pesquisou e demonstrou a estreita ligação entre pensamento e linguagem. Descobriu que fala e pensamento associam-se desde as primeiras abstrações, na infância, constituindo o pensamento verbal, a consciência. Aos poucos, a criança descobre e apreende o mundo por intermédio da língua que, como uma tela (um suporte), permite que as imagens se formem tornando possível lidar com conceitos do real e não com o real em si. Essa tela constituída por palavras permite compreender o mundo e a atuar sobre ele.

Uma palavra é um microcosmo: “é a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência”<sup>110</sup>. O sentido de uma palavra é amplo, complexo e dinâmico, vai muito além de seus significados dicionarizados. A língua, sistema arbitrário e convencional, nos dá acesso a uma imagem que é uma representação e esquematização do real. É um sistema por meio do qual organizamos nossos pensamentos e construímos uma imagem do mundo. Portanto, nossa consciência é articulada sobre as representações que fazemos do real e não sobre ele. O real se perde, é o que não é mediado pela linguagem.

As diferentes representações do real são determinadas pela maneira como cada comunidade capta a realidade, segundo suas técnicas e sua cultura, forjando termos que retomam sua experiência particular. O léxico e a gramática de uma língua refletem uma cultura específica, tingem o mundo que descrevem de uma determinada cor. Uma língua acumula e generaliza a experiência sócio-histórica de um grupo humano e sua evolução está relacionada ao intercâmbio cultural. A língua materna é a matriz de produção e organização de imagens mentais que intermedeia a atividade de construção do sentido. Na língua materna, linguagem e pensamento estão misturados.

---

<sup>109</sup> BUARQUE, Chico. *Budapeste*. Companhia das Letras, São Paulo, 2005. p120-121.

<sup>110</sup> Vygotsky, *Pensamento e linguagem*, p. 132.

Quando aprendemos uma segunda língua migramos de um sistema de representações a outro: os esquemas, as imagens mentais organizadas e estruturadas são perturbadas, questionadas, saímos do equilíbrio. Esse aprendizado deve nos levar a refazer a percepção do real e a questionar a língua materna. Ganhamos um distanciamento em relação à língua e precisamos abrir mão da ilusão de que ela corresponde ao real. Essa evidência, a palavra é a coisa, se quebra no confronto, na aprendizagem de outra língua. Torna-se preciso aceitar as múltiplas abordagens da realidade e, para tanto, abandonar o egocentrismo lingüístico e cultural. Aprender uma segunda língua é fazer coabitar vários universos de referência e diversas construções do real.

No trecho a seguir, Dany Laferrière fala de seus primeiros contatos com sua segunda língua, o francês, após o aprendizado livre do *créole*:

*“Il me fallait aller à l'école. Pour apprendre ce que je sais déjà? Oui, me répond-t-on, mais cette fois en français. Et c'est quoi le français? Un fruit exotique? Une variété de poisson? Ou un mot obscène? Non, c'est pire. C'est une nouvelle langue? Mais j'en ai déjà une, et j'en parle aussi une. Pourquoi apprendre une nouvelle langue? On ne pouvait pas m'expliquer, à l'époque, toutes ces choses que j'apprendrai plus tard. Qu'il me fallait apprendre le français si je voulais être traité comme un être humain, car ceux qui parlent créole sont des sauvages, qu'en parlant français j'aurai la possibilité de converser avec d'autres gens venant d'autres pays (et si je ne veux pas leur parler?), que la très grande majorité des livres et même ceux qui racontent mon univers sont écrits en français, et qu'en fin de compte le français est une langue de civilisation, donc si tu veux sortir de la sauvagerie, il fallait parler français... Le français est la langue du gagnant, et le créole, celle du vaincu.”*<sup>111</sup>

A língua emerge nesse trecho não como mero veículo de comunicação mas sim com a força de tudo o que pode representar pelo fato de trazer consigo a cultura, a história e a ideologia de um povo.

---

<sup>111</sup> **Ce livre est déjà écrit en anglais, seuls les mots sont en français.** Comunicação feita em Liège, em 1999. Colóquio: *Traces et Présences de l'Afrique aux Amériques et en Europe: de l'esclavage à l'émigration*. No site <http://www.lehman.cuny.edu/ile.en.ile/paroles/laferrriere.html>

É freqüente projetarmos em outra língua categorias que pertencem a nossa, como se fossem universais, afinal elas não são percebidas como arbitrárias. Ao aprendermos outras línguas, algumas oposições que não existem na nossa tornam-se visíveis. Por exemplo, descobrir que os gêneros das palavras/coisas (*la mer/o mar*) variam de uma língua a outra, podendo os objetos até constituírem um gênero à parte. O que estava oculto vem à tona. O fixo torna-se variável. Aprendemos a reconhecer como legítimos outros pontos de vista. Portanto, lidar com duas línguas é fazer irromper a diferença, revelar a falibilidade das normas e valores construídos pela língua materna e conseqüentemente questionar a legitimidade de outras normas e valores. Nesse sentido, traduzir é também um exercício de alteridade cultural e social.

A tradução assume portanto um papel essencial. Como sugere Glissant, a importância da tradução está em todos terem acesso a outras linguagens. A linguagem é a relação que se estabelece com as palavras. Sendo assim é fundamental que esta linguagem não se perca. O autor de uma obra procura expressar a totalidade das línguas por meio da sua, o tradutor fará o mesmo manifestando esse mesmo imaginário através de uma outra língua. Glissant compara a tradução à arte da fuga (composição musical que imita sem repetir):

*“Art de l’imaginaire, dans ce sens la traduction est une véritable opération de créolisation, désormais une pratique nouvelle et imparable du précieux métissage culturel. Art du croisement des métissages aspirant à la totalité-monde, art du vertige et de la salutaire errance, la traduction s’inscrit ainsi et de plus en plus dans la multiplicité de notre monde. (...) Art de la fugue d’une langue à l’autre, sans que la première s’efface et sans que la seconde renonce à se présenter.”*

A estrutura da fala não é a mesma do pensamento. Para tornar o pensamento um discurso, colocá-lo em palavras, ele sofre transformações. A transição do pensamento para a palavra passa pelo significado. Para transformar o pensamento, em fala ou texto, é preciso escolher as palavras. O significado é apenas uma parte do sentido de uma palavra, e a palavra é uma abstração do real. Portanto, nessas escolhas algo se perde assim como também algo é incorporado. Oriol-Broyer em seu texto *L’art de l’autre* afirma:

*“Un texte est en effet la mise en scène de structures formelles choisies consciemment ET inconsciemment par le scripteur.”<sup>112</sup>*

A língua garante a passagem da mensagem, mas há perdas inevitáveis no caminho. Poderíamos dizer que a língua é refratária, como sugere a poeta Adélia Prado:

*“Levar um pensamento até o fim é como colocar n’água um bastão, sua imagem entorta na hora, ainda que ele continue direito na sua concreta.”<sup>113</sup>*

Também é preciso notar que um texto está inserido em um contexto histórico, social, cultural e econômico. Ao escrever, reescrevemos aqueles que nos antecederam, antecipamos as reações do leitor, supomos réplicas criando diálogos implícitos, como num discurso íntimo, atravessado pelas avaliações de um auditor virtual. O autor, portanto, não está isolado; seu texto é polifônico. Segundo Todorov:

*“...il reçoit le mot par la voix d’autrui, et ce mot en reste rempli. Il intervient dans son propre contexte à partir d’un autre contexte, pénétré des intentions d’autrui. Sa propre intention trouve un mot déjà habité.”<sup>114</sup>*

Se um texto é composto pela voz de tantos outros, além do consciente e inconsciente do autor, ao leitor cabe seguir as pistas, observar as redundâncias, descobrir as regras e fazê-las funcionar. Descobrir a lógica de um texto é reescrevê-lo. Contudo, sabemos que neste tecido do texto existem espaços a serem preenchidos, existe um sentido a ser construído (e não a ser descoberto) segundo o sistema de referências de cada leitor.

Oriol-Boyer destrincha o processo de conhecimento do outro (seja ele um objeto, uma obra de arte, um texto ou uma pessoa), aqui ilustrado pela aproximação do leitor em direção ao texto, da seguinte forma: num primeiro contato o leitor projeta-se no texto; a seguir, ao compreender do que se trata, funde-se a ele, adere às suas idéias, há uma identificação plena, os dois são partidários das mesmas idéias; num terceiro momento, o

---

<sup>112</sup> ORIOL-BOYER, C. “L’art de l’autre”, in *Langue Française*, Paris, Larrousse, n° 70, 1986, p. 53.

<sup>113</sup> Adélia Prado no conto ‘Filandras’ publicado no “Caderno Mais”, Folha de São Paulo, de 13/01/02.

<sup>114</sup> Todorov, citado por ORIOL-BOYER, C no texto “L’art de l’autre”, in *Langue Française*, Paris, Larrousse, n° 70, 1986, p. 48.

leitor se distancia (condição que torna possível o acesso a uma identidade) e é capaz de estabelecer um diálogo. Volta a ser ele mesmo para reencontrar o texto, agora de um outro lugar. Este terceiro passo é fundamental para a compreensão. Se compreender um texto é construir progressivamente um modelo mental daquilo que está escrito, podemos dizer que a compreensão implica em uma postura ativa e representa o embrião de uma resposta. É preciso distanciamento para que ela aconteça; toda compreensão é dialógica. A atividade estética só começa quando não há mais fusão, identificação com o texto.

O leitor aproxima-se do texto com os seus conhecimentos da língua e do mundo que, como vimos, estão profundamente relacionados. Ao se separar do texto, deve procurar percorrer o caminho contrário do autor, localizando escolhas, percebendo relações, identificando um modelo complexo de redundâncias. É o que Jocelyne Giasson, em seu livro *La compréhension en lecture* (no qual a autora procura esmiuçar os processos envolvidos na leitura) chama de *processos de elaboração*, pois exigem um distanciamento maior; o leitor é capaz de fazer previsões, raciocinar sobre o texto e integrar informações novas a seus conhecimentos anteriores. O leitor interage com o texto. É aqui que os conhecimentos de mundo do leitor ganham peso, influenciando na sua compreensão do texto. Esse é um momento muito importante para o leitor/tradutor. Aqui entra em jogo a dificuldade que um falante não nativo tem em perceber diferentes registros de língua, ou seja, aspectos culturais.

Outro procedimento fundamental é a atitude metacognitiva que traz para o consciente procedimentos que ajudaram na leitura, distanciando-se dela (leitura) para checar a adequação de suas escolhas.

O leitor/tradutor precisa captar no original a emoção gerada pela relação entre as palavras e tentar entender como essa relação foi construída para alcançar determinado resultado. É a apreensão desse conjunto que deve ser projetada sobre as possibilidades e recursos da língua para a qual o texto será vertido. A intenção é atingir o mesmo efeito por meio de outra forma, afinal sabemos que a relação do conteúdo com a língua pode ser completamente diversa no original e na tradução<sup>115</sup>:

*“... qualquer tradução é necessariamente diferente do original, pois pressupõe que o texto original seja algo já digerido, despojado de sua frágil ambigüidade, interpretado. É na tradução*

---

<sup>115</sup> BENJAMIN, Walter. “A tarefa - Renúncia do tradutor”. in *Clássicos da teoria da tradução*, Núcleo de tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, 2002, p.201.

*que a inocência perdida depois da primeira leitura é restaurada sob outra forma, tendo em vista que o leitor se defronta mais uma vez com um texto novo e seu mistério concomitante. Esse é o paradoxo inescapável da tradução, e também sua riqueza.”*<sup>116</sup>

É a busca do sentido que nos faz avançar na leitura de um texto. A tradução é um exercício completo, pois se em um primeiro momento acreditamos ter compreendido o texto diante de nós, ao procurarmos um equivalente em nossa língua, podemos checar aquela escolha, aquele caminho e temos tempo de voltar, procurar novos índices e construir um sentido. A leitura para traduzir pressupõe tempo, reflexão e elaboração, em outras palavras, ela deve ser lenta e consciente. Entra em jogo a competência do leitor mesmo em sua língua materna. O leitor proficiente faz inferências, estabelece relações, separa-se do texto para poder percebê-lo, controla seus processos metacognitivos. As escolhas feitas são reveladoras de pensamentos, elaborações, desvios. O fato de tornar consciente alguns processos inconscientes dá ao leitor/tradutor o poder de manipular ao invés de ser manipulado a sua revelia.

Ana Cristina Cesar, no livro *Crítica e Tradução*, comenta várias traduções, especialmente de poemas, mostrando de maneira pontual o quão arbitrárias podem ser quando o tradutor submete um texto a sua única e subjetiva interpretação sem o cuidado do distanciamento:

*“Não há referências, notas ou prefácio. No livro traduzido por Manuel Bandeira, o leitor é remetido diretamente às traduções. A antologia parece nos convidar a esquecer qualquer problema porventura existente nos textos originais ausentes, entregando-nos ao prazer de lire. Como não existe uma unidade aparente (nenhuma voz predominante, nem tampouco um único autor), estamos, na realidade, lendo o próprio Bandeira. (...) Existe, em todos os momentos, uma celebração bastante evidente da subjetividade.”*<sup>117</sup>

---

<sup>116</sup>MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*, Companhia das Letras, São Paulo, 1999, p. 306.

<sup>117</sup>CESAR, Ana Cristina. *Crítica e Tradução*, Editora Ática, São Paulo, 1999, p. 400.

Ela também propõe a tradução de um conto de Katherine Mansfield seguido de 80 notas, mostrando que cabe ao tradutor muitas escolhas e aí entram seu conhecimento das duas línguas, sua interpretação e subjetividade.

*“Ao redigir estas oitenta notas, não pude evitar algumas exclamações subjetivas (impróprias de um tradutor). Espero que o leitor atento e culto releve o fato.”*<sup>118</sup>

Lendo as notas de Ana Cristina percebemos o quanto a tradução é a arte do vestígio. Ela faz uma tradução cuidada e refletida onde a partir de uma palavra dita, é preciso rastrear a escolha do autor e procurar um equivalente na outra língua. Seus comentários mostram que procura traçar uma linguagem comum entre as duas línguas (*“a tradução tende a expressar o mais íntimo relacionamento das línguas entre si.”*<sup>119</sup>) Esse processo é imprevisível, serão possíveis infinitas versões partindo-se de um mesmo texto. Ana Cristina comenta duas traduções diferentes feitas a partir do texto de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

*“Assim, as diferenças na tradução mostram interpretações rítmicas diferentes. Admitamos, é verdade, que uma interpretação diferente possa significar falta de compreensão; mas no terreno da tradução literária até mesmo a falta de compreensão pode expressar uma interpretação diferente.”*<sup>120</sup>

Nas palavras do tradutor Mário Laranjeira:

*“A tradução é uma reescritura, noutra língua, de uma leitura do texto.”*<sup>121</sup>

### 1.1. Comentários sobre a Tradução<sup>122</sup>

---

<sup>118</sup> Ibidem p. 290.

<sup>119</sup> BENJAMIN, Walter. “A tarefa - Renúncia do tradutor”. in *Clássicos da teoria da tradução*, Núcleo de tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, 2002, p.195.

<sup>120</sup> CESAR, Ana Cristina. *Crítica e Tradução*, Editora Ática, São Paulo, 1999, p. 367.

<sup>121</sup> LARANJEIRA, Mário. *Poética da tradução*, p. 31.

<sup>122</sup> Os exemplos extraídos das traduções serão sempre apresentados da mesma forma: original e n° da página no original/ tradução.



Antes de entrar nos comentários, é importante fazermos uma breve reflexão sobre a forma como Laferrière trabalha a língua em que escreve. Mesmo não elaborando uma nova língua como o reivindicam alguns escritores – por exemplo, o escritor haitiano Jacques Roumain – Dany Laferrière não deixa de inscrever na língua que emprega, o francês, as marcas da complexa realidade lingüística que vive. Sobre a relação dos escritores com a língua, Lise Gauvin formula a seguinte questão:

*“Dans quelle mesure l’écrivain est-il ou non tributaire d’un système institué, d’un code préétabli? Dans quelle mesure conçoit-il lui-même ce code comme un outil ou un obstacle, un réservoir de possibles ou une série de contraintes auxquelles il doit se soumettre sous peine d’être exclu de la république des lettres?”*<sup>123</sup>

Tentar respondê-la talvez seja matéria para um livro, porém gostaria de refletir sobre qual o uso que Dany Laferrière faz da língua francesa. Ele escreve seus livros em francês, porém que francês é esse? Citemos dois trechos nos quais podemos perceber que não escreve no que seria chamado de francês tradicional. Primeiro aconteceu com seu livro *L’Odeur du café*:

*“L’Odeur du café est un livre écrit en créole. Quand j’ai envoyé le manuscrit à mon éditeur, celui-ci m’a fait remarquer un fait assez étrange. S’il comprenait tous les mots, il peinait quelquefois à comprendre le sens de certaines phrases. J’ai repris tout de suite le manuscrit pour finir par découvrir que c’était la syntaxe du créole.”*<sup>124</sup>

Escrever um livro que trata da realidade haitiana, banhada em um atmosfera do crioulo, o fez escrever utilizando aquela sintaxe. Algo parecido acontece com seu livro *Comment faire l’amour avec un nègre sans se fatiguer*:

---

<sup>123</sup> GAUVIN, Lise. *La fabrique de la langue, de François Rabelais à Réjean Ducharme*. Éditions du Seuil, Paris, 2004, p. 8.

<sup>124</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *J’écris comme je vis*. Entretien avec Bernard Magnier. Lanctôt Éditeur, Québec, 2000, p.180-181.

*(...) je fis comprendre à David Homel, mon traducteur, que ce sera facile puisque le livre est déjà écrit en anglais: seuls les mots sont en français. Et ce n'est pas une jolie formule lancée à la légère pour amuser la galerie. Homel, lui-même, devra me donner raison plus tard. (...) La manière, en effet, était nord-américaine: un style direct, sans fioriture, où l'émotion est à peine perceptible à l'œil nu.*"<sup>125</sup>

Sua recusa dos ornamentos da língua o aproxima do inglês. Ele não chega a romper com as regras do francês, porém utiliza a língua de forma diferenciada daquela padrão. As frases curtas, o insistente uso do tempo presente, o quase não uso do pronome duplo, tão comum no uso do francês, são exemplos de seu uso característico da língua.

O fato de empregar a língua francesa dentro de uma sintaxe crioula ou americana nos ajuda a formular a hipótese de que Laferrière acaba por “criar” uma outra língua que dê conta de seu imaginário. Talvez, seja simplesmente uma forma de conciliação, como pensa Lise Gauvin:

*“Le contexte diglossique dans lequel il évolue oblige l'écrivain à trouver, dans la langue même, une forme de conciliation entre le français de l'école et celui de son milieu naturel.”*<sup>126</sup>

Aproximar sua escrita da pintura primitiva pode ajudar-nos a compreendê-la. Em seu livro de 1991, *L'Odeur du café*, Laferrière escreve pela primeira vez, em forma de quadrinhos: são descrições de cenas, muitas vezes, parecidas com as que vemos nas telas de quadros primitivos. O mesmo acontece em *Pays sans chapeau*, nos capítulos chamados de *pays réel* ele dispõe os elementos sem aparentemente fazer escolhas, não há um ponto de fuga, as imagens aparecem justapostas, sem uma hierarquia. Cabe ao leitor fazer sua própria leitura, assim como faria diante de um quadro *naïf*. Laferrière mesmo faz essa aproximação ao começar o livro com um capítulo intitulado *Un écrivain primitif* no qual escreve:

---

<sup>125</sup> **Ce livre est déjà écrit en anglais, seuls les mots sont en français.** Comunicação feita em Liège, em 1999. Colóquio: *Traces et Présences de l'Afrique aux Amériques et en Europe: de l'esclavage à l'émigration*. No site <http://www.lehman.cuny.edu/ile.en.ile/paroles/laferriere.html>

<sup>126</sup> GAUVIN, Lise. *La fabrique de la langue, de François Rabelais à Réjean Ducharme*. Éditions du Seuil, Paris, 2004, p. 261.

*“Les enfants jouent au ballon dans la rue parmi les voitures.  
J’écris: enfants, ballon, voitures. On disait un peintre primitif.  
Voilà, c’est ça, j’ai trouvé. Je suis un écrivain primitif.”*<sup>127</sup>

O autor, mais de uma vez, afirma em entrevistas que não se preocupa com a língua e que sua intenção é entrar em contato direto com a realidade sem intermediários: É também a relação que estabelece entre o escritor e o pintor primitivo (*naïf*), quando usa no livro o título do capítulo (o primeiro e o último do livro) *Un écrivain primitif*.

*“Que le lecteur oublie les mots pour voir les choses. Une prise  
directe avec la vie. Sans intermédiaire. Voilà ma cause.”*<sup>128</sup>

Essa vontade de captar o aqui e agora, livrando-se da escrita, está muito mais próxima da escrita norte-americana do que dos padrões literários franceses. Assim, escreve em francês nos padrões da língua americana:

*“Là encore, je me sens plus proche des écrivains américains qui  
préfèrent des images concrètes, simples, précises, plutôt que de  
filer de brillantes métaphores.”*<sup>129</sup>

Apesar de escrever em francês, ele não assume a língua dos franceses. Provavelmente, o distanciamento que lhe possibilita esse trabalho com a língua deve-se ao fato de ter desenvolvido essa capacidade de reflexão sobre as línguas desde cedo, quando foi exposto ao aprendizado do francês como uma segunda língua. Portanto, talvez o trabalho que faz com o francês seja parecido com o trabalho feito por um falante não nativo da língua francesa.

### 1.1.1. Designações

---

<sup>127</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Le serpent à Plumes, Paris, 1999, p.14.

<sup>128</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *J’écris comme je vis*. Entretien avec Bernard Magnier. Lanctôt Éditeur, Québec, 2000, p.44.

<sup>129</sup> Ibidem. p.182.

No nível do léxico, algumas palavras da língua francesa merecem uma observação por terem no livro um sentido diferente, restrito ao uso nas Antilhas. O fato de tratar-se de universos culturais diferentes gera adaptações dos termos.

a) *L'au-delà*: foi traduzido por para **o lado de lá** que tem uma conotação que se limita ao espaço. A tradução para “além” poderia levar a uma leitura folclorizante e satanizada do vodu.

b) *Cour*: foi traduzido por **quintal** e não por pátio interno de uma casa por saber, a partir do diálogo cultural que existe entre as duas culturas tropicais (haitiana e brasileira), que se trata de um ambiente aberto e não fechado como seria na França, a presença da mangueira nesse quintal também nos remete à experiência cultural do Brasil. O mesmo acontece com *galerie*.

c) *Galerie*: em francês não existe essa palavra designando **varanda**, até porque na realidade cultural francesa não existem varandas, o que a palavra *véranda* designa em francês é um tanto diverso da nossa. No entanto o que nos permite fazer essa transposição é o contexto cultural e a similitude das referências. Pela descrição do que acontece na *galerie* (especialmente com a leitura do livro, *L'Odeur du café*), concluímos que é o equivalente da varanda brasileira.

d) *Pays*: Em francês além do sentido de nação a palavra *pays* pode referir-se a uma parte do país, uma região ou uma pequena cidade, o que em português traduziríamos por terra, ou terrinha (“viemos da mesma terrinha”). No título *Pays sans chapeau* assim como na divisão que ocorre entre os capítulos de *pays réel* e *pays revê*, traz consigo o sentido de mundo: mundo dos mortos, mundo real e mundo sonhado. No entanto preferi ficar com o correspondente direto em português: **país**, tanto para o título do livro quanto para os capítulos porque na narrativa há muitas referências a país no sentido de nação.

e) *Vieux Os*: Segundo o autor, *Vieux Os* é uma antiga expressão haitiana para dizer “*qu'on ne compte pas se coucher avec les poules*”<sup>130</sup>, ou seja, refere-se ao hábito de deitar-se tarde

---

<sup>130</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *J'écris comme je vis*. Entretien avec Bernard Magnier. Lanctôt Éditeur, Québec, 2000, p.16.

da noite. No livro *L'odeur du café*<sup>131</sup> o narrador conta que gosta de fazer *vieux os* com sua avó, daí a origem de seu apelido. A tradução direta para **Velhos Ossos** teve a intenção de poupar o leitor brasileiro do léxico francês de difícil compreensão sendo que o significado da expressão é explicado em nota.

f) *Da*: Optei por traduzir o nome pelo qual o narrador refere-se a sua avó por **Ba**, uma vez que *Da* em crioulo era a escrava que criava as crianças da casa grande e transmitia-lhes a cultura da senzala, assim como Ba era a escrava que tomava conta das crianças. Até hoje a babá, muitas vezes, é chamada só por Ba. O fato de o termo *Da* referir-se a uma mulher de idade respeitada talvez tenha levado ao apelido da avó do narrador.

### 1.1.2. Uma língua crioulista

Como vimos, Dany Laferrière é um autor multicultural, portanto, em seu texto escrito em francês aparecem palavras e expressões integradas a sua narrativa, sem aspas ou uso do itálico, vindas do crioulo haitiano; do francês falado no Haiti, ou francês local; do francês falado no Quebec e dos Estados Unidos.

#### a) O crioulo

Além de presente nas epígrafes dos capítulos, o crioulo aparece em palavras que fazem parte do universo haitiano, portanto mereceram uma nota no corpo da tradução e não foram traduzidas e sim mantidas em itálico. São elas: *bizangos, zenglendos, taps-taps, clairin, maldiocs, hougans e mapous*

Em um único caso traduzi e coloquei uma nota para explicar de que planta se tratava:

*“Sûrement, dit ma mère en se détachant doucement de la clôture de **bayarondes** rouillées qui sépare notre cour de celle de la voisine.”* p.264 / Certamente, diz minha mãe afastando-se devagar da cerca de alfarrobas<sup>132</sup> enferrujadas que separa nosso quintal do da vizinha.

---

<sup>131</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *Le Cri des oiseaux fous*. Le Serpent à Plumes, Paris, 2002, p. 25 e 27.

<sup>132</sup> *Bayarondes* ou *bayahonde* (em crioulo haitiano: *bayawonn*) é um arbusto que cresce em terreno desértico. “*Prosopis juliflora*”.

Sobre a palavra *bayarondes* parece-me importante fazer uma observação sobre sua grafia. Apesar de ela aparecer escrita (em mais de uma edição) com a letra **r**, aparentemente, o correto seria com a letra **h**, pois não consegui encontrar nenhum registro com a letra **r** e vários com a letra **h**. Seria um erro?

b) O francês falado no Haiti

(1) expressões

Algumas expressões revelam um francês que não é o standard e mais uma vez causam estranhamento ao leitor habituado ao francês da França:

Quando existia um correspondente em português, foi traduzido, sem notas. Por exemplo:

*“Comme toujours, ma mère a fait un repas simple, léger et succulent: riz blanc, poulet au **mirliton** et bananes frites.”*p.168 / Como sempre, minha mãe fez uma refeição simples, leve e suculenta: arroz branco, frango com **chuchu** e banana frita.

*“Le Bourgeois chez lui de Mucius Stéphane qui représente, je crois, un homme assis sur une **dodine** avec un chat sur lui ou à ses pieds, j’ai oublié.”* p. 177 / *Le Bourgeois chez lui* de Mucius Stéphane que representa, acho, um homem sentado em uma **cadeira de balanço** com um gato no colo ou a seus pés, esqueci.

*“**Mon dos est large**, dit ma mère en arrivant sur la galerie. Je suis le seul sujet de conversation de Renée.”* p. 167 **Tenho as costas largas**, diz minha mãe chegando na varanda. Sou o único assunto das conversas de Renée.

Em francês *standard* seria *“J’ai le dos large”*.

*“Je dors dans le lit de ma mère. Elle m’a fait une place. En fait, j’ai presque tout le lit à moi seul, puisque ma mère, comme à l’habitude, couche à l’extrême bord du lit. **Elle me donne dos.**”* p.101. Durmo na cama de minha mãe. Ela me deu um cantinho. Na verdade, tenho quase toda cama só para mim, uma vez que minha mãe, como de hábito, deita-se bem na beirada da cama. **Ela me dá as costas.**

No francês falado na França seria *“elle me tourne le dos”*. Encontram-se registros dessa expressão também no francês falado em alguns países da África.

(2) níveis de língua

Nos dois exemplos a seguir os níveis de língua aparecem misturados, há um tratamento na segunda pessoa do singular e a utilização de *madame* e *monsieur*, também há o uso de *monsieur* junto com o primeiro nome:

“– *N’achète pas ça, il n’y a rien de bon en avant, dit-il....*p.128

1. *Alors, demande ma mère sur un ton ferme, **peux-tu** me garantir que... (...)*p.128

2. *Cesse de **te** plaindre, vieux grigou...* p.129

3. *Ah! **madame**, ne dis pas ça.”* p.129

a) Não compre esses, não tem nada de bom aí na frente, diz ...

b) Então você pode me garantir que terei um colchão para hoje à noite?

c) Pare de se queixar, velho pão-duro...

d) Ah! senhora, não diga isso.

“– *Bonjour, Vieux Os. Viens que je te présente à **M. Pierre**. C’est un ami de la famille. (...)*” p.106

e mais adiante quando vai acompanhar M. Pierre até a porta:

“– *Ne **gâte** pas tes chances... **Laisse-le t’en parler d’abord, fait ma mère en le reconduisant à la porte.**”*p.107

e) Bom dia, Velhos Ossos. Venha, vou apresentá-lo ao senhor Pierre. É um amigo da família.

f) Não desperdice sua sorte... Deixe-o falar primeiro, diz minha mãe conduzindo-o à porta.

No exemplo abaixo as palavras *chère* e *maudite* criam um estranhamento para o leitor habituado a língua francesa também por uma questão de mistura de níveis de língua. São vestígios do falar crioulo espalhados pelo livro. Em português, o estranhamento se perde.

“*Oui, **chère**, depuis qu’il est arrivé, il passe son temps à taper sur cette **maudite machine.**”*p.13 / Pois é, **minha cara**, desde que chegou, ele passa o tempo todo datilografando nessa **maldita** máquina.

c) O inglês dos Estados Unidos

*dans la salle à manger, suivi de ma mère. Un bol d'Ovaltine m'attendait.*” p.100 /  
Entro na sala de jantar, seguido por minha mãe. Uma tigela de **Ovaltine** me esperava.

Ovomaltine é uma marca conhecida no Brasil e na França, porém Ovaltine é uma marca americana. Mantive a forma original para marcar a diferença.

De maneira geral, há poucos vocábulos da língua inglesa no livro, porém o inglês está presente pelo fato de o autor reivindicar um parentesco entre esta língua e suas escolhas estilísticas, tanto em relação às frases curtas quanto na busca de uma língua sem adornos.

#### c) O francês do Quebec

*“Le but secret des chroniqueurs de sport, c’est de vous donner l’impression que vous êtes un **flanc mou** parce que vous n’êtes pas en train de courir le cent mètres, (...)”* p.104 O objetivo secreto dos cronistas esportivos é de dar-lhe a impressão de que você é um **molenga** porque não está correndo os cem metros, (...)

#### 1.1.3. Entre as línguas

Na passagem de um língua para outra, o tradutor encontra sempre dificuldades, às vezes intranponíveis, ou termos de difícil negociação. As dificuldades muitas vezes surgem do contexto sócio-cultural, do mundo de referência (como expressar a realidade religiosa do vodu, para brasileiros sem confundi-la ao candomblé).

Porém, algumas palavras de uso corrente da língua não parecem trazer problema, particularmente entre línguas de mesma origem latina. Os sistemas parecem quase simétricos: dizer é *dire*, responder é *répondre* etc. Mas quando o termo entra em funcionamento dentro de um texto, começam a surgir os problemas: a simetria dos sistemas mostra que ela só vale para as gramáticas mais normativas ou para os dicionários mais surdos às realizações efetivas. A língua em uso mostra que os sistemas lingüísticos, mesmo quando oferecem grande semelhança, como no caso do francês e português, não são equivalentes, as correspondências que teoricamente não apresentariam problemas começam a ter as bordas que borram. Para ilustrar essas colocações, resolvemos apresentar uma categoria de termos que é chamado em português, verbos *dicendi*, e algumas



realizações peculiares entre os sistemas francês e português do Brasil: a categoria dos pronomes.

As soluções propostas não podem ser consideradas soluções “modelo”: não há soluções fora do uso no texto.

#### a) Verbos *dicendi*

Os verbos *dicendi* são organizadores discursivos que introduzem o discurso direto, podendo preceder o discurso citado, intercalá-lo ou vir ao seu final. É uma marca lingüística e, portanto, leva a uma leitura diferenciada do que foi dito, pois traz consigo, muitas vezes, um valor, deixando transparecer para o leitor o envolvimento do narrador com o discurso que ele reporta. Maingueneau<sup>133</sup> apresenta duas classes de informações que são veiculadas por um verbo *dicendi* (excetuando o verbo dizer, que é neutro em relação a elas): há os que têm um valor descritivo (por exemplo repetir, anunciar etc.) e há os que são avaliativos.

Os verbos descritivos podem dividir-se em subclasses: os que situam o discurso reportado na cronologia discursiva, como responder, repetir, concluir; os que explicitam a força ilocutória do ato enunciativo, como suplicar, prometer; os que indicam o tipo do discurso reportado, como, por exemplo, contar, relatar, demonstrar; os que especificam o modo de realização fônica do enunciado, como gritar, murmurar.

Os verbos avaliativos dividem-se em duas subclasses: os que implicam um julgamento (bom/mau) atribuído ao enunciador do discurso citado (na frase Paulo deplorou o fato de eu estar atrasado é Paulo que julga negativamente o ocorrido); os que implicam um julgamento (bom/mau, verdadeiro/falso) atribuído ao narrador (na frase Paulo reconheceu que João estava errado, é o narrador que pressupõe). Contudo, não podemos nos deixar enganar por essas distinções, afinal é o narrador que está por trás das duas afirmações.

O autor utiliza o discurso direto em quase todo o livro, conseqüentemente, trabalha com vários verbos *dicendi*. A escolha desse verbo introdutor é significativa, pois condiciona a interpretação, dando um certo direcionamento ao discurso citado. Para afastar o comprometimento com a fala que reporta indiretamente prefere o neutro *dire*, na grande maioria das vezes. Ele é utilizado com insistência ao longo de todo livro, especialmente na primeira pessoa (*dis-je*). Vejamos o trecho a seguir em relação ao verbo *dire*:

---

<sup>133</sup> MAINGUENEAU, Dominique. *Éléments de linguistique pour le texte littéraire*. Nathan, Belgique, 2001, p. 100-101.

- *Je dois vous faire un aveu, dit Philippe à ma mère... p. 168 (...)*
- a) *Toujour aussi flatteur, dit tante Renée qui a des goûts alimentaires nettement à l'opposé de ceux de ma mère. p. 168*
- a) *Je ne comprends pas, dit Philippe, c'est un véritable mystère pour moi.*  
p. 168. (...)
- b) *Il n'y a pas de secret, pourtant, dit calmement ma mère. p.169.*
- c) *C'est comme écrire, dis-je, il n'y a pas de secret non plus. p.169. (...)*
- d) *Bon, on file, dis-je. p. 169”*
- *Preciso confessar algo, diz Philippe para minha mãe... (...)*
- a) *Sempre galanteador, diz tia Renée que tem gostos alimentares claramente opostos aos de minha mãe.*
- *Não entendo, diz Philippe, é um verdadeiro mistério para mim. (...)*
- b) *No entanto, não tem segredo, diz calmamente minha mãe.*
- c) *É como escrever, digo, também não tem segredo. (...)*
- d) *Bom, vamos embora, digo.*

Em uma página o verbo *dire* aparece seis vezes. Na terceira pessoa soa mais natural e passa despercebido, mesmo em português, porém na primeira pessoa, torna-se pesado ao longo do livro, o que fez com que eu o elimina-se em alguns casos em que a compreensão do sujeito enunciativo estava garantida. Vejamos:

*“Oui, dis-je, je prendrais bien un cocktail de fruits.” p.202 / Sim, gostaria de um coquetel de frutas.*

*Je n'ai jamais entendu parler de ça, dis-je. p.112 / Nunca ouvi falar disso.*

*“Ah bon!... Comment ça? Je ne l'ai pas remarque, dis-je en balbutiant comme un enfant pris en faute. p. 148. / Ah, é?... Como assim? Não percebi, balbucio como uma criança pega em flagrante.*

*“Ah! dis-je, on voit que vous ne connaissez pas Lisa... C'est sa façon.”p. 148. / Ah! vê-se que vocês não conhecem Lisa... é o jeito dela.*

Outras vezes utilizei, como é comum em francês, mas nem tanto em português, a inversão verbo/pronome também na intenção de variar na forma:

g) *Cher ami, me dit-il, la moitié des gens que vous rencontrez dans la rue sont ailleurs en même temps. Vous me comprenez?*p.114 / Caro amigo, **diz ele**, a metade das pessoas que o senhor encontra nas ruas estão em outro lugar ao mesmo tempo. O senhor me entende?

Encontramos o uso de outros verbos, tais como: *lancer, trancher, lâcher* que não têm uma tradução direta para o português. Vejamos algumas soluções encontradas:

*Trancher*: por denotar uma definição, entre definir, concluir, resolver, optei por “concluir”.

“*Les zombis n’ont pas de reflet, tranche-t-elle.*” p. 66 / – Os zumbis não têm reflexo, **conclui**.

*Lâcher*: seu sentido seria o de “deixar escapar”, sem intenção premeditada, à revelia:

“*Renée ne survivrait pas quarante-huit heures à Martissant, lâche ma mère.*”p.42 / Renée não sobreviveria quarenta e oito horas em Martissant, **deixa escapar** minha mãe.

“*Matières fécales, lâche Manu.*” p.222. / Matérias fecais, **solta** Manu.

*Lancer*: é usado com frequência pelo autor (depois do verbo *dire* é o segundo mais usado). Pode indicar uma afirmação, uma postura ativa, um julgamento. Porém, pelo fato de ser usado de maneira repetitiva, parece não ter uma função específica e perde a força. Como o verbo *dicendi* é definido pelo sentido da frase e os recortes semânticos em português e em francês não são os mesmos, e em nome da maior naturalidade possível para os diálogos, decidi traduzir *lancer* por diferentes verbos. A escolha procurou conferir uma maior precisão relacionada à fala das personagens. A seguir alguns exemplos.

Quando a frase é dita de forma repentina, com a intenção de atingir o outro, fazendo-o aceitar algo, optei pelos verbos “cortar” ou “disparar”:

“*L’autre c’est mon lit, lance tante Renée tout en s’asseyant dessus.*” p.22 / A outra é a minha, **corta** tia Renée sentando-se nela.

“*C’est pas ça que j’ai dit, lance tante Renée de sa chambre.*”p. 108 / Não foi isso que eu disse, **corta** tia Renée de seu quarto.

“C’est pour ça que je t’entends marcher là-haut toute la nuit, **lance** ironiquement tante Renée.” p.25 / É por isso que eu te escuto andar lá no alto a noite toda, **dispara** ironicamente tia Renée.

“Non, madame, ne dites pas ça, **lance** le chauffeur presque avec rage...” p. 151 / Não, senhora, não diga isso, **dispara** o motorista quase com raiva...

Em outros casos, quando a frase parece ser dita de forma casual, optei por “exclamar”:

“Mon pauvre enfant! **lance** tante Renée.” p.27 / Minha pobre criança! **exclama** tia Renée.

“Ça ne nous fait pas peur, hein Marie! **lance** tante Renée un peu gaillardement.” p. 32 / Isso não nos causa medo, hein Marie! **exclama** tia Renée alegremente.

“Je vois que les affaires vont bien, **lance** ma mère sur un ton badin.” p. 129 / Vejo que os negócios vão bem, **exclama** minha mãe em um tom brincalhão.

Quando a frase exterioriza algo desconhecido até então, empreguei o verbo “revelar”:

“Marie achète un calendrier chaque année, juste pour toi, **lance** tante Renée.” p.28 / Marie compra um calendário todo ano, só para você, **revela** tia Renée.

“Il écrit des livres, **lance** ma mère presque joyeusement” p.127/ Ele escreve livros, **revela** minha mãe quase alegremente.

Quando a intenção era um pouco provocativa, traduzi por “arriscar”:

“Qu’est-ce que tu racontes là? Si tu as plus de travail, tu as plus d’argent, **lance** ma mère.” p. 129 / Como assim? Se você tem mais trabalho, tem mais dinheiro, **arrisca** minha mãe.

Quando a intenção é tornar público algo, com o intuito de esclarecer uma situação, o verbo escolhido foi “declarar”:

“*Cette femme est une tigresse, fini-il par **lancer** en guise d’explication.*”p. 145 / Essa mulher é uma verdadeira tigresa, termina por **declarar** à guisa de explicação.

“*Entre la cuisine et la littérature, **lance** un Philippe hilare, je préfère de loin la cuisine*”. p.169. / Entre a cozinha e a literatura, **declara** um Philippe hilário, prefiro de longe a cozinha.

#### b) Colocação dos pronomes

Dois problemas colocam-se em relação a esse tópico. Primeiro, o fato de em português as regras da colocação do pronome serem seguidas na escrita e não no oral e, em segundo lugar, o fato de, em francês, o uso dos pronomes ser muito mais corrente e, portanto, coloquial. Para manter a dimensão mimética de diálogo autêntico, quando não pude simplesmente omitir o pronome, optei, algumas vezes, por deixá-lo antes do verbo.

“*Un cycliste **m’a heurtée** près du cimetière.*”p.25. / Um ciclista **me atropelou** perto do cemitério.

“*Le docteur **lui a recommandé** de faire des exercices pour donner du tonus aux muscles.*” p.29 / O médico **lhe recomendou** fazer exercícios para dar tônus aos músculos.

Mantive o mesmo padrão quando trata-se da fala do narrador:

“*C’est à ce moment, **me dit** ma mère, que j’ai su qu’elle allait mourir.*” p.23 / Foi nesse momento, **me diz** minha mãe, que eu soube que ela ia morrer.

“*Elles sont assises en face de moi **à me regarder** manger.*” p.25 / Elas estão sentadas a minha frente **me olhando** comer.

“*Ma mère **me regarde**, cette fois-ci, droit dans les yeux.*” p.51 / Minha mãe **me olha**, dessa vez, direto nos olhos.

#### c) Supressão do sujeito

A língua portuguesa não exige a presença do pronome sujeito quando a informação está clara na conjugação do verbo. Portanto o pronome sujeito tem tratamento diferenciado em português e em francês. Sendo assim, muitos pronomes foram eliminados por não serem necessários garantindo, assim, uma leitura mais fluida do texto.

Com esse mesmo intuito de manter a fluência, suprimi outros termos que julguei supérfluos em português:

“*au coin de la rue*”p.21 / na esquina.

“*J’ai demandé à Renée de venir partager ma chambre, mais elle refuse.*”p.23 / Eu pedi para Renée dividir meu quarto comigo, mas ela se recusa.

“*Je vais m’asseoir, en face, sur un petit banc...*” p.54 / Vou sentar, em frente, em um banquinho...

“*Patron, je ne peux pas vous garantir un nettoyage éternel avec cette masse de poussière blanche qu’il y a dans les rues.*”p.55 / Patrão, eu não posso garantir uma limpeza eterna com essa massa de poeira branca nas ruas.

#### 1.1.4. Variações de uma edição para outra

Além de variações no campo da tipologia como uso de maiúsculas, negrito e itálico, chama a atenção a alteração no nome do capítulo final do livro que na primeira edição era *Un Peintre Primitif* enquanto na edição com a qual trabalhei passa a chamar-se *Un Écrivain Primitif*, repetindo o título do primeiro capítulo.

#### 1.1.5. O tempo presente

A narrativa do livro é quase inteiramente no presente. O autor faz uso do *passé composé* em momentos pontuais, normalmente para introduzir uma cena que será descrita no presente. Normalmente, o tempo da narrativa é o passado perfeito e imperfeito, portanto é difícil para o leitor brasileiro acostumar-se com um livro quase inteiramente escrito no presente. O tradutor também precisa policiar-se para não usar o passado em algumas passagens que, em português, soaria mais natural.

Para Laferrière o exílio leva as pessoas a viverem entre dois tempos: o passado tão presente na memória e o futuro quando talvez possam voltar ao país natal. Para não cair nessa armadilha preferiu ficar com o presente, portanto esse é o seu tempo, essa é uma escolha de vida e não só uma escolha estética:

“*Pour moi le présent est une densification du passé et de l’avenir.*

*On peut tout y trouver, et par conséquent on peut tout narrer au*

*présent.*”<sup>134</sup> (...) “Moi, je suis dans le présent, un temps toujours morcelé, dans lequel les choses arrivent, où il n’y a pas le temps. Il y a dans cette fragmentation une tentative d’atteindre le moment par l’écriture.”<sup>135</sup>

No livro percebemos essa vontade do narrador de apagar o distanciamento temporal, marca do exílio. A maior parte do tempo sente ou quer sentir como se os vinte anos que esteve fora não tivessem passado.

*“Ma mère sourit. Sommes-nous en 1976 ou en 1996?”*<sup>136</sup>

*“Le jour de mon départ, il y a vingt ans, Racing devait affronter Violette. Et là, j’ai l’impression d’arriver à temps pour les résultats. Comme si je n’avais pas quitté le pays. (...) Je voudrais que rien n’ait changé durant mon absence. J’aimerais reprendre furtivement ma place parmi les miens, comme si de rien n’était, comme si je ne les avais jamais quittés. En même temps, je ne renie pas mon voyage.”*<sup>137</sup>

Sua tia Renée conta que quando ele era garoto ela lhe pedia favores e cuspiam no chão para que ele voltasse antes que sua saliva evaporasse. Todavia, quando ele não chegava a tempo ela cuspiam de novo para que ele tivesse a impressão de que o tempo não havia passado, e ela conclui:

*“C’était le seul moment, conclut tante Renée, où nous pouvions contrôler le temps.”*<sup>138</sup>

## CONCLUSÃO

*“Vingt rencontres entre les ministres français et grec de la Culture n’égalent pas l’impact d’un roman*

---

<sup>134</sup> GHINELLI, Paola. *Archipels littéraires*. Mémoire d’encrier, Montréal, 2005, p. 102.

<sup>135</sup> Ibidem. p. 104.

<sup>136</sup> LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Le serpent à Plumes, Paris, 1999, p. 168.

<sup>137</sup> Ibidem. p. 104-105.

<sup>138</sup> Ibidem p. 17.

Foi necessário reconstituir a história haitiana, perceber o paralelismo existente em relação à história do Brasil, reconhecer momentos de aproximação e até de influência da história do Haiti sobre a nossa, para uma primeira aproximação desse país do qual, de maneira geral, sabemos tão pouco. Prova disso é a dificuldade de encontrar uma bibliografia apropriada em nossas livrarias e bibliotecas; muitos livros estão esgotados ou fora de catálogo e quando encontramos algum, os números referentes à quantidades ou datas e, muitas vezes, até aos fatos são tão díspares em relação a outros que nos deixam desconfiados de suas fontes. Isso porque traduzir uma obra haitiana no Brasil implica em conhecer o contexto sócio-cultural em que ela está inserida. É preciso entender o que significou a colonização e a conquista da independência para os haitianos, e mais tarde como, ao recuperar suas raízes africanas acabaram caindo na armadilha de Duvalier e amargaram mais uma ditadura durante anos. Todos esses acontecimentos deixaram marcas no imaginário e na língua dos haitianos.

A partir da compreensão desses elementos pudemos em um segundo momento, entrar em contato com a pluralidade do escritor Dany Laferrière com o intuito de nos situarmos diante de sua obra. Conhecer as razões que o levaram ao exílio, a relação que estabelece com os diferentes países em que morou e com as diferentes línguas a que esteve exposto são aspectos relevantes de sua formação que nos ajudam a penetrar em sua obra.

O fato de não aceitar etiquetas que o definem (e limitam) como escritor francófono, escritor negro ou antilhano, mostra que não quer ser visto apenas de um ângulo. Ele é múltiplo, seu universo é complexo, multifacetado por diferentes culturas; portanto a tentativa de reduzi-lo a uma única etiqueta reflete a dificuldade que existe em aceitar o múltiplo, aquele que se encaixa em mais de uma categoria, é mais fácil tirar o excesso, cortar as bordas, diminuir a profundidade para poder controlar. A essa necessidade de reduzir o outro àquilo que já conhece, Glissant chama de civilização do Um. Laferrière e sua literatura crioula que é uma forma privilegiada de apreender a realidade nos faz rever nossos conceitos classificadores e demanda abertura de seu leitor.

Sua obra traz em si a opacidade de uma cultura diversa; no entanto, em vários pontos percebemos uma realidade mais próxima e familiar do que talvez pudessemos imaginar. Junto com a opacidade cultural vem a opacidade da língua que gera, algumas vezes, ruído na linguagem. Esse estranhamento, como foi mostrado, por vezes perde-se na



tradução, no entanto como não é causado de forma proposital, é antes uma característica inerente ao autor, não nos pareceu uma perda grave. Pelo contrário, acreditamos que o fato de apagar as marcas da excentricidade em relação à França e seu modelo literário francês faz o texto ganhar em “des-exotização”, afinal não é essa a escrita reivindicada: a do jornalista, a do pintor primitivo sem floreio?

Acreditamos que um dos grandes méritos de traduzir esse livro esteja na oportunidade de conhecer um lado novo do Haiti por aqui, pois como vimos, desde o século XVIII até as eleições para presidente de 2004, as notícias que chegam até nós retratam um país caótico, miserável, violento, trágico, à beira de um colapso. O livro não nega esse dados, porém mostra uma outra dimensão da realidade, traz elementos que revelam a complexidade do país.

Além disso, arriscamos um outro aspecto que atesta o interesse de sua tradução para o leitor brasileiro: ele traz um olhar da América colonizada diferente do que estamos acostumados a lançar sobre nós, o que pode ajudar a enxergar algo, até agora considerado uma espécie de ponto cego. Como na música de Caetano Veloso na qual pergunta: “o Haiti é aqui, o Haiti não é aqui?” Não seria importante refletirmos sobre quais representações do Haiti existiriam aqui? Estabelecer esse diálogo nos parece fundamental.

Como a aprendizagem de uma segunda língua gera uma ruptura e um desequilíbrio que nos faz rever a relação que temos com nossa língua materna, até então inquestionável, a descoberta de um país que não está tão longe da nossa realidade quanto imaginávamos – que chega até nós por meio de uma literatura com a qual não existe uma relação dominante já viciada e que não alimenta nossa posição de admiradores e seguidores – pode servir para nos fazer rever a imagem que temos de nós mesmos. Talvez, ler a literatura haitiana traga elementos novos que nos façam (re)pensar sobre nossa relação com os portugueses, com a língua portuguesa e com nossa própria sociedade.

## **CRONOLOGIA DO HAITI**

1492: Cristóvão Colombo chega na ilha e a batiza de “*Isla Española*” (ilha espanhola).

1580: União das coroas espanhola e portuguesa. Os espanhóis abandonam suas plantações e

deixam a parte ocidental da ilha (atual república do Haiti)

1685: *Le code noir* – Promulgado por Luís XIV procurava regulamentar o regime

escravocrata, definindo deveres de senhores e escravos.

1697: tratado de Ryswick. França obtém da Espanha a posse oficial da parte oeste da ilha que passa a chamar-se colônia de *Saint-Domingue*.

1791: Revolta dos escravos comandados por Boukman contra os colonos.

1793-1794: Abolição da escravatura pela Convenção.

1802: Reestabelecimento da escravatura por Napoleão Bonaparte, Toussaint-Louverture é preso.

1804: Dessalines proclama a independência de *Saint-Domingue* que passa a chamar-se Haiti.

1806: Dessalines é assassinado.

1807: O país divide-se em dois: ao norte um reino dirigido Henri Christophe que torna-se o rei Henri 1º e ao sul uma república governada por Pétion.

1825: Charles X reconhece a independência do Haiti e fixa a indenização devida à França.

1849: Faustin Soulouque proclama-se imperador (Faustin 1º). Início de uma severa repressão contra os mulatos.

1859-1867: O mulato Nicolas Geffrard derruba Faustin 1º e reinstaura a república.

1867-1910: O governo fica nas mãos dos mulatos.

1906: Companhias americanas começam a construir vias férreas no Haiti.

1915-1934: Ocupação americana.

1945: Dumarsais Estimé, um militante da causa negra, chega ao poder.

1949: Golpe militar derruba estime. Os militares ficam no poder até 1957.

1957: François Duvalier (conhecido como *Papa Doc*) é eleito presidente da República.

1961: Duvalier decreta a dissolução do Parlamento.

1971: Morte de François Duvalier. Jean-Claude Duvalier (*Baby Doc*) sucede ao pai.

1986: Um levante popular tira Jean-Claude Duvalier do poder. Ele se refugia na França.

1990: Eleição do Jean-Bertrand Aristide.

1991: Golpe de Estado militar encabeçado pelo general Raoul Cédras.

1994: Intervenção militar americana e retorno de Aristide só para presidir as eleições.

1995: René Préval, antigo primeiro ministro, é eleito presidente e sucede Aristide.

2000: Aristide é eleito presidente.

2002: Manifestações de rua anti *Lavalas* (partido de Aristide). Aristide é deposto.

2004: Bicentenário do Haiti. Chegada da força internacional enviada pela ONU para estabelecer ordem no país e preparar as próximas eleições.

2006: René Préval é eleito presidente.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIVÉ, Michel; GADET, Françoise; GALMICHE, Michel. *La grammaire d'aujourd'hui*. Flammarion, Paris, 1986.

BARTHÉLÉMY, Gérard. *L'univers rural haïtien: le pays en dehors*. L'Harmattan, Paris, 1991.

BARTHÉLÉMY, Gerard et BARTHÉLÉMY, Mimi. *Haiti, la perle nue*. Vents d'ailleurs, Ici & Ailleurs, Châteauneuf-le-rouge, 1999.

BENJAMIN, Walter. "A tarefa - Renúncia do tradutor", in *Clássicos da teoria da tradução*, (2002) Núcleo de tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

BERNABÉ Jean, CHAMOISEAU Patrick et CONFIANT Raphaël. *Éloge de la Créolité*. Gallimard/Presses Universitaires Créoles, Paris, 1989.

BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. Companhia das Letras, 1992, São Paulo.

BROUAT, Thérèse. "On n'appelle pas toujours un chat un chat ou comment migrer d'un système de représentation à un autre", in *Les Langues Modernes*, n°2, 1986.

CARPENTIER, Alejo. Prólogo a *El reino de este mundo*. Libreria Del colegio, Buenos Aires, 1975.

CHAMOISEAU, Patrick. *Écrire en pays dominé*. Éditions Gallimard, Paris, 1997.

CHAMOISEAU Patrick et CONFIANT Raphaël. *Lettres créoles – Tracées antillaises et continentales de la littérature –Haïti, Guadeloupe, Martinique, Guyane 1635-1975*. Hatier, Paris, 1991.

COMBE, Dominique. *Poétiques francophones*. Hachette, Paris, 1995

CONFIANT, Raphaël. “*Questions pratiques d’écriture créole*” in *Écrire la parole de nuit, la nouvelle littérature antillaise*, Éditions Gallimard, 1994.

CULIOLI, Antoine. “La communication verbale”, in *Encyclopédie de Sciences de l’Homme*, t.1, Paris, Grange-Batelière, 1965.

DAMATO, Diva. *Édouard Glissant, Poética e Política*. Coleção Parcours, Annablume editora, São Paulo, 1996.

DELAS, Daniel. *Littératures des Caraïbes de Langue Française*. Nathan, Paris, 1999.

DELEUZE e GUATTARI, Gilles e Félix. *Kafka, Pour une littérature mineure*. Les Éditions de minuit, Paris, 1975.

DENIAU, Xavier. *La Francophonie*. Presses Universitaires de France, collection Qui Sais-Je?, Paris, 1983.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. Edusp, São Paulo, 2000.

FERRONHA, António Luís. *O Confronto do Olhar*. Caminho, Coleção Universitária, Portugal.

GHINELLI, Paola. *Archipels littéraires*. Mémoire d’encrier, Montréal, 2005.

GIASSON, Jocelyne. *La compréhension en lecture*. Québec, Gaëtan-Morin, 1990.

GLISSANT, Edouard. “*Le chaos-monde, l’oral et l’écrit*” in *Écrire la parole de nuit, la nouvelle littérature antillaise*, Éditions Gallimard, 1994.

GLISSANT, Edouard. *Le Discours antillais*. Gallimard, Paris, 1997.

GLISSANT, Edouard. *Traité du tout-Monde*. Gallimard, Paris, 1997.

GLISSANT, Edouard. *Introduction à une Poétique du Divers*. Presse de l'Université de Montréal, 1995.

GAUVIN, Lise. *La fabrique de la langue, de François Rabelais à Réjean Ducharme*. Éditions du Seuil, Paris, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A Editora, Rio de Janeiro, 2003.

LAFERRIÈRE, Dany. *J'écris comme je vis*. Entretien avec Bernard Magnier. Lanctôt Éditeur, Québec, 2000.

LAFERRIÈRE, Dany. *Le Cri des oiseaux fous*. Le Serpent à Plumes, Paris, 2002.

LAFERRIÈRE, Dany. *Le goût des jeunes filles*. VLB Éditeur, Québec, 1992.

LAFERRIÈRE, Dany. *L'Odeur du café*. Le Serpent à Plumes, Paris, 2001.

LAFERRIÈRE, Dany. *Pays sans chapeau*. Le serpent à Plumes, Paris, 1999.

LARANJEIRA, Mário. *Poética da tradução*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 1993.

LAROCHE, Maximilien. *Bizango, Essai de mythologie haïtienne*. Collection "Essais", n° 14, GRELCA, Québec, 1997.

LAROCHE, Maximilien. *La double Scène de la Représentation, oraliture et Littérature dans la Caraïbe*. Collection "Essais", n° 8, GRELCA, Québec, 1991.

LAROCHE, Maximilien. *La littérature haïtienne, identité-langue-réalité*. Les Éditions Leméac, Ottawa, 1981.

MALET et ISAAC. *L'Histoire*. Marabout, Belgique, 1995.

- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Éléments de linguistique pour le texte littéraire*. Nathan, Belgique, 2001.
- MATHIS-MOSER, Ursula. *Dany Laferrière, La dérive Américaine*. Vlb Éditeur, Québec, 2003.
- MELLO, Maria Elizabeth Chaves de. “Construindo o conceito de identidade nacional” in revista Gragoatá, nº 11, p.31-39, Niterói, 2º semestre, 2001.
- MOISAN, Clément. “L’écriture de l’exil dans les œuvres des écrivains migrants du Québec” in revista FDLM – Recherches et Applications, CLE international, juillet 2004.
- MOREL, Marco. O Haiti não foi aqui in *Nossa História*, Ano 1, nº 11, Biblioteca Nacional, setembro 2004.
- OLLIVIER, Émile. *Repérages*. Leméac Éditeur, Ottawa, 2001.
- ORIOLE-BOYER, C. “L’art de l’autre”, in *Langue Française*, Paris, Larrousse, nº 70, 1986.
- ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco*. Editorial de Ciências Sociales, Havana, 1983.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Galofilia e galofobia na cultura brasileira” in revista Gragoatá, nº 11, p.41-59, Niterói, 2º semestre, 2001.
- PIETRARÓIA, Cristina M. Casadei. *Percursos de leitura, léxico e construção de sentido na leitura em língua estrangeira*. São Paulo, Annablume, Col. Parcours, 1997.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Coleção OsPensadores. Editora Nova Cultural, São Paulo, 1987.

SENGHOR, Léopold Sédar. *Anthologie de la Nouvelle Poésie Nègre et Malgache de Langue Française*. Presses Universitaires de France, Paris, 1972.

SOBOUL, Albert (org.). *L'Encyclopédie (textes choisis)*. Paris: Messidor. Editions Sociales, 1984.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América*. Martins Fontes, São Paulo, 2003.

TODOROV, Tzvetan. *Les morales de l'histoire*. Hachette Littératures, Paris, 1991.

VYGOTSKY, L.S.. *Pensamento e linguagem*. Martins Fontes, São Paulo, 3<sup>a</sup> ed. (ed. Original 1934),1991.

Sites consultados:

<http://www.lehman.cuny.edu/ile.en.ile/paroles/laferriere.html> (consultado em 12/2005)

<http://www.lehman.cuny.edu/ile.en.ile/table.html> (consultado em 07/2006)



**TRADUÇÃO DO LIVRO**  
**PAÍS SEM CHAPÉU**

PAÍS SEM CHAPÉU  
Romance de Dany Laferrière

*Para minha mãe que nunca deixou seu país  
nem por um minuto, como ela diz.*

País sem chapéu, é assim que se chama  
o lado de lá no Haiti porque nunca ninguém  
foi enterrado com seu chapéu.

Os provérbios haitianos em epígrafe de todos os capítulos deste livro estão transcritos em um crioulo mais etimológico que fonético e traduzidos literalmente. Dessa maneira, o sentido deles permanecerá sempre um pouco secreto. Isso nos permitirá apreciar não somente a sabedoria popular, mas também a fértil criatividade lingüística haitiana.

*Trois feuilles  
trois racines oh  
jeté, blié  
ramassé, songé.*

(Três folhas  
três raízes oh  
aquele que joga, esquece  
aquele que cata, se lembra.)

Canção folclórica

## UM ESCRITOR PRIMITIVO

Há muito tempo que espero este momento: poder sentar à minha mesa de trabalho (uma mesinha bamba debaixo de uma mangueira, no fundo do quintal) para falar do Haiti tranqüilamente, longamente. E o que é ainda melhor: falar do Haiti, no Haiti. Eu não escrevo, falo. Escreve-se com o espírito. Fala-se com o corpo. Sinto este país fisicamente. Até o calcanhar. Reconheço, aqui, cada som, cada grito, cada riso, cada silêncio. Estou em casa, não muito longe do Equador, nesta pedra, ao sol, à qual se agarram mais de sete milhões de famintos, homens, mulheres e crianças, encurralados entre o mar do Caribe e a República Dominicana (inimiga ancestral). Estou em casa nesta música de moscas varejeiras provocando este cachorro morto, a apenas alguns metros da mangueira. Estou em casa com esta ralé que se entredevora como cães raivosos. Instalo minha velha Remington neste bairro popular, no meio desta multidão suada. Multidão barulhenta. Esta cacofonia incessante, esta desordem permanente – hoje percebo – me fez falta, afinal, nos últimos anos. Lembro-me que no momento de deixar o Haiti, vinte anos atrás, eu estava completamente feliz por escapar dessa bagunça que começa com o nascer do sol e termina de madrugada. O silêncio em Porto Príncipe só existe entre uma e três horas da manhã. A hora dos bravos. A vida só pode ser pública nessa metrópole espantosamente superpovoada (uma cidade construída para nem duzentos mil habitantes que se encontra hoje com cerca de dois milhões de históricos). Vinte anos atrás, eu queria o silêncio e a vida privada. Hoje não consigo escrever se não sentir as pessoas a minha volta, prontas a interferir, a todo momento, no meu trabalho, para lhe dar uma outra direção. Escrevo a céu aberto no meio das árvores, das pessoas, dos gritos, dos choros. No coração desta energia caribenha. Com uma bacia de água limpa, não muito longe, para me refrescar o corpo (o rosto e o peito) quando a atmosfera se torna insustentável. O ar irrespirável. A água espirra por todo lado. Produto raro. Depois dessa breve toaleta, eu volto a passos largos para a minha mesa bamba para recomençar a datilografar como um louco nesta máquina de escrever que nunca me deixou desde meu primeiro livro. Um velho casal. Conhecemos tempos difíceis, companheira. Dias com. Dias sem. Noites febris. Curiosamente, foi uma máquina que me permitiu expressar minha raiva, minha dor ou minha alegria. Não acredito que ela seja somente uma máquina. Às vezes, eu a ouço gemer quando sente que estou triste, ou ranger os dentes quando ouve rosar minha cólera. Escrevo tudo o que vejo, tudo

o que ouço, tudo o que sinto. Um verdadeiro sismógrafo. De repente, levanto a Remington com os braços na direção do céu claro e duro do meio-dia. Escrever mais rápido, sempre mais rápido. Não que eu seja apressado. Eu me agito como um louco, enquanto, ao meu redor, tudo vai tão devagar. Mal acabo uma história, outra chega afoita. O excesso. Ouço a vizinha explicar a minha mãe que ela conhece esse tipo de doença.

– Pois é, minha cara, desde que ele chegou, passa o tempo todo datilografando nessa maldita máquina.

– Parece, diz a vizinha, que essa doença só ataca aqueles que viveram tempo demais no exterior.

– Será que ele ficou louco? pergunta minha mãe ansiosa.

– Não. Ele precisa simplesmente reaprender a respirar, a sentir, a ver, a tocar as coisas de modo diferente.

A vizinha acrescenta que ela conhece um remédio que poderia me ajudar a reencontrar um ritmo normal. Não quero chá calmante. Quero perder a cabeça. Voltar a ser um garoto de quatro anos. Opa, um pássaro atravessa meu campo de visão. Escrevo: pássaro. Uma manga cai. Escrevo: manga. As crianças jogam bola na rua entre os carros. Escrevo: crianças, bola, carros. Parece até um pintor primitivo. Aí está, é isso, achei. Sou um escritor primitivo.

## PAÍS REAL

*À force macaque caressé pitite li, li tué'l.*

( De tanto acariciar seu filhote, a macaca o matou.)

### **A mala**

Ao lado de minha mãe está tia Renée, ereta, branca, frágil. Minha mãe tem aquele sorriso um pouco crispado que conheço tão bem.

– Onde está sua bagagem? pergunta minha mãe antes mesmo de eu beijá-la.

Sempre os dois pés no chão.

– Só tenho esta mala.

– Ah, é! diz minha mãe tentando esconder sua surpresa.

– Ela pesa igual àquela que você me deu quando parti vinte anos atrás.

Tia Renée tira a mala das minhas mãos.

– É verdade, Marie, ele tem razão.

O sorriso crispado de minha mãe. Ela deve pensar que não mudei. Sempre essa maneira fantasiosa de ver a vida. Se fosse minha mãe, teria trazido o máximo de coisas úteis.

Só agora minha mãe me beija. Tia Renée, que só esperava esse sinal, pula no meu pescoço.

### **O tempo**

Minha mãe, na frente, levando a mala. Ela a arrancou brutalmente de minhas mãos. O céu azul claro de Porto Príncipe. Algumas nuvens cá e lá. Um sol novinho em folha bem no meio. Exatamente como na minha memória. Tia Renée me segura pelo braço.

– Por que você ficou tanto tempo sem vir? pergunta apertando-me forte contra ela.

– Foi o tempo que passou, tia Renée.

Ela me olha com um olhar sério.

– É verdade, diz ela, nada podemos contra o tempo... Você se lembra, acrescenta com um risinho agudo, quando eu te mandava fazer entregas e cuspi no chão te pedindo para voltar antes que meu cuspe evaporasse completamente?

– Lembro, disse prontamente, e eu chegava sempre a tempo.

– Era o único momento, conclui tia Renée, em que podíamos controlar o tempo.

Um tempo, nem breve nem longo.

– Eu posso te contar agora que você cresceu, começa tia Renée. Nem sempre você chegava a tempo, como pensava. Quando eu via que você não chegava, eu cuspi de novo no chão, assim você podia pensar que tinha sido rápido.

– Mas, tia Renée, eu saía sempre como uma flecha.

– É verdade, diz ela com um sorriso, que você saía como uma flecha, mas depois parava no caminho para brincar e, quando isso acontecia, você não tinha nenhum domínio sobre o tempo... você podia ficar dez minutos, meia hora, até mesmo uma hora... Mas voltava sempre como uma flecha... E foi isso que aconteceu ainda essa vez: você nos ligou anteontem para dizer que chegava hoje.

– E fiquei vinte anos pelo caminho.

– Pois é, diz tia Renée com uma breve gargalhada.

## O táxi

Eu vejo minha mãe discutindo com um motorista de táxi, do outro lado da rua. O homem sacode negativamente a cabeça. Minha mãe deve estar lhe propondo um preço impossível pela corrida. Nós vamos a Carrefour-Feuilles, do outro lado da cidade.

O homem acaba aceitando. Minha mãe entra na frente. Tia Renée e eu, atrás.

Tia Renée acaricia minha mão.

– Velhos Ossos<sup>139</sup>, como estou contente de te ver.

Minha mãe olha reto para frente.

– Às vezes, diz tia Renée ao meu ouvido, eu escuto Marie chorar à noite, sozinha no escuro. Ela pensa que estou dormindo. Você precisa cuidar de sua mãe, ela não está mais tão firme como antes, você sabe. É por você que ela faz esse grande esforço de ficar ereta assim. Parece até que Marie engoliu um cabo de vassoura...

Tia Renée ri mansamente. Minha mãe se vira prontamente. Eu sempre achei que ela tinha um olho atrás da cabeça.

– Já estão tramando alguma coisa?

– Faz tanto tempo que não o vejo, Marie.

Minha mãe indica ao motorista o melhor caminho. Ele obedece sem dizer uma palavra. Subimos a colina do morro Nelhio. O táxi cospe uma fumaça negra. O rosto do motorista está tenso. Suas mãos, como que parafusadas no volante. Eu tenho a impressão de que não chegaremos lá em cima. Minha mãe continua olhando para frente. Tia Renée aperta fortemente meus dedos. As casas desfilam em câmera lenta. Um garoto sem camisa me faz uma careta.

– Não gosto de vir para esses lados, resmunga o motorista.

– A gente não faz só o que gosta, retruca minha mãe na mesma moeda.

## A colina

O motorista cospe pela janela do carro, pisando fundo no acelerador. Uma imensa nuvem negra nos envolve. Não enxergo mais o rosto do garoto que continua nos seguindo.

– Parece fuligem, diz minha mãe fechando o vidro.

O motorista insiste em acelerar. O carro avança um pouco. Ele está quase de pé. O pé cravado no acelerador. O táxi solta um grito de dar dó, fica imóvel por uns dez

---

<sup>139</sup> Segundo o autor, *Vieux Os* é uma antiga expressão haitiana para dizer “*qu'on ne compte pas se coucher avec les poules*”, ou seja, refere-se ao hábito de deitar-se tarde da noite. No livro *L'odeur du café* o narrador conta que gosta de fazer *vieux os* com sua avó, daí a origem de seu apelido.

intermináveis segundos antes de recomeçar a subir a colina. O motorista senta-se de novo, puxa o lenço para enxugar o rosto. Chegamos finalmente ao topo.

– À esquerda, diz secamente minha mãe. É a terceira casa... Aqui...

O motorista é obrigado a descer para nos abrir as portas, que não abrem por dentro. Tia Renée e eu já estamos na varanda. Minha mãe fica para pagar a corrida. O motorista exige uma compensação porque, diz ele, seu motor quase explodiu. Minha mãe deixa claro que ela, sim, arriscou a vida nesse ferro-velho. É ele quem tem o dever de conduzir seus clientes em um carro decente. O motorista tenta comover minha mãe queixando-se de que tem quatorze bocas para alimentar.

– Preço é preço... por acaso estou te pedindo um abatimento pelo fato de eu também ter responsabilidades?

Finalmente, o motorista dá uma arrancada para virar à direita na esquina sem nem reduzir a velocidade. É a sua maneira de protestar.

### **A casa nova**

É uma casa muito mais sólida do que aquela onde morávamos na rua Lafleur-Duchêne. Com todos os quartos no primeiro andar. E eles também são bem espaçosos.

– Nós estamos bem instaladas aqui, diz tia Renée, mas o bairro...

– O que tem o bairro? pergunta secamente minha mãe.

– Você sabe muito bem, Marie.

– O bairro é muito bom, diz minha mãe indo para a sala de jantar.

Acabo de perceber que ela está usando salto alto, o que faz muito raramente por causa de seus calos. Ela deve estar sofrendo horrores neste momento. Não será de sua boca que escutaremos uma única queixa.

### **O café**

Primeiro, o cheiro. O cheiro do café de Palmes.

O melhor café do mundo, segundo minha avó. Ba passou toda sua vida bebendo esse café.

Aproximo a xícara fumegante do meu nariz. Toda minha infância me sobe à cabeça.

Jogo três gotas de café no chão para cumprimentar Ba.

### **País sem chapéu**

Minha mãe sorri.

– Não se preocupe com Ba, dou a ela uma boa xícara de café toda manhã.

– Não poderia ser diferente, acrescenta tia Renée, senão ela mesma se serviria.

– É verdade, diz minha mãe sorrindo. Uma vez, eu esqueci de servi-la. Então, de repente, tive a impressão de que alguém me arrancava a xícara da mão. Ela estava mesmo com raiva aquele dia. Pode-se dizer que, desde então, eu nunca mais a esqueci.

– Sim, diz tia Renée, mas quando Marie faz um café que não é o de Palmes, ela não quer.

Minha avó partiu para o país sem chapéu já faz quatro anos. Às vezes, tenho vontade de ir visitá-la.

### **O quartinho**

Ele fica bem ao lado da sala. Embaixo da escada. Um minúsculo quarto. Foi aí que Ba quis terminar seus dias.

- Tem duas camas, digo.
- A outra é a minha, corta tia Renée sentando-se nela.
- Minha mãe e Renée sempre estiveram juntas, diz minha mãe.
- Agora ela está lá, e eu estou aqui, murmura tia Renée.
- Pedi para Renée dividir meu quarto comigo, mas ela se recusa.
- Mas Marie, eu não posso deixar Ba sozinha...

Minha mãe pisca para mim.

### **O vestido cinza**

Acabo de perceber, pendurado na parede do fundo, o vestidinho cinza com os dois bolsos na frente. Aquele que Ba usava todos os dias. Ela guardava os outros vestidos no armário grande, esperando uma ocasião para usá-los. Na verdade, ela não tinha nenhuma intenção de colocá-los, o que entristecia minha mãe.

- Por que você não põe seu lindo vestido azul?
- Vou esperar uma ocasião, respondia Ba, invariavelmente.
- Mas mãe, dizia minha mãe com a voz quase embargada de lágrimas, você só usa o vestido cinza.
- Quando o visto, Marie, é como se não tivesse nada sobre mim... este vestido não pesa nada.
- Todos estes vestidos, mãe, você gostava deles?
- Gostava, mas agora só consigo usar o vestido cinza...



– Foi nesse momento, me diz minha mãe, que soube que ela ia morrer.

### **Os objetos**

A grande mala embaixo da cama. A mesma velha bacia branca um pouco amassada, sobre a mesinha, para que ela pudesse fazer a toailete antes de se deitar. O copo, perto da bacia, onde ela colocava a dentadura.

– As únicas coisas que ela quis trazer de Petit-Goâve com o grande espelho oval e a estátua da Virgem, diz sombriamente minha mãe.

– Nós temos coisas a fazer, Marie, diz tia Renée.

– É verdade, diz minha mãe, ele deve estar com fome.

### **A coisa**

Minha mãe sempre se recusou a acreditar que um ser humano normal pudesse engolir a comida que servem nos aviões. E ela nunca viajou de avião. De onde ela tira essas informações? Dos viajantes. Acho que compreendo a que ela se refere. O CHEIRO. As refeições nos aviões quase não têm cheiro, ou melhor, têm um cheiro sintético. Totalmente opostas ao que os seres humanos deveriam comer. Ainda mais alguém nascido no Caribe, no meio das especiarias.

Sem cheiro, logo sem gosto. O que sobra então? A coisa.

### **A verdadeira refeição**

Elas estão sentadas a minha frente me olhando comer.

– Desde que você ligou para dizer que estava chegando, Marie não fechou mais os olhos.

– Estou com dor na perna há alguns dias, desvia minha mãe esfregando a perna direita.

– É por isso que eu te escuto andar lá no alto a noite toda, dispara ironicamente tia Renée.

O sorriso crispado de minha mãe.

– O que há com a sua perna, mãe?

– Um ciclista me atropelou perto do cemitério.

– E você não foi ao médico?

– Ah! explode tia Renée, é o que eu lhe digo todo dia. Vá ver um médico. Tua mãe tem medo dos médicos. Quando pequena, ela urrava quando o doutor Cayemitte lhe

aplicava uma injeção. Com o tempo, Velhos Ossos, aprendi que as pessoas não mudam nunca.

– Chega, Renée, diz minha mãe, você não o deixa comer.

– É verdade, diz tia Renée, mas faz tanto tempo que não o vejo... Meu Velhos Ossos, você está aqui, enfim. Eu pensava que ia morrer sem te ver.

– É o meu prato preferido. Faz realmente muito tempo que não provo uma coisa tão saborosa. Derrete na boca. Obrigado, mãe.

– Não fui eu, diz minha mãe, foi Renée quem preparou para você. Ela se levantou muito cedo para cozinhar.

– O que você está dizendo Marie, sempre estou de pé muito cedo.

Eu me levanto para buscar um copo d'água.

– O que você está fazendo? pergunta ansiosamente tia Renée.

– Nada. Vou pegar um copo d'água.

Minha mãe se levanta de um salto. Ela corre à geladeira para me trazer um grande copo de suco de romã.

– Obrigado, mãe.

– De nada.

Minha mãe sorri. Tia Renée também. Um verdadeiro sorriso. Minha primeira refeição em Porto Príncipe em vinte anos.

### **Espaguete**

Eu sabia que essa pergunta ia chegar, cedo ou tarde.

– O que você comeu nesses vinte anos? pergunta à queima-roupa minha mãe.

– Marie, não posso ouvir quando você diz “vinte anos”, isso me corta o coração.

– Mas, Renée, ele passou vinte anos lá.

– Eu sei.

– O que eu comi?

Para compreender a importância dessa pergunta, é preciso saber que a comida é capital na minha família. Alimentar alguém é uma maneira de dizer que o amamos. Para minha mãe, é quase o único modo de comunicação.

– É, como você se virou?

– Espaguete.

Ah! Uma gargalhada feliz! Gostamos muito de espaguete em casa, mas minha mãe acha que não é um prato antilhano. Para começar, não existe refeição que se preze sem arroz.

– Tem arroz lá?

– Tem...

Leve surpresa.

– Tem até porco.

– Sim, mas, dizem em coro, com certeza não tem o mesmo gosto do nosso... Tem gosto de quê? pergunta minha mãe como se a resposta não lhe interessasse mais.

– De nada.

– Era o que eu pensava, conclui ela.

– Mas quem cozinhava para você? arrisca tia Renée.

– Ninguém.

– Como ninguém? quase urra tia Renée.

– Eu cozinhava pra mim.

– Coitadinho! exclama tia Renée.

Minha mãe passa a mão lentamente nos cabelos.

– Não foi tão terrível assim, murmuro por fim.

## **Lá**

Minha mãe não diz nunca Montreal. Ela diz sempre lá.

– Por que você diz sempre lá, mãe?

– Ah é...

– É, até nas suas cartas.

– Porque é lá.

– O nome é Montreal.

– Não sei do que você está falando.

– Vivi lá vinte anos...

– Eu sei que você viveu lá vinte anos.

– Marie compra um calendário todo ano, só para você, revela tia Renée. Ela faz uma cruz em cada dia que passa.

– Entendo, mas ela pode, ao menos, dizer Montreal.

– Você não pode pedir isso a ela, diz simplesmente tia Renée.

Minha mãe fica em silêncio.

### **Um mundo fechado**

Afasto um pouco a cadeira para ficar totalmente à vontade.

– Tire a camisa, diz tia Renée.

– Vá abrir a porta da frente, deve estar quente agora, Renée... Você vai ver, Velhos Ossos, tem uma boa corrente de ar...

Tia Renée corre para a porta que dá para a pequena varanda. Reparo em suas pernas frágeis e brancas.

– Tornou-se uma obsessão para Renée... Ela fecha todas as portas. Cada vez mais, ela se fecha em si mesma.

– No entanto ela me parece bem animada, digo.

– Por sua causa. Ela não quer que você veja que envelheceu. Sua saúde também não é mais tão boa. No mês passado, ela caiu duas vezes saindo do banho. O médico lhe recomendou fazer exercícios para dar tônus aos músculos.

– Ela faz?

– Faz, é preciso reconhecer, Renée faz sempre o que o médico recomenda. Por esse lado, fico menos preocupada.

– E você, mamãe?

– Eu o quê?

– Sua saúde?

– Oh, tudo bem...

Sempre esse sorriso crispado. É aí que ela esconde sua dor.

### **A toaleta**

Tia Renée encheu de água morna a bacia de Ba.

– A água está boa, tia Renée.

– Ela estava no sol, Velhos Ossos. Eu tinha colocado nela algumas folhas de laranjeira, é bom para relaxar os músculos. Você não sente o cheiro da flor de laranjeira?

Inclino-me para experimentar a água.

– Sinto... Ba me preparava banhos assim quando eu tinha febre.

Lavo o rosto, o peito e as axilas. “Principalmente as axilas”, me dizia sempre Ba. Por causa do calor.

Tomei meu primeiro banho, certamente, nessa bacia amassada. Passei vinte anos lá, para falar como minha mãe. Hoje, tenho quarenta e três anos.

E Ba não está mais.

### **A escada**

Subo a escada, seguido por tia Renée. Uma escada sólida, mas um pouco escorregadia.

– Ah, diz tia Renée, se você visse Marie descer essa escada, você morreria de rir.

Não vejo do que rir.

– Eu a chamo de macaco. Ela desce a escada sentada. Você sabe, ela já caiu uma vez, desde então, ela não confia na escada.

Tia Renée ri. Um riso fresco, feliz.

– Estou feliz, tia Renée, que você faça seus exercícios regularmente.

– Quem te disse isso? Marie! Ela não consegue segurar a língua.

– Dói?

– À noite... Você sabe que sua mãe tem sempre dor de dente, isso a cansa muito.

– Tia Renée, você deveria tomar cuidado com sua perna, na escada.

– Pelo contrário, me diz ela virando-se com um sorriso cúmplice. É um esforço que o médico me recomenda.

### **A viagem**

Tia Renée empurra-me para dentro de um pequeno quarto, bem no topo da escada.

– Eu não sou como Marie, adoro viajar.

– E por que você nunca vem me ver em Montreal?

– O avião, ela murmura.

– Tia Renée, você é mais moderna que isso.

– Sou, diz ela com um sorrisinho faceiro, mas não posso controlar meu medo de avião... Senão, viajaria o tempo todo.

– E aonde você iria em primeiro lugar?

– A Jerusalém.

– Porque é a Cidade Santa?

– Não. Gosto do nome. Jerusalém, você não acha bonito?...

– Acho. Muito bonito.

– Não conte a Marie o que acabo de te dizer.

– Tia Renée, não há nada para esconder...

– Tenho as minhas razões.

## **A roupa**

Encontro minha mãe passando minha camisa.

– O que você está fazendo? Não precisa passá-la, mãe.

– Por quê?

– Ela é feita assim... Deve parecer um pouco amassada.

– É a moda, Marie, diz tia Renée. Você não viu o filho de Dona Jérémie que chegou de Nova Iorque, a semana passada? Marie não se interessa pela moda. Tudo deve continuar como quando ela era jovem.

– Entendo, diz minha mãe parando de passar, não precisa dar palpite, Renée... E desde quando você se interessa por moda?

Um tique nervoso no canto da boca de tia Renée.

– Desde sempre, Marie.

– Bom, digo, vou pedir-lhes para virar...

– Por quê? perguntam em coro.

– Porque vou me trocar, minhas senhoras.

Uma brusca gargalhada.

– Isso não nos assusta, hein Marie! exclama tia Renée maliciosamente.

Sorriso vagamente embaraçado de minha mãe.

– Escutem, tenho quarenta e três anos...

Céus! O que eu disse para provocar estas gargalhadas em cascata? Tia Renée se joga literalmente na cama. Minha mãe, normalmente tão reservada, faz o mesmo. Por fim, visto-me inteiramente diante delas.

– Acho que vou dar uma volta.

Uma sombra encobre, por um breve momento, o rosto de minha mãe.

– Cuidado...

– Ele sabe, Marie... Não comece a chateá-lo com isso. Seu filho viveu em tudo que é lugar do mundo. E agora, aqui está de volta sem nenhum arranhão... Glória a Deus!

– Glória a Deus! repete minha mãe.

## **A prece**

Minha mãe hesita um pouco.

– Tenho uma coisa para te pedir, Velhos Ossos.

– Sim...

– Diz para ele, Marie... Você não precisa ter medo de seu filho.

Tempo.

– Eu gostaria que fizéssemos uma pequena prece antes de você sair.

– É uma boa idéia, mãe.

Nós nos ajoelhamos no meio do quarto. Foi Ba quem me ensinou minha primeira oração. Uma oração ao Menino Jesus. Eu me lembro da estátua da Virgem segurando o Menino Jesus nos braços. No grande quarto de dormir, em Petit-Goâve.

De repente, minha mãe e tia Renée levantam os braços aos céus gritando: “Glória ao Eterno! Glória ao Ressuscitado! Bendito seja o seu nome! Aleluia! Aleluia! Aleluia!”

Começam a dançar em torno de mim batendo palmas e cantando: “ELE VOLTOU!”

Só quando passei pela porta percebi que choravam.

## PAÍS SONHADO

*Anvant ou monté bois, gadé si ou capab descenn li.*

(Antes de subir numa árvore, veja se consegue descer.)

Este calor vai acabar me matando. Meu corpo viveu tempo demais no frio do norte. A descida em direção ao sul, esse mergulho no inferno. O fogo do inferno. Estou todo suado embaixo desta mangueira. O cheiro de uma manga madura demais que acaba de explodir perto da minha cadeira quase me deixa zozzo. Algumas folhas amarelas terminam de se decompor na bacia d’água ao pé da laranjeira. Uma água viscosa. Ao longe: o cachorro morto coberto de moscas negras da cabeça aos pés. Esse barulho incessante de moscas zunindo. O jogo de luz faz as moscas parecerem ora negras ora azuis. Trazem-me uma xícara de café bem quente. Eu me preparo para tomar o primeiro gole.

– Será que esqueceu o costume, Velhos Ossos?

É preciso oferecer primeiro aos mortos. Aqui, servimos os mortos antes dos vivos. São nossos antepassados. Qualquer morto torna-se subitamente antepassado de todos aqueles que ainda respiram. O morto troca imediatamente de modo de tempo. Ele deixa o presente para alcançar ao mesmo tempo o passado e o futuro. Onde você vive, agora? Na eternidade. Lugar bacana! Viro metade da xícara de café no chão nomeando em voz alta meus mortos. Ba, que amava tanto esse café de Palmes que provo neste instante. Borno, o filho de Edmond. Arince, o irmão de Daniel (meu avô). Victoire, a irmã de Brice. E Iram

também, o jovem irmão de Ba. Mas principalmente Charles, o ancestral, aquele que fundou a dinastia (sessenta filhos segundo as estimativas mais moderadas). E a cada nome pronunciado, eu sinto a mesa vibrar. Eles estão aqui, bem perto de mim, os mortos. Meus mortos. Todos aqueles que me acompanharam durante essa longa viagem. Eles estão aqui, agora, ao meu lado, bem perto dessa mesa bamba que me serve de escrivaninha, à sombra da velha mangueira carcomida por doenças que me protege do terrível sol do meio-dia. Eles estão aqui, eu sei, estão todos aqui me olhando trabalhar neste livro. Sei que me observam. Eu sinto. Seus rostos roçam minha nuca. Eles se inclinam com curiosidade por cima do meu ombro. Eles se perguntam, levemente inquietos, como vou apresentá-los ao mundo, o que direi deles, eles que nunca deixaram essa terra desolada, que nasceram e morreram na mesma cidade, Petit-Goâve, que só conheceram essas montanhas peladas e esses anófeles cheios de malária. Estou aqui, na frente dessa mesa bamba, debaixo dessa mangueira, tentando falar uma vez mais da minha relação com esse incrível país, do que ele se tornou, do que eu me tornei, do que nós todos nos tornamos, desse movimento incessante que pode até nos enganar e nos dar a ilusão de uma inquietante imobilidade.

## PAÍS REAL

*Cabrit dit: Mouin mangé lanman, cé pas bon li bon nan bouche mouin pou ça.*

(A cabra diz: Se como essa planta amarga, certamente não é porque tem gosto bom.)

### **A paisagem**

Saí sem objetivo preciso, a não ser o de estar fora, de sentir em meu rosto o velho vento do Caribe. Aqui estou só, neste instante. Quantas vezes sonhei com este momento? Sozinho em Porto Príncipe. Sem razão, viro à direita e me vejo no topo do morro Nelhio. A cidade, aos meus pés. Os ricos moram no flanco das montanhas (as montanhas Negras). Os pobres ficam amontoados na parte baixa da cidade, ao pé de uma montanha de imundícies. Os que não são nem ricos nem pobres ocupam o centro de Porto Príncipe.

Ao longe, a ilha de Gonave.

### **Os números**

56% da população ocupa 11% do território.

33% da população ocupa 33% do território.

11% da população ocupa 56% do território.



### **O cemitério**

Bem ao pé do morro Nelhio, o cemitério de Porto Príncipe, como um lote de diamantes mal lapidados.

É o lugar do encontro de todos.

### **A guerra**

O que aconteceu nos últimos vinte anos em relação às moradias. A guerra. A população de Porto Príncipe aumentou consideravelmente com a chegada, constante, dos habitantes das cidades do interior, oriundos de todas as camadas sociais. Esse movimento provocou um pânico geral na cidade. Os burgueses tradicionais de Porto Príncipe se refugiaram maciçamente nas montanhas. Na classe média, a população quintuplicou enquanto o espaço continuou o mesmo. Um jogo feroz de dança das cadeiras instalou-se. E aqueles que perdiam seus lugares acabavam *ipso facto* no salve-se-quem-puder de Martissant.

### **A fronteira**

Nossa nova casa (a que ocupamos hoje, depois de ter perdido nosso lugar na rua Lafleur-Duchêne) fica bem na fronteira. Do alto do morro Nelhio, dando uma rápida olhada à esquerda, pode-se facilmente ver a multidão barulhenta e suada de Martissant. O inferno de Martissant, como diz minha mãe.

### **O medo**

Em suas cartas, minha mãe me fala sempre dessa questão do aluguel. Seu medo de acabar, um dia, em Martissant. É uma casa alugada, e o proprietário, que vive em Nova York, ameaça minha mãe, ao menos uma vez por mês, dizendo que vai voltar para gozar sua aposentadoria em Porto Príncipe. No seu lar. Na casa dele. Minha mãe seria obrigada a mudar-se. Pra onde? Ela não ousa nem mesmo pronunciar a palavra Martissant. A caldeira de Martissant.

– Renée não sobreviveria quarenta e oito horas em Martissant, deixa escapar minha mãe.

### **Nosso bairro**

Quando se perde o bairro, perde-se tudo. Um contexto no qual se pode estar à vontade, amigos que se tornaram com o tempo quase parentes, os mercadinhos que vendem fiado depois que se conquista a reputação de bom cliente, a escola das crianças cuja diretora se conhece, o cinema bem ao lado.

– E Renée que diz que poderia viver em Martissant, Renée que vai lavar as mãos assim que diz bom dia a alguém, mesmo se ela nem lhe apertou a mão, conclui minha mãe.

### **O cheiro**

O problema não é tanto a multidão. É o cheiro. Por volta de cem mil pessoas concentradas em um espaço restrito sem água corrente.

Nem ousou dizer a minha mãe que Martissant está longe de ser o pior bairro de Porto Príncipe.

### **A higiene**

Tia Renée é tão branca quanto uma negra pode sê-lo sem ser uma verdadeira branca. Ela não é, no entanto, mulata. Todas as suas irmãs são negras. Exceto tia Raymonde. Tia Renée tem idéias muito precisas sobre higiene. Ela acha que é a falta de higiene que torna algumas pessoas tão negras.

– Mas, Velhos Ossos, ele não é naturalmente negro assim.

– É a cor dele, tia Renée.

– Eu sei que ele é negro, é um haitiano, mas veja, Velhos Ossos, é muito negro. Não se pode ser tão negro... Certamente é porque ele não se lava.

– Como assim, tia Renée? Se um branco não se lavasse, mesmo assim, ele não se tornaria negro.

– Sim. Ele se tornaria negro de sujeira.

Tia Renée é maníaca por higiene.

– Ela acha, cochicha minha mãe, que se a gente for para Martissant, ela se tornará negra em menos de dois anos, mas eu lhe digo sempre para não se preocupar porque ela não sobreviveria quarenta e oito horas, lá.

## **PAÍS SONHADO**

*Cé pas toute mort qui oué bon Dieu.*

(Não são todos os mortos que vêm a Deus.)

Um ventinho chato levou minhas páginas. Recolho-as rapidamente, faço uma pilha e coloco uma pedra em cima. Escrevo, sem camisa, em Carrefour-Feuilles, em pleno território *bizango*<sup>140</sup>. Ouço minha mãe contar à vizinha que viu um *bizango*, há quase um mês, descendo o morro Nelhio, bebendo sangue e berrando cantos obscenos. O corpo coberto de cinzas, nu, indecente, o sexo exposto, os olhos vermelhos, a boca cuspidando fogo, à procura de uma nova vítima na noite opaca. Minha mãe precipitou-se para o interior da casa, rapidamente fechou as portas e apagou todas as luzes antes de se deitar de barriga para baixo no meio do salão. Ela afirma não ter falado disso a ninguém até hoje. Minha mãe vira-se e percebe que estou interessado em sua história. Não pelas razões que ela pensa. O que me toca é sua capacidade praticamente ilimitada de reviver seus medos noturnos. A noite existe neste país. Uma noite misteriosa. Eu, que acabo de passar cerca de vinte anos no norte, tinha quase esquecido esse aspecto da noite. A noite negra. Noite mística. E só de dia podemos falar do que aconteceu à noite. Vem ao espírito a famosa interrogação de Thales. Quem chega primeiro: a noite ou o dia? E Thales decide: a noite está um dia na frente. É como se dois países caminhassem lado a lado, sem jamais se encontrar. Um povo humilde se debate de dia para sobreviver. E esse mesmo país, à noite, é habitado somente por deuses, diabos, homens transformados em bestas. O país real: a luta pela sobrevivência. E o país sonhado: todos os fantasmas do povo mais megalomaniaco do planeta.

– Você sabe, Velhos Ossos, esse país mudou.

– Isso eu percebi, mãe.

– Não como você pensa. Esse país realmente mudou. Nós chegamos ao fundo. Eles não são mais humanos. Talvez tenham a aparência, se é que têm...

Percebo que minha mãe fala como se temesse que alguém mais a escutasse. Mas não há ninguém perto de nós. A vizinha foi dedicar-se a suas ocupações.

– Em todo caso, concluí, desconfie. Eles andam por aí noite e dia.

– De dia também?

---

<sup>140</sup> *Bizango* é um ser que faz parte da mitologia haitiana. Comedor de homens durante a noite, caracteriza-se pelo fato de antes de começar suas operações tirar sua pele. Sem a pele pode voar para, dos céus, localizar suas vítimas e jogar-se sobre elas. É um ser humano dotado de poderes diabólicos.

– Também. À noite, são *bizangos*. E de dia, *zenglentos*<sup>141</sup>. Por vezes, não sabemos mais se é de dia ou de noite.

– E o que fazemos?

– Fechamos as portas ao meio-dia.

– Ah! é por isso que as venezianas estão sempre fechadas? perguntei para tia Renée que fingiu não entender.

– Eu sei que você não ouve ninguém... (Tempo)... Ouça ao menos esta vez: eu não deixei este país, nem por um minuto, então, sei do que estou falando. Desconfie deles. Desconfie deles de dia e de noite.

– E como os reconhecerei? pergunto, levemente irritado por perceber que minha mãe envelheceu.

Neste momento, ela parece ter medo de sua sombra.

– Você os reconhecerá... Eles não têm alma.

– E como vou saber?

– Porque você tem uma alma.

Um instante de silêncio vagamente desconfortável. Sinto que minha mãe está refletindo.

– Qual é o problema, mãe?

– Não, nada, diz ela olhando com olhos inquietos, à direita e à esquerda.

– Sinto que alguma coisa a perturba, mãe.

– Sim, ela acaba confessando, eles são tão espertos que serão capazes de te fazer acreditar que são seres vivos.

– Não entendo. Você está falando sério, mãe? Você acredita mesmo nessas coisas?

Minha mãe faz um movimento brusco, como se uma descarga elétrica acabasse de lhe atravessar o corpo.

– Eu creio no Eterno, diz ela com orgulho.

– Então, quem são essas pessoas?

Uma sombra passa lentamente pelo rosto de minha mãe. Vejo sua mão se fechar rapidamente sobre o pedaço de tecido que ela não pára de amarrotar. Cetim azul. Azul de Maria.

---

<sup>141</sup> Palavra do crioulo haitiano qualificando um assassino, ladrão, estuproador e qualquer outro tipo de criminoso. Criado na seqüência da onda de violência e de terror do final dos anos 80, a palavra vem de *zenglens*. Os ‘*zenglens*’ eram a polícia secreta do Imperador Faustin I.(20 de setembro de 1849 a 15 de janeiro de 1859). Os haitianos pareciam aceitar impotentes o fenômeno *Zenglendo* até a famosa declaração “Zéro Tolérance” do presidente Aristide em sua visita à Direção Geral da Polícia Nacional no dia 20 de junho de 2001.

– O exército dos zumbis, murmura ela, finalmente. Eles são dezenas de milhares. Os sacerdotes vodus vasculharam o país de norte a sul, de leste a oeste. Vasculharam todos os cemitérios do país. Despertaram todos os mortos que dormiam o sono dos justos. Em toda parte, minha mãe faz o gesto abrindo os braços amplamente e apontando os dedos em todas as direções. No Borgne, em Port-Margot, Dondon, Jérémie, Cayes, Limonade, Petit-Trou, Baradères, Jean-Rabel, Petit-Goâve, sim, Petit-Goâve também... Eles foram procurar mortos até mesmo no pico Brigand no maciço do norte.

Minha mãe pára um momento para retomar o fôlego. Lança-me olhares intensos, tentando ver o efeito de suas palavras sobre mim. Devo ter um ar fascinado, uma vez que ela continua com um leve sorriso no canto da boca.

– Eles realmente foram para todo lado. Nós os ouvíamos à noite, quando entravam em Porto Príncipe.

– Quem?

– Você não estava me ouvindo! Filas de pessoas andando com a cabeça baixa, resmungando histórias pavorosas em um patoá incompreensível.

– Então, não há um só morto nos cemitérios do Haiti neste momento, exclamo num tom levemente zombeteiro.

– Não... Sim... Sim, ainda deve haver alguns defuntos neste país, diz com tanta candura que me arrependo no mesmo instante de meu tom cético.

– Felizmente...

– Sim, parece, continua minha mãe, que não se pode fazer voltar à Terra alguém que está ocupado... As pessoas colocam nas mãos do morto, quando desconfiam que sua morte não é natural, um carretel de linha e uma agulha sem buraco pedindo-lhe para colocar a linha na agulha. É assim que a gente ocupa um morto. Sempre fizemos isso na nossa família. Eu estou tranqüila quanto a eles. Com certeza, não conseguiram incomodá-los.

Visualizo todos esses mortos ocupados em colocar a linha na agulha sem buraco, pela eternidade.

– Então, meu avô está ocupado tentando colocar a linha na agulha sem buraco – um arrepio percorre minha espinha – até o fim dos tempos.

– Até a Ressurreição, acrescenta ela orgulhosamente. Somente Deus pode despertá-lo... Eu não tenho mortos para dar a esses sedentos de sangue para que cumpram seus trabalhos diabólicos.

Minha mãe me olha, dessa vez, direto nos olhos.

– Você não imagina o que vivemos. Não podíamos nem mais ir ao cemitério. Estava vigiado pelos militares. Zona reservada. Claro, o governo não queria que soubéssemos que os cemitérios estavam praticamente vazios.

– Eles vigiavam o quê? pergunto finalmente.

– Era para desviar a atenção... Para que não descobríssemos o segredo. Na realidade, eles vigiavam o vazio. O nada. Um cemitério sem mortos. A dona Lucien, você se lembra dela? Então! ela tinha um morto no cemitério de Léogâne, um de seus tios, homem tranqüilo, generoso, que ela consultava de tempos em tempos...

– No tempo em que ele estava vivo?

– Não, estou falando do morto. Esse morto tinha o hábito de fazê-la ganhar boas somas de dinheiro na loteria, não fortunas, mas o suficiente para sobreviver nesse tempo de escassez. Então! Dona Lucien pôde penetrar no cemitério, uma noite, e achou dentro do caixão, no lugar do morto, adivinhe o quê?

– Não tenho idéia, mãe.

– Um tronco de bananeira. Um tronco de bananeira dentro do caixão. Ela ficou sem voz durante uma semana. Você percebe? Um tronco de bananeira! E sabe-se lá há quanto tempo ela rezava diante desse tronco de bananeira. Coitada, ficou completamente desorientada.

Uma manga cai, quase aos pés de minha mãe. Ela nem pisca. Totalmente longe.

– As pessoas morreram, conclui ela, e recusam-se a deixá-las repousar em paz. Antes, o cemitério era o único lugar seguro no Haiti. Agora, a gente se pergunta se fazemos um bom negócio morrendo neste país.

## PAÍS REAL

*Pati pas di ou rivé pou ça.*

(Partir não significa que você chegou.)

### **Jogo**

São quatro ou cinco garotos de doze a quatorze anos, sentados em um murinho, debaixo de uma amendoeira, conversando, provocando-se, rindo (gritinhos agudos de meninas com cócegas). Vou sentar, em frente, em um banquinho perto da vendedora de amendoim para vê-los, fingindo não me interessar por eles. Dou a impressão de me interessar mais pela pipa, bem acima da cabeça deles. Agora, brincam de se jogar do

murinho. O que está sem camisa me parece o mais forte. Não necessariamente o mais velho. A brincadeira torna-se cada vez mais brutal. As risadas, mais roucas. Algumas disputas corporais. Um deles é agarrado pela gola. O barulho de uma camisa que se rasga. A brincadeira pára instantaneamente. Tudo fica como que em suspenso. O que está sem camisa desculpa-se longamente. O outro, mais desesperado que bravo, desce do murinho para ir embora, cabisbaixo.

### **A tarde**

Nas ruas, a vida continua. Um engraxate me oferece seus serviços.

– Patrão, o senhor vai certamente visitar uma moça. É a primeira coisa que a mãe dela vai reparar.

– O quê?

– Os sapatos... Se eles estiverem bem limpos, tudo bem.

– É a moça que eu quero agradar.

– Ah! patrão, não me venha com essa, o senhor sabe muito bem que se a mãe não gostar...

– Você acredita realmente que esse tipo de relação ainda existe nas famílias?

– Lá aonde o senhor vai, acredito, patrão, pois o senhor me parece um homem de bem... Então, patrão, vai me deixar ganhar um trocado ou será que estou gastando saliva?

– Ok, mas vá logo.

– Ah, não! isso nunca. Eu vou usar meu tempo para fazer um bom trabalho para que toda tarde o senhor venha parar no meu ponto.

– Toda tarde!

– Patrão, eu não posso garantir uma limpeza eterna com essa massa de poeira branca nas ruas.

– Não pragueje contra a poeira, o seu negócio precisa dela.

Ele ri dando alguns golpes secos com a escova na lata de cera.

– Acabou de chegar, patrão?

– Como você sabe?

– Patrão, dá para ver, tá na cara. Posso dar um conselho?

– Vá em frente.

– Mude a data de sua volta e vá embora amanhã logo cedo.

– Por quê? Eu estou no meu país.

O engraxate balança lentamente a cabeça.

– O país mudou, meu amigo. As pessoas com quem se cruza na rua não são todas seres humanos, hum...

– Por que você diz isso? E você?

– Eu! (ri)... Eu! Faz muito tempo que morri... Vou lhe dar o segredo deste país. Todos esses que vemos nas ruas andando ou falando, pois é! a maioria morreu há muito tempo e não sabe. Este país tornou-se o maior cemitério do mundo.

– Você está falando do caso dos zumbis? digo bem baixinho para não comprometê-lo.

– É tudo o que eu tenho a dizer... Se fossem verdadeiramente seres humanos, continua, acha que sobreviveriam a essa fome, a todo esse monte de imundícies que se encontra em cada esquina...? E, além disso, o senhor não vê que todas as outras nações estão no país? (Ele se refere aos soldados das Nações Unidas que ocupam as ruas de Porto Príncipe.) O que o senhor acha que eles estão fazendo? Pesquisas, meu amigo. Eles vêm aqui para estudar quanto tempo o ser humano pode ficar sem comer nem beber. Mas eles não sabem que já estamos mortos. Os brancos só querem crer naquilo que podem compreender. Então, vá embora enquanto é tempo.

– Obrigado pelo conselho.

Dirijo-me tranqüilamente ao Hospital Geral.

– Patrão...

Ouçó um barulho de passos atrás de mim.

– Patrão, o senhor me esqueceu... ainda não é grátis...

– Oh! me desculpe, estava com a cabeça na lua...

– Obrigado, patrão, e não esqueça meu conselho... Deixe esse país o mais rápido possível.

### **O relógio de pulso**

A multidão anda bem no meio da rua. As pessoas vão em todos os sentidos. Várias vezes, viram-se bruscamente e voltam pelo mesmo caminho. É a quarta vez que cruzo com esse homem no meu caminho. Ele me olha como se fôssemos velhos conhecidos. Quando voltamos pra casa depois de tantos anos de ausência, temos medo de não reconhecer um velho amigo. Então ficamos como que em estado de alerta. Mas esse... não consigo, apesar de tudo, ligar um nome a seu rosto. Agora ele se aproxima de mim.

– O senhor não quer este relógio de ouro?

– Por quê?



– O senhor não tem relógio, pelo que estou vendo.  
– Não me interessa saber as horas.  
– Tome, este relógio é seu por apenas cinquenta dólares.  
– E o que vou fazer com um relógio, já que aqui, de qualquer jeito, ninguém chega na hora em lugar nenhum?

Ele hesita um momento, um pouco como um jovem boxeador impetuoso demais que acaba de receber um sólido soco no plexo.

– Ok, fique com ele por dez dólares. Faça isso para o senhor porque quero que tenha um relógio.

– Se, por acaso, eu precisar absolutamente saber as horas, só preciso perguntar para alguém. Olhe, senhor, todo mundo tem um relógio nesta cidade, digo continuando meu caminho.

– O senhor é teimoso, dá pra perceber... Cinco dólares... Eu comprei por vinte, mas dou por cinco. Veja, aceito perder quinze dólares.

– Escute, está perdendo o seu tempo. Não vou comprar.

– Tome, diz ele, olhando-me dentro dos olhos, eu dou de presente... (Tempo...) O senhor me dá quanto quiser.

Finalmente, eu lhe dou um dólar recusando o relógio. Simplesmente para ter paz. Esses caras acabam sempre conseguindo.

### **O carro**

Um carro investe sobre a multidão compacta, perto do cemitério. O acidente parece inevitável. Fecho os olhos. Espero o choque. Abro os olhos a tempo de ver as pessoas desviarem no último segundo e deixarem o carro passar raspando. Não ouço nenhum protesto da parte dos pedestres. Pude perceber o rosto do motorista, e ele parece um tanto relaxado. Nenhum problema. No fundo, é coerente: as calçadas não sendo mais suficientes, as pessoas criaram o hábito de ocupar a rua. Então, quando um carro chega, desviam-se calmamente.

### **A tauromaquia**

Comparo isso a uma verdadeira cena de tauromaquia. O carro seria o touro investindo sobre a multidão. A multidão, o toureiro. Às vezes, acontece de os chifres do touro afundarem no ventre do toureiro. O sangue. Os urros. Se o motorista não é hábil

bastante para fugir nos primeiros segundos de estupor, então, a multidão o faz sair do carro e o abate ali mesmo.

### **O calango verde**

Vi um clarão verde. Não me desviei rápido o bastante. Alguma coisa se agarra a minha camisa. Fico lívido. Meu coração quase sai pela boca. Não ousa nem ver o que é. Aqui, na minha camisa: um calango verde. Eu o olho. Ele me olha. Seus olhos são vivos. A cabeça alongada. A cauda quase tão longa quanto o resto do corpo. O que ele vê me olhando assim? Será que sabe que acabei de chegar, hoje mesmo? Será que sabe quanto tempo passei lá? Será que sabe ao menos que não há calangos lá onde eu estava? Tantas emoções, sensações, impressões em um tempo tão breve (dez a doze segundos). De repente, ouço um barulho seco. Ele acaba de saltar para a calçada, lá está deslizando na grama para alcançar uma árvore, perto da cerca. Eu o vejo trepar rapidamente na árvore e parar bruscamente no meio para fazer o número da garganta que incha, em seguida vira lentamente a cabeça para mim.

### **Um encontro**

Como vive este calango em uma cidade onde a grama tornou-se tão rara? O barulho do calango se insinuando no mato alto. Uma emoção da minha infância. Sobretudo, como será que ele faz para ficar assim verde e musculoso? E tem jeito de quem se vira bem. Lá está ele descendo da árvore para escapar por aí. A impressão precisa de que tudo foi coordenado de maneira que eu chegasse a tempo de ver esse calango. O objetivo secreto da minha viagem.

## **PAÍS SONHADO**

*Moune mouri pas connin prix cercueil.*

(Os mortos não sabem o preço dos caixões)

Ah! eu me lembro desse exército de zumbis que o velho Presidente tinha ameaçado lançar contra os americanos se eles ousassem colocar um só pé no solo do Haiti. O general do exército morto. Eu me lembro muito bem desse episódio. Eu estava em Miami, na época, e o *Miami Herald* tinha relatado as palavras do velho Presidente. Onde estava, então, esse exército quando os americanos desembarcaram?

O rosto de minha mãe torna-se subitamente grave.

– Ele estava lá, ela acaba articulando. Ele esperou as ordens. Finalmente, o velho Presidente fez um pacto com o jovem Presidente americano. O exército americano ocupará o país durante o dia. O exército dos zumbis, à noite, terá o país a sua disposição.

Nova política. Em vez de separar o espaço territorial – os americanos ocupam o norte, o noroeste, o centro e o oeste, e os haitianos, o sul do país (como foi decidido) – eles finalmente optaram por uma divisão do tempo.

O tempo. Não o espaço. O espaço é muito visível para a imprensa internacional. O tempo é invisível. Começo a compreender e a apreciar ao mesmo tempo esse curioso pacto. Então os soldados americanos voltam para suas casernas, à noite. No mesmo momento, o exército dos zumbis se prepara para sair. Claro como o dia. É preciso dizer que o único pavor do soldado americano – como esse jovem soldado de Ohio –, era circular na noite haitiana. Todos eles ouviram falar do vodu antes de chegar a Porto Príncipe, e todos têm medo de enfrentar o inimigo invisível cujo riso congela os ossos. De dia, são apenas pobres negros mal equipados \_ sua arma mais recente data da Segunda Guerra Mundial \_ mas à noite...

– Sim, mãe, eu acho essa divisão do trabalho perfeita. O dia ao ocidente. A noite à África.

Minha mãe fica em silêncio por um breve instante.

– Seria bom, murmura finalmente, se eles não saíssem também de dia.

– Eles quem?

– O exército dos zumbis... Talvez você esteja brincando, Velhos Ossos, mas é sério o que estou dizendo. Vá fazer uma visita ao cemitério, você verá.

– Escute, mãe, se eles fazem isso, quer dizer que romperam o contrato em relação ao tempo (o dia para eles, a noite para nós) e você vai ver que os americanos não vão demorar a punir.

– Os americanos, meu filho, diz minha mãe com um sorriso no canto da boca, não sabem nem distinguir um negro instruído de um negro analfabeto, e você lhes pede agora para fazer a diferença entre um negro morto e um negro vivo.

– Aí, confesso, você tem razão, mãe.

O sorriso radiante de minha mãe.

– Mas deixe-me dizer que teu filho também terá algumas dificuldades para perceber a diferença...

Minha mãe tira prontamente um pequenino espelho do bolso e me dá.

– Os zumbis não têm reflexo, conclui.

O que é completamente falso, aliás, uma vez que um zumbi não é um fantasma nem um espectro.

– Escute, mãe, mesmo assim, eu não posso fazer um teste do tipo “Você é um morto ou um vivo?” para cada pessoa que eu cruzar na rua.

– Só se você tiver dúvidas, Velhos Ossos.

– Ok, mãe, eu prometo usar teu espelhinho.

Subitamente, ela dá uma rápida olhada em minha mesa de trabalho.

– Ah! você estava trabalhando...

Vejo a nuca frágil de minha mãe.

## PAÍS REAL

*Bon Dieu tellement connin ça li connin, li bail chien malingue deyè tête li pou li pas capab niché'l.*

(Deus é tão perspicaz que pode colocar uma ferida atrás da cabeça de um cachorro se não quiser que ele a lamba.)

### **O cheiro**

O que impressiona primeiro é esse cheiro. Mais de um milhão de pessoas vivendo em um tipo de lodo (essa mistura de lama preta, de detritos e de cadáveres de animais). Tudo isso debaixo de um céu tórrido. O suor. Mija-se em todo lugar, homens e animais. Esgotos a céu aberto. As pessoas cospem no chão, quase no pé do vizinho. Sempre a multidão. O cheiro de Porto Príncipe tornou-se tão poderoso que elimina todos os outros perfumes individuais. Toda tentativa pessoal torna-se impossível nessas condições. A luta é por demais desigual.

### **O nariz**

Antigamente, era mais fácil distinguir a origem social das pessoas dessa cidade. Só pelo nariz. Mesmo se vivessem há muitos anos em Porto Príncipe, os camponeses mantinham ainda colado à pele, esse odor vegetal. Pareciam árvores que andam. Eu conhecia uma jovem camponesa que cheirava a canela. Está certo, serei condescendente, o centro sempre cheirou a gasolina. Nos bairros populares – Martissant, Carrefour, Bolosse, Bel Air – , usavam-se principalmente os perfumes baratos, como *Florida*, *Bien-être*, *My*

*dream*. Um pouco mais acima (em todos os sentidos da palavra), serviam-se de água de Colônia. E as damas dos bairros residenciais perfumavam-se com Dior, Nina Ricci, Chanel, Guerlain.

Minha mãe podia ir à falência para comprar o que ela chamava um bom perfume, na Biggio.

### **A pele**

Essa poeira fina na pele das pessoas que circulam nas ruas entre meio-dia e duas horas da tarde. Essa poeira levantada pelas sandálias dos vendedores ambulantes, dos que passeiam, dos desempregados, dos alunos dos bairros populares, dos miseráveis, essa poeira dança no ar como uma nuvem dourada antes de pousar lentamente sobre os rostos das pessoas. Um tipo de talco.

Era assim que Ba me descrevia as pessoas que viviam do lado de lá, no país sem chapéu, exatamente como estes com quem cruzo no momento. Descarnados, longos dedos secos, os olhos muito grandes nos rostos ossudos e, sobretudo, essa fina poeira sobre quase todo o corpo. É que a estrada que leva ao lado de lá é longa e poeirenta. Essa opressiva poeira branca.

O lado de lá. É aqui ou lá? Aqui já não seria lá? É essa a minha investigação.

### **PAÍS SONHADO**

*Sèl couteau connin ça qui nan cœur gnanme.*

(Só a faca conhece o segredo escondido no coração do inhame)

Fui à Faculdade de Etnologia encontrar o professor J.-B. Romain. Quero saber que história é essa exatamente. O doutor J.-B. Romain é um homem comedido, muito cortês. Ele me recebeu em seu escritório estreito submerso em papelada, em esculturas africanas, em estatuetas pré-colombianas e em mapas marítimos datando da época gloriosa dos flibusteiros.

Pergunto sem preâmbulos:

– Professor Romain, o que o senhor sabe sobre o exército de zumbis?

– Ah! diz erguendo os braços, não passa um dia sem que um jornalista holandês, coreano ou americano venha me entrevistar sobre esse assunto.

– E então, professor?

– Então o quê?

– Será uma fofoca de velhinhas?

Ele se levanta e começa a caminhar em seu minúsculo escritório.

– Naturalmente, eu não posso falar com você como falo aos jornalistas estrangeiros que só pensam em divertir seu público com suculentas histórias de mortos-vivos.

– Nós as conhecemos, professor...

– Bom... Por onde começar? Ah, sim! tudo começou no noroeste do país. Uma pequena revolta camponesa, digo pequena por causa do número de pessoas envolvidas. Por ser o noroeste a região mais desfavorecida do Haiti, esse tipo de incidente é bastante freqüente lá. Quando a gente pensa que só choveu quatro dias no ano passado! Lá, os camponeses se alimentam de folhas de mangueira ou de outras árvores frutíferas. Bem, uma manhã, eles se revoltam contra o grande senhor da região, um certo Désira Désilus. É preciso dizer que esse homem possui metade das terras. E, sobretudo, a água. A água, como que por acaso, passa em suas terras. Velhas histórias agrárias. Então, Désira Désilus manda chamar uma meia dúzia de policiais das casernas de Port-de-Paix para reprimir a revolta no ovo, como dizem. Os soldados chegam e, como sempre, não se dão ao trabalho de informar-se para realmente compreender a situação. Eles mandam os camponeses embora. Os que se recusam, puxam seus machetes. Então os soldados abrem fogo, à meia altura. Uma vez, duas vezes, três vezes. Os camponeses continuam avançando na direção deles. Os soldados atiram ainda uma vez, antes de fugirem. Eles voltam para Port-de-Paix para fazer um relatório. Esse relatório é encaminhado para Porto Príncipe, e é um superior, o major Sylva, que sinaliza ao Presidente o caráter estranho desse acontecimento. O velho Presidente manda vir a Porto Príncipe o comandante das casernas de Port-de-Paix para obter dele explicações mais detalhadas.

– E como o comandante explicou esse fenômeno?

– Ele repetiu os fatos ao velho Presidente: esse grupo de camponeses que parece ignorar os tormentos do sofrimento e mesmo a paz da morte.

– Sim, mas deve haver mais detalhes...

– Claro, mas o resto é segredo de Estado.

– Professor, o senhor me deixa curioso.

– Eu posso somente revelar-lhe um único fato... Parece que um dos soldados reconheceu um camponês.

– E...?

– E, segundo o soldado, esse homem estava morto há muito tempo.

- Então, era um zumbi.
- É isso.
- Mas isso não é uma novidade no Haiti, professor. E também não é a primeira vez que proprietários de terra fazem trabalhar zumbis em seus campos.
- Sim, mas é a primeira vez que se assiste a uma revolta de zumbis... Geralmente, o zumbi não tem nenhuma vontade. Ele nem chega a manter a cabeça ereta. Ele só obedece.
- E nesse caso, o que era?
- É segredo de Estado... Na mesma região, aconteceu algo de mais estranho ainda...
- Ah, é?
- É o professor Legrand Bijou, um psiquiatra, que está cuidando desse caso. Bem, devo deixá-lo, caro amigo. Tenho um encontro com o major Sylva em vinte minutos.
- Uma última questão, professor.
- Sim...
- Será verdade que o velho Presidente levantou um exército de zumbis para enfrentar o exército americano?
- Tire as conclusões que quiser, diz cruzando a porta.

## PAÍS REAL

*Bèl fanm, bèl malè...*

(Mulher bonita, perigo à vista...)

### **A mendiga**

O vestido negro. Um sorriso triste. Ela parece uma irmã de minha mãe.

– Posso falar com o senhor?

– Claro, senhora.

Ela me leva para um canto, perto da farmácia *Séjourné*.

– Eu não queria incomodar...

– A senhora não está me incomodando, absolutamente.

– Estou desesperada... O senhor tem algum tempo?

Ela parece estar realmente tensa.

– Tenho todo tempo do mundo, senhora.

– Obrigada... Deus lhe devolverá... Bem, é o seguinte, eu não quero, apesar de tudo, tomar seu tempo. (Um sorriso crispado, o mesmo de minha mãe.) É sobre o meu aluguel.

Eu alugo essa casa, há dez anos, dia após dia, cada mês. Tudo sempre deu certo. Meu marido trabalhava na Saúde Pública como inspetor sanitário. Não sei por que, um dia, vieram algemá-lo em seu escritório e, até hoje, jamais revi seu corpo. (Ela ergue seus braços frágeis para o céu.) Senhor... (Ela me segura pelo braço.) Eu nem sei se ele está vivo ou morto. É assim que agem com as pessoas da nossa condição neste país. Em seguida, há alguns meses, perdi meu emprego. Não era grande coisa, mas me permitia pagar algumas continhas. Mas agora, faz três meses, não tenho nada. Eu não posso nem mesmo pagar meu aluguel e a escola de minha filha. Minha filha, senhor, talvez eu seja feia, mas se o senhor visse minha filha, é um dom de Deus, ela é tão bonita quanto gentil. Por que fui falar disso! Bem, a proprietária veio, faz alguns dias, pedir para eu sair. Eu lhe expliquei que só estou atravessando uma fase difícil, mas que ela terá seu dinheiro no começo da semana que vem. Senhor, eu tenho vergonha de dizer o que faço para arrumar esse dinheiro. Como pode constatar, não sou mais tão jovem. Então, a proprietária voltou na semana passada, eu lhe dei o dinheiro, mas faltavam alguns trocados. Ela se recusou a pegar o dinheiro, apesar de minhas súplicas. Implorei em vão sua piedade, lembrei-lhe que sempre paguei meu aluguel nos últimos dez anos. Como resposta, ela me deu um tapa na cara. Sim, senhor. (Ela chora.) Eu não fiz nada por causa de minha filha. Não queria vê-la na rua. Ela tem dezessete anos. Ela é tão bonita, tão bonita quanto gentil. Eu digo a mim mesma, se por acaso ela encontrasse uma boa pessoa ela poderia continuar na escola. Ela adoraria ser enfermeira.

– Tenho certeza que conseguirá...

A mulher sorri para mim. Um sorriso triste e amigável.

– Me tranquilizaria muito vê-la com o senhor.

– O quê? Mas a senhora não me conhece.

– Meu coração me diz que o senhor é uma boa pessoa.

– Desculpe-me, mas acho que não estou entendendo muito bem...

Ela toca lentamente meu pulso.

– Eu quero lhe dar minha filha.

– Um momento, a senhora tinha falado antes de um problema de aluguel.

– Sim, mas é minha filha que importa.

– E sobre o aluguel?

– Eu vou me virar de outro jeito. Para mim, acabou. Acabou desde que meu marido desapareceu. Se ainda estou viva, é unicamente porque não quero deixar minha filha só. É unicamente isso que me mantém viva.



– E sua filha, ela está na escola neste momento?

Um silêncio. Ela tem de novo este sorriso crispado que a faz parecer tanto com minha mãe.

– Não, ela está comigo. Do outro lado da rua.

– Quem é?

– Ela... Aquela que está de amarelo.

– Meu Deus!

– É o que todo mundo diz quando a vê.

Oh! Nossa Senhora, como é possível ser tão linda? Quanta graça!

– A senhora quer, termino por dizer, que eu a ajude a pagar as despesas escolares dela?

– Senhor, eu quero que a salve... Esta garota teve a infelicidade de ser bonita e pobre neste país. Não lhe darão nenhuma chance. Eu a levo sempre comigo para que não a vejam. Senão, eles me matarão para pegá-la. Não teria importância eu morrer, acredite-me, mas eu não quero deixá-la para eles, não ela, veja senhor, o coração dela é puro, não consigo dormir pensando nessas bestas sedentas de sangue que a espreitam... O perigo está em todo lugar. Mesmo o senhor está em perigo.

– Como assim?

– O senhor tem um bom coração. Eu sinto, senão já teria arrumado um pretexto para se livrar dessa velha louca. Atenção, senhor, o mar está cheio de tubarões... E ela, senhor, pode imaginá-la sem proteção?

Realmente.

– Não posso fazer isso, senhora... Ah...

Ela abaixa a cabeça, em seguida subitamente, coloca a mão no bolso para tirar uma pequena medalha da Virgem que ela me estende.

– Maria esteja convosco.

– Obrigado.

– Mais uma vez, senhor, atenção... Boas máscaras estão misturadas com máscaras más, mas todos usam uma máscara.

Eu as olho partindo. A mãe e a filha.

## PAÍS SONHADO

*Cé vié chaudiè qui cuitte bon mangé.*

(Frequentemente, é com uma panela velha que se preparam os melhores pratos.)

### **A língua**

Mergulho de cabeça nesse mar de sons familiares. Uma música conhecida que cantarolamos facilmente, mesmo se há muito não ouvimos a canção. Confusão de palavras, de ritmos na cabeça. Eu nado sem esforço. A palavra líquida. Não procuro entender. Meu espírito descansa, finalmente. Parece que as palavras foram mastigadas antes de me serem servidas. Nenhum osso. Os gestos, os sons, os ritmos, tudo faz parte da minha carne. O silêncio também.

Estou em casa, quer dizer, na minha língua.

### **O corpo**

Antes mesmo de ouvir as palavras, eu entendo o sentido. É o corpo que fala primeiro, como amigo ou inimigo. Às vezes, ele também pode estar carregado de desejos contidos. Nesses momentos, dizemos que está explodindo de sentido. O corpo pode sussurrar, gritar, urrar, cantar, sem pronunciar um único som. Ele pode até expressar o contrário do que as palavras dizem. Só se compreende verdadeiramente um homem quando se pode captar o que ele quer dizer antes mesmo que ele abra a boca.

Ali está um homem que desce a rua Capoix e que faz um gesto vago com a mão a um outro tranqüilamente sentado na varanda. O outro baixa os olhos com um ar convencido para dizer que aceita. Há fortes possibilidades de que o primeiro devesse dinheiro ao segundo e de que fizesse o outro compreender que não estava pronto para reembolsá-lo.

Nenhuma palavra foi pronunciada durante essa troca.

### **O cigarro**

O homem acaba de sair de casa de chapéu na mão. Ele mora em um desses intermináveis corredores, em frente ao Hospital Geral. Ele levanta os olhos para o céu. O mesmo céu azul. Nada de novo quanto a isso. Olha um momento as pessoas passarem. E é só nesse momento que se decide a tirar o cigarro do bolso de sua pólo. Ele o olha intensamente. Uma caixa de fósforos surge de repente na sua mão. A chama. A mão que protege a chama do vento. Tudo isso foi executado com suma elegância. Percebe-se claramente que é um ritual extremamente importante para ele. Finalmente, aspira longamente sua primeira tragada. Os olhos semi-cerrados. Uma espécie de alegria

profunda em todo o rosto. O homem olha um momento o cigarro que segura entre o indicador e o polegar antes de levá-lo à boca.

### **O couro**

Eu viro na esquina da rua Monseigneur-Guilloux. De repente, este cheiro de couro. A lojinha do sapateiro ainda está lá, no mesmo lugar. Era aqui que minha mãe me trazia para arrumar meus sapatos. Sempre vazia. Eu nunca encontrei um só cliente aqui. Sempre me perguntei, cada vez que vinha, como era possível que ela continuasse aberta. Com tão poucos clientes. O mistério continua intacto para mim, ainda hoje. No fundo da loja, vejo a silhueta levemente arcada do velho sapateiro. Na penumbra. Ele ainda está trabalhando. A mulher dele, sempre atrás do balcão. Eles não envelheceram nada. No entanto, vinte anos se passaram. E tantas coisas aconteceram durante esses vinte últimos anos. Tanto na minha vida pessoal quanto na história deste país. E ele não saiu do fundo de sua loja. Eu o olho pensando que talvez nada tenha acontecido. As coisas ganham importância por tratar-se de nossa vida, de nossa época. No fundo, do que a gente sempre precisa é de um bom par de sapatos.

### **A noite**

Já está menos claro, mas ainda não é noite. As pessoas andam um pouco mais depressa, como se fosse chover. Uma certa agitação no ar. Para aquele que, como eu, não está apressado, é um momento de doçura infinita. Faz menos calor. Uma alegria secreta.

### **A jovem enfermeira**

Ela desce do táxi e penetra no hospital. Sem razão, eu a sigo. O corpo firme, um rosto oval, grandes olhos. Eu me sento no banco, fingindo estar doente. Só para observá-la. Ela fala calmamente com as pessoas. Toca-as com frequência no braço, no rosto, para apaziguá-las. Eu colocaria facilmente minha vida em suas mãos.

– E você? pergunta quando chega minha vez.

– Eu! estava só olhando você.

– Você é um inspetor?

– Não, um curioso. Gosto de olhar.

– O que olha?

– Tudo. Tudo me interessa.

– Acabou de chegar?

- Hoje mesmo.
- E fazia quanto tempo que tinha ido embora?
- Vinte anos.
- Oh! Nunca deixei meu país.

Parece até que ela fala de um doente grave que não se pode deixar sozinho um instante.

- Não gostaria de viajar?

1. Oh sim! mas quase não tive folga desde que comecei aqui no Hospital Geral.

Tirei uma semana, faz dois anos.

- Eu quis dizer, você não gostaria de ir trabalhar no exterior?...
  - Oh não!... Há tanto a fazer aqui.
  - Você acha que eu deveria ter ficado aqui, ajudando, em vez de passar vinte anos por aí?
  - De jeito nenhum... Cada um faz aquilo que acredita ser correto.
  - No fundo você acha...
  - Não. Preciso deixá-lo agora.
- O anjo da misericórdia.

### **A ambulância**

Ainda estou atordoado por essa jovem enfermeira (como ela se chama?): sua juventude, sua força, sua calma, sua ternura com os outros. Esse jeito que ela tem de manter na sua mão a mão dos doentes enquanto fala com eles. Chego assim, um pouco nas nuvens, em frente ao grande portão do hospital. De repente, uma sirene enlouquecida. Estou de cara com esta ambulância.

- Some daí, imbecil! diz o motorista colocando a cabeça para fora.
- Hesito um segundo, pensando se devo continuar ou voltar.
- Você é surdo ou o quê! Não vou ficar a vida toda esperando.

Pulo prontamente para a grama. E a ambulância passa, raspando, num grande barulho de sucata e de sirene. Tenho a impressão de que o motorista tinha tomado a decisão de acelerar pelo menos dois segundos antes que eu me afastasse.

### **A noite**

Ergo os olhos para o céu estrelado. Gesto banal que milhares de pessoas fazem todo dia nesta cidade. Para mim, é diferente, faz vinte anos que não vejo estas estrelas. E a lua

através dos galhos desta árvore. Os céus não são iguais em todo lugar. Conheço este céu por tê-lo percorrido nos dois sentidos. Há caminhos no céu. Já há menos pessoas na rua. Silhuetas que evitam se cruzar. À noite, os gatos brancos são pardos, e os gatos pretos, invisíveis. Subo de novo na direção do morro Nelhio, as mãos no bolso. Exatamente como eu fazia aos vinte e três anos. Retomo minha vida no momento em que a deixei. Respiro a plenos pulmões. Livre na noite de Porto Príncipe.

### **Fogo**

Vejo vir um homem na minha direção. Ele pára a um metro de mim. Momento de tensão. De que lado ele está? Do lado da morte ou do lado da vida? Compasso de espera.

– Você tem fogo? pergunta com uma voz rouca.

– Não, digo, mas desça um pouco, acabei de ver um sujeito fumando na esquina, perto do cemitério.

Ele passa ao meu lado grunhindo palavras incompreensíveis. Não me virei para ver que jeito ele tinha, apesar de um grande desejo.

### **PAÍS SONHADO**

*Pas croqué chapeau ou pi haut passé main ou ka rivé.*

(Não pendure teu chapéu onde tua mão não poderá alcançá-lo.)

Faz dois dias que tento encontrar o doutor Legrand Bijou, psiquiatra de renome. A secretária dele responde invariavelmente que ele estava lá havia apenas cinco minutos, mas que acabou de sair.

– A quem devo anunciar?

– Laferrière.

– Ah! o senhor é o escritor? Claro! Eu o vi na t.v., ontem à noite. Concordo bastante com o que o senhor falou... Espere, acho que ele acabou de chegar... Vou transferir a ligação...

Um breve momento.

– Ah! Laferrière... Como vai?

– Bem, doutor.

– Escute, não precisa me tratar assim, não estamos no hospital. Pode dizer Legrand.

– Sim, doutor.

- Bom... gostaria de me ver?
- Foi o professor J.-B. Romain quem me falou do senhor.
- Como vai ele, aquele velho malandro? Faz um bom tempo que não o vejo.
- Ele vai bem. Eu o encontrei a respeito do exército de zumbis...

Um longo silêncio.

– Ok, eu poderei vê-lo, hoje ao meio-dia, no restaurante *Au bec fin*. Estarei na mesa dos fundos... Está bem assim?

- Combinado, doutor.
- Legrand.
- Então, até o meio-dia, Legrand.

Restaurante *Au bec fin*. Meio-dia. Mesa dos fundos.

– Para mim, o mesmo de sempre. Eu venho comer aqui sempre ao meio-dia. Recomendo-lhe o cabrito ensopado com arroz branco e um grande copo de suco de fruta do conde. Aí está, escolhi seu cardápio, isso nos fará ganhar tempo.

- Pois não, senhor Legrand, diz o garçom.
- Bom, diz o doutor, o que quer exatamente de mim?
- É sobre o exército de zumbis...
- Não é da minha competência... Por que não fala sobre isso com J.-B.?
- Foi o que fiz, mas ele me falou sobre alguma coisa estranha que está acontecendo no noroeste do país atualmente.

– Na verdade, é bastante estranho. Bombardópolis, uma minúscula cidadezinha, perto de Port-de-Paix. Os americanos estão fazendo um recenseamento secreto do país. Eles têm essa mania de sempre querer contar as cabeças de gado. Querem saber quantos somos. Cinco, seis, sete milhões? As autoridades haitianas se contradizem quanto a isso. Não há como saber. É preciso dizer que o governo haitiano está se lixando para saber quantos somos. Pra quê? Conclusão, não há meio de os americanos saberem. Um recenseamento no Haiti, imagina só... As pessoas dizem qualquer coisa. «Quantos filhos a senhora tem?» «Dezesseis.» «Onde eles estão?» «Os nove estão na escola.» «E os outros?» «Que outros?» «Os outros sete filhos.» «Mas senhor, eles morreram.» «Senhora, não contamos os mortos.» «E por que não? São meus filhos. Para mim, estão vivos para sempre.» Como vê, Laferrière, nós somos diferentes dos norte-americanos. Duas visões diferentes. Os americanos subtraem os mortos deles, nós, negros, continuamos a somá-los... Incompatibilidade de gênios...

2. E em Bombardópolis?

– Os recenseadores, então, chegaram em Bombardópolis numa manhã. A investigação prometia. A rotina de sempre! As pessoas recusam-se a responder diretamente às questões aparentemente mais banais. «Como você se chama?» «Você quer dizer meu nome verdadeiro, senhor inspetor?» «Seu nome?» «É segredo.» «Um nome não pode ser segredo.» «Pode sim, senhor inspetor.» «Bem, como o chamam normalmente?» «O homem.» «O homem?» «Sim, o homem, é assim.» E cada pergunta desencadeava uma cascata de respostas, as mais inusitadas... Foi só no final da tarde que um pesquisador, um rapaz de Iowa, teve a idéia de fazer esta pergunta aparentemente banal: «Quantas refeições você faz por dia? A resposta veio de chofre: «Uma por trimestre.» «Uma o que por trimestre?» «Uma refeição, senhor.» «E em que consiste essa refeição?» «Um prato de arroz com um pedaço de carne de porco.» «E nos outros dias?» «Nada.» «Como nada?» «Nada, não como nada.» O pesquisador chefe chega ao local, no dia seguinte de manhã. Mesma coisa. A estação imediatamente alertou o quartel general, em Porto Príncipe, que logo despachou uma equipe de especialistas para o local. Os três especialistas ficaram por volta de uma semana em Bombardópolis, da primeira vez. Segundo eles, os moradores da cidadezinha de Bombardópolis não ingeriram nada, nem mesmo um copo d'água, durante a estadia deles lá. Oito dias, não é pouco, mas já se viu grevistas de fome fazerem melhor. Então, o quartel general envia uma segunda equipe mais poderosa. Eles ficaram vinte e um dias, e segundo o espantoso relatório que apresentaram, os habitantes de Bombardópolis, depois de vinte e um dias de jejum, não manifestaram nenhum sinal de fraqueza física ou mesmo mental.

– É espantoso, acabo por balbuciar.

– Sim, é bastante espantoso, mas espere a continuação... Uma terceira comissão, composta, dessa vez, de especialistas da *Food and Drug Administration*, um poderoso organismo federal americano... Estes passaram três meses na cidadezinha, e somente depois de três meses as pessoas manifestaram o primeiro desejo de uma refeição quente. Naturalmente, toda essa história tornou-se rápido um segredo de Estado. Já conhecemos a mania dos Americanos de fazer segredo...

– E o senhor me fala disso tão à vontade?

Um curto momento de silêncio.

– Bem, diz o doutor Legrand Bijou com um sorriso maroto, os americanos e nós não temos a mesma noção de segredo. Mais um caso de incompatibilidade de gênios. Então eles proibiram o acesso a Bombardópolis cercando a cidade com arame farpado.

Agora eles estão abrindo a barriga da galinha dos ovos de ouro para saber como funciona. É a única maneira que conhecem.

– Não deixa de ser uma descoberta bastante importante, doutor, que poderia resolver a questão da fome. Sempre acreditamos que era preciso uma melhor distribuição dos frutos da Terra, o que se revelou um desejo vão. E se a solução fosse muito mais simples que isso: eliminar a obrigação de comer para viver?

– Claro, é importante, mas a reação americana foi, inicialmente, totalmente diferente. Segundo as poderosas companhias de alimentação que vendem trigo, batatas ou laranjas no mundo inteiro, era preciso simplesmente liquidar a cidadezinha de Bombardópolis. Para eles, um tal estado de coisas ocasionaria a morte da indústria agro-alimentar, o que seria um golpe mortal para o próprio capitalismo. A comida sendo o primeiro bem de consumo. Parece que, segundo a CIA, a fome ainda é a mais poderosa arma...

– Não, doutor, isso não pode ser uma arma.

– Claro que é uma arma... Pode-se sempre confiar neles nessas questões. Cada vez que a CIA quer esmagar um líder do terceiro-mundo, ela só precisa espalhar a fome no povo... Por algum tempo, eles realmente acalentaram a idéia de matar todos os habitantes de Bombardópolis inoculando-lhes uma doença qualquer... Acho que a peste branca.

– O que os impediu de fazê-lo, doutor?

– A mania de saber... Eles não farão isso nunca enquanto não souberem exatamente por que os habitantes dessa tranqüila cidadezinha do noroeste do Haiti não conhecem a fome.

– Obrigado por me esclarecer, doutor... Gostaria que o senhor me mantivesse informado sobre este assunto.

– Ligue-me... Gostaria de mostrar-lhe alguns poemas que escrevo à noite.

3. Será um prazer, doutor.

4. Legrand... Não tive razão em recomendar-lhe o cabrito?

5. Com certeza, Legrand... Estava suculento. Mais uma vez, obrigado por ter me recebido tão rapidamente.

## PAÍS REAL

*Bouche négresse sans dimanche.*

(Boca de mulher não conhece domingo.)



## **O jantar**

Minha mãe ainda está sentada na varanda, bem escondida atrás dos loureiros em flor. De lá, ela pode ver o que se passa na rua sem ser vista.

- h) Estava me esperando?
- i) Não, estava tomando ar fresco. Tem um delicioso ventinho aqui, à noite.
- j) Não acredito em você, mãe. Você sempre fazia isso quando eu voltava tarde da noite.
- k) Já faz tanto tempo... Você sabe, de uns tempos para cá, tornou-se ainda mais perigoso aqui.
- l) Não fui tão longe.
- m) Você parou no hospital.
- n) Como você sabe, mãe!
- o) Pierre me disse. Ele mora bem na esquina. Ele te viu lá, no hospital. Ele veio agora mesmo me perguntar se você estava doente.
- p) Isso é o Haiti. Não estamos nunca sozinhos. Sempre um olho em algum lugar te espiando.
- q) Seu jantar está aí.

Entro na sala de jantar, seguido por minha mãe. Uma tigela de Ovaltine me esperava. Virei-me para sorrir para minha mãe que ainda estava em pé na moldura da porta. O gosto me surpreendeu. Lembro-me de repente do anúncio que tocava na rádio: “Ovaltine dá forças.” É isso que deve ter convencido minha mãe, ela que me achava fraco demais para o seu gosto. Durante toda minha adolescência, tomei Ovaltine toda noite.

## **O medo**

Durmo na cama de minha mãe. Ela me deu um cantinho. Na verdade, tenho quase toda cama só para mim, uma vez que minha mãe, como de hábito, deita-se bem na beirada da cama. Ela me dá as costas.

- r) Todo mundo tem medo, diz minha mãe, como se estivéssemos no meio de uma conversa começada faz tempo...
- s) Felizmente, nunca assaltaram sua casa.
- t) Não é disso que estou falando, Velhos Ossos...
- u) Você fala dos matadores, então?
- v) Não.

- w) Não entendo, mãe.
- x) Temos medo. Temos medo de não existir. É disso que temos medo.
- y) É isso que eu queria dizer. Com todos esses crimes...
- z) Não! (Minha mãe quase gritou.) Os crimes não são o pior.

Não a interrompo para lhe dar a possibilidade de explicitar bem seu pensamento.

- aa) Você sabe, Velhos Ossos... Você não pode saber, você não estava aqui, mas é bem mais grave do que se imagina, o que aconteceu, aqui, neste país.
- bb) O que aconteceu? O que você quer dizer, mãe?
- cc) Temos a impressão de já estarmos mortos, aqui. Todo mundo, quero dizer os justos e os maus. Sabe, encontramos cemitérios clandestinos quase em todo lugar. Os que matam não estão mais vivos do que os que são mortos. Nós já estamos todos mortos. Ele bem disse: “Deixai os mortos enterrar seus mortos.” Sabe, passei minha via tentando compreender o que Cristo queria dizer com isso. Agora sei. Tudo está claro para mim, hoje. Nós já estamos mortos. Pierre, você sabe, nosso vizinho que te viu no hospital esta tarde, ele me disse outro dia que conhece um homem, um matador. Pois é! esse homem contou a ele que não sabe por que mata, que isso não serve para nada, que é como se ele passasse a vida a lavar as mãos para sujá-las imediatamente depois. Ele não podia dizer as coisas claramente, mas Pierre o compreendia. Ele também disse a Pierre que até já encontrou na rua pessoas que ele tinha matado antes... Ou nós estamos mortos, ou nós estamos vivos. Não se pode ser os dois ao mesmo tempo. Eu tenho certeza de que nós já estamos mortos e ninguém nos contou. E isso, Velhos Ossos, seria a pior maldade com a gente... Com todos nós, quero dizer os matadores e os mortos.

Ela pára um momento. Parece que precisa respirar um pouco. Olho sua nuca. É dali que sai sua voz.

- dd) Esta cidade é um grande cemitério. Você ainda não está morto, então cuidado. Não confie em ninguém. Aqui, não tem nem bons nem maus, só mortos.

Não sei exatamente quando o sono me levou, mas não era profundo o bastante já que a voz de minha mãe ainda me chegava, falando sempre dessa fina fronteira que separa a vida da morte.

### **Sonho**

Estou deitado de costas, os braços abertos. Pergunto-me onde estou. Vozes me chegam. Reconheço a música do crioulo. Talvez eu esteja ainda em Montreal e sonhe simplesmente que estou em Porto Príncipe. É um sonho que eu tinha com frequência

antigamente, quando tinha acabado de chegar a Montreal. Sonhava com o Haiti todas as noites. Sonhava principalmente que andava nas ruas de Porto Príncipe, ou que conversava com um ex-camarada de escola em frente ao estádio Sylvio-Cator. Curiosamente, raramente sonhei com minha mãe em Montreal. Durante uns dez segundos, cheguei a acreditar que estava em Montreal e que tudo acontecia dentro da minha cabeça. Estou mesmo em Porto Príncipe e a voz que ouço é a da vizinha que conta alguma coisa a minha mãe.

### **A rádio**

Minha mãe tinha colocado um radinho perto da minha cabeça. Automaticamente, ligo-o. Uma voz jovem e fresca está terminando a leitura dos horóscopos. Não tive tempo de saber o que o dia reserva aos nativos de Áries (meu signo astral). Já passaram para a seção de esportes. Voz de homem bastante quente e dinâmica. O objetivo secreto dos cronistas esportivos é de dar-lhe a impressão de que você é um molenga porque não está correndo os cem metros, nem lançando dardos, nem nadando em uma piscina olímpica. Ah! como eu detesto os cronistas esportivos, de manhã cedo. Em todo caso, acabaram de me informar que o Racing Club derrotou Violette, ontem à noite, por dois gols a zero. Isso me deixa alegre por uma razão bem simples. No dia de minha partida, faz vinte anos, Racing devia enfrentar Violette. E agora, tenho a impressão de chegar a tempo para os resultados. Como se eu não tivesse deixado o país. Estou tenso como um arco. À espreita da menor sensação, da mais fina emoção, de tudo que poderia me dar a impressão de não ter nunca deixado o país. Queria que nada tivesse mudado durante minha ausência. Gostaria de retomar furtivamente meu lugar dentre os meus, como se não fosse nada, como se não tivesse acontecido nada, como se nunca os tivesse deixado. Ao mesmo tempo, não renego minha viagem.

### **Água quente**

Entro no banheiro para fazer minha toailete. Tudo já está pronto. A pasta de dente na escova. Duas bacias de água, sendo que uma cheia de água quente. Lavo-me, visto-me e desço para almoçar. É assim na casa de minha mãe, e será sempre assim. Não lhe contesto o direito de me tratar como um príncipe. É a sua educação: ela sempre considerou seu filho um príncipe. Foi isso que me permitiu sobreviver no início de minha estadia em Montreal, quando os outros só viam em mim um negro a mais.

Alguém, em algum lugar, em uma casinha em Porto Príncipe, sempre pensou que eu era um príncipe.

### **O vizinho**

Ouçõ vozes na sala de jantar. Um homem muito alto está contando uma história.

ee) Bom dia, mãe.

ff) Bom dia, Velhos Ossos. Venha, vou apresentá-lo ao senhor Pierre. É um amigo da família.

gg) Bom dia, senhor, digo a este homem ao mesmo tempo alto e magro.

Dois olhos penetrantes em uma cabeça de pássaro. Ele se levanta para apertar minha mão.

hh) É exatamente a mesma pessoa... Que homem culto, seu filho, Marie! Puxa vida! que cultura!

Viro-me para minha mãe em busca de informação

ii) O senhor Pierre vê você freqüentemente na televisão. Ele gosta muito de você. Cada vez que o vê, fala comigo sobre isso durante dias.

O senhor Pierre me olha dos pés a cabeça, como para me medir.

jj) Realmente, você nos honra... Que cultura!

Um silêncio.

kk) Obrigado, acabo dizendo.

O rosto radiante de minha mãe.

ll) Bem, preciso ir, Marie. Vou ver o tabelião e é preciso que o encontre antes das nove. Até logo, espero ter a oportunidade de conversarmos um pouco. Gostaria de saber sua opinião sobre o que se passa neste país no momento. Estou contente que esteja aqui. Precisamos muitíssimo de homens como você. Bem, não vou começar um debate como este quando já estou atrasado e que, o senhor mesmo, com certeza, tem muitas coisas para fazer esta manhã. Bem, eu também tenho coisinhas para resolver. Bem, até logo. Até a tarde, Marie. Se o tabelião me der alguma abertura, direi-lhe uma palavra de sua parte.

mm) Não desperdice sua sorte... Deixe-o falar primeiro, diz minha mãe conduzindo-o à porta.

O senhor Pierre é obrigado a abaixar a cabeça para passar pela porta. Pela primeira vez, percebo que minha mãe é uma mulher e que existe uma relação diferente entre ela e este homem. Para ele, ela é simplesmente Marie. Curioso destino esse de minha mãe! Os dois homens de sua vida (não os dois únicos, espero) passaram a maior parte de suas vidas

no exílio. Meu pai e eu. Tendo meu pai deixado o país quando eu tinha cinco anos, é portanto a primeira vez que vejo minha mãe falar com um homem, como mulher. Tudo parece calmo, medido, mas a intimidade fica evidente. Honestamente, é sempre um choque, mesmo aos quarenta e três anos, ver sua mãe como mulher.

### **Açúcar**

nn) Coma, diz minha mãe, senão vai esfriar... Você quer açúcar no suco?

oo) Claro, mãe.

pp) Eu sabia. Renée me disse que você não come mais açúcar.

qq) Não foi isso que eu disse, corta tia Renée de seu quarto. Ainda não estou morta, Marie, então não coloque palavras na minha boca. Disse que nos países evoluídos as pessoas não comem açúcar.

rr) Tia Renée tem razão, mãe... Mas, acrescento baixinho, você pode pôr um pouco de açúcar assim mesmo.

ss) Viu, berra tia Renée de seu quarto, eu tinha dito que ele não comeria açúcar.

Minha mãe pisca para mim com cumplicidade.

### **Cenoura**

tt) Pegue mais um pouco de cenoura, Velhos Ossos.

uu) Faz bem para a vista...

vv) Oh! Você se lembra, me diz minha mãe, quase com lágrimas nos olhos.

ww) Claro, mãe, isso me marcou. E continuo detestando cenouras.

xx) Então, por que você me pediu para fazer?

yy) Só para escutar você dizendo que cenoura faz bem para a vista.

### **Um cadáver no almoço**

O almoço continua.

zz) Pierre me disse essa manhã que acharam um cadáver na frente da padaria *Au Beurre chaud* em Bois Verna. Parece que era um jovem vendedor. Ele tinha vindo comprar pão para revendê-lo... Um pobre vendedor ambulante. Mataram-no e pegaram seu dinheiro. Pobre rapaz. Toda manhã são achados dois ou três cadáveres nesta cidade.

### **Água quente**

Tia Renée acaba de chegar na sala de jantar.

aaa) Quem colocou a bacia de água quente no banheiro de cima, essa manhã?  
pergunto para minha mãe.

Ela não responde, fingindo estar ocupada guardando os pratos nas prateleiras.

bbb) Não concordo, mãe... Você não pode transportar uma bacia de água quente lá para cima assim. Isso não faz sentido.

ccc) Não fique bravo, Velhos Ossos. Você precisa fazer sua toalete...

ddd) Se precisar de água quente, só preciso descer para buscar.

eee) Não é pesado, você sabe.

fff) Não, mãe... Se você fizer isso de novo, vou para o hotel.

Minha mãe abaixa a cabeça como uma criança repreendida. Sei que fica chateada quando falo em ir para o hotel, mas não posso fazer diferente se quero parar a escalada, senão, amanhã de manhã, ela trará minha escova de dentes na cama.

ggg) Você faz bem em lhe falar, Velhos Ossos... Marie pensa que ainda é uma mocinha. É ela quem faz tudo aqui. Ninguém pode ajudá-la. Se continuar assim, um dia ela não vai agüentar.

hhh) Não se preocupe, tia Renée, estou aqui agora.

Tia Renée me sorri radiante.

iii) É o que digo sempre, falta homem nesta casa, conclui tia Renée.

jjj) Renée não conhece nada dos homens, cochicha minha mãe no meu ouvido.

## PAÍS SONHADO

*Nous connin, nous pas connin.*

(Sabemos e não sabemos.)

Nosso vizinho chega correndo.

kkk) O que aconteceu Pierre?

lll) Ninguém tinha me dito que ele não estava em Porto Príncipe. Imagine, Marie! Faz dois dias que o tabelião foi para o noroeste, em Bombardópolis. Que loucura, já são no mínimo três pessoas que conheço que foram para lá, no espaço de uma semana.

mmm) Mas o que há em Bombardópolis? pergunta minha mãe somente para mostrar interesse na conversa.

nnn) Não sei, Marie. Parece que os americanos estão lá. Não ficaria surpreso se os americanos estivessem instalando uma estação espacial em Bombardópolis.

ooo) O senhor acha? pergunto.

ppp) Claro, eles nunca engoliram que nos tenhamos ido lá em cima antes deles.

qqq) Lá em cima onde, senhor Pierre?

rrr) Na Lua.

sss) Nunca ouvi falar disso.

ttt) O que o senhor acha? Que os americanos iam divulgar a informação que não foram os primeiros a pisar na Lua? Parece que Kennedy ficou louco de raiva quando soube da presença de um haitiano na Lua, tendo chegado, visivelmente, antes de Armstrong.

uuu) Nunca ouvi essa história.

vvv) Claro, é um segredo de estado.

Minha mãe traz café fresco.

www) Como isso aconteceu?

xxx) Primeiro, Armstrong chegou à Lua com a consciência de ser o primeiro homem a pisar aquele solo. Ele começava a fazer seus legendários saltos de canguru quando ouviu uma voz atrás dele: “Ei! amigo, você tem um cigarro? Faz três dias que não fumo. Você sabe o que isso quer dizer para um fumante?” Armstrong virou-se para ver um haitiano alegre sentado atrás dele. Mas isso nunca foi mostrado ao grande público. Claro, as antenas ultra-sensíveis da NASA captaram essa conversa, mas Kennedy proibiu sua retransmissão. Kennedy esperava muito dessa operação para se reeleger...

yyy) Então o haitiano precedeu Armstrong em no mínimo oito dias.

Minha mãe senta-se num canto para nos escutar, olhos à espreita. Ela vigia em mim o menor sorriso irônico. Minha mãe se engana, essa história me interessa muitíssimo na medida em que quero saber como funciona o espírito haitiano.

zzz) Mas ele não foi o primeiro. Foi um tal de Occlève Siméon, um camponês de Dondon. E pensar que ele nem era o primeiro.

aaaa) Por que o governo haitiano não fez o mundo inteiro ficar sabendo? Isso teria sido uma boa publicidade para nós.

O senhor Pierre faz um gesto de cansaço para me fazer entender que os ocidentais são com frequência muito limitados. Claro, eles se acham mais inteligentes, mais evoluídos que todo mundo, para que então lhes explicar que algumas pessoas não precisam de um foguete para ir até a Lua...

bbbb) Mesmo pra mim, senhor Pierre, é um pouco difícil entender.

cccc) Escute, meu jovem amigo... Eles estão interessados na viagem do corpo.

Para nós, é o espírito que conta. Em um sentido, Kennedy tem razão, era mesmo a primeira vez que um corpo humano estava presente na Lua, mas não era a primeira vez que um espírito estava lá, disso você pode ter certeza.

Ele ri. Uma grande gargalhada sonora, alegre, feliz, o riso de um homem seguro de si, que não tem nada a provar para o resto do planeta, o riso de um homem feliz por estar em casa, no seu país.

dddd) O senhor fala em espírito, mas e o homem que Armstrong viu, o cara que lhe pediu um cigarro?

eeee) Claro, Armstrong não teve uma alucinação. Ele realmente o viu, mas era um corpo real ou um corpo sonhado? Acho que era um corpo transparente. Não é só na Lua que se encontram esses corpos projetados. Para dizer as coisas sem rodeios, os haitianos gostam de circular assim no espaço.

Tenho a impressão de não ter compreendido direito.

ffff) O que o senhor quer dizer com isso? pergunto, verdadeiramente interessado.

Sorriso de minha mãe.

gggg) Caro amigo, diz ele, a metade das pessoas que o senhor encontra nas ruas estão em outro lugar ao mesmo tempo. O senhor me entende?

Não, eu ainda não tinha entendido, mas não queria dizer isso ao senhor Pierre para não decepcioná-lo. Eis o que dá ter passado quase vinte anos fora de seu país. Não compreendemos mais as coisas mais elementares.

## PAÍS REAL

*Bœuf qui gain queue pas jambé difé.*

(Boi de rabo comprido deve evitar atravessar o fogo.)

### **A cama**

Alcanço minha mãe ao pé do morro Nelhio, não longe do cemitério. “Você vai ver, me disse tia Renée, ela não anda, voa”. Andamos um tempo lado a lado, então minha mãe segura em meu braço, como sempre faz quando vamos a algum lugar juntos.

hhhh) Preciso de uma cama, digo-lhe em um tom natural.

Minha mãe acelera bruscamente o passo.

iiii)Eu posso te dar a minha... Dormirei no andar de baixo com Renée, diz um pouco secamente.



Sei que ela tem medo do quarto de Ba. Minha mãe, tão corajosa em algumas coisas, tem um lado menininha que tem medo de fantasmas. Além disso, a cama de tia Renée é ainda mais estreita para duas pessoas. Ela seria obrigada, portanto, a dormir na cama de Ba. E isso está fora de questão.

jjjj) Não, mãe, gostaria de ficar no quarto com você, mas preciso de uma cama.

kkkk) Você não tem espaço suficiente, Velhos Ossos?

llll) Pelo contrário, tenho toda cama só para mim e isso me incomoda.

Ela vira para mim um rosto de criança triste, quase à beira das lágrimas. Vejo que minha mãe faz um esforço considerável para aceitar o fato de que se sou ainda seu filho, não sou mais uma criança. Ela viu partir um jovem de vinte e três anos que ainda vivia sob seu teto e sua lei, e agora, encontra um homem.

mmmm) Bem, dormirei no chão, na frente da cama.

nnnn) Você está brincando, mãe...

oooo) Já fiz isso quando tinha muita gente na casa.

pppp) Quero uma cama para mim, mãe... Lembre-se de que você já me desmamou.

Desta vez, ela ri. Minha mãe sempre esconde a boca atrás da mão para rir desde que perdeu alguns dentes do lado esquerdo.

### **O território**

Entramos agora no território de minha mãe. A região das lojas. O centro da cidade. A partir de agora, ela conhece todo mundo. Faz mais de quarenta anos que ela vem aqui, todo dia, menos domingo. Ela pára a cada cem metros para cumprimentar alguém que viu na véspera. Passear no bairro comercial sempre foi a grande paixão de minha mãe.

### **O homem**

Não longe da livraria Auguste, um homem a segura pelo braço.

qqqq) Marie!

Minha mãe vira-se. Sorriso de moça.

rrrr) Ah! Robert... Como vai?

O homem lança-me uma breve e discreta olhada. Minha mãe, no entanto, não me apresenta.

ssss) O que aconteceu com você? pergunta minha mãe em um tom ao mesmo tempo amável e reservado.

tttt) Tive uma pequena promoção, sabe, diz tocando o braço de minha mãe...

Agora, estou no primeiro andar. Na cobrança.

uuuu) Ah! é por isso, diz minha mãe, que não te vejo mais quando passo no banco

vvvv) Estou feliz por te ver, Marie, ele diz com um largo sorriso, mas preciso ir.

Suba para me ver quando passar por aqui, estou no primeiro andar, ao lado do escritório de Raymond. Combinado? diz com um sorriso sedutor.

Estou nas nuvens por ver minha mãe em uma situação de flerte. Ela me parece um pouco sem graça. Olho, por um momento, o homem abrir caminho no meio da multidão, em direção à rua Pavée.

www) Quem é? pergunto depois de um momento.

xxxx) Ah! Robert... é um caixa do Banco Nacional. Ele é sempre muito gentil comigo. Ele sempre toma as providências necessárias para mim, quando vou ao banco.

yyyy) Agora ele recebeu uma promoção, digo depois de um tempo.

zzzz) Sim, diz minha mãe, ele está no primeiro andar com Raymond.

aaaa) Por que você não me apresentou?

bbbb) Oh! ele estava apressado, responde minha mãe.

cccc) Diga a verdade, mãe...

Ela aperta meu braço.

dddd) Bom, eu não tinha dito a ele que tinha um filho.

eeee) O quê? Você tem vergonha de mim! digo, só para infernizá-la.

O rosto de minha mãe torna-se sombrio.

ffff) Nunca teria vergonha de você, diz num tom grave. Simplesmente, não queria misturá-lo a minha vida privada. Só isso. Não tive a intenção de te magoar.

gggg) Não estou magoado, mas com ciúmes...

Minha mãe acaba de perceber que estou brincando. Ela ri de uma maneira provocante como eu nunca tinha visto.

### **O dinheiro**

Tenho comigo dinheiro americano que quero trocar pela moeda do país. Já cruzamos com alguns caras que nos ofereceram duzentos e cinquenta dólares haitianos por cem dólares americanos, mas minha mãe os ignora.

hhhh) Mas mãe, digo...

iiii) Espere... Não seja apressado, vamos dar uma volta perto da *Téléco* (a companhia telefônica) para saber exatamente a taxa do dia.

Chegamos lá abrindo passagem no meio de uma multidão cada vez mais compacta.  
Mais uma vez, minha mãe nem pára.

jjjjj) O que vamos fazer mãe?

kkkkk) Só queria saber o que estão oferecendo.

lllll) A taxa é de quanto?

mmmmm) Por que você não tenta ouvir!

De fato, escuto um burburinho incessante.

nnnnn) Escute, diz minha mãe... Veja, vai até duzentos e sessenta e cinco dólares por cem dólares americanos.

ooooo) Está melhor que lá... Compramos?

ppppp) Espere... aqui está cheio de ladrões. Vamos tentar do lado da Rádio-Metrópole.

Chegamos perto da estação de rádio.

qqqqq) Senhora, estou aqui, diz um jovem comprido, magro, praticamente surgindo na nossa frente. Estava a sua espera.

rrrrr) Encontre-nos na farmácia *Séjourné*, dispara minha mãe sem nem olhá-lo.

A transação é feita na varanda da farmácia. E depois de ter negociado duramente durante uns bons dez minutos, minha mãe acaba por aceitar a oferta do jovem de duzentos e sessenta e cinco dólares haitianos por cem dólares americanos.

sssss) Deixe-me recontar, diz o jovem pegando prontamente o dinheiro das mãos de minha mãe.

ttttt) Pode guardar seu dinheiro, diz minha mãe indo embora a passos largos.

Corro para alcançá-la.

uuuuu) O que está acontecendo, mãe?

O jovem nos alcança.

vvvvv) É simples, ele queria me roubar.

wwwww) Eu, senhora, nunca teria feito uma coisa dessas, principalmente para uma cliente como a senhora.

xxxxx) Então por que você pegou de novo o dinheiro das minhas mãos?

O jovem abaixa a cabeça.

yyyyy) Você sabe como eles fazem? diz minha mãe diante dele... Contam o dinheiro uma primeira vez, e a conta está correta. Você conta na sua vez, certo de novo. Mas eles decidem recontar, e é nesse momento que deslizam uma nota para dentro da manga.

zzzzz) Nunca teria feito isso, senhora.

Viro-me para ele.

aaaaaa) Então é verdade o que minha mãe está dizendo?

Olhar sem graça do jovem.

bbbbbb) Sim, alguns fazem isso, acaba murmurando.

ccccc) Bom, é a última vez que você tenta isso, senão, não farei nunca mais  
negócio

com você, certo?

dddddd) Sim, senhora.

### **A selva**

Continuamos em direção à rua principal. A multidão suando. Barulho infernal de *taps-taps*<sup>142</sup> que vão do portal Léogâne ao portal Saint-Joseph.

eeeeee) Achei que você estava sendo injusta agora há pouco, até o jovem confessar.

Minha mãe sorri.

ffffff) É preciso ficar muito atento em relação a todo mundo, aqui... Pare um momento.

Ficamos encostados no muro. As pessoas esbarram em nós sem nos lançar um só olhar.

gggggg) Está cansada, mãe?

hhhhh) Não, diz depois de um tempo. Quero saber se alguém nos segue. Mataram uma mulher assim, na semana passada. Eles a seguiram até sua casa e voltaram, à noite, para roubarem seu dinheiro. Como ela tentou resistir, eles a degolaram.

iiiiii) Deus! mãe, cuidado...

jjjjjj) Nunca vou lá com mais de cem dólares americanos e não vejo com frequência a mesma pessoa. Por exemplo, esse menino, acabou.

kkkkkk) Porém, você o fez acreditar...

llllll) Sim... Acabou, senão da próxima vez ele vai tentar outra coisa.

mmmmmm) Mas por que, em vez disso, você não vai ao banco, mãe?

nnnnnn) Vou ao banco para outras transações... No banco, eles não dão nada por cem dólares americanos... E tudo é tão caro, Velhos Ossos. Você nem imagina.

---

<sup>142</sup> Pequena caminhonete transformada em mini-ônibus, toda decorada com pinturas. Serve de meio de transporte público nos grandes centros urbanos.

Faz vinte anos, deixei uma mulher surpreendentemente ingênua; hoje, encontro não uma tigresa, mas um animal perfeitamente capaz de se defender em uma das mais terríveis selvas humanas.

### **Na loja de Sienne**

oooooo) Ela está aí? pergunta minha mãe a uma das jovens vendedoras.

pppppp) Está, no fundo.

Sigo minha mãe até o fundo da loja.

qqqqqq) Quem é? pergunta alguém sentado na penumbra.

rrrrrr) Sou eu, Marie.

ssssss) Ah! é você. Venha.

tttttt) Eu tinha dito que o traria para ver você.

Sienne levanta-se prontamente.

uuuuuu) Ah! é ele! Oh! como é alto! Ele é maior que você, Marie.

vvvvvv) Pois é! diz minha mãe com orgulho.

wwwwww) Vire-se um pouco para que eu te veja... Sua mãe me fala de você há anos.

Às

vezes, quando ela estava desencorajada, era aqui que vinha, porque acontecia de você passar anos sem lhe dar um sinal de vida. A pobre não sabia se você estava morto, doente ou enterrado. Como essa mulher sofreu! Felizmente ela tem fé.

xxxxxx) É verdade também, Sienne, que você sempre me apoiou nos piores momentos... E Deus também.

yyyyyy) Por favor, Marie, não me coloque no mesmo pé que Deus. Foi somente Jesus

quem lhe permitiu atravessar esse calvário.

zzzzzz) Mas foi ele quem te colocou no meu caminho.

Sienne fecha devagar os olhos como para aceitar plenamente o fato de ter sido um instrumento de Deus.

aaaaaaa) Parece, diz ela, que você se tornou alguém, lá...

Ela diz isso olhando-me direto nos olhos com um sorriso enigmático.

bbbbbbb) Mas não é uma razão para esquecer sua velha mãe, acrescenta ela com um leve riso na garganta.

ccccccc) Isso foi antes. Agora, ele cuida bem de mim, minha mãe apressa-se em dizer,

para fazer minha defesa.

ddddddd) Espero, conclui Sienne em um tom falsamente severo... Agora, diga-me o que você faz?

eeeeeee) Ele escreve livros, revela minha mãe quase alegremente.

ffffff) Ah é! ... E você ganha dinheiro com isso? pergunta Sienne um pouco brutalmente.

ggggggg) O dinheiro não é muito importante para os artistas, intervem mais uma vez minha mãe.

hhhhhhh) Marie, me deixe falar com ele. Não vou comer seu filho.

Minha mãe dá um leve passo para trás. De novo seu sorriso crispado.

iiiiiii) O dinheiro é muito importante, digo. Nos libera de todo tipo de constrangimento.

Sienne aprova fortemente com a cabeça.

jjjjjjj) Um trabalho, eu continuo, deve alimentar seu homem.

kkkkkkk) Eis o que eu queria saber. Marie, seu filho é um homem.

Por que me comporto como um jovem de vinte anos na presença dos amigos de minha mãe? Sempre se é criança ao lado de sua mãe, principalmente se ela não te viu nos últimos vinte anos. Os anos de ausência não contam.

lllllll) Vou te deixar, Sienne, porque temos muitas coisas para fazer hoje.

mmmmmmm) Eu sei, diz Sienne, agora que seu filho está aqui, não a veremos mais...

nnnnnnn) Não diga isso, diz minha mãe, rindo desta vez.

Mais uma vez seu riso de moça.

### **O colchão**

Minha mãe levou-me a um colchoeiro, na rua de l'Enterrement, essa longa rua que leva direto ao cemitério. O homem chama-se Nazon. Um verdadeiro homem de negócios. Ele tem um tipo de bricabraque onde vende todo tipo de coisas: colchões, vestidos, correntes, relógios, peças de automóvel, máquinas de costura, luminárias etc. No cômodo ao lado, a mulher dele mantém um minúsculo salão de beleza. Nazon também é agiota. Mas sua verdadeira paixão, são os colchões. Segundo minha mãe, ele confecciona os melhores colchões de Porto- Príncipe, em uma pequena oficina instalada em seu quintal. Dois meninos estão preparando o algodão no momento em que chegamos.

ooooooo) É para mim este colchão? arrisca minha mãe indicando a massa de algodão no chão.

ppppppp) Não, é para outra pessoa.

qqqqqqq) Preciso de um bom colchão para hoje à noite. Já vi alguns aqui na frente.

rrrrrrr) Não compre esses, não tem nada de bom aí na frente, diz fazendo um gesto desenvolto com a mão na direção de seu bricabraque.

sssssss) Então você pode me garantir que terei um colchão para hoje à noite?

pergunta minha mãe em um tom firme.

ttttttt) Bom, começa Nazon...

uuuuuuu) Patrão, diz um dos meninos, o senhor Jérôme vai vir buscar o colchão dele daqui a pouco.

vvvvvvv) Ah! é verdade... Tinha esquecido completamente. Vai ser difícil preparar um colchão para hoje. O que temos para amanhã?

wwwwwww) Amanhã, patrão, é possível...

xxxxxxx) Então, diz Nazon, para amanhã, sem falta.

yyyyyyy) Vejo que os negócios vão bem, exclama minha mãe em um tom brincalhão. Nazon faz uma careta.

zzzzzzz) Temos muito trabalho, mas isso não quer dizer que ganhamos mais dinheiro.

aaaaaaaa) Como assim? Se você tem mais trabalho, tem mais dinheiro, arrisca minha mãe.

O rosto de Nazon torna-se subitamente sério.

bbbbbbb) Antes, eu trabalhava sozinho, enquanto que agora, preciso de dois operários a quem devo pagar. Mais trabalho, mas menos dinheiro em meu bolso, definitivamente.

ccccccc) Pare de se queixar, velho pão-duro, diz minha mãe, você deve estar tão rico quanto Crésus agora.

ddddddd) Ah! senhora, não diga isso. Há ouvidos malvados na vizinhança. As pessoas vão pensar que tenho uma fortuna escondida.

eeeeeee) Até amanhã, Nazon, sem falta.

fffffff) Como dissemos...

## PAÍS SONHADO

*Nèg d'Haiti va caché ou mangé, min yo pás cachê ou parole.*

(O haitiano talvez não lhe ofereça comida, mas estará sempre a sua disposição para conversar.)

Sinto uma presença nas minhas costas. Viro-me bruscamente. O homem ergue na mesma hora seu chapéu.

gggggggg) Honra.

hhhhhhh) Respeito, faço segundo o costume camponês.

Ele dobra levemente os joelhos tendo um atrás do outro, em linha reta.

iiiiiii) Renée é minha afilhada.

Tia Renée está em pé, no fundo do quintal, perto do portão amarelo.

jjjjjjj) Renée é minha afilhada, repete... Na época eu era um grande camponês, um camponês de Palmes. Vendia muito café para seu avô. Nos tornamos tão próximos que ele me deu Renée para batizar. Foi uma grande honra... Renée é nossa criança. (Ele olha na direção dos morros.) Ninguém pode lhe fazer mal. Ela está bem protegida. (Ele faz uma leve genuflexão.)

Um silêncio.

kkkkkkkk) Mas, acrescenta em seguida, não vim por isso.

Uma manga cai raspando nele. Ele não se mexe.

lllllll) Sente-se, digo.

mmmmmmm) Não. (Ele faz um forte movimento de recuo.) Não vim tomar seu tempo.

Gostaria simplesmente que o senhor me explicasse uma coisa.

nnnnnnn) Se possível, mas não tenho a impressão de saber grande coisa.

Ele sorri como forma de apreciar minhas boas maneiras. Conheço a extrema educação dos camponeses.

ooooooo) Dizem que o senhor está escrevendo um livro sobre os mortos.

pppppppp) Não exatamente.

qqqqqqq) É o que dizem, continua, imperturbável, como se o que dissessem fosse mais

importante do que o que eu tinha a dizer.

rrrrrrr) Mas acabei de começar o livro...

sssssss) Dizem também que o senhor vem do exterior.

ttttttt) É verdade.

Seu rosto ilumina-se com um sorriso radioso.



uuuuuuuu) Bom...Vamos lá... Desculpe-me de lhe dizer assim. Gostaria de saber como  
o

senhor pode escrever sobre os mortos se nunca morreu?

Ele enxuga a testa com um grande lenço vermelho.

vvvvvvvvv) De fato, acabo admitindo. Conto servir-me de minha imaginação.

Ele me lança uma breve olhada um pouco de viés. Pela primeira vez desde o início da conversa nossos olhares se cruzam.

wwwwwwww) Suponhamos, diz olhando de novo para o chão, que o senhor esteja morto...

Sinto um leve arrepio percorrer minhas costas. Ele sorri consciente de seu efeito.

xxxxxxxxx) E que depois de algum tempo, o senhor – ele aponta na minha direção um dedo enérgico – o senhor julgasse ter a experiência necessária para escrever sua obra sobre os mortos.

Noto que ele não diz nunca a morte, mas os mortos.

yyyyyyyyy) Não conheço ninguém, ao menos nenhum escritor, que tenha conseguido tal façanha, acabo balbuciando.

Ele ri abertamente. A cabeça voltada para o céu. Como se risse de Deus.

zzzzzzzzz) Suponhamos que o senhor pudesse fazê-lo.

aaaaaaaaa) Há pessoas que contam que foram até muito próximo da morte, na fronteira entre a vida e a morte, e que viram uma luz ofuscante e, parece, uma porta também...

Ele fica um momento silencioso antes de levantar vivamente a cabeça.

bbbbbbbbb) Suponhamos que o senhor passe por essa porta.

Um longo silêncio.

cccccccc) Isso lhe interessaria?

dddddddddd) Claro que é tentador... O senhor me pergunta isso assim. Não sei. O senhor sabe, na escrita há uma grande parte de fabulação.

Ele me lança um olhar de viés com um pequeno sorriso no canto da boca.

eeeeeeeee) Não se preocupe. Não o deixarei lá. Não tenha medo... (Ele recomeça a rir.) Devo demais a seu avô para que lhe aconteça o que quer que seja...

Ele me olha dessa vez direto nos olhos.

fffffff) Se minha proposta lhe interessar, o senhor só precisa me fazer um sinal.

ggggggggg) Como assim?

hhhhhhhhh) Eu saberei... Agora, não vou mais fazê-lo perder tempo.

Ele vira-se na direção da casa. Vejo-o cuspir três vezes na mão esquerda de tia Renée antes de atravessar o portão. Tia Renée aproxima-se de mim. Ela arrasta os pés em sua sombra enquanto anda. Já é meio-dia.

iiiiiiii) Lucrèce te falou... Ele é meu padrinho.

jjjjjjjj) Falou, digo, tentando manter a calma, ele propôs me acompanhar do lado de lá.

Tia Renée parece pensativa por um momento.

kkkkkkkkk) Ele te propôs isso?

llllllll) Sim. Foi o que acabou de me dizer, nesse instante.

mmmmmmmm) Que estranho, murmura tia Renée quase para ela mesmo... É a primeira vez

que ele propõe isso a alguém. Há pessoas que lhe suplicam há anos e ele recusa. Com você, na primeira vez que te vê...

nnnnnnnn) Então, ele falava sério?

Tia Renée balança lentamente a cabeça com um ar grave.

oooooooo) É um homem muito poderoso, diz melancolicamente.

ppppppppp) Em todo caso, digo, ele não é exatamente rico, apesar de todo esse poder... (Logo se vê que tenho vinte anos de capitalismo nas veias.)

qqqqqqqq) Oh! diz tia Renée, talvez você tenha me visto dando-lhe uns trocados. O dinheiro, não é nada. Ele não tem direito de ganhá-lo. Ele vive nos dois mundos.

rrrrrrrrr) Dois mundos?

sssssssss) Sim, ele atravessa quase todo dia a fronteira... É um passador.

tttttttt) Você acredita nisso, tia Renée?

uuuuuuuuu) Sei que isso existe.

Tia Renée é uma católica fervorosa. Ela crê em Cristo e ao mesmo tempo nos poderes de Lucrèce. A possibilidade que ele tem de atravessar as fronteiras quando bem lhe convier. De trocar de mundo, segundo seus desejos. De ir do lado dos vivos assim como do lado dos mortos. E esse homem me oferece o mais terrível negócio que se pode fazer a um escritor, propor conduzi-lo ao reino dos mortos. Em nome dessa ligação misteriosa que o une a meu avô, ele me dá hoje a possibilidade de ser maior que Dostoïevski, tão grande quanto Dante ou quanto o apóstolo João, chamado o bem-amado, a quem fizeram ver, um dia, o fim do mundo. Ele me dá a possibilidade de ser maior que um escritor. De tornar-me um profeta. Aquele que viu. Passar uma temporada entre os mortos e voltar para o meio dos vivos para contar. Atravessar o véu das aparências. Viver

um tempo na mais absoluta verdade. Chega de comédia, chega de tragédia. Somente a verdade. A verdade radiante. O mais antigo sonho dos homens. Jesus fez voltar Lázaro à Terra. Faz muito tempo que não abro a Bíblia, mas se minha memória é boa, não creio que essa ressurreição tenha sido um sucesso. Lázaro ainda cheirava à morte e tinha a aparência de uma concha vazia. O espírito não o habitava mais. Um zumbi. O que me propõe Lucrèce parece muito mais interessante. Irei ver como as coisas se passam lá, depois voltarei para o mundo dos homens. Um repórter no país sem chapéu.

## PAÍS REAL

*Pito nous laide nous la.*

(Melhor ser feio, mas vivo.)

### **Um táxi**

Voltamos do dentista. O rosto fechado de minha mãe. Com um gesto ela acena para um táxi.

vvvvvvvvv) Travessa Bécassine, no alto do morro Nelhio, diz minha mãe com certa franqueza.

O rosto suado do motorista de táxi. Ele cospe bruscamente no chão, ao lado de meu pé esquerdo.

wwwwwwww) Se a senhora quer que eu suba o morro Nelhio, será o dobro do preço.

xxxxxxxxx) Por quê? pergunta minha mãe em um tom seco. É uma colinazinha de nada.

yyyyyyyyy) Então por que a senhora não sobe a pé? responde o motorista que não se deixou intimidar por minha mãe.

zzzzzzzzz) Não é assim que o senhor fará uma clientela, reage minha mãe.

O táxi arranca bruscamente. Minha mãe teve que dar um pequeno salto para trás. Imediatamente um segundo táxi pára ao nosso lado.

### **O segundo táxi**

O motorista passa a cabeça cabeluda pela janela para dirigir-se a minha mãe.

aaaaaaaaa) Onde a senhora vai?

bbbbbbbbbb) No alto do Nelhio... Travessa Bécassine.

O motorista faz uma curiosa careta com a boca.

ccccccccc) Subam então, mas primeiro passo no Bas-peu-de-chose, e em seguida em Martissant.

Minha mãe hesita um momento.

dddddddddd) Combinado, faz em um tom resignado.

### **Testemunha de Jeová**

Entramos atrás, ao lado de uma senhora com uma cesta no colo. A jovem, na frente, parece alguém que conheço, mas não consigo saber realmente, visto que estou sentado bem atrás dela.

eeeeeeeeee) Este táxi é abençoado, diz o motorista assim que nos instalamos, visto que sou testemunha de Jeová. Alguém aqui já encontrou Jeová? Eu o encontrei. Vocês não acreditariam se eu dissesse que tipo de homem eu era antes de encontrá-lo.

O táxi roda. Um público cativo.

ffffffffff) Eu era o maior alcoólatra e não podia ver um rabo de saia nesta cidade....

(Ele vira-se para mim.) Sim, meu irmão... Todo dia, eu precisava de três garrafas de rum e uma nova mulher. Cada dia que Deus fez. E eu as achava. (Ainda sinto um leve orgulho em sua voz.) É fácil fazer o mal, mas o bem, ah! o bem, é outra história. (Ele bate no volante várias vezes com a palma das mãos.)

gggggggggg) *Amém*, diz a mulher sentada atrás conosco.

Minha mãe olha fixo diante dela, como alguém que faz um esforço sobre-humano para não prestar atenção ao que se diz.

hhhhhhhhh) Ah sim! eu era casado... Não, não, isso não quer dizer que eu não fosse casado na época, e eu também tinha filhos com minha mulher. Minha mulher era católica, mas muito fervorosa, sim, isso existe. Toda manhã, antes de meu trabalho, eu devia deixá-la na catedral para que ela pudesse rezar pela salvação da minha alma. Nada ia como ela queria. Eu bebia cada vez mais e acumulava amantes. Até eu pensava que isso não podia continuar assim. Às vezes, eu me perguntava se não estava possuído pelo demônio... E então um dia, um homem entra no táxi e começa a me falar de Jeová. Não sei por que o que ele dizia penetrava direto no meu coração como uma faca na manteiga. Eu que nunca escutava ninguém. Foi assim que me tornei testemunha...

iiiiiiiiii) *Amém*, grita a mulher da cesta.

### **Altagrâce**

O táxi vira na rua Magloire-Ambroise para parar imediatamente em frente a um salão de beleza para senhoras. Uma jovem chega correndo na porta do motorista.

jjjjjjjjj) É o boletim dele.

O motorista coloca calmamente seus óculos para olhar as notas escolares de seu filho, imagino. Ele demonstra satisfação com o que vê. O salão de cabeleireiro parece vazio, não fosse uma mulher gorda de bobes que estica o pescoço para tentar ver o que se passa fora. O motorista entrega, finalmente, com um largo sorriso, o boletim para a jovem, passando-lhe também um envelope.

O táxi arranca instantaneamente.

kkkkkkkkkk) Tenho dois meninos com Altagrâce, diz. É uma mulher do Cap. Boa pessoa. Ela estava com as irmãs de Caridade quando a encontrei. Fui eu quem a desviou do bom caminho. Vocês entendem o que quero dizer. Agora, não estamos mais juntos, mas me esforço para cumprir meu dever. Cuido das crianças. O envelope, era o dinheiro para a escola. Isso é importante para mim, a escola. As crianças não são animais. Não podemos nos contentar em colocá-los no mundo, também é preciso pensar na educação deles. E levo isso muito a sério. Se eu morrer o que posso deixar para eles? Nada. Sou um pobre homem que se vira para sobreviver. Felizmente os olhos de Jeová não me deixam nunca.

lllllllll) *Amém*, aprova a mulher da cesta.

### **A tigresa**

Faz um calor horroroso dentro do táxi. Não consigo mais respirar. Tenho a clara sensação de que estamos cozinhando tranqüilamente numa enorme caldeira. Um cheiro de enxofre. Só é preciso alguém riscar um fósforo para colocar fogo no táxi.

Minha mãe me estende um lençinho bordado que ela acaba de tirar de sua bolsa.

mmmmmmmmmm) Se vocês não estiverem muito apressados, diz o motorista com uma voz um

pouco culpada, vou fazer um pequeno desvio... Não é muito longe...

E sem esperar nossa resposta, vira à esquerda para voltar a subir a travessa Romain. O táxi pára bem na frente da Rádio Caraïbes. O motorista dá duas buzinas. Um menininho de mais ou menos dez anos chega correndo.

nnnnnnnnn) Dê isso para sua mãe, diz o motorista estendendo-lhe um envelope.

O táxi começa a rodar devagar. No mesmo momento, uma mulher de uns quarenta anos chega do fundo de um longo corredor. Levou um certo tempo para que víssemos que ela tinha os seios à mostra. Um enorme par de seios.

oooooooooooo) Posso falar com você, Josaphat...

Em vez de parar como lhe pediam, ele até acelera.

pppppppppp) Pare, cafajeste. Quero falar com você.

qqqqqqqqqq) Estou com pressa, Mimose.

rrrrrrrrrr) Está com pressa! Vou esmagar seu saco!

Já estamos no cruzamento. O táxi vira à esquerda, na rua Capaix.

ssssssssss) Essa mulher é uma verdadeira tigresa, termina por declarar à guisa de explicação. Sempre procurando briga, me insulta, me ataca, me ameaça, quer me cegar, me arrancar as tripas, eu lhes digo: é uma verdadeira tigresa. Tem gente assim, parece, e não se pode fazer nada. Vejam, ela vem sem sutiã, até a rua, sendo que tem um filho para educar, meu filho. Eu a encontrei em Croix-des-Bouquets, um lugar lindo. Ah! Senhor, como ela era bonita! mas não tinha nenhuma educação. Ainda estava como em estado selvagem... Faz um mês, ela rasgou com uma navalha todo o estofamento do carro. Fui obrigado a pagar para refazê-lo inteiro. Então, pulei um mês. Nada de dinheiro. É por isso que ela está furiosa. Não sei como soube que dou para Altagrâce o dobro do que lhe dou em dinheiro, mas é normal, tenho um filho com ela e dois com Altagrâce. Ainda mais, não é o mesmo gênero de pessoa, não mesmo...

### **O amor**

O táxi pára. A jovem, sentada na frente ao lado do motorista, desce depois de pagar a corrida.

tttttttttt) Lisa!

Ela vira-se.

uuuuuuuuuu) Você! O que está fazendo aqui?

Desço prontamente do táxi para abraçá-la. “Ah! Lisa. Como você me fez sofrer.”

Ela passava todo dia na minha porta para ir à escola. “Quantas vezes sonhei com você!”

Um beijo de Lisa, foi tudo o que quis durante cinco anos.

vvvvvvvvvvv) Acabei de chegar.

wwwwwwwwww) Espere, mas faz vinte anos que a gente não se vê, não é?

xxxxxxxxxxx) Exatamente.

yyyyyyyyyyy) Você, não posso dizer que não o vi. De tempos em tempos o vejo na tv.

Minha mãe sempre diz que você continua o mesmo. Sempre de bom humor... Escute, comigo foi diferente, tive um casamento que não deu certo, tenho um filho, sou divorciada

e trabalho no museu de arte. Você deveria passar lá para ver nossa exposição, temos coisas muito bonitas.

zzzzzzzzzz) Agora você está indo ver sua mãe? Ela ainda mora no mesmo lugar?

Ela sorri.

aaaaaaaaaaaa) Você se lembra... Moro com minha mãe, desde o divórcio.

Uma buzina.

bbbbbbbbbbb) Não estou com pressa, diz o motorista em um tom sarcástico.

Beijo Lisa.

ccccccccccc) Passarei com certeza no museu...

ddddddddddd) Fechamos às cinco horas. Gostei de te rever.

Vejo-a atravessar o portão. Um pouco nervosa, não consegue fechar direito o trinco do portão. Oh! sua nuca...

### **A revelação**

Retomo meu lugar ao lado de minha mãe. Um homem já está sentado na frente, no banco de Lisa.

eeeeeeeeeee) Ele vai perto do cemitério, assopra-me minha mãe, é no nosso caminho.

ffffffffffff) A jovem, pergunta o motorista, o senhor a conhece bem?

ggggggggggg) Sim, mas fazia vinte anos que a gente não se via.

hhhhhhhhhhh) Não deveria me intrometer no que não me diz respeito... Será que posso lhe dizer uma coisa?

iiiiiiiiiii) Pode, respondo com uma certa inquietude.

jjjjjjjjjjj) Essa mulher está apaixonada pelo senhor.

kkkkkkkkkkk) Foi o que percebi também, acrescenta a mulher da cesta.

lllllllllll) Ah, é?... Como assim? Não percebi, balbucio como uma criança pega em flagrante.

mmmmmmmmmm) É a verdade, diz o motorista, e eu conheço essas coisas.

Confie em mim. Ela

o ama.

nnnnnnnnnn) Não entendo como podem dizer uma coisa dessas.

oooooooooooo) Eu sei, diz o motorista. Ela o olhou com os olhos mais doces que eu já vi...

Começo a rir de maneira meio artificial.

ppppppppppp) Ah! vê-se que vocês não conhecem Lisa... é o jeito dela.

qqqqqqqqqqq) Não tenho tanta certeza, diz o motorista em um tom peremptório, que ela

olhe todo mundo da mesma maneira. Essa mulher, meu irmão, sempre o amou. Portanto, abra os olhos.

rrrrrrrrrr) *Amém!* Os homens são cegos, conclui a mulher com a cesta no colo, em um tom mais firme.

ssssssssss) Nem todos, observa com uma voz muito doce o homem sentado perto do motorista.

tttttttttt) Não falava do senhor, retoma em seguida a mulher da cesta fazendo uma certa careta.

O táxi pára diante da clínica do portal Léogâne.

uuuuuuuuuu)O senhor não é o doutor Samedi? pergunta minha mãe num tom quase respeitoso.

vvvvvvvvvvv)Sou, ele diz com uma voz mais grave que há pouco. A senhora me conhece?

wwwwwwwwww) Pessoalmente não, mas ouvi falar do senhor.

xxxxxxxxxxx)Bem, espero.

yyyyyyyyyyy)Claro, diz minha mãe com um risinho na garganta que eu não conhecia. É uma amiga em comum: Georgette Per...

zzzzzzzzzz) Ah! Georgette... É uma boa amiga. Cumprimente-a de minha parte. E obrigado, diz o doutor com uma voz mais amável ao motorista que acaba de lhe dar o troco... Até logo, senhora.

aaaaaaaaaaaa) Até logo, doutor, diz minha mãe com um certo orgulho.

### **A escolha**

Minha mãe volta a ficar silenciosa. Acabo de me lembrar, de repente, que minha mãe sempre sonhou que eu me tornasse médico. Não somente porque é uma profissão de prestígio, mas sobretudo porque ao cuidar de doentes não se coloca a vida em perigo. No entanto, ela nunca interveio na minha escolha de vida, mesmo quando a direção que eu tinha tomado parecia a mais perigosa possível. Com dezenove anos, tornava-me jornalista em plena ditadura dos Duvalier. Meu pai, também jornalista, foi expulso do país por François Duvalier. O filho dele, Jean-Claude, empurrou-me ao exílio. Pai e filho, presidentes. Pai e filho, exilados. Mesmo destino. Minha mãe, não deixará jamais seu país. E se por acaso ela o deixar, terei a impressão de que não há mais país. Identifico totalmente minha mãe com o país. E ela está sentada ao meu lado neste táxi que segue agora na direção de Martissant. O tronco curvado sob a dor: minha mãe, meu país.



## **As portas do inferno**

Um *tap-tap* avança sobre nós e nos evita no último segundo.

bbbbbbbbbb) São uns loucos, esses aí, diz o motorista. A gente se pergunta onde foi que

tiraram a carta de motorista. Eu sei, eles compraram. Quando venho aqui, tenho a impressão de dar uma volta no inferno.

cccccccccc) Nem todo mundo tem condições de morar na cidade, diz a mulher da cesta com uma certa exasperação na voz. Sempre morei no Champs-de-Mars, ao lado do cinema Paramount, até a morte de meu marido. Em vez de levar nosso caso em consideração, o proprietário aumentou o aluguel e tive que me mudar para vir viver em Martissant. Claro que esse não é o meu meio. Primeiro, nem tem uma diferença tão grande de aluguel, enquanto que é tão sujo e tão barulhento. Eu lhes digo: pago quase a mesma coisa que antes... Depois, meus filhos iam à escola pertinho, no colégio Saint-Martial...

ddddddddddd) A senhora não os tirou de lá, espero! quase grita minha mãe. É uma excelente escola.

eeeeeeeeeee) Eu sei, senhora, mas não vou poder pagar durante muito tempo a mensalidade do táxi para eles.

ffffffffffff) Seria um crime, continua minha mãe, se você os tirasse dessa escola. Sei que estou me metendo em algo que não me diz respeito, mas...

gggggggggg) Eu sei, senhora, mas é duro demais para mim. Estou no fundo do poço. Não

posso fazer mais um sacrifício. Não tenho mais sangue para dar. Se tivessem me dito que a vida seria tão dura, teria ficado lá onde estava antes, nunca teria deixado Bainet para vir para Porto Príncipe. Fazer tanto sacrifício para me achar aqui, hoje, vegetando em Martissant...

hhhhhhhhhhh) É preciso acreditar em Jeová, diz o motorista de táxi, só ele conhece a

medida do nosso sofrimento e poderá apaziguá-lo.

iiiiiiiiiii) Oh! às vezes, diz a mulher da cesta com um longo suspiro, eu me pergunto se ele não está do lado dos ricos.

jjjjjjjjjj) Não, senhora, não diga isso, dispara o motorista quase com raiva... Que cada

um viva segundo sua consciência, mas a cólera de Jeová será terrível.

kkkkkkkkkkkkk) Eu não digo não, mas olhe os castelos que os ricos constroem na montanha, enquanto nós nos esforçamos mais e mais nessa lama preta e fedida. Tenho que respirar isso todos os dias. Se não fossem as crianças, há muito tempo teria posto um fim nos meus dias. Aliás, não tenho medo de morrer, senhora, diz dirigindo-se a minha mãe... Os mortos são mais felizes que nós.

lllllllllll) Mas você não sabe nada disso, diz minha mãe.

mmmmmmmmmmmm) Sei sim! O que me faz pensar isso é que ninguém voltou.

Um silêncio de morte.

A mulher paga a corrida e desce do táxi para se perder na onda humana de Martissant. Tenho certeza de que não a verei nunca mais. Como fará diante da tempestade da vida? Ignoro.

### **O afogamento**

nnnnnnnnnnnn) Essa mulher ainda não viu nada, diz o motorista com um ar grave.

Aqui é só a porta do inferno.

ooooooooooooo) O que o senhor quer dizer com isso? pergunto.

pppppppppppp) Quero dizer, batuca o motorista no volante com as mãos, que há lugares onde pensam que é preciso ser rico para morar em Martissant.

Sinto minha mãe tremer ao meu lado. É o medo de sua vida. A queda social. Essa descida sem fim. É preciso resistir, claro, mas num determinado momento nos encontramos embaixo d'água e aí, não há mais nada a fazer. O afogamento!

qqqqqqqqqqq) Vou tentar evitar o morro Nelhio, diz o motorista, pegando o Carrefour-Feuilles.

rrrrrrrrrrrr) Sim, diz minha mãe com uma voz quase apagada, faça isso.

E fecha os olhos apoiando sua cabeça levemente em meu ombro. Olho um longo momento aquele rosto cansado. Um cansaço antigo.

### **PAÍS SONHADO**

*Ça manman ti chatte té di'l la, manman ti rate té di'l li anvant.*

(O que a mãe do gatinho lhe ensinou, a mãe do ratinho ensinou-lhe muito antes.)

Fui ver, sem marcar hora, o professor J.-B. Romain, da Faculdade de Etnologia da Universidade do Estado do Haiti. Ele ainda não tinha chegado em seu escritório. Uma velha secretária indicou-me uma cadeira que parecia ter pertencido ao Imperador Faustin I<sup>o</sup>. Esperei perto de uma hora e meia. De repente uma voz quente atrás das minhas costas. Viro-me: o professor J.-B. Romain está bem ali, diante de mim. Ele me faz entrar na mesma hora neste minúsculo cômodo cheio de objetos heteróclitos: máscaras, estátuas pré-colombianas, esculturas africanas.

sssssssssss) Tenho duas ou três coisinhas para lhe perguntar, professor.

tttttttttt) Vamos lá, diz olhando seu relógio, não tenho muito tempo para mim. Tudo vai rápido demais neste país, para o meu gosto. Sou um cientista, estou acostumado a trabalhar sobre objetos muito antigos – ele dá uma olhada em torno de si – e eis que agora, pedem minha opinião sobre histórias que acontecem sob nossos olhos. Preciso de tempo. Na minha análise do Haiti, ainda estou na África, entende. É preciso ir até a raiz das coisas. Os povos têm uma história, é preciso começar pelo início, mas essas pessoas querem que eu reaja como um jornalista, no calor do acontecimento. É impossível! Eles se recusam a compreender.

uuuuuuuuuuuu) Quem se recusa a compreender?

vvvvvvvvvvvvv) Não sei... Todos aqueles que estão lá...(Ele faz um gesto com a mão na

direção do palácio nacional.) É o major Sylva quem me contata em nome deles: do Presidente, dos membros influentes do estado-maior, e mesmo dos americanos. Os americanos acreditam poder comprar tudo com seus dólares. Mas o dinheiro não pode resolver tudo. Eles só conhecem essa solução. Como discutir com homens que nem mesmo vemos! Bem, o que o senhor queria me dizer?

wwwwwwwwwwww) Acho que isso pode esperar, professor, o senhor parece ter muitas preocupações.

xxxxxxxxxxxxx) Desculpe-me falar-lhe dessas coisas, mas às vezes só é preciso uma gota para

fazer transbordar o vaso. Por que esses americanos recusam-se a admitir que este país possui alguns dons particulares e que não estão à venda? Nossos sonhos, nossas paixões, nossa história, tudo isso não está à venda. É somente para defender essa herança que fico

aqui e que morrerei aqui. Eles terão que passar sobre meu cadáver para... Bem, paro por aqui, diga-me o que o senhor quer, agora que a crise passou.

yyyyyyyyyyyyy) Vou direto ao assunto, professor... O senhor acredita que seja possível

morrer e voltar depois à Terra?

Um breve momento.

zzzzzzzzzzzz) É a coisa mais banal, meu jovem amigo. Estou corrigindo a tese que um de meus estudantes redigiu sobre os zumbis.

aaaaaaaaaaaaa) Não falo de zumbis, nem de pessoas que foram mortas e depois obrigadas a

voltar dentre os vivos para trabalhar.

O professor J.-B. Romain levanta a mão direita para me interromper.

bbbbbbbbbbbbbb) Primeiro, não foram mortos. Esta é a astúcia. Fazem a família acreditar que

a pessoa morreu, mas na realidade...

cccccccccccc) Professor, foi isso o que eu quis dizer.

O rosto do professor torna-se subitamente grave.

dddddddddddddd) Então, do que o senhor está falando?

eeeeeeeeeeee) Falo de alguém que teria aceitado morrer para ir ver o que se passa lá depois

voltar para o meio dos vivos.

O professor J.-B. Romain coça a cabeça pensativo.

ffffffffffffff) Humm... É mais complicado. É um velho sonho que cultivam todos os etnólogos deste país, mas até onde sei, ninguém ainda o realizou.

gggggggggggggg) E se alguém viesse lhe propor, assim?...

hhhhhhhhhhhhhh) Propor o quê?

Parece que acabo de despertá-lo de um sono profundo.

iiiiiiiiiiiiii) Propor-lhe, professor, de ser o primeiro etnólogo a ir lá.

jjjjjjjjjjjj) Evidentemente que eu ficaria tentado, diz com um riso na garganta.

kkkkkkkkkkkkk) Como o senhor diz isso, professor? Pensei que o senhor ficaria louco de

alegria.

lllllllllllll) O professor faz um gesto com a mão como para afastar uma mosca de seu rosto.

mmmmmmmmmmmm) Ninguém pode fazer-lhe tal proposta sem que haja algum risco.

nnnnnnnnnnnn) Sim mas, professor, o saber absoluto... a possibilidade de compreender tudo,

de ver tudo, de sentir tudo de uma vez... Aqui, o senhor formula hipóteses, suas reflexões sobre a morte não são definitivas. Pode-se contestar suas explicações dos símbolos da morte no vodu. Mas seria diferente no seu retorno. O senhor poderia dizer de maneira categórica: “A morte não cheira a flor de laranjeira, seu cheiro está mais para axilas, ponto final. Fim do debate.”

oooooooooooo) É muito interessante tudo isso, mas se eu não tivesse que voltar... Quem me

diz a quantos já fizeram essa proposta que não voltaram?

Ele já se levanta.

pppppppppppp) Vou fazer-lhe uma última pergunta, professor.

qqqqqqqqqqqq) Faça logo, já estou atrasado para minha aula, diz dirigindo-se para a porta.

rrrrrrrrrrrr) Honestamente, o senhor acha que é possível?

Ele retorna um momento.

ssssssssssss) O quê? Ir lá e voltar? E sobretudo, diz com um sorriso de canto, que o deixem escrever sobre o lugar? Um tipo de reportagem sobre o “velho país”. Se me fizessem tal proposta, bem que eu me perguntaria o porquê. O que querem de mim? Não seria, certamente, pelos lindos olhos de macaco velho de J.-B. Romain.

ttttttttttt) Só quero saber, professor, desculpe-me por insistir, se é possível ir e voltar são e salvo, sem que o espírito seja atingido de alguma forma?

Um momento de silêncio intenso. O professor olha seu relógio. E senta-se de novo.

– Escute, o senhor sabe que há apenas um século os homens, quero dizer os brancos, ainda não iam ao espaço. Falo do simples avião. Segundo a lei da gravidade: tudo o que é mais pesado que o ar deve cair na direção do centro da Terra, é mais ou menos isso se me lembro de meus antigos estudos... Bem, os ocidentais, desde então, fizeram imensos progressos, o que torna possível hoje que o homem ande na Lua...

Não creio que seja o momento de falar-lhe da teoria do senhor Pierre que afirma que há muito tempo os haitianos passeiam na Lua.

uuuuuuuuuuuu) Eles, os ocidentais, escolheram a ciência diurna, continua o professor, que

chamam simplesmente de ciência. Nós, ao contrário, aprendemos a ciência da noite, que os ocidentais chamam, desdenhando, de superstição. Devo dizer que se eles fizeram inegáveis progressos na zona deles, nós também não brincamos em serviço. Há cem anos, não podíamos imaginar um homem na Lua (salvo nosso amigo Verne), hoje está feito: um homem foi lá, pisou sobre e voltou para a Terra. Neil Armstrong também escreveu um livro relatando essa experiência... Claro, o país da morte é mais distante. Um pouco mais distante, um pouco mais perto, o importante é que ele é invisível. Eles fizeram progresso, nós também progredimos, mas nós não falamos disso.

vvvvvvvvvvvvvv) Talvez os deuses vodus queiram que falemos agora. Talvez eles queiram

simplesmente um reconhecimento internacional... Porque professor, o que vale Santa Cecília face a Erzulie Dantor, dita Erzulie dos olhos vermelhos? O que vale um simpático São Cristovão face ao terrível Ogou Badagri, o mestre do fogo, ou o inocente São Francisco de Assis face ao Baron Samedi, o zelador dos mortos? Essas pessoas querem, talvez, que o mundo inteiro reconheça seu poder, e eles me escolheram para esse trabalho de propaganda. Resta uma única pergunta: por que eu?

wwwwwwwwwwww) Hein! (O professor ainda refletia.) Por que o senhor? Ah! isso não tem

nenhuma importância, meu jovem amigo. Todos dizem isso: “Por que eu?” A Virgem disse. Davi disse, pouco antes de seu combate com Golias que devia lançá-lo na cena cristã. Saul disse quando o chamaram. Mesmo Abraão disse. “Por que eu?” Do ponto de vista místico, essa pergunta nunca teve resposta. “Por que eu?” Por que não! Bom, agora é preciso que eu vá, mas nós retomaremos esta interessante discussão uma outra vez.

xxxxxxxxxxxxxxxx) Mas professor, não é uma simples discussão, e não são hipóteses...

Alguém

veio realmente me ver.

O professor J.-B. Romain já tinha ido embora para sua aula.

## PAÍS REAL

*Lang ac dent cé bon zanmi, yo rété nan minm caille, gnoune pas rinmin lote.*

(A língua e o dente são dois bons amigos que moram na mesma casa, detestando-se.)

### **O amigo reencontrado**

- e) O que você faz aqui? pergunto, a respiração cortada.  
Ele se contenta em sorrir.
- f) Alguém me disse que te viu no aeroporto.  
Nos abraçamos.
- g) Deixe-me olhar um pouco para você, diz Philippe.  
Nos olhamos.
- h) Que louco, Philippe comenta, quando você foi embora, a gente tinha vinte e três anos, os três. Você, eu e Manu. Não reprovoo você por não ter dito, mesmo para nós seus melhores amigos, que ia embora.
- i) Escute, Philippe...
- j) Não vale a pena. Sua mãe me explicou, algum tempo depois de sua partida, que ela tinha pedido a você para não falar com ninguém.
- k) Que noite! Eu me lembro bem: estava com você e não podia dizer nada...  
Antoinette também estava lá... Eu não podia dizer nada...
- l) Sua mãe tinha razão. Você sabe que eles te procuraram em todo lugar durante pelo menos um mês.
- m) Vinte anos, hein!
- n) Pois é, diz, vinte anos.  
E a gente se abraça de novo.

### **O remédio**

Tia Renée chega com uma grande jarra de suco de romã e dois copos. Minha mãe já foi para a cozinha. Com certeza ela vai nos preparar alguma coisa. Um prato rápido. Ela sabe que Philippe nunca fica muito tempo no mesmo lugar. Minha mãe e tia Renée gostam muito de Philippe porque ele é educado e sempre de bom humor. Principalmente porque ele não as deixou sozinhas depois de minha partida.

- o) O remédio que você me deu no mês passado, Philippe, me fez muito bem, diz tia Renée mostrando o pequeno frasco vazio que ela acaba de tirar do bolso.
- p) Tenho outros no carro... Vou buscar para a senhora, diz Philippe levantando-se no mesmo instante.
- q) Phil, isso pode esperar, diz tia Renée... Beba seu suco tranquilamente, você me dá antes de ir embora.

Philippe já estava no portão.

### **O trio infernal**

Minha mãe e tia Renée têm tanta confiança em Philippe quanto têm medo de Manu. Tia Renée diz que ela não lhe confiaria nem mesmo seu pior inimigo. Manu lhes dá realmente medo. Imprevisível demais. E aquele charme venenoso. Ele agrada as mulheres e isso desagrade tia Renée. Conheci primeiro Philippe. Foi há trinta anos. Trinta, que número! Éramos como dois irmãos. Dividíamos tudo. Até mesmo as mulheres. Até que chega um terceiro ladrão: Manu. É preciso dizer que naquela época as mulheres não nos interessavam tanto. Queríamos principalmente a vida. Em todas as suas formas. Mudar as coisas. Lembro-me que andávamos sem parar na cidade. Queríamos conhecer tudo, entender tudo, sentir tudo. Um desejo furioso de viver. Mais rápido! Sempre mais rápido!

### **Antoinette**

Foi por meio de Philippe que ela chegou. Ele queria nos apresentá-la de qualquer jeito. A cada encontro ela não vinha. Começamos a ironizar, Manu e eu, em relação à garota sonhada. Um dia, ela chegou, e nos encantou a todos. Cada um a nossa maneira. No caso de Philippe, já estava resolvido. Eu tinha me apaixonado assim que a vi, mas isso, jamais teria confessado, mesmo sob tortura. Quanto a Manu, sempre fingiu ignorá-la. Nós ficávamos com Antoinette como três jovens escoteiros em torno do fogo: fascinados.

### **Bicarbonato de sódio**

Philippe não achou o remédio, mas trouxe outra coisa.

r) Mas é bicarbonato de sódio, quase grita tia Renée depois de ter provado com a ponta da língua.

Ela arregala os olhos.

s) Este menino é um verdadeiro feiticeiro. Como você sabia que eu estava precisando? Marie sempre esquece de comprar quando vai à farmácia Séjourné. Desde que seu filho ligou para dizer que vinha, Marie perdeu a cabeça. Você lhe diz uma coisa, ela responde, mas esquece no mesmo instante o que você acabou de dizer, e mesmo o que ela respondeu...

t) Tenho as costas largas, diz minha mãe chegando na varanda. Sou o único assunto das conversas de Renée.

u) Somos só nós duas aqui, Marie, é preciso rir às vezes, diz tia Renée com uma



gargalhada.

v) Está pronto, diz minha mãe... Venham comer, senão vai esfriar.

w) Lembro-me, faz vinte anos, minha mãe usava essa mesma expressão (“Venham comer, senão vai esfriar.”) para nos convidar, Philippe e eu, à mesa. É preciso escutar quando ela fala. Seu jogo é muito discreto.

x) Vamos, diz tia Renée, eu comerei mais tarde.

### **A refeição**

Como sempre, minha mãe fez uma refeição simples, leve e suculenta: arroz branco, frango com chuchu e banana frita. Salada: abacate e tomate. Como sobremesa, teremos pão de batata.

Ela se senta a nossa frente.

y) Pegue um pouco mais de frango, Philippe, diz minha mãe.

Ela acrescenta arroz no meu prato quando julga que não há o suficiente.

z) Obrigado, diz Philippe... Gosto muito dessa comida.

Minha mãe sorri. Estamos em 1976 ou em 1996?

### **Uma arte**

Preciso confessar algo, diz Philippe para minha mãe... Sabendo que eu ia passar aqui, não tomei café da manhã.

aa) Obrigada, Philippe.

bb) Sempre galanteador, diz tia Renée que tem gostos alimentares claramente opostos aos de minha mãe.

cc) Não entendo, diz Philippe, é um verdadeiro mistério para mim. Apesar de eu já ter explicado em casa o que gosto e como preparar, nunca é como aqui.

dd) No entanto, não tem segredo, diz calmamente minha mãe.

ee) É como escrever, digo, também não tem segredo. Você sabe ou não sabe, ponto final.

ff) Entre a cozinha e a literatura, declara um Philippe hilário, prefiro de longe a cozinha.

gg) Bom, vamos embora, digo.

hh) Esqueci de dizer, Velhos Ossos, que um tal doutor Legrand Bijou telefonou. Ele gostaria que você fosse vê-lo.

ii) Obrigado, tia Renée. Espero que ele não tenha tentado te cortejar. É um sedutor

perigoso. Ele seria capaz de fazê-la perder a cabeça, mesmo por telefone.

jj) Não, diz seriamente tia Renée, ele foi correto.

kk) É nessas horas que precisamos ficar atentos. É um homem cheio de mulheres, e as mulheres adoram sentir nos homens cheiro de mulher. Você tem certeza que ele não despertou nada em você?

ll) Tenho. Eu o achei educado, a não ser que...

mm) Ah! ah!

Tia Renée acaba de entender que estou brincando.

nn) Ah! malandrinho, deixa eu te pegar. Pareceu-me que com um nome desses, Legrand Bijou, não se pode ir longe na vida.

oo) Como assim! diz minha mãe. Pelo contrário. Legrand Bijou, este nome me faz sonhar.

pp) Mais uma! grito.

Elas começam a rir sem conseguir parar.

### **Os burgueses.**

Um jipe vermelho.

qq) Carro novo, Philippe?

rr) Dei meu carro velho e o da minha mulher, que era praticamente novo, para tê-lo. Ainda falta pagar dez mil. Sabe de uma coisa, tem tantas crateras nesta cidade que, te juro, é preciso um jipe.

ss) É preciso boas estradas. Por que vermelho, Philippe? Você quer chamar atenção?

tt) Ei! pare, não vou justificar cada gesto meu. Você, eu nem sei como vive lá.

uu) Você tem razão!

Começo a cantar:

vv) “Os burgueses, são como os porcos...”

Philippe me acompanha:

ww) “Quanto mais velhos mais burros.”

E retomamos o refrão em coro. O possante jipe ignora os buracos. O olhar cheio de amargura dos pedestres.

xx) Você acha, diz Philippe depois de um momento, que ainda hoje há pessoas que conhecem esta canção? O desprezo pelos ricos não está mais na moda. As pessoas só querem também ter um bom jipe.

yy) É o que você pensa, Philippe, porque você olha a realidade do alto do seu jipe.

zz) É a realidade... e todos que pensavam o contrário estão atualmente sendo comidos pelos vermes.

aaa) Não sei Philippe... não sei mesmo...

bbb) Espero que você não esteja aqui para mudar as coisas.

ccc) Não, Philippe... Sou só um *voyeur*.

ddd) Ah! você veio fazer um livro. Melhor isso. Menos perigoso. Digo isso porque não quero perdê-lo. É o que acontece a todos aqueles que voltam depois de vinte anos para mudar as coisas, como se as coisas devessem mudar só quando eles pensam nelas. Parece que eles olham seus relógios e dizem: “Olha, está na hora de voltar para mudar as coisas”. As coisas, somos nós. Aqueles que ficaram. Aqueles que não deixaram o país quando ele ia mal...

Philippe guia o possante jipe como se a rua estivesse vazia. As pessoas circulam pelo meio da rua como se o carro ainda não tivesse sido inventado. É um problema.

eee) Você não tem medo de atropelar alguém guiando assim?

fff) Só é possível guiar assim, Velhos Ossos...

ggg) O que você está dizendo?

hhh) É cronometrado por segundo. As pessoas sabem exatamente a que velocidade você vem, se você diminui. É nesse momento que pode causar uma confusão.

iii) Acho que você se justifica de maneira curiosa.

jjj) A prova é que há muito poucos acidentes. Os raros acidentes são causados por pessoas como você...

kkk) Como o quê?

lll) Pessoas que voltam do exterior. Eles perderam o ritmo. É como uma dança, sabe. O menor passo em falso é mortal. Rápido demais, não é bom. Lento demais, também não. Entende?

mmm) Não.

O negócio é que não quero entender. Não tão rápido. Não quero aceitar de cara essa ordem das coisas.

nnn) Ah! sei, diz Philippe com ar de entendido... Você vai ter que reaprender a dançar a merengue. Primeiro, não disse que aprovo o que se passa neste país, sinto simplesmente um tipo de acordo, sempre a dança, e você entende, não se pode mudar o passo sem mudar a música. Por exemplo, se você guiasse este jipe, você ia ver, as pessoas não te deixariam

passar. Você pareceria hesitante demais. Agora diga que aqui é uma selva. Os pobres são agressivos. Os ricos são agressivos. O sol brilha forte demais. E a vida é dura.

ooo) Hé! Não me venha dizer que a vida é dura para todo mundo!

ppp) Escute, declara ele, é Manu quem cuida desse aspecto da realidade.

Gargalhadas no jipe.

### **A divisão do trabalho**

É verdade que temos, cada um, sua especialidade. Manu, é a política nua e crua. Philippe, a vida em sua doçura. Eu, a literatura. Antoinette? Antoinette, é o nosso centro. Ela se interessa por política, por literatura e pela vida.

### *Café madame Michel*

qqq) Vou te mostrar uma coisa, diz Philippe com seu sorrisinho que conheço bem.

O jipe vira bruscamente à esquerda, na esquina da mercearia Delpé.

rrr) O que foi?

Philippe se contenta em sorrir.

sss) Oh! entendi, digo quando percebo o velho templo das testemunhas de Jeová.

O jipe para na frente do *Café madame Michel*. O restaurante dos cegos. O que quer dizer que é melhor não olhar o que se come. O que é absolutamente falso. A cozinha de madame Michel é excelente (a famosa sopa de legumes da quinta-feira à noite). Foi Manu quem nos trouxe aqui. E durante anos, podíamos ser encontrados nessa mesa, perto da porta. Toda noite, das sete às dez horas. A filha de madame Michel trabalhava como garçonete nos finais de semana, e ela era louca por Manu. O que fazia com que comêssemos de graça, aos sábados e domingos.

ttt) Você não quer ir dar uma olhada? pergunta Philippe.

uuu) Sei muito bem o que acontece lá dentro. E não quero ficar sabendo que madame Michel morreu ou está aposentada.

vvv) Ela morreu, diz calmamente Philippe.

www) Como assim?

xxx) Ela morreu no ano passado. Ouviram, parece, um barulho na cozinha. Alguns clientes foram ver. E encontraram-na com a cabeça dentro de uma grande caldeira de óleo quente. Uma parada cardíaca fulminante. Morreu na hora.

Eu a revejo diante de mim: alta, bem magra, as mãos ossudas. O sorriso raro.

Sempre trabalhando.

yyy) Tem uma coisa que sempre me intrigou.

zzz) O quê? pergunta Philippe.

aaaa) Será que existiu um Sr. Michel?

Gargalhada de Philippe. Eu me jogo contra a porta do carro para evitar os famosos tapas na minha coxa ou nas costas.

bbbb) A mim também, isso sempre intrigou, termina por dizer, ainda rindo. Fui ao funeral, e me mostraram o Sr. Michel. A maioria dos clientes o viu pela primeira vez. Parecia até que era ele e não madame Michel o centro das atenções, naquele dia.

cccc) Então, existia um Sr. Michel.

### **Uma lembrança**

O jipe roda evitando habilmente as crateras. Philippe guia com uma mão segura. Uma maneira de me dizer que é a sua cidade. Olho pela janela da direita. As árvores, as pessoas, as casas desfilam diante de meus olhos. Agarro voando uma lembrança.

dddd) Não posso dizer quantas vezes mijei neste muro.

O jipe continua seu caminho, indiferente as minhas emoções. Como o tempo, aliás.

### **As ruas**

Philippe vira-se para mim.

eeee) Diga o que mais te tocou desde que chegou.

ffff) Para isso, será preciso esperar ao menos uma semana, digo para evitar esse tipo de conversa.

gggg) Não, insiste Philippe, depois de uma semana, tudo muda. Você não será mais o mesmo homem. Você vai pensar sobre isso. Quero alguma coisa viva.

hhhh) Oh! há tantas coisas...

iiii) Por exemplo?

jjjj) As ruas, tinha esquecido que eram tão estreitas.

kkkk) Só isso? diz Philippe.

llll) As pessoas também. Não tinha guardado na memória toda essa magreza, mas não é isso que me espanta mais.

mmmm) É o que é?

nnnn) Não sei como dizer... Eu...

oooo) Você!

pppp) Não sabia que isso me fazia tanta falta.

qqqq) E o que te faltava tanto assim?

rrrr) Não sei. Tudo. Esta poeira, estas pessoas, a multidão, o crioulo, os cheiros de fritura, as mangas nas árvores, as mulheres, o céu azul infinito, os gritos intermináveis, o sol impiedoso...

ssss) Nossa! diz Philippe freiando bruscamente, então já era tempo...

tttt) Já era tempo, digo baixinho. Vinte anos, é muito...

uuuu) É demais...

vvvv) De jeito nenhum. Eu até estava feliz, mas como que ao lado da vida. Da minha vida.

Um longo silêncio no jipe. Finalmente, partimos.

### **O preço do tempo**

wwww) Você pode dar uma parada no museu de arte?

xxxx) O verdadeiro turista, solta alegremente Philippe.

yyyy) Não, tenho que ver alguém lá.

zzzz) Estava brincando. De qualquer forma, você sempre gostou de pintura.

Philippe vai estacionar, na sombra, embaixo de uma árvore.

aaaaa) Te espero aqui.

bbbbb) Não vou demorar muito, digo abrindo a porta do jipe.

ccccc) Fique quanto precisar, Velhos Ossos... Aqui, o tempo não custa nada.

### **Minhas pinturas**

Vinha sempre aqui, antigamente. Passava horas diante das pinturas. Há duas telas de que eu gostava muito. *Le Bourgeois chez lui* de Mucius Stéphane que representa, acho, um homem sentado em uma cadeira de balanço com um gato no colo ou a seus pés, esqueci. A outra tela é um retrato inacabado da *Grande Brigitte* por Hector Hyppolite. Hoje, tudo isso está bem misturado na minha memória. Há também o tríptico de Wilson Bigaut (*Paradis, Purgatoire, Enfer*), uma selva de Salnave Philippe-Auguste, e um magnífico *Louverture Poisson (Haïti chérie*, acho) que representa uma mulher muito sensual sentada em uma cadeira baixa penteando-se diante de um espelho. São imagens inscritas na minha carne que me acompanharam durante essa longa viagem ao norte.

## **Lisa**

Eu a olho enquanto mostra o museu para dois turistas. Ela me faz um sinal intenso para esperá-la. Olho um momento os cartões postais. Finalmente, ela vem na minha direção.

dddd) Não te esperava tão cedo...

eeee) Estava passando na frente do museu. Antigamente, eu vinha sempre...

ffff) Me disseram... Você conhecia Pierre Monosiet, o antigo conservador?

gggg) Sim, foi ele quem me introduziu na pintura... ele também é de Petit-Goâve.

Andamos um momento na grande sala de exposição.

hhhh) Gosto muito deste trabalho, ela diz. Não é muito bem pago, mas prefiro ganhar menos fazendo algo que me agrada.

Paramos diante de uma tela de Philomé Obin, o velho pintor de Cap-Haïtien.

iiii) Philomé Obin, digo, nunca entendi porque o colocam tão alto, ao lado de Hector Hyppolite ou de Robert Saint-Brice. Parece tanto ilustração o que ele faz.

jjjj) Você tem razão, ela me diz sem preâmbulos.

Dou uma olhada na direção do carro. Philippe está lendo um jornal.

## **Retrospecção**

Bruscamente, ela se vira para mim.

kkkk) Você tem alguma coisa para me dizer?

llll) Não, digo em um tom falsamente desenvolto.

mmmm) Estou ouvindo...

nnnn) Bem, vou dizer...

Um tempo.

oooo) Não sabia que você era tímido.

Ela toca levemente a testa.

pppp) Está sentindo alguma coisa?

qqqq) Não, não é nada. Minha eterna enxaqueca. Diga o que você tem a dizer. Você me coloca sobre brasa ardente, ela acrescenta com aquele sorrisinho lindo de fada sininho.

rrrr) Tá bem, mergulho... você já foi apaixonada por mim?

Seu olhar dirige-se fixo na direção da árvore que vemos do outro lado da rua.

ssss) Para te dizer a verdade, ela começa...

Minhas mãos ficam de repente úmidas.

tttt) Sim...

Ela cai na gargalhada. Um riso claro e alegre com um leve fundo de tristeza. Algumas pessoas viram-se para nos olhar.

uuuuu) Você acabou de chegar e já quer me fazer perder a reputação.

vvvvv) Você tem razão. Acho que fiz uma pergunta embaraçosa demais...

wwwww) De jeito nenhum... Vou te responder... Sim, fui apaixonada por você.

Silêncio.

– Você não diz nada... É você quem está embaraçado agora.

A máquina de voltar o tempo trabalha em uma velocidade infernal. Busco em minha memória um índice que seja.

xxxxx) Não consigo acreditar numa coisa dessas, acabo balbuciando.

yyyyy) E, no entanto, diz com um sorriso um pouco triste, é a verdade. Eu era louca por você.

zzzzz) Você! Não diga isso, Lisa, dói muito.

aaaaa) Sim, e você não me olhava nunca.

bbbbb) Eu! Não te olhava nunca! digo, com a respiração cortada.

ccccc) Oh! claro, você era gentil comigo, mas a gente sabe o que isso quer dizer.

O tempo parou, um instante, para mim.

dddddd) Ah! não, isso não. Tudo, menos isso. Não posso acreditar em uma coisa dessas.

Lisa, você era apaixonada por mim?

Ela consente com a cabeça. Alguém se aproxima para uma informação.

eeeeee) Preciso trabalhar... A gente se vê?

ffffff) Sim...

gggggg) Então, até logo. Você sabe onde moro? Na casa da minha mãe. Você pode passar aqui no museu também. Como quiser.

hhhhhh) Até logo, Lisa.

Alguém, lá em cima, brincou com a gente. Mas, por quê? Senhor, por que aos dezesseis anos você não me deu Lisa? Fico com a boca amarga só de pensar. Tal maldade é indigna de um deus! Ela me amava. Eu a amava. Que mal tinha nisso? Se eu continuar, vou começar a praguejar. Não entendo. Mostro meu punho ao céu.

Saindo do museu, dou uma última olhada em Lisa. Sua nuca doce.

## O Rex



Philippe dobra calmamente o jornal. Nenhuma reprovação por tê-lo feito esperar. A arte de viver no Caribe. Passamos diante do Teatro Rex. Eu ia ao cinema quase toda noite. Manu conhecia o cara que ficava na porta. Só tínhamos que chegar alguns minutos depois do começo do filme. Ficávamos na última fileira. Depois da sessão, íamos sempre a este barzinho, bem ao lado, comer um hambúrguer. O bar ainda está aí, e vejo estudantes no interior. Quantas vezes, Manu e eu, quase nos pegamos por causa de um filme. Eu dizia que o filme era uma droga. Manu achava que era genial. Esse tipo de discussão deixava Philippe frio. Isso simplesmente não o interessava. Ele tinha visto o filme, pronto. Depois, fomos embora, cada um para o seu lado cuidar da vida, como se diz, mas o Teatro Rex ainda está aqui. E o barzinho também não mudou.

iiiiii) Pare, Philippe.

O jipe pára no ato.

jjjjjj) Agora dê ré. Você não percebeu nada?

kkkkkk) Não, diz Philippe, não posso ver o que você vê agora, você sabe, não fui embora

deste país. Faço este caminho no mínimo duas vezes por semana.

llllll) Pare um momento aqui... Tudo bem, pode ir agora.

mmmmmm) O que era?

nnnnnn) Incrível, ele ainda está lá!

oooooo) Ah! diz Philippe, o proprietário do snack-bar.

pppppp) Gosto muito dele. Sempre calmo. Ele parece um hindu. Não entendo como alguém pode fazer o mesmo trabalho durante tantos anos.

qqqqqq) Eu posso entender, diz simplesmente Philippe.

rrrrrr) Sei que é assim que a gente fica gordo e rico.

ssssss) Não é uma questão de dinheiro, diz secamente Philippe que também engordou, é só assim que podemos construir alguma coisa.

tttttt) Pode ser, mas não tenho essa paciência.

uuuuuu) Também é por isso que o país está no estado em que está. As pessoas não querem gastar o tempo para fazer as coisas direito. E principalmente, não se tem nenhuma noção de continuidade aqui... É este o problema.

vvvvvv) É uma questão de temperamento, Philippe. Só estava dizendo que não é do meu

feitio sentar-me todo dia no mesmo lugar durante cinqüenta anos. Eu não poderia.

Philippe solta bruscamente uma gargalhada.

wwwwww) Por que está rindo?

xxxxxx) Pensei em Manu. Imagino ele sendo obrigado a sentar-se no mesmo lugar durante cinqüenta anos.

yyyyyy) Você quer dizer cinco horas! digo rindo também.

### **Coles Market**

O jipe parou na beirada da calçada, na frente do Coles Market. Lembro-me daquela propaganda que ouvíamos sem parar no rádio: “Donas de casa, passem no Coles Market, em Lalue.” Na época, só havia um mercado em Porto Príncipe.

zzzzzz) Vou comprar umas coisas para Elsie... Não vou demorar.

aaaaaaa) Vou com você, digo, seguindo seus passos. Sabe que é a primeira vez que vou entrar aqui?

bbbbbbb) Não! diz Philippe, virando-se para mim. Você está brincando!

ccccccc) Não, é verdade.

ddddddd) E por quê?

eeeeeee) Eu tinha medo...

ffffff) Agora, você está tirando sarro da minha cara.

ggggggg) Não, é verdade... Eu tinha medo de não saber como me comportar, o que dizer,

como dizer, você sabe, eu tinha medo de parecer um caipira.

hhhhhhh) Não sei do que você está falando. É só um mercado.

iiiiiii) É o que você pensa. Você não pode saber, você sempre fez suas compras aqui.

Você não pode saber o que isso representa para os outros.

jjjjjjj) Justamente, diz Philippe, sem ter viajado, você era mais evoluído que a maioria dos meus amigos que passavam as férias nos Estados Unidos ou na Europa. Sempre admirei especialmente sua naturalidade...

kkkkkkk) Frequentemente, o que eu fazia era simplesmente fingir... Eu conhecia as palavras, mas não as coisas.

lllllll) Veja só, já eu, diz Philippe rindo, conhecia as coisas, mas não as palavras.

### **A maçã**

mmmmmmm) Pare um pouco, vou te contar uma história e você vai entender o que acabei de

dizer. Isso aconteceu aqui, há muito tempo, eu tinha quinze ou dezesseis anos. Não sei mais por que, tinha vindo passear neste bairro. E vi sair do *market* uma menina da minha idade. Ela jogava uma maçã para cima de tempos em tempos. Então! Philippe, sob o sol daquela tarde de abril, eu me lembro muito bem, recebi o choque de minha vida.

nnnnnn) Amor à primeira vista, diz Philippe.

oooooooo) Não. Algo de mais desestabilizador.

ppppppp) Senhor! diz Philippe, o que pode ser mais desestabilizador do que apaixonar-se?

qqqqqqq) Não sei o que é. Ela tinha a pele clara, uma linda mulata, e segurava aquela maçã na mão. Acrescente-se a isso: a cor dourada daquela tarde de abril.

rrrrrrr) Continuo não vendo o que há de especial, diz Philippe.

sssssss) Como posso dizer? Você se lembra daquelas coisas que nos diziam, nas aulas de

química, para evitar colocar junto com medo de explodir?

ttttttt) Não entendo onde quer chegar...

uuuuuuu) Não sei, mas aquilo me marcou. E durante muito tempo, eu me perguntei se aquela menina me parecia tão bela só porque ela tinha a pele clara e comia uma maçã ou se...

vvvvvvv) Finalmente entendi, diz Philippe... Agora que você passou todo esse tempo em

Montreal vendo mulheres brancas e comendo maçãs todos os dias, você chegou a qual conclusão?

wwwwwww) Ainda não sei. Sempre a questão da raridade. Porto Príncipe, a maioria esmagadora é negra, e você sabe que quanto mais um produto é raro, mais seu valor aumenta... Aqui, em matéria de mulatas, a procura é muito superior à oferta...

xxxxxxx) Então, você está no mesmo ponto que antes de sua partida? As jovens mulatas

ainda te fascinam?

yyyyyyy) Não sei, Philippe, acabei de chegar...

### **Os Americanos**

Reparo primeiro na sua nuca poderosa, negra, oleosa. No máximo vinte anos, nem isso. Ele está apalpando as laranjas. O corpo tranqüilo. Descontraído. Presente. Sempre em casa. Eis que se vira, como em câmera-lenta, me vê e sorri. Fico paralisado. Estou na

presença de um soldado americano fazendo calmamente suas compras, não em Beirute, Berlim ou Panamá, mas em Porto Príncipe. De uniforme camuflado.

zzzzzzz) Não faça essa cara, diz Philippe, você já viu outros no aeroporto.

aaaaaaa) Não tenho nenhum problema em ver soldados americanos em um edifício público, mas aqui, me parece tão íntimo...

bbbbbbbb) Comporte-se, Velhos Ossos...

ccccccc) Vê-lo aqui, assim, dedicando-se a suas ocupações, digamos que eu não estava preparado...

ddddddd) O que você quer? Os americanos estão no Haiti. Pronto.

eeeeeee) Não estou falando de política. Até estou de acordo, desse ponto de vista, com a presença deles... digo simplesmente que isso me choca. É físico, que posso fazer...

O soldado passa diante de nós com um largo sorriso de “irmão”.

fffffff) Hi! faz Philippe...

ggggggg) Pelo menos desta vez eles pensaram em também mandar negros.

hhhhhhh) Qual é a diferença?

iiiiiii) Na primeira ocupação de 1915, o governo americano tinha enviado, para reprimir os negros do Haiti, os piores racistas do sul dos Estados Unidos. Enfim, falo como um nacionalista puro sangue, uma vez que vivo em Miami.

jjjjjjj) Sim, solta Philippe com um sorriso, desta vez estava ficando com medo. Estava até me perguntando se você tinha perdido seu humor...

kkkkkkk) Acho, Philippe, que há momentos em que o humor não serve para muita coisa.

lllllll) Pena, murmura Philippe.

Bem na saída do Coles Market, cruzamos com dois outros jovens soldados que entram. Um branco e um negro, desta vez.

## PAÍS SONHADO

*Pati bourrique, tounnin mulète.*

(Partir de burro, voltar de jumento. Partir burro, voltar ainda mais estúpido.)

A casinha rosa escondida pelos loureiros fica um pouco afastada das outras casas da rua. Uma rua sombreada no bairro de Turgeau.

mmmmmmmm) O doutor está no pátio, nos diz a velha criada. Vocês podem ir até lá,  
ele os  
aguarda.

O doutor Legrand Bijou nos sorri do fundo do pátio.

nnnnnnnn) Vocês têm tempo para tomar um cafezinho comigo?...

oooooooo) Com prazer, doutor.

pppppppp) Bem, diz esfregando as mãos como alguém que acabou de fazer um bom  
negócio... Argentine, pode trazer o café. É meu único luxo, o café. Precisamente, o café de  
Argentine. Bem, vejo que o senhor está acompanhado.

qqqqqqqq) Um velho amigo que encontrei hoje.

rrrrrrrr) Que te encontrou, corrige Philippe.

ssssssss) Você se lembra de nossa última conversa?

tttttttt) E como, doutor! Penso nela constantemente.

uuuuuuuu) Bem (é seu cacoete!), eu tinha te dito que arriscava alguns versos. Agora  
que tenho comigo um escritor importante, disse a mim mesmo que seria besteira de minha  
parte não perguntar sua opinião a respeito de meus esforços.

Conheço essas palavras rebuscadas antilhanas escondendo geralmente a mais perigosa  
 vaidade. Não me surpreenderia se ele se achasse igual a Saint-John Perse. Ele me estende  
um caderno preto. Desde os primeiros versos, soube que ele não era um poeta. Então, o  
que fazer? Calmamente, continuei a ler o caderno até o fim, sem que ele tirasse os olhos de  
mim. Finalmente, fechei o livro e lhe devolvi.

vvvvvvvv) Então?

wwwwwww) É um belo esforço, concluo.

xxxxxxxx) Só isso?

yyyyyyyy) Temos o direito de exprimir, de uma maneira ou de outra, nossas emoções  
pessoais.

zzzzzzzz) O senhor quer dizer que isso deveria continuar pessoal. Em outras palavras,  
o

senhor me aconselha a ocupar meu tempo livre com outras coisas.

Silêncio.

Philippe me olha. Minha atenção parece fixa no calango que acaba de correr para baixo  
daquela larga folha seca de bananeira. O doutor acaricia um momento seu caderno como se  
fosse um rosto de criança. Um leve sorriso vagamente triste paira sobre seus lábios  
carnudos. Mantenho um rosto impassível.

aaaaaaaa) Bem... Ainda sou psiquiatra e, a propósito, tenho suculentas histórias para o senhor... Chamaram-me esta manhã para examinar um jovem sargento americano. Ele tinha desaparecido, há uns dez dias. Acabaram por encontrá-lo em uma casinha abandonada, sozinho, nu e exprimindo-se em um dialeto completamente incompreensível. Na realidade, ele falava uma mistura de crioulo, de línguas africanas e de inglês. Sendo que ele nunca esteve na África e que não conhecia uma palavra em crioulo. Quando finalmente compreenderam o que ele dizia, eram só obscenidades. Ninguém podia aproximar-se. Naturalmente, interroguei colegas dele e foram todos categóricos: um excelente militar, um homem cortês e responsável, bom pai de família e esportista incomparável...

bbbbbbbbb) E o que o senhor fez doutor? pergunto.

cccccccc) No momento, não posso fazer nada. É preciso esperar a crise passar. Muitos jovens soldados ficam fascinados pelo vodu. Você sabe como são os americanos. Eles acreditam em tudo e adoram o mistério, então, você pode imaginar que aqui eles estão bem servidos. O coronel me contou que recebeu uma carta da esposa de um soldado que voltou aos Estados Unidos, e essa mulher se queixa de que o marido a trai com uma deusa do vodu. Parece que o soldado se recusa a fazer amor com ela terças e quintas, dizendo que são dias reservados à deusa. Naturalmente, rapidamente reconheci Erzulie, a senhora do desejo... Imagine isso: um jovem loiro do sul dos Estados Unidos, casado misticamente com uma deusa negra do vodu. E essa jovem branca obrigada a dividir o leito conjugal com uma deusa mais negra que a noite. Bem, é claro que isso cria problemas. Vi o coronel americano, esta manhã, e ele me disse claramente que tinha mais problemas, aqui, com os deuses do que com os homens.

ddddddddd) É fascinante, diz Philippe.

eeeeeeeee) Bem... O café esfriou, e isso é inadmissível... Argentine, acabou o café! Argentine chega quase na mesma hora com café fresquinho.

fffffff) Então? diz o doutor depois do primeiro gole... Sim, voltei, ontem à noite, de Bombardópolis... Aquele minúsculo vilarejo, não se pode chamar aquilo de cidade, do noroeste do Haiti está se tornando um grande centro científico. Lá, há mais cientistas que habitantes. Todo mundo está lá, nesse momento. Pessoas da NASA, físicos, químicos, ginecologistas, biólogos do *Salk Institute*, naturalmente antropólogos e etnólogos dentre os quais nosso amigo J.-B. Romain, dentistas e um eminente lingüista belga. Todos trabalham para o departamento do Estado Americano. Não há, parece, um só dos oitocentos

habitantes de Bombardópolis que não tenha sido examinado pelo avesso. E, ontem à noite, registraram o primeiro relatório.

ggggggggg) E?

hhhhhhhhh) Segundo os profissionais, essas pessoas são completamente normais...

iiiiiii) O que quer dizer?

jjjjjjjjj) Eles têm um esôfago como todo mundo. É isso: são como todo mundo.

Estávamos lá, ontem à noite. Nenhuma diferença entre os habitantes de Bombardópolis e aqueles dos vilarejos vizinhos que examinamos também.

kkkkkkkkk) Talvez seja qualquer coisa no ar? arrisco.

lllllllll) Escute, imagine que eles levaram em conta tudo... Trouxeram os habitantes do vilarejo ao lado, e depois de três dias, foi preciso alimentá-los. Só as pessoas de Bombardópolis não precisam comer para viver.

Dou uma olhada para Philippe. Seus olhos estão arregalados.

mmmmmmmm) O que o senhor está dizendo, doutor? Eles não precisam comer para viver? Não

estou entendendo...

nnnnnnnnn) De fato, é difícil imaginar, mas estou vindo de lá... Bem, teve até mesmo o relatório do tal lingüista belga. Segundo ele, é o crioulo que possibilita isso...

ooooooooo) Mas eu também falo crioulo! exclama Philippe em um tom sarcástico.

Então, por

que sou obrigado a comer três vezes ao dia?

ppppppppp) Parece que o crioulo de Bombardópolis é o mais puro do Haiti. O sotaque também. Não entendi muito bem, mas os caras da NASA tomaram notas durante toda a intervenção. O lingüista belga explicou que esses homens, os habitantes de Bombardópolis, tornaram-se, de uma certa maneira, plantas. Ele explicou longamente como a fotossíntese funcionou nesse caso. Por um tipo de acordo total entre o homem e a natureza...

qqqqqqqqq) Então, por que, pergunto, eles têm de comer ao menos a cada três meses?

rrrrrrrrr) Claro que lhe fizeram esta pergunta... a resposta é que ele ainda não sabe.

Em

seguida, ele falou da necessidade de instalar um laboratório aqui mesmo, em Bombardópolis, e de manter uma sólida equipe de pesquisadores permanentes de diferentes disciplinas. Naturalmente, tudo isso levará anos de trabalho constante e custará uma fortuna. O major Sylva deixou claro que o governo haitiano não poderia, de maneira

alguma, financiar tais pesquisas. Os americanos, como sempre, aceitaram pagar a conta. Em seguida, voltamos às preocupações mais científicas, e o professor belga chamou a atenção para a posição das casas de Bombardópolis em relação ao sol, o fato de que os dentes dos habitantes são geralmente verdes, e a umidade constante que reina em Bombardópolis, e isso apesar da seca que abate os vilarejos próximos. Ele abriu muitas perspectivas (nem todas tão espetaculares) e foi o único conferencista a ser ovacionado de pé pela comunidade científica.

ssssssss) Então, concluiu Philippe, em menos de duzentos anos, o crioulo pode tornar-se a língua universal, o que resolveria por si só, o problema da fome. ttttttt)É você quem diz, meu jovem... Argentine! Mas, o que ela está fazendo? Acabou o café!

#### PAÍS REAL

*Pas jouré manman caiman toute temps ou pás finn' passe la rivière.*

(Nunca insulte o jacaré antes de atravessar completamente o rio.)

#### **A chuva**

Chuva na estrada que leva a Pétionville, à casa de Philippe. À beira do caminho, jovens camponesas ficam quase em posição de sentido quando o jipe passa por elas. O vento levanta levemente seus vestidos. Elas encaminham as cargas de legumes aos hotéis de Porto Príncipe. Elas vêm de Kenskoff, às vezes até de Jacmel. Imagine que elas partiram de Jacmel, na noite anterior. Para conseguir manter suas sacolas em cima das cabeças, acabaram adquirindo essa postura tão elegante. O treinamento rude das dançarinas de balé. Uma o faz para agradar; a outra (a camponesa) para sobreviver.

A chuva parou bem na entrada de Pétionville, na frente desta loja de móveis em mogno. A chuva reconhece as fronteiras.

#### **A bomba**

Claro, Pétionville tem seus pobres, suas favelas barulhentas, seus mercados a céu aberto, mas mesmo assim foi aqui que se refugiaram todos os ricos deste país. Em alguns bairros, pensaríamos estar em qualquer periferia rica norte americana. Um outro país.



Sabendo que há uma bomba no avião, as pessoas da primeira classe dão de ombros dizendo que não há nenhum perigo para eles, já que a bomba está na classe econômica. Pétionville, é isso.

### **A foto**

Um menino acaba de abrir completamente o portão para permitir que o jipe estacione na entrada. Um jardim bastante bonito, quase esconde uma casa branca de dimensões modestas. Muito frescor.

uuuuuuuuu) Teu jardim é magnífico, Philippe... Há cheiros que eu tinha esquecido, completamente.

Philippe se contenta em sorrir timidamente.

vvvvvvvvv) Foi Elsie quem fez tudo isso. É verdade que você ainda não a conhece...

Meu

bem...Beeem....Adivinhe quem está aqui?

wwwwwwww) Já vou Philippe... Ah! Você foi buscá-lo... Magnífico!

Ela desce: cheia de vida, jovem, alegre.

xxxxxxxxx) Ah! é você. Philippe fala de você de manhã, de tarde e de noite. Juro que você

está com mais frequência na cabeça dele que eu... Venha, vou te mostrar uma coisa...

Ela me puxa na direção de um pequeno cômodo que parece ser o escritório de Philippe. Na parede do fundo, uma foto preto e branco, ampliada, onde se vêem três jovens malandros, magros como arenques, em pé na frente do cinema Paramount. Philippe entre Manu e eu.

yyyyyyyyy) Está vendo esta foto, foi a primeira coisa que ele instalou nesta casa. Olha aqui,

são seus livros, os únicos neste cômodo que não são livros de contabilidade.

Ela pula no meu pescoço.

zzzzzzzzz) Estou contente que você esteja aqui... Primeiro, posso enfim ligar um rosto a

este nome, esta foto é velha demais para que eu possa te reconhecer se te encontrasse por acaso na rua, e também, estou contente porque sei que este malucão está feliz. Eu sei, diz tocando Philippe no ombro... Você ainda não viu Manu? Ele, eu conheço. Ele veio aqui quando, meu bem? Em dezembro passado...

aaaaaaaaa) Não, ainda não vi Manu, digo.

bbbbbbbbbb) Bom, é isso, ela diz com uma leve amargura, não te verei esta noite, entendi bem, Philippe?

Philippe não diz nada.

ccccccccc) Olhe para ele, neste momento, está flutuando...

ddddddddd) É você que está toda alegre, meu bem.

eeeeeeeee) Eu! Sim, mas não mais que você...Eu, simplesmente, exteriorizo tudo o que sinto.

fffffffff) Gosto de você, Elsie, solto espontaneamente.

Ela fica bem vermelha, depois sorri. Um sorriso radiante.

gggggggggg) Você também me agrada. E muito. Vou te dizer uma coisa: você sabe que Philippe não tem outros amigos além de Manu e você... Eu digo a ele: você tem dois amigos, um no exterior e outro que mora em Carrefour. Você quase nunca os vê, então faça outros amigos. E você sabe o que ele me responde? “Tenho dois amigos, não preciso de outros.” Entendi então que o que é importante para os homens acontece na adolescência. É por isso que agem como meninos, às vezes... Bom, falo, falo, e não lhes ofereci nada... Philippe, se te conheço, você comeu lá...

hhhhhhhhh) Comi um pouquinho, meu bem.

iiiiiiiiii) Ele come com certa frequência na casa de sua mãe. Quando isso acontece, ouço

falar nisso durante semanas, não é, querido? Então, o que ele faz é comprar todos os ingredientes e me pedir para preparar a mesma coisa que sua mãe... Mas eu não sei cozinhar assim... Nós não temos cozinheira porque insisto em cuidar da casa sozinha. Estudei nos Estados Unidos, entende? Sei como fazer um bife, ou mesmo alguma coisa um pouco mais complicada, mas não sei cozinhar como sua mãe. Seria preciso ir vê-la para que me ensinasse, mas não acho que ela gostaria...

jjjjjjjjj) Por que não, Elsie, minha mãe ficaria muito feliz em...

kkkkkkkkkk) Vejo que você não conhece muito bem as mulheres... e depois, não pretendo intrometer-me na vida privada de Philippe. A relação dele com sua mãe só diz respeito à ele... Ele, você e ela... Você sabe o que quero dizer...

lllllllll) Não sei muito bem do que você está falando, Elsie, mas insisto em dizer que minha mãe ficaria feliz em te dar uma mão... Aliás, o que ela faz, é sempre muito simples... O importante é temperar bem a carne (sal, pimenta, alho, cheiro verde, cebola) com temperos frescos. Na véspera. E ainda limão, nisso ela insiste...

mmmmmmmmmm) Obrigada... Sei que é simples, mas a diferença é que faço comida, enquanto sua

mãe sabe cozinhar, o que é uma arte... Bem, apesar disso, posso oferecer-lhes algo para beber...

nnnnnnnnn) Sim, gostaria de um coquetel de frutas.

ooooooooooo) Boa idéia. Está calor. Vocês estão com calor? Entendi... vou deixar o campo livre e dar-lhes a oportunidade de conversar entre homens.

### **O confinado**

Ficamos no pequeno cômodo que serve de escritório para Philippe.

pppppppppp) Com foi lá? ele me pergunta quase brutalmente.

qqqqqqqqq) Você sabe que eu sempre quis ir embora... Mesmo se não tivesse havido ditadura, eu teria ido, Philippe.

rrrrrrrrrr) Por quê?

sssssssss) Não vamos retomar esta discussão vinte anos depois.

ttttttttt) Você tem razão, diz rindo... É estranho, nunca me vi vivendo em outro lugar.

uuuuuuuuu) A pior coisa para mim seria ser obrigado a viver minha vida inteira num mesmo

país. Nascer e morrer no mesmo lugar, eu não poderia suportar, me sentiria confinado. Olhe, acabo de perceber que dentro de confinado tem finado, que louco!

vvvvvvvvvv) É estranho, nunca vi isso assim. Nunca me senti encurralado aqui, de uma maneira ou de outra. Claro, tem a miséria, falta tudo, e nisso, não falo de mim, mas afinal vejo em torno de mim, mas, e isso não se discute, é o meu país...

wwwwwwwww) Mas, Philippe, não estou dizendo o contrário, é o meu país também, eu querendo

ou não...

xxxxxxxxxxx) Não estou te censurando, você sempre viu isso de uma maneira diferente, mas

continuo não entendendo como se pode viver todo esse tempo fora de seu país. De qualquer forma, é um amigo que não vemos com frequência.

yyyyyyyyyy) Assim, você me pega. Às vezes, lá, sinto-me totalmente só. Tenho vontade de

gritar. Ninguém que tenha te conhecido antes. É como se você não tivesse tido um “antes”. Você só tem um presente. Eu adoro o presente. Quero viver no presente, mas não há presente sem passado. Então, penso em você e em Manu, e em todas as coisas que só saberia dividir com vocês.

zzzzzzzzzz) Eu também, diz Philippe, você sabe, é nisso que penso quando digo que não entendo como se pode viver tanto tempo fora de seu país.

aaaaaaaaaaaa) Já a língua... Agora estamos conversando em crioulo, e a gente nem sabe se está falando crioulo. Conversamos, só isso. Não é a mesma coisa em uma outra língua, mesmo se for o francês, e principalmente quando o sotaque é diferente. A gente só se sente em casa na nossa língua materna e no nosso sotaque. Tem coisas que eu só saberia dizer em crioulo. Às vezes, não é o sentido que conta, são as palavras mesmo, por causa da música delas, da sensualidade que emanam, entende? Há palavras que não usei durante vinte anos, sinto que elas fazem falta na minha boca. Tenho vontade de rolá-las dentro da boca, de mastigá-las com os dentes e engoli-las... tenho fome dessas palavras, Philippe.

bbbbbbbbbbbb)Eu sei.

ccccccccccc) E não acontece só com as palavras...

ddddddddddd)Imagino que com as frutas e as mulheres também, diz Philippe rindo e me dando um pesado tapa nas costas que não pude evitar.

### **A jovem com a maçã**

Elsie entra bruscamente no escritório, seguida de uma jovem esguia.

eeeeeeeeeee) Parece que vocês estão armando alguma, meninos, arrisca alegremente Elsie colocando a bandeja na mesa... Apresento minha jovem irmã, Karine. Ela estuda em Montreal e me disse que te conhece bem...

ffffffffffff) Não foi isso que eu disse, Elsie. Disse que tenho o costume de vê-lo na televisão, em Montreal.

Todo meu sangue sai do corpo. Tenho diante de mim a replica exata daquela menina que vi, há mais ou menos vinte e cinco anos, perto do Coles Market. E estamos no mesmo cômodo que, de repente, tornou-se pequeno demais. Ela me olha e sorri. A mesma velha emoção de vinte cinco anos atrás. Nós não mudamos.

ggggggggggg)Bom, diz Elsie com um ar desembaraçado, agora que você esteve lá, conte o que

aprendeu...

hhhhhhhhhh)É o que acabo de dizer a Philippe, não fui lá para aprender o que quer que seja.

Fui lá para estar em outro lugar que não aqui. E agora, deixei lá para estar em um outro lugar que não lá...

iiiiiiiiiii) Ele não é simples, hein! joga Philippe com um meio sorriso.

Karine não diz nada. Seu rosto torna-se subitamente impenetrável.

jjjjjjjjjj) Posso entender isso muito bem, pela simples razão que sou assim, mas, vejam

só, casei com uma pessoa caseira. Ele não quer sair. Ele não tem amigos sem ser você e Manu. Então, depois do trabalho, ele vem para casa. Tenho certeza de que ele nem me trai, diz sorrindo. Minhas amigas me invejam, mas acho isso um saco, às vezes. Um homem sem surpresas, eis o que seu amigo se tornou.

kkkkkkkkkk) Não é isso, querida, estou montando um novo negócio, e isso toma todo o meu

tempo. Depois do trabalho, volto para casa para descansar.

llllllllll) Sim, mas você não era assim antes. Tenho a impressão de ter caído em uma armadilha. Minhas amigas me dizem que os homens haitianos são todos mentirosos, hipócritas que tentariam nos enganar com nossas próprias irmãs...

Os grandes olhos de Karina.

mmmmmmmmmm) Enquanto Philippe é um homem diferente. Para as minhas amigas, os homens

haitianos têm sempre duas caras. Uma cara de anjo e uma cara diabólica. Naturalmente eles mostram primeiro seu lado angelical. Enfim, tudo isso é complicado por nada, elas me dizem isso porque não fui criada aqui...

nnnnnnnnnn)Suas amigas têm só uma cara, imagino? acabo dizendo.

oooooooooooo)Boa pergunta. Vou lhes perguntar isso da próxima vez. Mas ele, diz apontando

amorosamente o dedo para Philippe, uma vez que se trata dele, e só dele, claro! ele me fez crer, quando o conheci, que era um sedutor e um rueiro. Você imagina isso, seu amigo, um sedutor e um rueiro, enquanto é exatamente o contrário. Para azar dele, este homem não tem nenhuma vaidade. Felizmente, eu tenho por dois, solta ela rindo, mas começo a compreender o sistema dele encontrando você. O que o atrai é seu oposto.

Sorriso indulgente de Philippe.

pppppppppp) Sim, estou certa, diz ela... Olhe, teu melhor amigo é um viajante, enquanto  
você

não muda de cidade, quem dirá, de bairro... (Ela se vira para mim...) E a mulher dele que  
adora sair, ver pessoas, viajar, ir ao teatro, enquanto ele detesta tudo isso até a morte...

qqqqqqqq) Elsie, digo, tenho a impressão de que no fundo você é igual.

rrrrrrrrrr) Como assim?

ssssssssss) Você também se sente atraída por seu oposto, porque não acredito nessa  
história

de armadilha. Clichê demais para mim. A gente nunca sabe quem caiu na armadilha nessas  
histórias. Você também gosta dessa complementariedade.

Um riso rouco vindo da barriga.

ttttttttt) Perspicaz seu amigo, ela diz continuando a rir... Muito perspicaz...

uuuuuuuuuu) Elsie, ele é um escritor! solta Philippe. E o que ele escreve parte sempre de  
um

incidente de sua vida pessoal...

vvvvvvvvvv) E então?

wwwwwwwww) Daí, meu bem, que ele está sempre trabalhando, analisando as  
pessoas próximas

dele...

Durante esta conversa, não tirei os olhos de Karine. Não sinto nenhum sentimento  
por ela, apenas uma extrema curiosidade. O que nela me atrai tão violentamente? Alguma  
coisa que mal posso controlar. Há medos ancestrais, deve haver também, seguramente,  
desejos ancestrais. Tipos inscritos em nossos genes.

xxxxxxxxxxx) Se um dia, diz Elsie, despertando-me de meu torpor, você me colocar em  
um de

seus livros...

yyyyyyyyyyy) O que aconteceria? digo com um sorriso maroto.

zzzzzzzzzz) Bem! eu ficaria muito feliz. Meu sonho é estar em um livro. Conheço muita  
gente que adoraria escrever um livro, mas eu, meu sonho é ser personagem de um  
romance. É o máximo para mim. Acho super charmoso. Quando me mostram alguém e  
dizem: "Foi ele quem serviu de modelo para tal personagem", aquela pessoa torna-se  
imediatamente irreal a meu ver. Vejo uma nuvem em torno dela...

aaaaaaaaaaa) Mas, Elsie, estou te ouvindo falar desde que cheguei, você é totalmente uma  
personagem de romance moderno.

Seu rosto torna-se subitamente escarlate. Raramente assisti a uma transformação tão rápida de alguém.

bbbbbbbbbb) SÉRIO? diz.

cccccccccc) Precisamos ir, meu bem, declara Philippe.

dddddddddd) Ah! ciumento! ela grita. Eu sabia que você ia dizer isso. Bem no momento em que começa a ficar interessante, você quer ir embora! Não escute Philippe, você pode ficar aqui o tempo que quiser. Aliás, espero que venha passar uns dias conosco.

Na porta, virei-me para dar uma última olhada em Karine. Um soco na boca do estômago.

## PAÍS SONHADO

*Rai chien, min di dent'l blanche.*

(Você pode até detestar o cachorro, mas tem que admitir que seus dentes são brancos.)

Começou a chover na saída de Pétionville. Uma verdadeira chuva tropical. Forte e breve. Philippe ligou o rádio. Pegamos um debate no meio.

A questão do dia: Devem-se considerar as pessoas que viveram tempo demais no exterior com haitianos?

eeeeeeeeeee) Sempre as mesmas babaquices! fulmina Philippe. Essas pessoas estão sempre excluindo...

Philippe estica o braço no mesmo instante para girar o botão, procurando uma outra estação.

fffffffffff) Não, Philippe, este assunto me diz respeito.

gggggggggg) O que você vai aprender? Você vai ouvir pessoas vociferar. Se tem uma coisa que me enche o saco aqui é essa mania de vociferar. As pessoas ficam se ouvindo gritar. Ninguém ouve ninguém. Vocifera-se. Tenta-se sempre gritar mais forte do que o outro, e finalmente...

hhhhhhhhhhh) Mas, Philippe, por que um simples debate na rádio te deixa neste estado?

iiiiiiiiiii) Não sei. É estranho, quando os ouço gritar assim, tenho tendência a fazer como

eles. A matilha, é isso!

jjjjjjjjjj) Mas por quê?

kkkkkkkkkkkk) O sol.

lllllllllll) O sol!

mmmmmmmmmm) Você não viu este sol terrível? Ele brilha forte demais sobre  
nossas cabeças e

acaba por nos deixar loucos. Não tem árvores neste país, e também não tem água. É uma  
pedra ao sol. Nós estamos à disposição do sol. O que as pessoas não sabem é que ficamos  
loucos. Mesmo aqueles que fingem manter a calma, como eu por exemplo... Assim que um  
nível de decibéis é ultrapassado, estou pronto para morder. Para outros, é a fome, no meu  
caso é o barulho que faz eu me manifestar. Você sabe, a gente é um pouco fraco da cabeça.

nnnnnnnnnnn) Graham Greene dizia que os haitianos eram comediantes...

oooooooooooo) Não mais. Isso acabou. Não somos mais comediantes. Não  
interpretamos mais

um papel, somos realmente loucos. Você não reparou que não há mais loucos por aí? Sabe  
por quê? Todo mundo sendo louco não há mais casos individuais. Um louco não pode se  
divertir às custas de outro louco. Sabe o que nos deixou assim?

pppppppppppp) A fome, imagino.

qqqqqqqqqqq) A fome não deixa ninguém louco; a fome mata. O que nos deixou  
loucos, foi

primeiro o sol, em seguida o apetite pelo poder, e finalmente o sexo.

rrrrrrrrrrr) Oh, tenho a impressão, Philippe, que você tem toda uma teoria sobre isso.  
Não

sabia que você era sociólogo.

sssssssssss) Não sou sociólogo, vejo o que se passa em torno de mim, só isso.

ttttttttttt) Você já me explicou sobre o sol... Vamos para o poder...

uuuuuuuuuuu) É simples. Nós só pensamos em uma coisa: ser presidente do Haiti.

vvvvvvvvvvvv) No entanto, é um trabalho bastante arriscado.

wwwwwwwwwww) Sim, ele responde com um sorriso, mas nós fomos educados  
assim, você sabe

melhor que eu. Somos sete milhões de haitianos e todos querem ser presidentes deste país.  
Não de um outro país. Os outros países não contam. Só o Haiti conta. Você sabe o que ele  
disse, um dia, Duvalier pai? Ele disse que a energia gasta para dirigir o Haiti é tão grande,  
que com apenas um quarto ele poderia dirigir os Estados Unidos, e isso trabalhando só nos



finais de semana. E eu acredito. Acredito porque cada presidente haitiano tem sete milhões de rivais. Deveríamos permitir a todos ser presidente ao menos por um dia na vida, mas isso não funcionaria já que todos gostariam de ser vitalícios. Talvez devêssemos permitir que todos fossem presidentes ao mesmo tempo: sete milhões de presidentes. Ainda assim, ao menos um acharia, se não todos, que deveria ser o presidente dos presidentes... Finalmente, só há uma solução...

xxxxxxxxxxxxx) Qual, Philippe?

yyyyyyyyyyyyy) Permitir aos haitianos cuidarem da presidência em escala internacional. Por

decreto da ONU, a partir de hoje, todo país deve aceitar em seu comando um haitiano. É a única solução que vejo para o momento.

zzzzzzzzzzzz) Mas, Philippe, você já disse, eles só desejam uma coisa no mundo: ser presidente do país talvez mais pobre do planeta: HAITI.

aaaaaaaaaaaaa) Você tem razão. Não tem solução. Tudo nos empurra na direção da loucura e do desespero.

Começamos a gargalhar na rua principal, perto do portal Léogâne.

bbbbbbbbbbbbbb) E o sexo, Philippe? Você sabe que esse é um assunto que me interessa no mais

alto nível. O sexo e a loucura, lindo casal aliás...

cccccccccccc) Aqui, é o meu lado contador que entra em jogo. Eis a questão: nós somos mais

de um milhão de habitantes em Porto Príncipe, uma cidade que só pode comportar um quarto dessa população. Em cada casa, deve ter no mínimo dezesseis pessoas para dois quartos. Então, há um problema em relação ao sexo em casa. Você sabe, para fazer amor conforme as regras da arte, ou seja, com um pouco de barulho pois o sexo não serve somente para a procriação, então, como eu dizia, para fazer amor corretamente, é preciso primeiro pagar o cinema para todas as crianças, e às vezes tem mais de uma dúzia em uma mesma casa, o que é uma despesa louca a ser evitada com frequência durante o ano. Então, esqueçamos a casa superpovoada... Daí, aonde isso vai acontecer? Nas alturas de Porto Príncipe, nas estradas nacionais, nos bordéis, nas cabanas de palha perto das praias, nas salas obscuras de cinema, nas pistas de dança (principalmente no Lambi Club), enfim, em vários lugares. Mas, no entanto, não é muita gente que faz isso. Quantos? Dez mil pessoas, no máximo. O que quer dizer que toda manhã, meu irmão, Porto Príncipe desperta com

uma população de três quartos de milhões de pessoas frustradas sexualmente. E quando isso acontece há trinta ou cinquenta anos, num momento ou noutro, começa a subir na cabeça. É a loucura. E é aqui que vivo, Velhos Ossos.

## PAÍS REAL

*Nous ce cayimite: nous mu sous pied, min nous pas janm tombé.*

(Nós somos como aquelas frutas – os abios – que mesmo maduras, nunca caem da árvore.)

### **Carrefour**

Aqui estamos em Carrefour. Faz muito tempo que não vejo Carrefour. É sujo, cheira mal, é barulhento, mal construído, poluído. É aqui que mora meu amigo Manu. O rapaz mais brilhante de nossa geração. É um poeta urbano. Também toca violão. Suas músicas contam a miséria das pessoas humildes. Elas são duras, mas vão direto ao ponto. No coração. Manu nunca visa outro lugar. É um amigo muito difícil. A gente nunca sabe por onde pegá-lo. Apesar de seu sucesso, nunca deixou Carrefour.

### **Soco**

Viramos bruscamente à direita, ao lado da mercearia *Mont-Carmel*, para nos enfiarmos em uma estreita estrada de terra batida esburacada. Uma poeira branca envolve o jipe. Cachos de crianças se penduram no carro. Philippe dirige com muita atenção para não ferir nenhuma criança. Os pais nos olham com um olhar bovino. Um jipe novo no bairro deles, não está longe de ser tomado como um insulto.

- 1) Ei, Philippe, diz um menino determinado, se está procurando Manu, ele está na praia.
- 2) Ok, diz Philippe.
- 3) Não vai me dar nada por essa informação? replica o menino.
- 4) Não, porque não perguntei nada. E se não perguntei nada é simplesmente porque eu sabia onde ele estava.
- 5) Você sabia que ele estava na praia?
- 6) Claro... ele está sempre lá.
- 7) É verdade, diz um outro menino ao primeiro, você não pode pedir para ele pagar por isso.

Como resposta, o primeiro dá um soco na cara do outro. É briga! O jipe continua tranquilamente seu caminho até o final da estrada.

### **Os canibais**

Philippe desce rapidamente do jipe.

8) Adivinhe quem eu trouxe, Manu?

Manu se vira e me vê.

9) Não esse velho macaco! Desde quando você desembarcou? Deixe-me olhar para você! Engordou um pouco mas continua com a mesma cara de sacana.

Manu, não ganhou um quilo, nem mesmo uma ruga em vinte anos. Algumas pessoas se instalam na eternidade.

10) Como assim, você voltou para ver se não fomos devorados pelas bestas selvagens (seu riso carniceiro)? Pois é! fomos nós que as devoramos.

11) Você também não mudou, acabo dizendo. Sempre comendo carne humana.

12) Mas é muito bom, exclama Manu ao mesmo tempo que ri. Naturalmente, é preciso um pouco de sal, de pimenta e uma pitada de salsinha. É nosso único capital, você sabe, o único que nos resta. Não temos mais porcos desde que os americanos os mataram. Pretensamente, eles tinham pego uma doença contagiosa. Não temos mais pássaros uma vez que não temos mais árvores, e como não temos mais árvores, não chove mais, então não temos mais água, como você vê tudo se interliga... Ia esquecer: todos nossos peixes estão acobreados porque passam o tempo comendo as carcaças de barcos no fundo do mar. Então, o que resta? O homem. Aqui, meu amigo, comemos o homem. Então, cuidado com seu lindo traseiro! Você me parece bastante roliço, entende, isso pode tentá-los. Nossos concidadãos gostam muito da carne bem cuidada de homens que viveram muito tempo no exterior. É muito mais apetitosa que a carne local que é magra, suja e duvidosa, você sabe, por causa das doenças. A carne estrangeira talvez seja incolor, inodora, mas também é sem germes de doença.

### **Os gansos do Capitólio**

13) Bom, está bem, comunica Manu para os meninos que limpam a praia, recomeçamos amanhã às cinco horas da manhã, e se eu não estiver aqui (ah! velho malandro!), comecem sem mim. Você sabe, diz virando-se para mim, eu lhes ensino esse mínimo, limpar diante de suas portas. Não é que eles não queiram, simplesmente ninguém nunca os ensinou a fazê-lo. Tudo precisa de um começo. Todo dia, eles vêm aqui para brincar ou nadar, e tem essa merda em vários lugares da praia. Eu lhes digo: a praia é de vocês. Então, vocês vão limpá-la...

- 14) Você, Manu, pode falar com eles, admite Philippe...
- 15) Mas eu fico vinte e quatro horas por dia com eles, é só por isso que me escutam... Minhas canções contam a vida deles, você entende?... Os gansos do Capitólio são eles...
- 16) Ah é! exclama Philippe. Elsie adora essa canção.
- 17) Pois é, são eles... Uns *zenglendos* vieram, à noite, para me matar. Eu estava dormindo na varanda. Fazia muito calor. Os matadores aproximavam-se da casa. Eles já estavam pertinho da varanda quando ouvimos uma bagunça dos diabos. Todo o bairro acordou em sobressalto. Os matadores também ficaram com medo e fugiram... Você entende, com eles aqui, ninguém pode atingir-me. Então eles, sou eu; eu, sou eles...
- 18) Mas Manu, não são só esses meninos que precisam de sua lucidez. O país não se resume a Carrefour.
- 19) Você, viajante, uma coisa de cada vez.
- 20) Você, viajante, exclama Philippe, é um bonito título de canção esse, Manu.
- 21) Eu sei.

### **Nova canção**

- 22) Minha nova canção, diz bruscamente Manu, você pode ter certeza, Philippe, que Elsie não vai gostar.
- 23) Por que diz isso?
- 24) Ela fala sobre um problema do qual Elsie ignora a existência...
- 25) Qual é o tema? pergunto.
- 26) Matérias fecais, solta Manu.
- 27) Como assim? exclama Philippe, de boca aberta. Você diz isso só para encher.
- Risos.
- 28) Se até Philippe consegue ter humor ... Quando todo mundo faz humor em um país, é por que não há mais nada a fazer. O humor é o negócio dos desesperados, o que não é o meu caso, termina Manu.
- 29) O que você está falando? Que eu saiba, você usa o humor o tempo todo em suas canções.
- 30) A ironia... A risada amarela... Eu adoro rir amarelo. Acho que o amarelo me cai bem. Aliás, Philippe, eu não faço canções, preparo bombas.
- 31) E ela fala do que, essa última? pergunto mais uma vez.
- 32) Não sei se você reparou, meu caro viajante, pois é! a população triplicou,

quadruplicou, quintuplicou... Em outros termos, tem cinco vezes mais cus nesta cidade que antes, e não construímos uma única latrina pública em vinte anos neste país. Eu aposto, caro Philippe de Pétionville, que essas pessoas também sabem cagar, talvez não três vezes ao dia como em Pétionville, mas ao menos uma vez. Então, encontramos essa merda por todo lado. Merda de cachorros, merda de homens, aposto que você nunca se perguntou isso, caro Philippe de Pétionville, a saber, onde toda essa gente caga? Onde será que cagam? Eu, faz anos que penso neste problema, mas eu sempre soube onde cagam. Eu sei e vou te contar. Em todos os lugares nos bairros pobres. Na minha casa, na minha varanda. Na praia. Na casa do meu vizinho. Aqui, talvez falte rango, mas não é merda que falta. Temos até mesmo um problema de abundância desse lado. Não comemos, mas cagamos igual. Acho isso injusto, sabe. Os pobres não deviam cagar. Eles não deveriam ter esse problema. A merda deveria ser unicamente um problema de rico. *Eu não comi ervilha, então por que cagar ervilha?* Bom, é esse o novo tema, como vocês dizem, e aposto que não terei muito sucesso com isso em Pétionville. Como dizem lá, há limites que não devem ser ultrapassados. Falo do que acontece comigo, e não é culpa minha se toda vez que saio de casa, tropeço em um monte de merda... A vida também é isso, suponho.

### **Pequeno ditador**

A casa parece aberta aos quatro ventos.

- 33) Toda vez que ganho algum dinheiro, diz Manu mostrando sua casa quase sem telhado, acrescento um pedaço.
- 34) Mas Manu, ninguém te disse que se começa pelo telhado? Quando chove...
- 35) Coloco uma lona e isso resolve, senão, posso ver o céu da minha cama.
- 36) Merda! Você vai pegar uma gripe, um dia.
- 37) Ei! você viajante, esqueça um pouco de onde vem. Aqui, faz calor ou chove. É simples, quando chove, coloco a lona. Merda! Isso não me parece difícil de entender... Até o Philippe entendeu.
- 38) Eu não entendi nada, diz Philippe, só não queria te contrariar...
- 39) Como assim não me contrariar! Não sou seu pai! Merda, Philippe, você bebeu ou o quê? Não me contrariar, continua a murmurar como um velho desdentado.
- 40) Desista, Manu. Philippe disse isso para te encher. Ele sabe muito bem que você não gosta que coloquem em evidência seu lado pequeno ditador.
- 41) O que vocês têm, vocês dois? exclama Manu com seu sorriso de anjo

exterminador... Vocês também têm seu lado pequeno ditador. Todos os haitianos têm um ditador e um deus vodu que dançam em suas cabeças.

42) Manu, digo meio contrariado, já temos nossas características: eu sou o viajante, o que quer dizer na sua linguagem que não entendo mais nada do que acontece neste país, que estou completamente desconectado depois de vinte anos no exterior, o que talvez seja verdade, preste atenção...

43) Oh, não enche, eu não quis dizer isso, escute...

44) Deixe-me terminar, Manu... E Philippe é Philippe de Pétionville, ou seja, um daqueles burgueses horríveis que colocaram o país no estado em que está. Então, a gente decidiu, devido ao seu temperamento, que você é o pequeno ditador, aquele que tenta manipular as emoções de todo mundo.

45) Escutem, caras, vocês estão exagerando... Me chamem de músico subversivo.

46) Sim, você é isso também, mas se entendi bem, digo, seu jogo é aumentar os traços negativos de cada um.

47) Ok... Peguem algo negativo, sei lá, o grande lobo mau, por exemplo. Olhem, sou magro como um lobo...

48) Escute, Manu, não é um conto para crianças... Você conhece o princípio. Quanto mais recusa um apelido, mais ele cola em você.

49) Merda! Mas por que ditador?

50) Vou te dizer, Manu, devolve Philippe, porque você é um verdadeiro ditador. Você combateu tanto o ditador que terminou se parecendo com ele...

51) Como assim? pergunta Manu, estranhamente interessado...

52) Tanto você passou o seu tempo dizendo e fazendo exatamente o contrário do que diz e faz o ditador que no final você acabou parecendo-se com ele, continua Philippe. Um efeito de espelho...

53) Que história é essa? Eu pensava que você era contador, Philippe. Agora, você está fazendo curso de sociologia por correspondência?

54) É simples, Manu, você está sempre contra tudo, como o ditador que se encontra, no final, sozinho contra o povo.

55) Não é verdade! diz Manu em um tom veemente. Eu estou com o povo.

56) Você é contra o ditador no momento, digo timidamente, sem querer colocar lenha na fogueira.

57) Claro que sou contra ele.

58) Sim, murmura Philippe, tão contra que está colado...

O olhar cáustico de Manu. Enfim, seu sorriso arrasador de criança irresponsável que, literalmente, derruba por terra as mulheres.

59) Ok, então por que pequeno?

60) Porque afinal de contas você não chega a ser um Duvalier, seu megalômano.

Risada geral. Philippe acaba me atingindo pela segunda vez com um de seus famosos tapas nas costas.

61) Tenho uma surpresa pra você, viajante... Espero que Philippe tenha segurado a língua.

62) Claro, Manu...

### **A surpresa**

63) Aí está minha surpresa, diz Manu com um grande gesto de mão e um sorriso orgulhoso.

64) Antoinette!

O sorriso vitorioso de Manu. “Finalmente, digo a mim mesmo, foi ele quem ela escolheu.” De uma certa maneira, eu sabia que seria ele.

65) Você escondeu bem seu jogo, Manu, você sempre nos fez acreditar que Antoinette não interessava a você.

Manu se contenta em dar de ombros. Beijo Antoinette. O mesmo perfume. O cheiro de seu corpo. Bruscamente, tenho uma daquelas enxaquecas...

66) Meu bem, diz Antoinette com sua voz cantada (Oh! como isso faz mal ao coração! Vinte anos depois, não pensava que isso me tocaria a tal ponto.), você esqueceu as compras.

Esse tom conjugal que ela assume para se dirigir a ele. É tão obsceno quanto entrar no quarto da sua mãe e descobri-la nua com outro homem que não seu pai. Por que isso causa esse efeito em mim? Eu tinha vinte e três anos quando deixei Porto Príncipe. Todos nós tínhamos (Manu, Philippe e eu) vinte e três anos. Somos da mesma fornada. Antoinette tinha só dezenove anos. Esse sol plantado no meio de nós. Nossa glória!

67) Eu ia justamente fazer as compras, meu bem, quando este imbecil do Philippe chegou com este sacana que a gente não via há vinte anos.

68) Eu o vejo freqüentemente na t.v., diz ela tranqüilamente.

69) Bom, vou comprar coisas para o rango, declara Manu deixando o cômodo. Se

vocês quiserem alguma coisa para beber, Philippe, você sabe onde ficam as garrafas. Eu tenho *clairin*<sup>143</sup>, isso deve interessar o viajante.

70) Você fala demais, Manu, diz Antoinette, dando-lhe um tapinha na bochecha...

Vá fazer as compras se você quer que a gente coma.

71) Ok., rapazes, eu os deixo com minha mulher Não tentem nada, é tarde demais.

O coice do asno.

### **Amor à primeira vista**

Nós ficamos na sala de estar, se podemos empregar esse tipo de terminologia aqui, olhando-nos como cães de porcelana.

72) Ele está louco de alegria de ver vocês, diz finalmente Antoinette.

Reparo que sua primeira palavra não foi para mim que não via há vinte anos. Visivelmente, ele a ocupava inteiramente (corpo e espírito). Se ao menos ela tivesse envelhecido ou ficado feia, eu poderia pensar que ela tinha escolhido definitivamente Manu por desespero. Mas não, ela parece mais radiante que nunca. Como é possível ter ciúmes de seu melhor amigo? Sim, quando se trata da mulher de nossos vinte anos. Mas hoje meus vinte anos têm vinte anos. E ela está aqui, como a primeira vez que a vi na chuva. Foi num jogo entre o velho Racing Club e o Águia Negra, e estávamos os quatro sentados na arquibancada do estádio Sylvio-Cator quando começou a chover canivetes. Isso nos deixou feito loucos. A gente gritava. Urrava. O jogo continuou apesar do fato de o campo ter se tornado visivelmente impraticável. Um enorme mangue. Os jogadores cobertos de lama. E nós na arquibancada não parávamos de urrar. Eu tirei minha camisa e o grupo seguiu meu gesto. De repente, eu me virei e a vi. Como nunca a tinha visto antes. Como nunca mais verei uma mulher. Ela estava lá com seu vestido amarelo. Estávamos em abril. Tudo era perfeito. Eu não podia desgrudar meus olhos dela. Esses olhos. Essa boca. Esse peito. Eu tinha a cabeça vazia. Não conseguia olhar para outro lado. Senhor, pensei, vou perder a cabeça. E perdi.

### **A mais linda canção de amor**

73) Ele é assim, diz Antoinette, se finge de durão, mas se vocês soubessem como é frágil, como é fácil feri-lo. Qualquer coisa o toca.

74) É só escutar suas canções, arrisca Philippe. Para mim, a mais linda canção de

---

<sup>143</sup> Rum popular com alta taxa de álcool produzido nas Antilhas.



amor que ouvi ainda é A Jovem do Estádio. Nunca ouvi alguma coisa tão linda.

75) Ah, sim, diz Antoinette confusa.

76) E ela fala sobre o quê, Philippe? pergunto.

77) É uma história de amor. Um amor à primeira vista. O cara foi ver um jogo no estádio com uns amigos, dentre eles a jovem. De repente, começou a chover. E aí, tem uma passagem muito viva na qual a chuva torna todos muito alegres. Até aí, o ritmo é bastante endiabrado. Em um certo momento, o cara se vira e vê a jovem. Ele já a conhece, mas é como se a visse pela primeira vez sob essa chuva violenta. E ele não pode desgrudar os olhos dela. Ele a olha e não consegue olhar para outro lado. O que é magnífico nessa canção é que temos a impressão de assistir ao primeiro olhar de Adão para Eva. A primeira vez.

78) Não concordo, Philippe, diz calmamente Antoinette. Trata-se simplesmente do início de um amor, do amor entre um homem e uma mulher, só isso.

79) É o que eu queria dizer, se inflama Philippe. Trata-se do nascimento do amor...

80) Como você quiser, mas eu vejo uma história pessoal entre um homem e uma mulher...

81) É você, Antoinette, a jovem do estádio? pergunto.

Um longo momento de silêncio.

82) Eu me lembro de ter ido ao estádio, uma vez, e que choveu muito, mas não é por isso que essa canção me agradou.

83) Por quê, então?

Tempo.

84) Suponho, diz com uma voz muito doce, por causa de sua sinceridade.

Sinceridade uma ova! Lembro-me de ter contado uma história parecida a um amigo, mas foi há mais de vinte anos.

### **A volta do filho pródigo**

Escutamos a voz de Manu da rua.

85) É preciso festejar o filho pródigo.

Ele entra.

86) Como! Philippe, você não foi capaz de achar as garrafas?

87) Manu, escute, talvez seja melhor eu ir buscar o carro perto da praia, já está escuro.

88) Escute, Philippe de Pétionville, não sei o que te disseram sobre Carrefour, mas

se é isso que teme, tuas calotas estarão lá amanhã de manhã...

89) Amanhã de manhã! exclama Philippe. Não, Manu, vou embora hoje à noite.

Prometi a Elsie...

Manu explode.

90) Você e sua boa mulherzinha burguesa, diz dirigindo-se para a cozinha, vocês não vão me impedir de festejar meu irmão que não vejo há vinte anos.

### **O segredo**

Ele continua seu caminho até a cozinha

91) Você bebeu, hein! preocupa-se Antoinette.

92) Não. Por quê?

93) Sei que você bebeu, insiste Antoinette.

Eu tinha ido mijar lá fora e os olhava pela janela aberta. Manu, magro como um gato de gueto e os grandes olhos negros de Antoinette.

94) Oh! diz Manu fazendo um gesto com a mão como para pegar uma mosca, os caras da esquina me convidaram para tomar um gole com eles.

95) Merda! quantos anos você tem? Você sabe que está proibido de beber. E aposto que não comeu nada desde cedo.

E eis Philippe que chega. Rosto de bebê. Tenta enlaçar Antoinette que se vira bruscamente como um animal selvagem. Esse tipo de mulher só tem um homem. Termine de mijar nas plantas de Antoinette.

### **A festa começa**

Manu vai diretamente a seu esconderijo para pegar as garrafas.

96) Você sabe, diz, as pessoas entram e saem daqui o dia inteiro, e naturalmente, eles sabem que podem beber à vontade, você entende que se não guardo algumas garrafas a parte...

97) O que acontece com você, Manu? dispara alegremente Philippe. São as mesmas garrafas que da última vez que vim aqui.

98) É... Tenho outros esconderijos, responde em um tom seco. Este é para meus convidados de marca. Você entende, se um cara de Pétionville chega, eu devo poder...

99) Ah! merda, diz Philippe, você não vai parar com essa história!.

100) Você está errado, Philippe, porque é verdade, diz Antoinette... É só pra você que ele guarda essas garrafas

- 101) Com ele, a gente nunca sabe, murmura Philippe.
- 102) Proponho fazer um brinde ao viajante... Um provérbio africano diz: *Aquele que viaja não deveria ter um túmulo...*
- 103) Concordo totalmente, Manu, desejo que me enterrem onde eu cair, e que não informem ninguém de minha morte antes de dez anos. As pessoas poderão sempre achar que estou viajando.
- 104) Eu, se morrer, gostaria que me enterrassem de pé.
- 105) Pare com as suas besteiras, Manu, corta Antoinette... Vocês não têm outro assunto?
- 106) Merda! solta Manu, por que vocês têm tanto medo da morte?... É muito simples: nascemos, vivemos e morremos. Não sabemos de onde viemos, nem aonde vamos, isso me parece correto. Não procuro saber mais, mas reivindico o direito de falar da minha morte.

### **A canção**

Manu pega enfim seu violão.

- 107) Espero que essa música te lembre alguma coisa, caro viajante...
- 108) Você não quer comer um pouco, Manu? pergunta Antoinette.
- 109) Estou sem fome.

A voz se eleva. A mesma que sempre conheci: grave, dura e essa maneira que ele tem de mastigar as palavras. Parece que ele as faz explodir sob seus dentes. A Jovem do Estádio. É a primeira vez que a ouço de verdade. Tenho a impressão de estar de novo no estádio e de ter de novo vinte anos. Como naquela tarde de abril. Já a chuva. E minha alegria. Tudo está aí. No presente. Eu me viro. O rosto de Antoinette. Aquele rosto exposto à chuva e ao amor. Não é mais a minha história que ele canta. Essa lembrança lhe pertence.

- 110) Pensei, diz ao terminar a canção, com seu sorriso de lado, que te interessaria.  
Direto no coração.

### **Uma estrela nasceu**

- 111) Come alguma coisa, insiste Antoinette.  
Manu pega uma coxa de frango.
- 112) Olhe o céu, diz. Às vezes, passo a noite olhando para ele. Parece um grande vazio que quer me aspirar... Um dia, serei uma estrela lá em cima.  
A estrela Manu.

### **As tripas**

O rosto inquieto de Antoinette. Manu levanta-se calmamente, apoia o violão na parede, e vai em direção à porta que dá para o quintal de trás. Antoinette o segue discretamente. Observo a cena enquanto Philippe me conta sua última tentativa de produzir uma turnê com Manu. Eles deveriam fazer Montreal, Boston, Nova York, Chicago, Miami, as grandes cidades da diáspora norte-americana. Começaram por Boston. Manu deu muitas entrevistas na rádio, na t.v., e até no *Boston Globe*. Philippe deveria ir buscá-lo para que fossem juntos à sala de espetáculos. Manu estava lá, na porta, pronto para irem. Bem no momento de entrar no carro, ele quis voltar ao seu quarto para trocar de camisa ou qualquer coisa do gênero. Problema nenhum, uma vez que não estavam atrasados.

113) E o reví dois meses mais tarde, em Porto Príncipe, na frente do Teatro Rex... E você sabe qual foi a explicação que ele me deu? Escute isso, ele me disse que pegando o elevador ele teve uma espécie de iluminação. Não deveríamos jamais cantar duas vezes a mesma canção em uma vida. Tudo deveria ser feito somente uma vez. Deveríamos amar uma vez, cantar uma vez, fazer amor uma vez. Então, foi por isso que ele parou de cantar. Para ele é absolutamente obsceno essa mania que as pessoas têm de querer ouvir sem parar a mesma canção que já conhecem de cor. E ele me disse, nessa mesma noite, que cada vez que ele pensa nisso, só tem uma vontade: vomitar.

De repente, escutamos aquele barulho terrível, como se alguém estivesse vomitando as tripas.

114) Manu!

A voz de Antoinette.

### **A doença**

Finalmente, Antoinette voltou.

115) Philippe já sabe, ela diz... O médico lhe deu dois anos se ele se cuidar, e de dois a três meses se ele continuar a viver como antes.

116) E o que ele escolheu? pergunto.

117) Ele continua como antes, mas eu o vigio um pouco.

118) É um gato, esse cara, diz Philippe. Ele enterrará todos nós, você vai ver, Antoinette.

119) Pode ser, diz Antoinette em um tom cansado, porque segundo o médico, ele já

deveria ter morrido há muito tempo. Só lhe sobrou a carcaça. É difícil de viver. Agora, ele acabou de tomar seus remédios e se deitou. É que ele bebeu um pouco agora quando foi à mercearia. Não posso segui-lo a cada passo, e ao mesmo tempo, quero que sofra o mínimo possível. Agora, com esse remédio de cavalo, ele terá de oito a dez horas de sono profundo.

120) Não sei o que dizer...

121) Melhor não dizer nada, ela murmura. Você deve se comportar como antes em relação a ele. Brigue com ele se disser besteiras demais. Ele adora levar broncas, você deve saber.

122) É por isso que ele provoca todo mundo sem parar, declara Philippe.

123) Não, diz Antoinette. Só vocês dois podem brigar com ele... Ninguém mais...

### **Nossa Princesa**

O pai de Antoinette é dono do hotel mais luxuoso de Pétionville. Na entrada de Pétionville.

124) É estranho, ela me disse um dia pouco depois de nosso encontro, faz três meses que a gente se conhece e nem você nem Manu nunca me perguntaram quem sou eu...

125) A gente sabe quem você é: Antoinette.

126) De onde venho, é a primeira coisa que querem saber sobre você. Quem são seus pais? Você tem um sobrenome?

127) Sim, mas e Philippe?

128) Philippe é um caso a parte, ela declara. Ele seria feliz em qualquer lugar... mas vocês, não entendo. O dinheiro não parece interessá-los...

129) O dinheiro sim, mas não o dinheiro dos outros.

130) Mas algumas pessoas ficariam orgulhosas de saírem com a filha de fulano de tal. Digo isso porque é assim.

131) Vou te dizer uma coisa, Antoinette. Você sabe, Manu tem certeza absoluta que ele é um príncipe, agora teu pai...

Um leve silêncio

132) Eu também, ela diz com uma espécie de alegria súbita, acho que vocês são príncipes. É simples, se sou uma princesa, então os homens de que gosto são obrigatoriamente príncipes...

Rimos os dois.

### **Um cavalo selvagem**

Escutamos a cama estalar.

133) Quer alguma coisa, meu bem?

Manu já está na sala.

134) Parece que os copos estão vazios.

Antoinette levanta-se de um salto para levá-lo de volta ao quarto.

135) O que você está fazendo aqui, meu bem?

Ele se deixa levar sem reclamar.

136) Eles não têm nada nos copos, meu bem.

137) Eu cuido disso, diz Antoinette.

Eles se falam baixinho durante um momento. Depois ela volta.

138) Vocês sabem que esse remédio é feito para acalmar os cavalos selvagens e, parece, não é forte o bastante para ele.

Ela disse isso com um sorriso ao mesmo tempo triste e admirativo.

139) Ele está comendo? pergunto.

140) Come bem pouco e quando realmente insisto, diz. Não entendo nada. Não sei de que é feito esse homem. Tenho enxaquecas. Às vezes, tenho tanta dor que tomo uma pequenina porção de seu remédio, e caio morta por pelo menos três dias... Vocês me desculpem, mas vou pedir para irem embora. Preciso cuidar dele.

Nos beijamos.

### **O vigia**

Encontramos o jipe, que nos esperava comportado, perto da praia. Philippe rodeou-o para ver se não faltava nada. Um menininho saiu da sombra.

141) Vocês vão embora? pergunta timidamente.

142) Sim, diz Philippe.

143) Então, vou me deitar... Manu tinha me pedido para olhar o carro.

Philippe procura em seu bolso alguns trocados para lhe dar, mas ele já tinha sumido.

### **O gato estrelado**

Relaxe ouvindo essa velha canção da orquestra Setentrional: *Louise-Marie*.

“Louise-Marie, bela deusa  
doçura embriagante  
açúcar de mel

nosso amor foi você quem traiu...”

Acordei quando o jipe parou na frente de minha casa.

144) Aí está, diz Philippe, você está na porta de casa, assim sua mãe não vai se preocupar.

145) Minha mãe nunca se preocupa quando estou com você.

146) Agora vou enfrentar Elsie... Digo isso mas sei muito bem que ela deve estar em uma festa na casa de amigos. E não se preocupe por Manu, não é a primeira vez que ele se encontra no corredor da morte. Eu nunca disse isso a Antoinette, mas há dez anos, era a mesma coisa nos mesmos termos...

147) É um gato, digo.

148) Sim, responde gravemente Philippe, um gato estrelado.

Fiquei olhando até que o jipe virou a esquina da rua. Não sei por que, fechei de novo o portão. Um longo uivo de cachorro esquelético. Desço a rua, calmamente, as mãos no bolso. Nenhuma alma viva. Acima de minha cabeça, o céu imenso de Porto Príncipe. A noite cheia.

### **A vaca**

Ela atravessa a rua, não muito longe do posto Esso da rua Capaix. O que faz uma vaca a essa hora da noite, em plena cidade? E eis que me olha. A insustentável doçura de seus grandes olhos negros. Um momento de hesitação. O que se passa na cabeça dela? Como ela me vê? Finalmente, a enorme massa de carne decide se mexer. Ninguém em torno de mim. O silêncio da noite profunda.

### **Lisa!**

Não sei por que meus passos me conduziram diante da casa dela. Não pensava ter bebido tanto assim. Talvez não seja essa a razão. Apenas um pretexto para ter coragem de ir à casa dela em plena madrugada. Tudo está escuro na casa de Lisa. Apesar disso, pulo o muro e fico embaixo de sua janela.

149) Lisa! Lisa! Lisa!

150) A janela se abre.

151) O que você está fazendo aí?

152) Estava passando por aqui...

153) Você não sabe que horas são?

154) Desculpe-me por acordá-la.

- 155) Não estava dormindo... O que você quer?
- 156) Nada... Te ver...
- 157) É perigoso andar assim, à noite... Bom, não posso falar com você, não quero acordar minha mãe. Então, nos vemos amanhã? Vá me buscar lá pelas duas horas no museu.

### **A cama**

Minha cama estava pronta com um colchão novo, me deito vestido, totalmente esgotado, mas feliz.

- 158) Boa noite, Velhos Ossos.
- 159) Você não estava dormindo, mãe?
- 160) Estava pensando...
- 161) É preciso descansar o espírito, mãe.
- 162) É o único momento que tenho para pensar em mim.
- 163) No que você estava pensando?
- 164) Em muitas coisas diferentes. Na vida em geral... No teu pai também...
- 165) Meu pai morreu, há quase doze anos.
- 166) Sim, você me escreveu para contar. Sabe, quando recebi essa notícia, chorei sem conseguir parar durante dias. Pensei que essa dor me levaria... Então, uma mulher que trabalhava comigo, aqui, me disse: “Senhora, vamos rezar juntas, a senhora vai ver, tua dor passará.” Rezamos, efetivamente. Depois, adormeci no chão e dormi durante mais de dez horas sem parar, eu que nunca durmo mais do que quatro horas. Acordei e minha dor não estava mais aqui. Não sofria mais como antes. Antes, eu tinha um grande buraco aqui, no fundo do meu ventre, como se um rato vivesse no interior do meu corpo... E você viu seu pai?
- 167) Sim, eu o vi em seu caixão e reparei uma coisa estranha, nós temos exatamente as mesmas mãos.
- 168) É verdade... Quando você era pequeno eu sempre dizia a seu pai: “Olhe suas mãos em miniatura” e isso o fazia sorrir... E também, vocês têm a mesma maneira de agradecer, um “obrigado” seco...
- 169) Foi você quem me disse isso, um dia... Eu mesmo só ouvi a voz dele uma vez na vida.
- 170) Ah é?...
- 171) Fui vê-lo naquele pequeno apartamento do Brooklyn. Bati na porta. Nenhum



barulho. Continuei batendo e apoiei meu ouvido na porta. Finalmente, ouvi alguém andar na minha direção.

172) Quem está aí?

173) Teu filho, disse.

174) Não tenho filhos, todos os meus filhos morreram.

175) Sou eu pai, vim ver você.

176) Volte para o lugar de onde veio, todos os meus filhos morreram no Haiti.

177) Mas eu estou vivo, pai.

178) Não, só há mortos no Haiti, mortos ou zumbis.

Ele não abriu a porta e fui embora. Essa foi nossa única conversa.

179) Ele pensava que nós estávamos mortos, diz lentamente minha mãe, e foi isso que o deixou louco.

180) Faz doze anos que essa conversa não me sai da cabeça. Por que ele disse que só havia zumbis no Haiti? Como se este país fosse diante de seus olhos somente um imenso cemitério.

181) Como se estivéssemos todos mortos sem sabê-lo, continua minha mãe. Seu pai era um homem muito inteligente, você sabe. Ele sabia coisas muito delicadas, coisas que só podemos perceber apertando os olhos... Ele tinha uma sensibilidade exacerbada. Então, talvez ele visse coisas que não podemos perceber a olho nu... Sinto que você não pode mais manter os olhos abertos.

182) É verdade, mãe. Estou completamente esgotado.

183) Então, durma bem, Velhos Ossos.

184) Durma bem, você também.

185) Não acredito que possa dormir. Tenho coisas demais na cabeça.

O uivo inconsolável de um cachorro.

## PAÍS SEM CHAPÉU

*Ce quand tête coupé, ou pás mete chapeau.*

(Enquanto ainda não se tem a cabeça cortada, pode-se manter a esperança de, um dia, usar um chapéu.)

### **A mão**

Sinto uma mão rugosa no meu pescoço. Tenho um sonho estranho e nesse sonho me perseguem. Uma pequena multidão de pessoas raivosas quer me pegar. Corro.

Normalmente, em situações parecidas, consigo sempre desaparecer no momento crítico. Dessa vez, minhas pernas se recusam a mover-se. E a multidão se aproxima perigosamente. Alguém termina por me pegar pelo pescoço. Uma mão rugosa.

186) Está na hora.

187) Hein! O quê?

O rosto enigmático de Lucrèce na minha frente.

188) Devemos ir agora.

189) Onde vamos?

190) O senhor verá...

191) Ok, digo me levantando, vou me lavar rapidamente e nos encontramos no portão.

192) Não, diz secamente...É uma viagem que se faz mantendo com a gente o cheiro do sono.

### **Um cachorro amarelo**

Ele anda de forma saltitante, como os camponeses. Algumas correntes de *maldiocs*<sup>144</sup> em torno do pescoço. Veste um paletó azul de Sião com dois grandes bolsos na frente, e um chapéu de palha colocado tão de leve na cabeça que se tem a certeza de que qualquer vento o fará voar.

193) Assim que cruzarmos este portão, diz, cairemos no outro mundo.

Cruzamos o portãozinho e a rua não mudou a meu ver. A cor meio violeta da aurora dá uma coloração bastante estranha às coisas, mas só isso. As mesmas crateras que nos obrigam a prestar atenção andando para não cair em uma poça de água parada. O mesmo cachorro amarelo que precisa se apoiar na parede para latir por causa de sua extrema magreza. A mesma mocinha varrendo, já na aurora, a varanda da mercearia da esquina. Uma aurora um pouco fria.

194) O sol vai arder, daqui a pouco, o senhor verá, diz Lucrèce sem se virar.

Ele anda num ritmo rápido na minha frente.

---

<sup>144</sup> A palavra *maldioc* significa má sorte (*mauvais sort*) ou mau olhado. Podem-se usar roupas (*rad madyok*) ou colares (*kolye madyok*) para proteger-se contra a má sorte. Também existe a planta *maldioc* ou *pois maldioc* que dá vagens que são consumidas como legumes. “*Canavalia ensiformis*”.

## **O pão**

Na padaria do Perpétuo Socorro, ao pé do morro Nelhio, os homens estão suando. Eles começaram a trabalhar lá pelas duas horas da manhã. O cheiro do pão cozinhando. Ninguém consegue resistir. Paramos um momento. Lucrèce compra dois grandes pães e reparo que enfia sua mão calejada na bolsa que traz de atravessado para tirar folhas de chá com as quais paga. Em vez de jogar na cara dele as folhas, o padeiro as recebe com uma certa introspecção. Lucrèce guarda em seguida o pão em sua bolsa.

195) É bom quente, digo.

Ele continua seu caminho, como se eu não tivesse dito nada. Sigo seus passos em silêncio. É assim que chegamos ao pé do morro L'Hôpital.

196) Não posso ir mais longe, diz... O senhor deve continuar sozinho.

Agora sei quem estava comigo. Não era Lucrèce, mas Legba. Legba, aquele que abre o caminho. É o primeiro deus que encontramos quando penetramos no outro mundo.

## **Bom dia**

Continuo meu caminho, olhos atentos, esperando ver a cada passo alguma coisa inesperada, uma forma misteriosa qualquer. Nada disso, fora esta leve poeira branca provocada por um ventinho maroto. De tempos em tempos, cruzo com um burro carregado de cabaças, nada mais. Enfim, uma casinha à direita, embaixo de um imenso flamboyant. É uma mercearia.

Entro. Uma mulher enorme com o rosto sorridente está atrás do balcão.

197) Bom dia, falo.

Ela sorri um breve instante.

198) Meu belo senhor, diz, sempre faz esse tempo.

199) E daí?

200) E daí, acrescenta com um largo sorriso, que só temos essa luz.

Vendo que eu continuava sem entender:

201) Então, aqui, não existe a diferença entre o dia e a noite como vocês têm lá...

Está no Gênese: “Houve uma manhã, e não houve nunca mais noite.”

## **“Boa viagem peregrino”**

202) Pois é, ela diz, é sempre um prazer ver um cliente por aqui...

203) Parece que faz muito tempo que a senhora não via um, digo olhando para as prateleiras empoeiradas.

- 204) Às vezes passa um, mas na verdade é raro... Exceto quando voltam de Bombardópolis.
- 205) Quem vai a Bombardópolis?
- 206) As pessoas daqui, elas sempre tiveram o hábito de ir lá.
- 207) Por que vão precisamente a Bombardópolis?
- 208) Não sei, nunca fui lá... Estou aqui para receber os novatos que não sabem ainda que não precisam mais comer. As pessoas têm dificuldade para se livrarem de certos hábitos. Então, chegam e me pedem um sanduíche e uma limonada. Entende, estou no caminho deles.
- 209) Então, estou no caminho certo...
- 210) Para falar a verdade, não existe caminho.
- 211) Diante disso, o que fazer?
- 212) Só é preciso andar. Só existe um caminho, aquele que escolhemos. Olhe para mim, eu não quis ir mais longe, parei aqui, e instalei esta mercearia na beira do caminho, e ninguém nunca me perguntou o que faço aqui nem qualquer outra coisa.
- 213) Será que existem outras lojas?
- 214) Não, é a única que existe nas redondezas... Repare, não fui tão longe.
- 215) Bem, obrigado... Quanto devo?
- 216) Você comeu um sanduíche e uma limonada, são cinqüenta ogus.
- 217) Desculpe-me mas não tenho esse dinheiro, aliás, nem sei o que é um ogu.
- 218) É o dinheiro daqui. Você me pagará quando puder. Não tem pressa. Na verdade, até hoje, ninguém nunca me pagou, o que faz com que eu mesma nunca tenha visto um ogu com meus olhos... Boa viagem, peregrino.

Pensando nisso, o ogu talvez seja a folha de chá que Legba usou para pagar o padeiro.

### **O caminho**

Lá fora, um céu de um azul puro, mas a estrada sempre poeirenta. Decidi, sem motivo, parar de seguir o que parece ser a estrada principal para pegar esta trilha a minha esquerda. O caminho parece mais acidentado, mas não tenho mais essa poeira branca entrando pela boca e pelo nariz. Andei um bom quilômetro antes de entender o que estava acontecendo. É que a qualquer momento podemos mudar de caminho. Poderia ter continuado muito tempo engolindo aquela poeira branca, se não tivesse tomado a decisão de mudar de direção, ou simplesmente de pegar um outro caminho menos poeirento. Quem me obrigava

a ir por essa estrada poeirenta? Ninguém. Quem me impedia de pegar essa trilha perfumada? Ninguém. No entanto, eu aceitava como um fato consumado essa situação insustentável. Este caminho já traçado, apesar de poeirento, parecia levar a algum lugar. Era essa minha certeza até que compreendi que não importa qual o caminho tomado, ele sempre nos levará a algum lugar.

### **A fonte**

Cheguei perto de uma fonte na qual um grupo de mocinhas sorridentes está lavando roupa branca.

219) Bom dia.

Elas caem na gargalhada em uníssono como é o hábito das bem mocinhas quando estão em grupo.

220) O que vocês fazem aqui?

A mesma risada ao mesmo tempo intensa e alegre.

221) Por que vocês riem assim de mim?

Finalmente, uma delas consente em me responder.

222) Viemos aqui lavar nossos vestidos.

De fato, cada uma delas estava lavando um único vestido branco.

223) Tem uma festa em algum lugar? pergunto.

Um riso mais gutural, um pouco sarcástico. Ao menos, é a minha impressão.

A mesma mocinha me sorri.

224) O senhor vai aonde?

225) Estou de visita, respondo ingenuamente.

Parece até que uma corrente elétrica lhes atravessou o corpo. Elas se debatem como enguias fora d'água.

226) Por que vocês riem sem parar?

Elas riem de novo. Decidi continuar meu caminho, visto que não há nenhuma possibilidade de conversar com elas.

### **Ogum, o deus do fogo.**

Um homem de grande estatura, sem camisa, trabalhando diante de uma forja. Ele atíça o fogo com um sopro. Paro, um momento, para olhá-lo. Ele se vira na minha direção, lançando-me um terrível olhar antes de voltar a seu ferro vermelho.

227) O senhor viu minha filha?

228) Não sei dizer, senhor. (Seria eu a única pessoa a ter chamado um deus de senhor?)

Vi

muitas mocinhas perto da fonte.

Ele explode de rir.

229) É Marinette.

Aquela que chamamos de Marinette das pernas finas.

230) Ela o fez acreditar que havia várias meninas na fonte, continua. É sua brincadeira preferida. Ela estava, com certeza, lavando seu vestido branco para a cerimônia de hoje à noite.

231) Ela é muito bonita, sua filha...

232) É filha da mãe que tem. Ela não tem nada meu, exceto o nariz. Fora isso, é a mãe escarrada. Tal mãe, tal filha também. Duas sacanas... E agora, meu jovem, tenho coisas a fazer. Se quer conversar, continue reto até a figueira, depois vire à direita e encontrará minha mulher. Você não pode errar. Aliás, ela vai se apresentar a você.

### **Os deuses classe média**

Decididamente, não é o inferno de Dante. Eu que pensava cair no meio de uma chuva de formas estranhas em um mundo bizarro, um universo tão poderoso, tão lotado de símbolos, tão complexo, que teria me ajudado, nutrindo minha prosa de detalhes suculentos que ultrapassam a compreensão humana, a ponto de enfrentar as revelações de São João ou o inferno de Dante. No lugar disso, tenho que engolir as gozações de uma deusa adolescente, e as lamentações de um pai, supostamente o terrível Ogum Ferreiro, que para mim mais parece um pobre operário afundado até o pescoço nas frustrações matrimoniais. Estaria eu aqui para ouvir um deus me contar suas dificuldades com a mulher? E principalmente, é com esse monte de besteiras pequeno-burguesas que o vodu pretende enfrentar os mistérios do catolicismo? Não quero acreditar.

### **O caminho sem fim**

Quando um deus ou simplesmente um camponês lhe disser que não é muito longe, desconfie. A concepção que eles têm da distância difere da nossa. Não sei se andei dias ou horas, ou mesmo anos, já que estamos na escala da eternidade aqui. Em todo caso, fiquei mais de uma vez desesperado no caminho para alcançar aquela maldita figueira. E quando a vi, à medida que avançava em sua direção, ela recuava. Finalmente a alcancei. Logo em seguida, achei a trilha a minha direita da qual Ogum tinha falado. Há tantos calangos que

correm para todo lado em torno de mim que poderíamos batizar esse lugar de jardim dos calangos. E ao longe, na encosta da montanha, aquela charmosa casinha de cores tão brilhantes que parecia ter saído diretamente de um quadro de pintura primitiva. Aproximo-me, no entanto, temeroso. De repente, pegam-me pelo pescoço.

233) O que o senhor faz na minha casa?

Tão logo me viro, reconheço-a.

234) Sou Erzulie Fréda Dahomey ou Erzulie Dantor, depende se quero branca ou preta. O amor ou a morte.

Tremo levemente.

235) Então, continua, meu excelente marido enviou você para me dizer bom dia...

Ela agarra um calango e lhe dá uma abocanhada.

236) Estou de regime, explica, só me alimento de calangos atualmente... Então, você acabou de ver Ogum e ele te enviou. Ele tem esses delicados cuidados com sua cara esposa.

Ela larga enfim meu pescoço e começa a dançar em volta de mim. Ela não é alta, mas cheia de energia, principalmente muito sensual. Uma esposa amante, como dizem aqui.

237) Devo dizer-lhe que, desde que meu caro Ogum não dá mais no couro, sou obrigada a encontrar parceiros dentre os mortais, e eles não estão à altura, naturalmente. Posso trepar facilmente um mês inteiro sem parar.

238) Para fazer amor um mês inteiro, é preciso...

239) Escute, meu jovem, os humanos fazem amor, mas os deuses trepam.

240) Certo, mas para trepar um mês sem parar...

Ela tem o riso num crescente, levemente histérico.

241) Digo um mês, assim, mas no fundo nem sei, talvez seja um ano ou mais, não sei contar na medida de vocês. Sou uma analfabeta. A única coisa que posso te dizer é que, tirando Ogum, meu marido, nenhum outro deus pode acompanhar meu ritmo.

Senti um novo arrepio percorrer minha espinha.

242) Quando estou no cio, continuou, posso consumir uma quantidades astronômica de humanos... Homens ou mulheres, tanto faz.

Ela me pega pelo pescoço, dessa vez com ternura, e quando alguém te pega assim pelo pescoço, deus ou mortal, é que ele quer te pedir algum favor.

243) O que ele estava fazendo?

244) Quem? pergunto, um pouco desconcertado.

245) Meu marido...

246) Estava trabalhando.

247) Ah... (Um tempo...) Ele estava trabalhando... E onde estava a pequena atrevidinha?

248) Quem?

249) Pare de se fazer de bobo... Onde estava minha filha?

250) Eu a encontrei perto da fonte.

251) O que ela estava fazendo lá?

Seus olhos se tornavam cada vez mais vermelhos.

252) Estava lavando.

253) Eu sei que estava lavando. Lavava o quê?

254) Acho que lavava um vestido branco para uma cerimônia.

Um longo silêncio.

255) Era tudo o que eu queria saber. De qualquer forma, se aquele velho avarento te mandou aqui é porque ele queria que eu soubesse... Bom... Então, ele está pensando em casar com sua filha... Há! há! háháháháhá! faz entrando em sua casinha.

Um riso estranho, um pouco artificial, que me gela o sangue. Eu a olho andando de um lado para o outro em sua pequena sala abarrotada de bugigangas. Na parede, sobre uma grande toalha de banho vermelha: uma foto de Martin Luther King apertando a mão de John Kennedy.

256) Você quer tomar alguma coisa?

Ela não espera minha resposta e tira uma garrafa de coquetel de cerejas de um pequeno armário coberto de poeira que ela mantém fechado a chave.

257) Não sei desde quando tenho este coquetel aqui. Temos visitas raramente. As pessoas daqui preferem ficar em casa. Só Zaka vem me ajudar às vezes....

Olho pela janela e vejo um velho homem capinando o jardim. É ele, Zaka, o deus dos camponeses.

258) Sabe o que vai fazer?... Você vai voltar para ver Ogum e, falando com ele, vai dar um jeito para que ele pense que dormimos junto.

259) Mas isso não terá nenhum efeito, uma vez que a senhora mesma me disse que...

260) Sim, mas não aqui, não no leito conjugal... Trata-se talvez de um deus, mas também de um homem, você entende o que quero dizer...

261) Se se tratar de um homem, sei o que vai acontecer.

262) Bem, se ele atacar você, terá que se haver comigo...



263) Sim, mas enquanto isso...

264) Se você morrer por mim, poderá vir morar aqui comigo por toda eternidade, diz com os olhos de noite.

É preciso que eu pense rápido.

265) Eu, se fosse a senhora, em vez disso, iria reconquistar Ogum, o que seria fácil pois a senhora é bem mais bonita, e principalmente bem mais experiente que sua filha.

266) Sim, mas ela é mais jovem.

267) Me disseram que o tempo não existia aqui.

268) Não para essas coisas, diz com um jeito maroto.

269) Oh! então é relativo?

270) Tudo é relativo, meu bem, faz avançando em minha direção.

Eis que ela começa a rebolar. Que situação mais estranha estar sentado aqui, neste salão kitsch, olhando Erzulie Fréda Dahomey, a mais terrível deusa da cosmogonia vodu, tentando me seduzir para que eu vá ferir, com a arma do ciúme, o coração de seu marido, Ogum Badagris ou Ogum Ferreiro, o intratável deus do fogo e da guerra.

271) A senhora talvez seja menos jovem, mas tem as pernas mais bonitas do que as de sua filha que apelidamos de Marinette das pernas finas.

Desta vez, acho que acertei na mosca e que não terá cerimônia nenhuma, mais tarde. Mas antes que tudo exploda, tem alguém que precisa dar no pé daqui bem rápido.

### **O retorno**

Lucrèce estava me esperando ao pé do morro L'Hôpital.

272) Que horas são?

273) É a primeira coisa que perguntam assim que voltam de lá. Devem ser seis horas. O senhor partiu em torno das cinco e meia.

274) Só passei meia hora lá?

275) Nenhum mortal pode ficar lá mais de uma hora, mas sua viagem ainda não terminou.

276) Estamos onde, agora?

Lucrèce não responde.

277) O senhor é Lucrèce?

Nenhuma resposta para essa questão também. Descemos em silêncio o morro Nelhio até minha casa. Como me preparava para cruzar o portão e entrar em casa, senti aquela mão gelada no ombro.

278) Assim que cruzar este portão, cairá no outro mundo.

279) E o senhor, em qual mundo vive?

Silêncio. Tiro bruscamente o espelhinho oval que minha mãe me deu para colocá-lo na frente de Lucrèce. Naturalmente, nenhum reflexo.

280) Era exatamente o que pensava, digo antes de cruzar calmamente o portão.

Estou agora no mundo real e não vejo nenhuma diferença com o mundo sonhado.

### **O prato de sopa**

Minha mãe me traz um prato de sopa fumegante.

281) Beba, isto te dará força.

Tomo algumas boas colheradas.

282) Lucrèce ainda está aí?

283) Sim, diz minha mãe, ele está sentado na varanda como um marionete desarticulado.

284) Ah! digo bebendo cada vez mais avidamente a sopa, tem um belo osso aqui dentro.

285) É um osso de boi, dá mais sabor para a sopa.

286) Está muito bom, mãe.

Minha mãe sai, levando o prato de sopa tão limpo que parece que foi lavado. O sorriso radiante de minha mãe.

### **Cochichos**

287) Comadre! cochicha a vizinha para minha mãe, você me esconde as coisas...

O tom não é agressivo. Estico levemente a orelha.

288) Como assim! responde minha mãe no mesmo tom.

289) Tenho uma amiga que veio me ver, ontem à noite. Ela é cabeleireira em Montreal e me disse que conhece bem teu filho.

290) E daí?

291) Espere, ela me disse também que ele é muito conhecido lá... (ela diminui ainda mais a voz...) Ela me disse que segundo seus cálculos teu filho deve ser milionário... Sim, foi isso que ela me disse...

292) Ah! não estou sabendo de nada...

293) Só estou dizendo o que ela me disse... Que ele é com certeza milionário... Mas o que ele faz lá?

294) Ele é escritor, diz minha mãe.

Ela faz um muxoxo de desprezo.

295) Ah! ... Certamente não foi assim que ele ficou milionário. Eu, se fosse você, Marie, faria minha própria investigação. Deve ter drogas aí no meio.

296) Certamente, diz minha mãe afastando-se devagar da cerca de alfarrobas<sup>145</sup> enferrujadas que separa nosso quintal do da vizinha.

Minha mãe tendo ido embora, volto à máquina de escrever. Uma pesada manga acaba de cair raspando em mim. Escrever é um esporte perigoso.

### **O tédio**

Lucrèce chega, chapéu na mão, atrás do professor J.-B. Romain. Tia Renée os segue com uma cadeira que oferece a Lucrèce que a oferece ao professor.

297) Bem, diz Lucrèce, devo ir embora agora, tenho um longo caminho a fazer.

298) Até logo, Lucrèce, diz o professor que ao mesmo tempo se vira para mim com um largo sorriso...

299) E então? o professor me pergunta com uma ponta de impaciência na voz.

300) Os deuses me decepcionaram.

301) Foi a impressão de Lucrèce... A intuição camponesa.

302) Sim, digo em um tom cansado.

O grito de um pássaro, ao longe.

303) O que o senhor vai fazer?

304) Vou fazer meu livro apesar de tudo, mas já vou avisando que não é com esse monte de histórias sem graça, de clichês intragáveis que os deuses do vodu vão construir uma reputação internacional. Acho que no meu caso teria sido melhor se eles tivessem guardado segredo.

305) Não! diz raivosamente... Eles fizeram bem, foi o senhor que não entendeu nada....

306) E o que é que não entendi, professor?

307) O senhor não entendeu nada... Se crê que o catolicismo nos é superior...

308) É verdade, é isso o que penso, professor.

309) E no que ele é melhor? No que a história de Jesus merece mais atenção que a de Ogum?

---

<sup>145</sup> *Bayarondes* ou *bayahonde* (em crioulo haitiano: *bayawonn*) é um arbusto que cresce em terreno desértico. "*Prosopis juliflora*".

310) O que acabo de ver lá, professor, não tem nome... Cai no meio de uma estúpida disputa de família... Só isso.

311) E a história de Jesus, ela é melhor na sua opinião? É isso... hein! a história dessa família cujo pai é visivelmente velho demais para ter um filho, a mãe, aquela mocinha que se casou seguramente contra sua vontade com esse velho coroa, um honesto trabalhador, é claro, mas que não era seguramente o sonho daquela jovem virgem, e o filho que com trinta anos ainda vive na casa dos pais...

312) Sim, mas professor...

313) Enquanto que, ao lado disso, lá ao menos, há vida, os sentimentos são levados ao extremo (o amor, o ciúmes, a morte), as cores também são muito fortes (o preto, o vermelho, o violeta e o branco cintilante)... O sexo torna-se um fruto tropical que cresce na árvore humana... Acho, meu jovem amigo, essa história bem mais palpitante que a outra, aquela da família desse pobre carpinteiro de Belém.

Começo a titubear um pouco.

314) Sim, digo, mas uma virgem que dá a luz, não é nada mau...

315) Claro que não é nada mau... Quem disse o contrário? Só que, aqui, precisamos de uma mãozinha... Pensei que isso iria interessá-lo, visto que o senhor é um escritor, enfim essa história do espelho ou da mãe e da filha caçando o mesmo homem, ou ainda aquela do tempo infinito.

316) Sim, é divertido, mas eu esperava... Afinal, eu estava no meio de deuses... Não esperava que eles se pusessem a imitar Shakespeare...

317) Nisso, o senhor está enganado, meu jovem amigo, não são os deuses que imitam Shakespeare, é Shakespeare quem imita os deuses... Tem um poeta que disse, uma vez, que o homem é um deus caído que se lembra dos céus, talvez não esteja citando exatamente o verso, mas é mais ou menos o essencial... E é realmente verdade. O que esquecemos de dizer, é que as divagações dos poetas são com frequência uma explicação científica da realidade, realidade material, física, vulgar...

O professor parece excitado no mais alto nível. Seu espírito pula como um canguru num campo de futebol.

318) Por que vulgar, professor?

319) Eu me lembro, continua levantando os olhos na direção do céu, Dante falando de Homero: “Batendo as asas voa Homero acima de nossas cabeças, ele é o maior, porque é o poeta do ordinário, do cotidiano e do prosaico.” Tudo isso para dizer que os poetas dizem com frequência nada mais que a verdade. Quando o poeta diz que o homem se lembra dos

céus, não é uma palavra ao vento, ele quer dizer que se nós construímos casas aqui é porque existem casas lá de onde ele vem, se nós oferecemos flores àqueles que amamos, não é por acaso, é porque é assim que se faz lá, se nós escrevemos, se nós fazemos amor, se nós somos ciumentos, ou se nós lotamos nossas casas de enfeites, continua sendo porque é assim que se vive lá. Então, caro amigo (o tom do pastor batista), Shakespeare imita os deuses porque ele se lembra melhor que os outros homens da vida que se leva lá... Perceba, não digo lá no alto, lá no alto é uma visão errônea do outro mundo que o cristianismo contribuiu para popularizar.

320) Mas, justamente, o que o senhor tem contra o cristianismo que o senhor quer destruir com seus anátemas?

321) O quê? exclama o professor, não esperava uma pergunta dessas vindo do senhor, de um nativo-natal, de um filho do Haiti-Thomas<sup>146</sup>. Teria o senhor esquecido a campanha dita antisupersticiosa de 1944, durante a qual a Igreja tentou com todas as suas forças destruir o vodu? Eles destruíram os templos, prenderam todos os *hougans*<sup>147</sup>, arrancaram os grandes *mapous*<sup>148</sup>, aquelas grandes árvores que nos serviam de lugares de memória...

322) Se eles fizeram tudo isso que o senhor diz, como vocês puderam sobreviver?

323) Pela astúcia, meu amigo. Contornamos o inimigo.

324) Como assim?

325) Fizemos das igrejas cristãs, templos do vodu... Há! há! háháháhá!... Fizemos dos santos cristãos, deuses do vodu... Há! háháhá! Háháháhá... Foi assim que São Tiago tornou-se Ogum Ferreiro. Os padres católicos nos viam em suas igrejas e acreditavam que tínhamos abdicado de nossa fé, enquanto estávamos justamente louvando, da nossa maneira, Erzulie Dantor, Erzulie Fréda Dahomey, Papa Zaka, Papa Legba, Damballah Ouèdo... Todos esses deuses tinham, de maneira insidiosa, tomado a forma e o rosto dos santos católicos. Nós estávamos em casa, na casa deles... Há! há! háháháháháháháháháháháháháháháh!...

Um riso inextinguível.

326) E o que acontece hoje? Por que toda essa agitação que sinto em torno de mim, professor?

327) Pois é, nossa reputação está em baixa. E pedimos a todos os filhos do Haiti para

---

<sup>146</sup> *Ayiti-Toma* é um nome familiar para Haiti. Acrescentam-se a ele vários outros significados: pode-se incluir nele o ceticismo presente no nome Thomas (São Tomé, um dos apóstolos de Jesus).

<sup>147</sup> Sacerdote vodu. Aos olhos dos adeptos do vodu, ele é ao mesmo tempo médico, vidente e pai-de-santo que faz manipulações sobrenaturais.

<sup>148</sup> É uma árvore grande identificada ao baobá africano, embaixo da qual acontecem cerimônias do vodu e que, portanto, é considerada uma árvore sagrada. “*Ceiba pentandra*” da família das Bombacaceae.

fazerem um esforço suplementar para restabelecer a honra de nossas raízes e de nossos deuses...

328) Devo dizer, professor, que a palavra raízes vindo de onde vier, me deixa com os cabelos em pé. Se fazemos por nós, por que proibir aos alemães, então?

329) Não é a mesma coisa.

330) Esta é a resposta clássica... Nunca é a mesma coisa quando se trata de nós. De qualquer forma, se são verdadeiros deuses, não precisam de mim, simples mortal...

331) Não diga isso, meu amigo. Como o senhor pensa que a Igreja Católica pôde impor sua vontade ao mundo ocidental, se não fosse Michelangelo, Leonardo da Vinci e mesmo Galileu, de uma certa maneira, sem falar da Inquisição, das armas, do dinheiro, dos missionários e das salas de tortura. Todos esses músicos, poetas, pintores, entoaram a mais escandalosa (nos dois sentidos da expressão) propaganda da história humana. Como dizem os jovens, nada além de publicidade.

332) É o que o senhor também quer?

O professor J.-B. Romain faz furiosamente sim com a cabeça.

333) E o que devo fazer?

334) Escute, é o senhor o escritor, deve saber muito bem o que fazer.

335) Vou dizer a verdade, é isso que me interessa...

336) No momento em que o senhor conseguir interessar os outros naquilo que está contando... isso não poderá jamais ser mais terno que aquela história do velho carpinteiro que ensina sua profissão ao filho...

337) E no entanto, funcionou, professor.

338) É verdade, diz o professor com um magro sorriso.

339) O senhor me pede demais... Inventar uma nova imagem para os deuses do vodu... Pode me garantir que os deuses estarão do meu lado?

340) Inteiramente.

341) Tenho certeza, de minha parte, que Leonardo da Vinci não estava, como se diz, "só" quando pintava...

342) O senhor terá igual assistência.

343) Então, vou começar a trabalhar.

344) Bom trabalho! diz o professor levantando-se.

Bem no momento em que ele atravessa o portão, reconheço seu andar ondulante visto que, Damballah o magnífico sempre é representado por uma cobra na iconografia do vodu. Esta manhã, ele tinha tomado os traços do estimado professor J.-B. Romain para vir tentar,

pessoalmente, me convencer a escrever um livro sobre esse curioso país onde ninguém usa chapéu.

## PAÍS REAL / PAÍS SONHADO

*Ou a mété toute mounne dého; jou lan mo rivé, cé ou minm ka soti.*

(Você coloca todo mundo para fora, mas no dia de sua morte, será sua vez de sair.)

## UM ESCRITOR PRIMITIVO

Esta história está talvez na origem deste livro, e não sei por que a conto. Nunca deveríamos abrir a barriga da galinha dos ovos de ouro. Mas sou daqueles que preferem carne ao ouro. Então, vai contar essa história ou não vai?

Vou, agora mesmo... Aqui está... Esse homem morava do lado de minha casa. Passava meus dias inteiros com ele. Ele não sabia ler nem escrever. Só sabia pintar. Paisagens grandiosas. Frutos enormes. Uma natureza luxuriante. Mulheres esguias, hieráticas que descem os morros com enormes cestas de legumes na cabeça. Ele pintava também animais da selva equatorial. Tudo era sempre verde, abundante, alegre. Suas telas nunca tinham tempo de secar. As pessoas ricas, instruídas, vinham logo comprá-las.

Um dia, um jornalista *do New York Times* chegou.

345) Baptiste, perguntou, por que o senhor pinta sempre paisagens tão verdes, tão ricas, árvores envergadas sob as frutas pesadas e maduras, pessoas sorridentes, enquanto em torno do senhor só há miséria e desolação?

Um momento de silêncio.

346) O que pinto é o país que sonho.

347) E o país real?

348) O país real, senhor, não preciso sonhá-lo.

# **A N E X O S**















# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)